



HELENA  
HUNTING

*A flor  
da pele*

LIVRO  
1

SUMA  
*de letras*

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*





HELENA HUNTING

*A flor  
da pele*

LIVRO  
1

*Tradução*  
Thalita Uba



Copyright © 2014 by Ink & Cupcakes Inc.  
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA OBJETIVA LTDA.  
Rua Cosme Velho, 103  
Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22241-090  
Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825  
www.objetiva.com.br

Título original  
*Clipped Wings*

Capa  
Filigrana Design sobre design original de Damon Za

Imagem de capa  
Mulher © coka/Shutterstock  
Asas © lolya 1988/Shutterstock

Revisão  
Mariana Calil  
Eduardo Carneiro  
Raquel Correa

Coordenação de e-book  
Marcelo Xavier

Conversão para e-book  
Abreu's System Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H924f

Hunting, Helena

À flor da pele [recurso eletrônico] / Helena Hunting ; tradução Thalita Uba. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2015.  
recurso digital (À flor da pele ; 1)

Tradução de: *Clipped Wings*

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

328p. ISBN 978-85-8105-281-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Uba, Thalita. II. Título.

15-21530 CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[Capa](#)  
[Folha de Rosto](#)  
[Créditos](#)  
[Dedicatória](#)  
[Agradecimentos](#)  
[1 - Hayden](#)  
[2 - Tenley](#)  
[3 - Hayden](#)  
[4 - Tenley](#)  
[5 - Hayden](#)  
[6 - Tenley](#)  
[7 - Hayden](#)  
[8 - Hayden](#)  
[9 - Tenley](#)  
[10 - Hayden](#)  
[11 - Tenley](#)  
[12 - Hayden](#)  
[13 - Tenley](#)  
[14 - Hayden](#)  
[15 - Hayden](#)  
[16 - Tenley](#)  
[17 - Hayden](#)  
[18 - Tenley](#)  
[19 - Hayden](#)  
[20 - Tenley](#)  
[21 - Hayden](#)  
[22 - Hayden](#)  
[23 - Tenley](#)  
[24 - Hayden](#)  
[25 - Tenley](#)  
[26 - Tenley](#)  
[27 - Hayden](#)  
[28 - Hayden](#)  
[29 - Tenley](#)  
[30 - Tenley](#)  
[31 - Hayden](#)  
[32 - Tenley](#)  
[33 - Tenley](#)  
[34 - Hayden](#)

# Dedicatória

Marido meu: você é minha âncora, meu porto seguro para atracar e a razão para isto se tornar possível.  
Eu te amo. Para sempre.

# Agradecimentos

Às minhas Filets: vocês foram minhas conselheiras, minhas companheiras, minhas torcedoras e minha armadura durante esse processo.

Mina, obrigada por seu papel fundamental em me apresentar ao meu extraordinário agente. Brooks, seus esforços incansáveis e seu humor sarcástico nos fez superar os pontos baixos até alcançarmos o topo.

Alice, se não fosse por você, este percurso poderia ter sido muito diferente. Eu lhe devo um caminhão de cupcakes.

Micki Nuding, minha editora fabulosa, e o restante da equipe da S&S: vocês foram incríveis nesta jornada. Obrigada por torná-la divertida.

Para minhas garotas do Writer's Collective: Alex, Anne, Kris e Kathy, tenho uma dívida eterna com vocês por todo tempo, amor e energia que dedicaram ao me ajudar a aperfeiçoar este trabalho (entre outros). Seu incentivo, suas canetas vermelhas e seus comentários sem papas na língua eram exatamente do que eu precisava.

Deb, Alice, Emm, Mina, Neda, Tara, Christina, Lo, Laura, Kassiah: obrigada. Sou grata a vocês para sempre.

Aos fãs que apoiaram esta história desde o esboço inicial, que me incentivaram a continuar escrevendo e que ficaram ao meu lado até o fim: vocês são a razão pela qual eu consegui viajar nesta estrada. Obrigada.



# Hayden

Minha cabeça doía. Uma noite maldormida pra caramba tinha transformado o que era levemente irritante em insuportável. Entre os bandos de calouros que passavam pelo estúdio nos últimos tempos e a donzela que estava na minha cadeira naquele momento, para mim, não dava mais.

Massageei a têmpora para aliviar as marteladas chatas que tinham surgido ao longo do dia. Mais dez minutos e eu terminaria o desenho se conseguisse manter a concentração. Era uma batalha que eu estava com dificuldades para vencer, pois estava preocupado. Depois que finalizasse a tatuagem de unicórnio, não teria nenhuma outra sessão marcada e ainda restaria mais de uma hora até fecharmos. Se eu desse azar, ficaria preso ali com outro desses pirralhos universitários que não marcam horário e querem um personagem de desenho estampado na pele.

Eu preferia terminar com a minha cliente para poder dar um pulo no outro lado da rua no sebo e café da minha tia Cassie. Escapadinhas para um café no Serendipity haviam se tornado meu passatempo preferido nas últimas quatro semanas, desde que Cassie tinha contratado a menina nova. Ela era a razão por eu estar tão distraído. Não a tinha visto nos últimos cinco dias, mesmo com o aumento do meu consumo de cafeína, e estava tentando dar um jeito nisso o mais depressa possível.

Passei um pano úmido sobre a tinta fresca. A garota na minha cadeira estava relativamente quieta desde que comecei a esboçar o contorno, o que era ótimo. Eu não estava com paciência para papo furado. Então me concentrei no barulho da máquina de tatuar. Aquele som nunca me incomodava. Era calmante, como uma boa música.

Eram os outros ruídos que enchiam o saco: as conversinhas idiotas dos adolescentes, o bater de um pé nervoso no chão de madeira, e, na TV, o zumbido alto de um repórter que tagarelava as desgraças do dia. O timbre nasal da voz dele me irritava pra cacete. Mesmo assim, eu não conseguia parar de ouvir, seduzido pelo desejo de saber que a vida de outras pessoas estava pior do que a minha.

— Dá para abaixar o volume? — pedi a Lisa, nossa contadora e colocadora de piercings.

— Já vai. — Ela me dispensou com um aceno, mas pegou o controle remoto.

Os outros artistas do estúdio também estavam trabalhando concentradíssimos nos clientes. Eu parecia ser o único com dificuldade de atenção. O sino da porta tilintou, me salvando de ficar ainda mais irritado. Lisa mudou o rádio de estação e batidas pesadas de rock tomaram conta do lugar, o baixo fazendo o chão vibrar. Então ela colocou o rádio em um volume aceitável.

Parei e dei uma olhada para a porta, rezando para que não fosse outra universitária sem sal querendo dar uma de rebelde. O próximo cliente seria meu. Desse jeito eu jamais conseguiria ir ao Serendipity antes de fechar.

Qualquer preocupação potencial evaporou assim que eu vi a nova funcionária de Cassie. Ela estava segurando uma pilha de livros na altura do peito, como um escudo, os cabelos longos esvoaçando ao

redor do rosto. Seus olhos desviaram quando ela percebeu que eu estava olhando.

O nome dela era Tenley. Eu sabia não porque fomos formalmente apresentados — embora eu tenha falado com ela algumas vezes —, mas porque Cassie compartilhou essa informação comigo quando pedi. Como uma verdadeira fonte de informações, Cassie também me contou que Tenley era de Arden Hills, em Minnesota, e que estava fazendo mestrado na Universidade Northwestern. Mas ela não agia como uma daquelas esnobes sabe-tudo típicas das universidades grandes. Parecia bastante pé no chão, pelo pouco que tínhamos conversado. O que, verdade seja dita, não era lá muita coisa.

A primeira vez em que a vi foi quase um mês atrás. Fui até o Serendipity visitar minha tia e comprar café, o que não era incomum. Já a nova aquisição da loja da Cassie, essa era. Ela estava entocada atrás do balcão com um livro sobre comportamentos divergentes erguido à frente, de modo que dava para ver apenas seus olhos. Ela estava tão imersa na leitura que não ouviu o sino da porta tilintar, sinalizando minha entrada.

Eu a assustei quando perguntei se Cassie estava por ali como uma desculpa para observá-la mais de perto. O livro dela desabou e, com ele, o copo meio cheio de café, manchando a página com o líquido marrom. Quando me ofereci para ajudá-la a limpar, ela balbuciou um monte de coisas sem sentido e quase caiu do banco em que estava sentada. Ela era maravilhosa, mesmo com o rosto ganhando um tom de vermelho vibrante. Cassie apareceu dos fundos da loja para ver que confusão era aquela. Aquilo pôs um fim à interação número um.

Em todas as vezes seguintes que fui até lá, ela estava ou enfiada no porão examinando as incontáveis caixas de aquisições para a loja ou escondida entre as estantes, organizando os livros. Cassie não me dissuadiu quando fui até a seção de filosofia para ver se tinha algo de interessante por lá, além da garota Tenley. Encontrei-a sentada de pernas cruzadas no chão com uma pilha de livros no joelho, organizando-os em ordem alfabética antes de guardá-los nas prateleiras. Eu já estava apaixonado pelas habilidades organizacionais dela.

Fiz questão de pigarrear para evitar surpreendê-la dessa vez. Não adiantou. Ela ofegou, levando a mão trêmula à garganta quando olhou para mim. Tenley era estonteante: seu cabelo preto quase encostava no chão de tão longo, seus traços eram delicados, olhos cinza-esverdeados, emoldurados por cílios grossos. O nariz era perfeitamente reto; os lábios, cheios e rosados. Ela não parecia estar usando maquiagem.

— Não quis assustar você — falei, porque era verdade. Eu também estava olhando fixamente para ela. — Sou o sobrinho da Cassie, Hayden.

Os olhos dela me examinaram dos pés à cabeça, pausando nas tatuagens à mostra nos meus braços para assimilá-las antes de continuar seu trajeto. Ela descruzou as pernas longas e esguias e se apoiou na prateleira para se levantar. Retraiu-se de leve nesse processo, como se estivesse sentada por muito tempo e tivesse ficado travada. Ela era bem mais baixa que eu, magra e com curvas suaves.

— Você é o dono do estúdio de tatuagem do outro lado da rua — comentou ela.

— Isso. — Assenti para as prateleiras. — Estou procurando *O nascimento da tragédia*.

Ela me olhou com curiosidade e passou o dedo pelas lombadas dos livros enquanto as analisava.

— Não vi nada do Nietzsche por esses dias, mas se encontrar alguma coisa, posso levar para você... Para o Inked Armor, digo.

Sorri, gostando da ideia de tê-la no meu estúdio.

— Claro. Você pode dar uma passada lá mesmo que não encontre um exemplar.

— Hum... Eu não... Talvez. — Ela olhou para baixo e se agachou para pegar o restante dos livros no chão. — Melhor eu guardar isso aqui.

Os cabelos de Tenley esvoaçaram quando ela se virou. O aroma de baunilha se dissipou quando ela virou a esquina, deixando um cheiro de cupcakes no ar. A interação número dois foi um tanto melhor do que a interação número um. Eu estava intrigado, o que era raro para mim. Não havia muitas coisas que cativassem minha atenção.

Levou um tempo até eu encontrar Tenley de novo. Dessa vez, quando entrei na loja, ela ouviu o sino. Estava sentada atrás do caixa. Havia um caderno de rascunho aberto à sua frente. Ao lado dela, uma pilha de livros com um prato de cupcakes empoleirado em cima. Em uma das mãos, ela segurava uma caneta Pitt preta. Na outra, um cupcake. Eu tinha um fraco por essa sobremesa em particular.

Cheguei enquanto ela dava uma mordida; os lábios abertos, os dentes se afundando na cobertura cremosa. Ela deu um gemido de aprovação, um som que eu poderia atribuir a um orgasmo especialmente satisfatório. Ao menos foi assim que minha imaginação interpretou aquele som. Os olhos dela, que estavam fechados em uma expressão familiar de êxtase, se abriram com o barulho da porta. Ela logo colocou o cupcake no balcão, cobrindo a boca com a mão enquanto mastigava.

— Parece que está gostoso.

Ela sorriu e seu rosto adquiriu um tom de vermelho sugestivo. Sua garganta se moveu ao engolir, nervosa, e ela limpou a boca com a mão, os olhos fixos no balcão. Dei uma olhada no caderno aberto. Uma única pena, desenhada com detalhes impressionantes, ocupava a página. Fogo cobria um dos lados, consumindo-a, anéis de fumaça erguendo-se no ar.

— Você é artista?

Ela fechou o caderno, puxando-o para perto.

— São só uns rabiscos.

— Uns rabiscos bastante detalhados, na minha opinião.

Ela guardou o caderno em uma gaveta debaixo do balcão. Seus ombros se curvaram e ela me olhou, uma sugestão de sorriso no rosto.

— Tenley, me ajuda aqui? — gritou Cassie dos fundos da loja.

— Estou indo! — Ela desviou os olhos. — Ainda não encontrei o seu Nietzsche, mas estou de olho.

— Obrigado por pensar em mim.

— Não é nada, mesmo. Fique à vontade para se servir. — Ela apontou para o prato de cupcakes e, então, desapareceu nos fundos da loja com um aceno.

Eu jamais diria “não” para cupcakes, então peguei um e devorei o bolinho com cobertura em três mordidas enormes. Estava incrível. Peguei um Post-it, escrevi um recado e o coleí no prato.

Quando ficou óbvio que ela não ia voltar tão cedo, atravessei o Serendipity até o café vizinho. Passei pela loja quando saí, mas era Cassie quem estava no balcão em vez de Tenley. Peguei mais um cupcake porque eles eram realmente ótimos.

Isso aconteceu cinco dias antes; daí a minha impaciência com a cliente debaixo da minha agulha. Parecia que eu não precisaria mais me preocupar, agora que a distração em questão estava parada no meu estúdio parecendo nem um pouco confortável.

O nervosismo dela me deu uma grande oportunidade de observá-la de novo. Ela estava usando uma blusa preta de mangas compridas e jeans escuros. O contorno esbelto deixava transparecer a curva suave de seu quadril e de suas pernas esguias, que terminavam em um par de All Stars roxos estropiados, como se, na hora de escolher os sapatos, ela já não se importasse com mais nada. Como de costume, ela não tinha nenhuma malícia. Fiquei curioso para ver se ela escondia alguma coisa digna de nota debaixo daquelas roupas. Se a maneira como ela pairava perto da porta fosse um indicativo de seu incômodo naquele lugar, ela provavelmente era uma virgem de tatuagens.

— Tenley!

O cumprimento animado de Lisa chamou a atenção dela, dando-lhe algo inofensivo para olhar.

— A Cassie contou que eu encomendei mais piercings?

Um sorriso sincero iluminou o rosto de Tenley enquanto ela se aproximava da mesa onde Lisa estava sentada. Fiquei incomodado por ela mal ter olhado para mim, mas preferir ficar de conversinhas e gracinhas com Lisa.

Ironicamente, toda vez que Lisa ia até o Serendipity para comprar café, Tenley parecia estar sempre disponível, segundo os relatos recentes de Lisa. As duas pareciam ter ficado amigas. Era fácil adivinhar como isso podia ter acontecido.

Os cabelos rosa-shocking de Lisa e seu look anos 1950 sempre chamaram atenção. Ela era como um raio de sol em forma humana, com uma argola no nariz, um piercing no lábio superior imitando a pinta da Marilyn Monroe e uma tatuagem que cobria metade do braço. Uma mistura de June Cleaver e uma Suicide Girl. Lisa costumava manter um círculo pequeno de amizades, e por isso era difícil para ela desapegar de algumas amigas do passado. Elas não eram as melhores companhias. A maioria ainda estava submersa no mundo das drogas do qual Lisa conseguiu escapar. Uma nova amiga não faria mal, e Tenley parecia bastante normal, no máximo meio moderninha.

Tenley colocou os livros no balcão com as lombadas viradas para mim. Parecia que ela havia encontrado o meu Nietzsche. Eu estava a fim de uma leitura mais pesada.

— Só passei para deixar isto aqui para o Hayden.

Tenley não olhou para mim quando disse meu nome. Eu queria que tivesse olhado. A voz rouca dela combinada com seu corpo escultural resultaram em um desconforto imediato abaixo da minha cintura. Era inconveniente, mas nada surpreendente considerando o quanto eu a achava atraente, além de fascinante.

Essa não era a primeira vez que ela aparecia por ali. Cassie a havia mandado lá no dia seguinte à interação do cupcake com alguns livros para me entregar. Infelizmente, eu estava ocupado com um cliente na sala privativa, então não a tinha encontrado. Agora que ela estava ali, no meu mundo, eu queria conversar com ela. Talvez conseguir com que ela me lançasse um daqueles sorrisos que ela dava para Lisa. Isso talvez fosse pedir um pouco demais; eu não sou exatamente um cara que exala calor humano.

— Vou terminar em cinco minutos, se você quiser esperar — falei, torcendo para que ela mordesse a isca.

Os olhos de Tenley passaram pelo meu braço, pousando na tatuagem exposta. Ela não conseguiu passar da minha boca. É, eu ainda a deixava nervosa. Ela apontou com o polegar por cima do ombro.

— A Cassie está esperando eu voltar.

— Tenho certeza de que ela vai sobreviver sem você por uns minutos.

Tenley olhou para o outro lado da rua. Pelas janelas, eu via Cassie sentada atrás do caixa, debruçada sobre o que parecia ser a papelada do dia de trabalho. Para me ajudar, o neon de “Fechado” estava piscando.

Ela se virou de novo para Lisa.

— Acho que dá para eu dar uma olhada nos piercings.

A resposta pode não ter sido dirigida a mim, mas aceitei mesmo assim. Lisa enganchou o braço no de Tenley e a levou à sala dos piercings antes que ela mudasse de ideia. Vi as duas desaparecerem pela porta e continuei trabalhando.

Depois da última visita de Tenley, eu tinha ido até o Serendipity para agradecê-la, mas ela já tinha encerrado o expediente. Cassie me prometeu repassar o recado. Ela também me disse quando Tenley trabalharia de novo. Não que isso fosse necessário. Eu já tinha decorado os horários de Tenley. Não conseguia entender por que a Cassie estava tentando juntar a pobre menina com alguém como eu; eu a devoraria como café da manhã. Com isso, imaginei como ela seria pelada, deitada na mesa da minha cozinha. Gostei da ideia.

Apesar das distrações, enfim terminei o desenho da menina na minha cadeira. Ficou tão bom quanto podia ficar, considerando-se o que era. Quando acabei, expliquei os cuidados que ela teria de tomar, enfatizando que ela deveria ficar longe das câmaras de bronzeamento artificial pelos meses seguintes. Ela não tinha conseguido aquele bronzeado alaranjado artificial digno de um Oompa Loompa apenas passeando por Chicago no final de setembro.

Ao conversar com ela, confirmei minha primeira hipótese: ela era caloura da Universidade de Chicago e essa era a primeira vez que morava longe dos pais. Ela até conseguiu descolar uma identidade falsa, que me mostrou com orgulho, pensando que eu fosse ficar impressionado. Nem me dei ao trabalho de dizer que ela havia jogado dinheiro fora, já que a falsificação era um lixo. Ela iria descobrir sozinha quando tentasse usá-la. Nas últimas semanas, a minha base de clientes foi composta praticamente por uma das diversas versões da mesma menina. Aquilo estava ficando chato.

Os universitários tinham uma tendência a ser mais rebeldes no começo do período letivo, quando a liberdade deles ainda estava bem recente. Nada indicava mais não conformismo do que uma rosa estrategicamente tatuada em um peitinho. Eu quase nunca recusava algum cliente, mas minha alma artística morria um pouco cada vez que um daqueles pirralhos escolhia um desenho da parede e me pedia que colocasse em seu corpo.

Chris, um dos meus sócios, tinha conseguido terminar o serviço no cliente dele antes de mim. Ele já estava no caixa, dando uma olhada na agenda enquanto eu finalizava com a minha cliente e a mandava seguir seu rumo. Esperei ele começar com a gozação. Eu já sabia que Chris, acima de tudo, adorava me irritar.

— Essa aí parecia superlegal. Ela deu o telefone para você?

Não respondi. O telefone dela já estava no sistema, e eu jamais o usaria por qualquer motivo pessoal. Além da falsidade nada atraente da menina, nós tínhamos uma regra no estúdio que não podia ser quebrada: não coma as clientes. Tanto eu quanto Chris aprendemos a duras penas por que isso não valia a pena, especialmente quando nos envolvemos com a mesma cliente. Não ao mesmo tempo, mas mesmo assim.

— Topa um barzinho hoje? Ou, quem sabe, a Dollhouse? Nem me lembro da última vez em que você foi comigo — disse Chris, virando a página do caderninho para checar os clientes agendados para o dia seguinte.

— Depende. Você e a Lisa vão sair? — perguntei a Jamie, o terceiro sócio da nossa trinca. Jamie e Lisa estavam juntos desde que abrimos o estúdio. Aonde ela ia, ele ia atrás.

— Talvez. Pergunte para ela quando ela terminar com a Tenley — respondeu Jamie enquanto trabalhava no cliente.

Se Lisa fosse, a Dollhouse não seria uma opção. Ela não teria interesse em ver mulheres acabadas praticamente peladas se esfregando em postes de ferro. Especialmente porque várias delas eram suas ex-colegas.

Mas eu odiava a Dollhouse por outras razões, e uma delas era as pessoas com quem Chris se relacionava. Damen, um cara que tinha sido nosso tutor antes de abrimos o Inked Armor, era um frequentador assíduo.

Ele era um total idiota naquela época e nada tinha mudado desde então. Sempre bancando o empreendedor, Damen tinha uma atividade paralela: tráfico de substâncias ilegais. Ele se aproveitou da proximidade da Dollhouse com seu estúdio de tatuagem para facilitar essa segunda fonte de renda. O grande trunfo era que a gerente da Dollhouse, Sienna, encorajava as dançarinas a ir fundo em qualquer droga que ele tivesse disponível e ficava bem satisfeita com uma parte do lucro. Além do meu desprezo pelo caráter mais que duvidoso deles, eu tinha um longo histórico com a Sienna, e ela gostava de me lembrar disso toda vez que a gente se esbarrava. Eu não a via há mais de um ano e queria que isso continuasse assim.

— Cara, está tudo bem? — perguntou Chris.

Eu dei de ombros.

— Sim. Tudo certo. Só estou de saco cheio da temporada de calouros.

A enxurrada de universitários podia ser parte do problema, mas eles certamente não representavam a questão toda. Toda vez que Chris sugeria uma ida à Dollhouse, eu recusava. Não achava que devia nenhuma explicação a ele, mas era claro que ele esperava uma justificativa. Eu não tinha a menor vontade de esclarecer tudo, nem para ele nem para ninguém. Fomos impedidos de continuar a discussão quando a porta da sala de piercings se abriu e Lisa saiu, com Tenley logo atrás.

— Qual o estrago? — perguntou Chris quando elas se aproximaram do balcão.

— Está difícil chamar isso de estrago — respondeu Lisa, saindo da frente para que Tenley pudesse ser vista.

Chris soltou um assobio baixo.

— Muito sexy.

Eu queria dar um soco nele. O que não fazia sentido. Chris dava em cima de qualquer coisa que tivesse peitos. Aquilo não significava nada, mas eu ainda sentia um impulso irracional de quebrar a cara dele. Me espremi entre Chris e Tenley, tapando a vista dele para eu mesmo olhar de perto.

— Vamos dar uma olhada.

Tenley pareceu espantada com meu interesse, então eu dei a ela o meu melhor sorriso encorajador. Ela inspirou fundo quando eu coloquei um dedo sob seu queixo. Escorregando meu polegar pela linha do maxilar dela, virei seu rosto para o lado. Parecia que tinha uma corrente elétrica passando debaixo da

pele dela. Um choque atingiu as minhas veias e seguiu para baixo, parando bem atrás do zíper da minha calça. Usei todas as minhas forças para bloquear a enxurrada de imagens pervertidas que invadiram minha mente.

Enquanto eu me divertia com a intensidade daquele contato amigável, estudei os contornos do rosto dela. A pequena pedrinha de diamante foi artisticamente colocada do lado direito de seu nariz. Os lábios grossos de Tenley estavam um pouco entreabertos, os olhos voltados para baixo, fazendo com que ela parecesse bastante submissa. As batidas rápidas de seu pulso me diziam o contrário.

Eu estava sendo um babaca. Ela estava incomodada e eu era a causa, mas não queria parar de tocá-la. Aquilo era estranho pra cacete.

— Ela escolheu o que você gostou — disse Lisa, me dando uma cotovelada nas costelas.

Foi uma maneira não muito discreta de me mandar ficar na minha. Eu ignorei. Tirei o cabelo de Tenley de cima de seu ombro. Eram tão macios quanto sua pele e sedosos ao toque dos meus dedos. O tipo de cabelo em que eu gostava de enterrar o rosto, ou de enrolar na mão. Coloquei os cabelos dela atrás da orelha, expondo uma escada de argolas no lóbulo. Um pequeno sinal de rebeldia, que indicava uma predileção oculta. Interessante. Talvez ela fosse uma rebelde enrustida.

Ela encontrou meu olhar curioso com olhos tímidos. A insegurança então venceu e ela deu um passo atrás, quebrando o contato visual. Um leve tremor passou por seu corpo. Se eu não estivesse prestando tanta atenção, jamais teria percebido. Tenley levou os dedos ao lugar onde antes estavam os meus, a confusão corrompendo seus traços perfeitos. Eu tinha causado impacto. O que só fez com que ela parecesse ainda mais intrigante.

— Acho melhor eu voltar para lá.

— Mas já?

Aquilo foi frustrante. Toquei na pilha bem-feita de livros no balcão.

— Diga para a Cassie que eu agradeço por ela ter deixado você vir aqui trazer isso para mim.

Eu ia agradecer a Cassie pessoalmente na próxima vez em que a visse e arrancaria mais informações sobre aquela garota. Tinha algo nela de que eu gostava além do fato de ela ser linda e claramente curtir piercings.

— Não foi nada — respondeu Tenley, indo em direção à porta e para longe de mim. — Quanto eu devo? — perguntou a Lisa.

Antes que ela pudesse responder, eu me intrometi.

— Não esquentar. Esse foi por conta da casa, desde que você prometa voltar aqui.

Chris tossiu.

— Mas não foi só o... — começou Tenley.

Lisa a interrompeu.

— Relaxa. A gente acerta na próxima. Dou um pulo no Serendipity amanhã.

— Está bem — concordou Tenley, o rosto vermelho-tomate enquanto ela olhava para tudo, menos para mim.

Que merda. Parecia que eu tinha passado dos limites, mais que o comum. Ela disse um “tchau” rápido e saiu apressada do estúdio, quase tropeçando no meio-fio quando atravessou a rua. Ficamos ali, olhando para a porta depois que ela saiu. Bom, eu fiquei ali olhando para a porta enquanto todo mundo olhava para mim.

Lisa foi a primeira a quebrar o silêncio. Ela me deu um soco no ombro.

— Ai! Por que isso?

— Você está de sacanagem? Pô, qual é o seu problema?

Eu lhe lancei minha melhor expressão de surpresa. Provavelmente tinha sido muito... eu. Mas Tenley era gostosa e eu a achava intrigante. Talvez fosse porque ela parecia muito desconfortável perto de mim e totalmente relaxada com Chris e Lisa. Talvez fosse o pingo de rebeldia escondido debaixo daqueles cabelos. Eu ainda pretendia encurralá-la de novo e tentar conversar. Uma conversa que tivesse mais que apenas algumas frases.

— Cara. Você tem problemas — zombou Chris, escondendo um sorriso com o pulso. Eu queria arrancar aquele sorriso da cara dele.

— O que foi? — perguntei, olhando de Chris para Lisa.

Eu entendia que talvez tivesse violado todo aquele lance de espaço pessoal, mas, fora isso, não enxergava nenhuma gafe social muito horrível.

Chris apontou para minha virilha e riu, debochando. Olhei para baixo. Hum. Meu cérebro não era a única parte de mim que achava a Tenley fascinante. Eu esperava, de verdade, que ela não tivesse notado, porque minha camiseta não bastava para camuflar a situação.

— Isso é perturbador, sério — disse Lisa, cobrindo os olhos. — Você tem que baixar a bola.

— Melhor esperar eu chegar em casa.

A piada sobre masturbação não foi apropriada, mas eu estava tentando fugir do assunto.

Lisa ignorou minha tentativa de humor juvenil.

— Ela quer fazer uma tatuagem, viu?

— Ah, é? Onde? Que tipo de desenho? — perguntou Chris.

Ele estava interessado demais. Apontei o dedo na cara dele.

— Você não vai tocar nela. Então nem pense nisso.

Meu territorialismo era injustificado. Pegávamos os clientes com base em nossas habilidades. Chris era especialista em tipografia e artes tribais, Jamie tinha um talento especial para retratos e eu manjava desde o obscuro e sinistro ao leve e feminino. Qualquer que fosse a arte corporal que a Tenley quisesse, um de nós seria especialista.

— Você já viu o desenho? — perguntei.

— Não. Mas eu quase a convenci a trazer aqui para você dar uma olhada. Aí você estragou tudo dando em cima e tentando se esfregar nela.

— Eu não tentei me esfregar nela.

— Teria tentado se não tivessem testemunhas presentes.

Era difícil argumentar considerando a minha situação naquele momento.

— Não era minha intenção ser um babaca.

— Vou ver a Tenley amanhã e vou tentar amenizar os estragos. Se eu conseguir convencê-la a trazer o desenho aqui, você tem que prometer que não vai encostar nela.

— Você sabe que isso não vai ser possível se eu for tatuá-la, né?

— Estou falando sério.

— Eu também.

Lisa balançou a cabeça.

— Nem sei por que me importo com você. É como domesticar um animal selvagem.

Eu ri. Ela não estava errada. Quando se tratava de andar na linha, eu não tinha muita paciência. As pessoas se apegavam a códigos de conduta porque se preocupavam com o que os outros iriam pensar. Eu estava cagando e andando para isso. Na maioria das vezes. Havia algumas pessoas seletas cuja opinião impactava minhas decisões. Tia Cassie era uma delas e a Lisa era outra. Por isso, eu ia tentar me comportar o melhor que pudesse em relação a Tenley, mas não podia garantir nada.



## Tenley

Empurrei a porta do Serendipity, o sino no alto da porta tilintou.

— Desculpe ter demorado tanto. O Hayden me pediu para esperar e os piercings que a Lisa encomendou chegaram.

Toquei a lateral do meu nariz, que tinha sido moleza perto dos outros dois. Não falei nada sobre eles.

— Ah! Que bonitinho! — disse Cassie, com um entusiasmo genuíno. — Então você conversou com o Hayden?

— Um pouco.

Eu ainda estava tonta. Hayden era perigosamente lindo. Cada encontro com ele me afetava de uma maneira visceral.

— E? — pressionou Cassie.

— E o quê?

— Como foi?

— Ele, hum...

Minhas bochechas se inflaram e eu expirei demoradamente. Tentei pensar em um adjetivo que o descrevesse bem, mas nada adequado me veio à cabeça.

— Ele causou uma impressão tão boa assim?

— Não foi... Ele não é... Foi interessante.

O que mais eu podia dizer sobre um tatuador que lia Nietzsche nas horas vagas? Além disso, estava com medo de pôr em palavras a intensidade da nossa interação. Se eu não falasse nada, poderia fingir que tinha imaginado a reação dele ao me ver e a minha reação ao vê-lo.

— “Interessante”? — perguntou ela, desconfiada.

— Aham.

— Sério? Isso é tudo que você tem a dizer?

— Estava esperando uma descrição melhor? — Disfarcei meu nervosismo com sarcasmo.

— Você lê literatura do século <sup>xi</sup> por prazer e o máximo que consegue dizer é “interessante”? —

provocou ela.

Ergui as mãos, exasperada.

— Você tinha razão, ok? Ele é completamente irresistível. E lindo, tipo, é absurdo, uma delícia gostosa. Satisfeita?

Cassie caiu na gargalhada. Chegou a bufar.

— Bom, isso é bem mais preciso do que “interessante”.

— Meu Deus, não acredito que eu disse isso. Você é *tia* dele. — Meu rosto ficou quente de vergonha.

— Você não pode contar nada para ele.

— Por que não? Acho que ele ficaria lisonjeado — respondeu ela, com um sorriso tranquilo.

— Duvido muito.

Hayden não me parecia o tipo de homem que curtia elogios.

Ela ergueu e abaixou um ombro só enquanto pegava os depósitos do dia.

— Você sabe que ele vem aqui procurar você o tempo todo.

— Vem nada.

— Ah, vem sim — insistiu ela. — Talvez ele ache que *você* é uma delícia gostosa.

— Você não vai deixar isso pra lá, vai?

Eu me recusava a pensar que Hayden me achava atraente. Parecia absurdo.

Ela balançou a cabeça e me deu um sorriso malicioso.

— É, provavelmente não.

Aquele papo me lembrou dos dias de ensino médio, de me exhibir para os meninos bonitos com minhas amigas. Eu me lembrei do frio na barriga, da esperança de que reparassem em mim, da animação quando isso acontecia. Eu tinha saudade daquela inocência; da simplicidade da paixãoite de uma garota de colégio. Minha vida era muito diferente agora. Hayden sem dúvida tinha me notado. Eu só não tinha certeza de que isso era uma coisa boa.

— Por favor, não conta para ele, acho que eu morreria de vergonha.

Cassie me surpreendeu com um abraço forte. Quando ela me soltou, passou as mãos pelo meu cabelo. Aquilo me fez sentir falta da minha mãe.

— Não vou dizer nada — garantiu ela, com sinceridade.

— Obrigada — respondi, tentando não me deixar levar pela onda repentina de tristeza.

Depois de fecharmos a loja, eu não tinha mais nada para fazer a não ser voltar àquela prisão que era o meu apartamento. Fiquei andando pelo piso de madeira desgastado, agitada demais para conseguir me divertir com as banalidades da tv. Apesar de eu ter me acostumado a ficar sozinha, naquela noite a solidão se mostrou difícil.

Hayden era parcialmente responsável pela minha incapacidade de me acalmar. Não importava quantas vezes eu falasse com ele, a intensidade da minha reação não diminuía. Bastava apenas uma olhada para perceber com clareza que ele era destemido, desapegado e desinteressado pelas restrições consideradas aceitáveis pela sociedade; Hayden era a personificação de tudo o que eu não era, mas queria ser. Passei toda a minha vida tentando colorir dentro das linhas, só para acabar sufocada por elas. Hayden destruiu as convenções sociais. A simples presença dele já era marcante. Eu o achava fascinante, e era por isso que tentava manter uma distância segura.

De qualquer forma, eu registrei seus piercings enquanto ele inspecionava o meu. Argolas duplas no canto esquerdo da boca, um transversal na cartilagem da orelha direita e um curvo preto na sobrancelha direita. O cabelo era uma bagunça de cor escura; curto dos lados e mais comprido no topo. Parecia uma espécie de moicano, apesar de ele nunca penteá-lo assim. A camiseta de mangas curtas revelava uma tela de tinta que cobria seus braços, sua história à mostra. Além das tatuagens e dos piercings, ou por causa deles — não consegui me decidir —, ele era o homem mais lindo que eu já tinha visto.

O conceito de química instantânea me parecia absurdo até a chegada recente de Hayden. Sempre achei que era um mito, uma maneira de explicar por que às vezes as pessoas deixavam que seus instintos

primitivos determinassem suas ações. Depois que o conheci, passei a entender. Todas as partes do meu corpo reagiram ao contato breve e inocente quando ele ergueu o meu queixo para dar uma olhada mais de perto no piercing do meu nariz.

Os efeitos residuais criaram uma leve vibração debaixo da minha pele, como o abalo secundário de um terremoto. Era melhor ignorar a sugestão de Cassie de que a atração sugerida fosse mútua. Meu mundo já era caótico o suficiente.

Quando olhei para o relógio, percebi que faria vinte e um anos dentro de uma hora, mas não vi nenhum motivo para comemorar. Queria afogar a dor no meu peito, mas não havia nada em casa que ajudasse nesse tipo de absolvição. No mês passado, quando eu fiz as malas e me mudei de Arden Hills para Chicago, assaltar o armário de bebidas dos meus pais tinha sido uma prioridade, mas as poucas garrafas que eu tinha trazido comigo já estavam vazias havia um bom tempo.

A correspondência ainda fechada dos últimos dias estava no balcão. Ao folheá-las, parei em um envelope grande com uma letra familiar rabiscada na frente. Trey não tinha entrado em contato desde que me mudei, por que o faria agora?

Com as mãos trêmulas, escorreguei o dedo por baixo da aba e rasguei o papel grosso. Dentro, havia um cartão com um desenho alegre que me desejava um FELIZ ANIVERSÁRIO! A assinatura de Trey ocupava o espaço debaixo das congratulações. Virei o envelope de cabeça para baixo e caíram alguns papéis, além de um embrulho. O cartão era um pretexto. Um bilhete escrito à mão estava anexado na primeira página.

*Tenley,*

*Espero que você esteja bem. Como agora você tem direito a sua herança completa, eu lhe peço que analise a documentação anexada. Caso você concorde com a generosa proposta, a posse das propriedades que foram repassadas a você por meio do testamento de Connor será transferida para mim. Como você decidiu sair de Arden Hills para correr atrás de outras ambições, creio que seja razoável solicitar que você abdique do legado do meu irmão. Como sou o único herdeiro vivo dos Hoffman, é plausível que eu assumo a responsabilidade por todo o patrimônio. Pense nisso como uma maneira de simplificar a questão. Assim que você assinar o documento, por favor, devolva-o para o meu advogado no endereço indicado, e a restituição será feita no valor total.*

*Saudações,*

*Trey*

Li a carta algumas vezes, sem conseguir entender como Trey foi capaz de conceber um pedido tão descabido. A insensibilidade dele me impressionava. Entorpecida por um estado de choque do qual eu julgava ter me livrado meses antes, folheei a documentação. Apesar de jargão jurídico não fazer muito sentido, a intenção era clara. Trey queria a posse da casa que deveria ter sido minha e de Connor. Ela fora um presente dos pais de Connor. Se nosso voo tivesse chegado ao Havaí, nós estaríamos casados.

A carta de Trey chegou em péssima hora e foi um lembrete de que eu ainda estava ali, juntando os pedaços da minha vida destroçada enquanto o mundo continuava a girar.

Fiquei andando pela sala de estar, tentando decidir se deveria ou não ligar para Trey e confrontá-lo. Naquele estado, eu provavelmente diria alguma coisa de que me arrependeria e ele jogaria aquilo na minha cara depois. Era impossível entender como dois homens criados pelos mesmos pais carinhosos podiam ser tão diferentes. Connor havia sido gentil e paciente, enquanto Trey era rude e cruel. Até no

funeral ele só demonstrou apatia, e não havia um pingo de emoção em seu discurso. A princípio, eu atribuía isso à magnitude da perda, mas, nas semanas seguintes, ele não demonstrou nenhum sinal de luto. E então queria reivindicar a única coisa que deveria ser o meu presente, ao invés de um fragmento do meu passado.

Senti uma pontada familiar de culpa quando imaginei a casa. *Se eu tivesse tomado outra decisão tantos meses atrás, não estaria sozinha agora.*

A clausura do meu apartamento era sufocante; eu precisava sair. Troquei de roupa e dei uma olhada no espelho. A falta de sono cobrava seu preço. Nenhuma maquiagem seria suficiente para encobrir as olheiras. Vasculhei o armário de remédios atrás do corretivo e tentei ignorar os frascos praticamente cheios de comprimidos. Um frasco de remédios para ansiedade caiu na pia. Peguei o cilindro de plástico e o esfreguei entre as mãos. Fazia algum tempo que eu não recorria à calma artificial que eles me proporcionavam.

Os primeiros meses depois do acidente tinham sido uma espiral para baixo. Os remédios com prescrição para lidar com a dor e controlar a imensa ansiedade tornavam o mundo confuso. À medida que a dor física e emocional foi se tornando administrável, a medicação se tornou menos necessária. As coisas tinham melhorado ainda mais com a mudança para Chicago.

Contudo, naquela noite, eu estava no limite. E se eu desmoronasse, não tinha ninguém por perto para me ajudar a juntar os cacos.

Com dedos trêmulos, eu abri a tampa, jogando na mão uma pequena pílula branca. Sem pensar se eu merecia ou não a paz que o remédio ia trazer, coloquei o comprimido debaixo da língua. O gosto forte e amargo dos químicos provocou um alívio quase instantâneo; a promessa de serenidade já não era tão distante à medida que a pílula se dissolvia.

Apesar das minhas tentativas iniciais de ficar na minha, a solidão estava se mostrando um desafio mais difícil de encarar do que eu tinha imaginado. Não consegui manter Lisa a certa distância, como havia pretendido. Ela vinha ao Serendipity quase todos os dias em que eu trabalhava lá e sempre parava para bater papo. No começo, eram só amenidades e apresentações, mas em algum momento começaram as conversas sobre livros, piercings e, às vezes, até sobre Hayden. Era fácil conversar com ela.

Além disso, eu tinha atravessado o corredor até o apartamento da minha vizinha Sarah, quando ela me convidou para tomar uns drinques, alguns dias atrás. Eu disse a mim mesma que iria porque não queria ser indelicada, mas, na verdade, era porque eu estava solitária.

Remexi minha bolsa; além de dinheiro e documentos, encontrei um cartão preto na carteira. Tinha sido dado naquela semana por Ian, uma das poucas pessoas com quem eu conversei durante as aulas na Northwestern. Se não fossem os trabalhos em grupo nos seminários, eu não teria interagido com ninguém. O e-mail de Ian estava rabiscado na parte de trás do cartão do The Elbo Room, um bar a poucas quadras da minha casa. O nome parecia familiar, e eu reconheci como sendo o mesmo bar aonde a Lisa tinha me convidado para ir na semana anterior. Eu havia recusado, com medo de ficar muito próxima dela. Apesar de aparentemente isso já ter acontecido, considerando os piercings que eu tinha colocado hoje.

Naquela noite, o The Elbo Room me parecia ser um destino tão bom quanto qualquer outro para entornar algumas doses e esperar que a amnésia alcoólica assumisse o controle. Fechei a porta e olhei para o apartamento B. Considerando os horários de Sarah, supus que ela trabalhasse como bartender em

algum lugar ali por perto, mas nem tinha pensado em perguntar. De todo modo, bati na porta para ver se ela estava em casa. Como não houve resposta, saí.

Apesar de já ter passado das onze da noite, as luzes ainda estavam acesas no Inked Armor, o neon de “Fechado” piscando na porta. Pelas janelas, dava para ver Lisa debruçada no balcão. Hayden estava sentado a sua mesa, ombros curvados enquanto trabalhava em alguma coisa que eu supus ser um desenho. Ele largou o lápis e se espreguiçou, passando a mão no cabelo. Parte de mim desejava que ele olhasse pela janela e reparasse que eu estava ali... Mas eu sabia que estabelecer um contato verdadeiro com alguém — especialmente naquela noite e especialmente com alguém como Hayden — era a última coisa que eu deveria fazer. Então me virei e comecei a andar em direção ao centro da cidade.

O segurança fez o meu cadastro na entrada e me olhou de cima a baixo. Meu look moletom-regata-jeans não se encaixava muito bem naquele lugar de saltos altos de dez centímetros ou minissaias como os das meninas à minha frente na fila. A violação do código de vestimenta não deve ter sido muito séria, já que acabou murmurando um “feliz aniversário” desanimado e me mandou entrar.

Eu me espremi por entre a multidão de pessoas para chegar ao bar. O calor de tantas pessoas confinadas em um espaço tão limitado era opressivo. Tirei o moletom e o enfiei na bolsa. Ian estava ocupado se exibindo atrás do balcão, girando as garrafas antes de despejar a bebida em uma fila de copos. O rosto dele ainda era jovem, suave em vez de anguloso. Para algumas pessoas, ele podia ser até bonitinho, mas, para mim, era apenas mais um menino brincando de ser homem. Havia um monte desses no campus.

Hayden, por outro lado, não estava brincando de nada. Talvez isso explicasse meu fascínio. Ele simplesmente era; sem desculpas, sem pretensões. O que quer que a vida tenha aprontado com ele, não devia ter sido fácil, pelo pouco que Cassie me contou. Aquelas migalhas de informação só aumentavam o meu interesse cada vez maior.

— Tenley! — Ian me arrancou dos meus pensamentos de volta para o bar lotado. — Que bom que você veio! Está aqui com os seus amigos?

Fiz que não com a cabeça. Fora da faculdade e do trabalho, eu não socializava muito. Cassie era uma das poucas pessoas com quem eu costumava engatar uma conversa. Como minha chefe e proprietária do meu apartamento, ela não contava.

Dei um sorriso amarelo, sentindo-me deslocada entre as massas suadas e bêbadas.

— Três doses de vodca. A não ser que você queira tomar uma comigo, aí são quatro.

— Isso aí, essa é das minhas.

A afinidade de Ian com meninas que bebiam bastante era levemente desconcertante. Ele colocou quatro copos de *shot* no balcão e os encheu. Brindamos a primeira dose e eu virei as outras, mal parando para respirar. A queimação que o álcool provocava ao descer pela minha garganta era bem-vinda.

— Quer deixar suas coisas comigo?

O sorriso calculista dele fez a oferta parecer mais proposital do que amigável.

— Valeu, mas não vou ficar muito tempo.

O bar estava lotado, e eu estava empatando a vida dos que queriam arrumar uma dose. Eles estavam empurrando, corpos se espremendo, cotovelos e braços cutucando e batendo. Apesar dos remédios e da vodca, o contato ainda me incomodava. Ian foi atender o cliente seguinte, então acenei para ele e saí.

Uma música conhecida explodia nas caixas de som, o baixo vibrava nos meus ossos. Connor odiava esse tipo de música. Ele achava agressiva demais, mas as diferenças dos nossos gostos musicais — e quase todos os outros — não eram mais um problema. Eu podia ouvir o que quisesse. A culpa esmagadora que sempre se seguia a essa linha de pensamento me deixou com dificuldade de respirar, o efeito dos comprimidos já tinha começado a passar antes mesmo de o álcool chegar na minha corrente sanguínea e alterar meus sentidos. Fui passando pelo bar, me sentindo cada vez menos confortável com o tanto de contato físico.

O rosto de Connor passou pela minha cabeça, primeiro como eu me lembrava dele, mas então uma lembrança indesejada flutuou pelos arredores da minha consciência e se revelou. Eu estava tentando encontrar uma saída, sufocando com a fumaça e os gases. Encontrei Connor quando estava revirando os cadáveres. Toda a beleza dele tinha sumido. Quando pisquei, o mundo tornou-se um borrão, uma mistura de presente e passado.

O barulho, as pessoas, as lembranças; tudo aquilo era demais para filtrar. À medida que o álcool embaralhava meus pensamentos, eu não conseguia separar o que estava na minha cabeça do que estava à minha frente. O bar parecia não ter sido uma boa ideia, no fim das contas.

Eu precisava ir para casa. Abri caminho por entre a correnteza de pessoas, mirando a placa vermelha reluzente da saída como um farol para a minha liberdade. Na metade do caminho, alguém agarrou meu braço. Dedos em torno do meu bíceps, segurando-me ali.

— E aí, gata, para onde você está indo? — perguntou ele, enrolando a língua e cuspiendo no meu rosto ao se aproximar de mim.

Ele era alto, os cabelos com muito gel, espetados em um moicano horroroso. Nos braços fortes, um aglomerado de tatuagens aleatórias. A palavra “paciência” estava escrita errada no antebraço dele, com um “s” onde não deveria ter.

— Estou indo embora.

Tentei me desvencilhar, mas ele me apertou ainda mais.

— Quer companhia?

O bafo dele fedia a cerveja.

— Estou numa boa, valeu — respondi, tentando abrir os dedos dele. — Dá para me soltar?

Ele roçou a bochecha na minha, a barba nojenta e malfeita tocando em mim enquanto ele berrava no meu ouvido.

— Ah, vai, você sabe que quer se divertir.

Ou ele estava bêbado demais para perceber que eu queria me livrar dele, ou não se importava. De qualquer forma, a minha capacidade de manter a compostura evaporou com o toque indesejado. O dia já havia passado dos limites. Fui tomada por uma raiva incandescente que borbulhava como lava pelas minhas veias. Sem medir as consequências, eu soquei com tudo a garganta dele. Consegui o efeito que queria; ele cuspiu e engasgou, me soltando. Tossiu um palavrão vulgar.

Então me virei e uma tatuagem familiar me chamou a atenção ao fundo, no bar. A mão acoplada ao braço colorido segurava uma cerveja, pronta para ser bebida. Dois piercings do lado esquerdo de lábios carnudos. Olhos azuis pálidos que encontraram os meus, cheios não de surpresa, mas de algo mais parecido com uma preocupação fascinada. Mas antes que ele pudesse reagir, eu saí empurrando a multidão até passar pela porta e ser cuspidada para a rua.

O calor deu lugar a um vento fresco e a luz de um raio zigzagueou pelo céu. Senti um calafrio e vesti o moletom. Meu quadril protestou quando comecei a correr, mas a dor me mantinha ligada. O desconforto crescente cortava os efeitos do medicamento e do álcool. Foi idiota achar que eu conseguiria ficar em um bar lotado. Lugares apertados e multidões me lembravam demais da minha experiência. Quando cheguei em casa, meu quadril estava gritando de dor e eu me permiti tomar um analgésico para aliviar.

Peguei no sono em algum momento e, com ele, vieram as memórias que eu tentava suprimir.

*Despertei com um barulho ensurdecedor, me assustando. Desorientada, olhei em volta. Connor não estava ao meu lado. O aviso de apertar cintos estava piscando e uma voz gritava pelos alto-falantes. O pânico se instalou em mim enquanto eu apertava o cinto, me esticando para tentar encontrar Connor. Ele só tinha ido ao banheiro ou algo assim. Não podia estar longe.*

*As luzes piscavam e o cinto apertado machucava minha cintura. Senti uma ânsia subindo na minha garganta e cerrei os dentes para bloquear a onda de náusea.*

*— Connor? — chamei.*

*O medo suprimiu todas as outras emoções quando fomos todos submetidos a outra sacudida violenta.*

*Olhei para o casal à minha esquerda. Eles estavam segurando a mão um do outro com força. Várias emoções passaram pelo rosto do homem até que a tristeza se instalou em seus olhos. Antes de tudo ficar preto, ele se virou para a esposa e disse quanto a amava.*

Acordei gritando, minha blusa e meus lençóis encharcados de suor. As imagens continuavam passando como um slideshow na minha cabeça. Tudo o que eu via era a expressão de terror no rosto do homem. O medo e a tristeza enquanto o avião girava e desabava. Agarrei meus cabelos e os puxei como se isso pudesse arrancar as lembranças transformadas em pesadelos. E continuei gritando.

Quando minha voz perdeu força, saí da cama com o estômago revirando. O relógio na mesa de cabeceira marcava cinco da manhã. Pelo menos tinha um motivo para me levantar. Eu torcia para que as paredes fossem à prova de som, senão minha vizinha iria pensar que eu estava sendo torturada. Ou que era louca. Nenhum dos dois estava muito longe da verdade.

Uma luzinha fraca iluminava o banheiro. Abri a torneira e joguei água fria no rosto, esperando o enjoo passar. Não passou. O conteúdo do meu estômago foi esvaziado na pia; o gosto da vodca me fez vomitar de novo. Quando consegui me mexer, levantei usando meus braços enfraquecidos e me olhei no espelho. A feiura tinha forçado seu caminho de dentro para fora. Minhas unhas pressionaram as palmas das minhas mãos com força, mas eu mal sentia dor. O desespero tornava a dor interna insuportável. Dei um soco no vidro, estilhaçando minha imagem. Agora combinava mais com o resto de mim.



# Hayden

Acordei no sábado de manhã com uma ressaca leve, já atrasado para o trabalho. Lisa já tinha deixado uma mensagem havia mais de vinte minutos.

Quando entrei, ela estava sentada à mesa, folheando o último número da revista de tatuagens, vendo as coisas que queria comprar. Olhou fixo para o relógio.

— Como é que você consegue chegar atrasado morando em cima do estúdio? — A pergunta era retórica, porque Lisa nem esperou por uma resposta. — Por sorte, seu primeiro cliente só vem daqui a uma hora. Vai buscar um café com leite para mim. O Chris ligou e disse que só vem lá pela uma. Ele está meio cansado.

Os olhos de Lisa se ergueram da revista, examinando minha reação.

Nós dois sabíamos o que aquilo significava. Ele provavelmente encontrou uma garota para ficar depois que eu saí do bar. Pela cara de Lisa, ela reprovava a escolha, o que não era novidade. O gosto dele não costumava ser muito seletivo. Ser mulher e respirar eram critérios suficientes.

— Que bom para ele.

— Como foi a sua noite? Você foi embora cedo.

Deu para ouvir o indício de uma decepção em potencial. Ela não tinha visto o que aconteceu com Tenley, então, até onde podia saber, eu tinha feito o mesmo que Chris. Não tinha. Tinha entornado minha cerveja e seguido a Tenley para fora do bar.

— Nem de longe tão animada quanto a do Chris! Eu não estava no clima, então decidi ir embora.

Quando cheguei do lado de fora, Tenley havia sumido. Apesar da vontade de voltar para o bar e encontrar o filho da puta que tinha encostado nela, acabei indo para casa. Quando cheguei, fiquei aliviado ao ver as luzes do apartamento da Tenley — que ficava bem em cima do Serendipity — ligadas e a silhueta dela se movendo atrás das cortinas. Ainda assim, não gostava do fato de ela ter ido para casa a pé e sozinha.

Lisa me olhou, pensativa.

Até seis meses atrás, talvez eu tivesse feito o mesmo que Chris, apesar de achar que tinha padrões mais altos do que os dele. Fazia um bom tempo que eu não levava uma mulher aleatória para casa. O maior problema era aquele constrangimento do “gozei-pode-ir-em-bora”. Nenhuma passava a noite na minha cama. Cacete, nenhuma garota que eu levei para casa sequer viu a minha cama. O sofá, o chão, a parede; tudo estava incluso, mas o meu quarto era meu.

Lisa era sensível quando se tratava de transas casuais. Acho que isso a lembrava demais dos tempos dela na Dollhouse, onde não eram só danças eróticas que estavam à venda. Naquele lugar, os limites eram ultrapassados o tempo todo, até chegar a um ponto em que não havia mais nenhum. Lisa só havia trabalhado como garçoneiro por lá, mas mesmo essa função podia envolver mais do que servir bebidas.

Eu não queria chateá-la nem dificultar as coisas para o Jamie, então eu me abstinha de falar dessas merdas quando ela estava por perto. Chris não era observador o suficiente para perceber como aquilo a afetava.

— Volto em uns cinco minutos.

Fui comprar o café dela antes que tivesse a chance de fazer mais perguntas que eu não queria responder.

Atravessei a rua e entrei no Serendipity. Tenley ia trabalhar naquele dia. Eu estava torcendo para ter uma chance de descobrir se ela estava bem. O sino acima da porta tocou quando eu entrei. Nenhuma Tenley por perto.

— Hayden! — cumprimentou Cassie de trás do balcão.

Ela estava meio escondida atrás de uma pilha de livros. Seus olhos se enrugaram nos cantos, indicando que ela estava contente em me ver. Sendo doze anos mais velha, era mais uma amiga do que uma tia, mas ainda era o mais perto que eu chegaria de ter uma mãe novamente.

— Oi — respondi, debruçando-me sobre o balcão e beijando-a no rosto. Depois passei os olhos pela pilha de livros: todos clássicos. — Como estão as coisas?

— Bem. Ouvi dizer que você teve uma oportunidade de conversar com a Tenley de novo ontem.

Ela parecia muito animada com isso.

— Sim. Ela aparenta ser um doce, mas é meio nervosa.

Mordi meus piercings para esconder um sorriso. Depois da noite passada, “doce” não era bem como a descreveria, mas eu estava me contendo na frente da minha tia.

— Ah, é? Ela pode ser tímida, e todos sabemos como você pode ser intimidador.

— Tem isso. — Dei uma olhada pela loja, esperando que Tenley fosse aparecer magicamente. — Ela disse alguma coisa sobre mim?

— Só que você é interessante.

Aquilo não soava bem.

— Como assim, interessante?

— Do tipo “sem ser chato”? Não sei. Não entrei em detalhes — respondeu Cassie, arrumando a pilha de livros. Isso não ajudava muito. — Você está trabalhando? Se tiver um tempinho... — Ela mudou de assunto.

— Tenho uma hora até meu primeiro cliente.

Cassie andava me rondando para que eu fosse dar uma olhada em algumas coisas que ela havia separado, mas eu sempre passava pela loja entre um cliente e outro. Devia ter alguma coisa muito fantástica envolvida, porque ela bateu palmas, animada.

— Ótimo! Tenley — chamou ela, por sobre o ombro —, você pode me fazer o favor de mostrar as coisas que estão no porão para o Hayden?

Tenley emergiu, cautelosa, das pilhas de livros nos fundos da loja, próximas o suficiente para ela ter nos ouvido. Parecia um animal assustado, ciente de que o predador estava próximo, mas incapaz de fugir. Os olhos dela encontraram os meus e, com a mesma rapidez, se desviaram para depois retornarem, um bombardeio de olhares.

Eu sorri, tentando parecer acessível e compensar pelo nosso último encontro. Dessa vez, eu ia me segurar e tentar não comê-la com os olhos como um idiota pervertido. As bochechas dela ficaram cor-de-

rosa e os olhos fitaram o chão. As mãos estavam cruzadas em frente ao corpo, a direita enfaixada com uma gaze.

A cena da noite passada voltou com uma clareza vívida. Por baixo daquele exterior dócil, havia uma faísca de fogo que eu tinha testemunhado em primeira mão. Apesar de ontem ela ter batido naquele cara com bastante força, um soco não teria machucado tanto.

— Creio que vocês já se conhecem — disse Cassie, me lançando um olhar curioso.

Tentei me recompor e fazer qualquer outra coisa que não fosse sorrir feito um idiota.

— Oi.

Achei que era um bom começo.

— Oi.

Ela deu as costas e começou a abrir caminho por entre as pilhas. Não olhou para trás para ver se eu a acompanhava.

Ciente de como a deixava desconfortável, eu a acompanhei de uma distância segura, observando seu quadril se movimentar. Cassie sabia que eu poderia encontrar o que quer que ela havia separado sozinho. Eu tinha ido àquela porção um milhão de vezes, então supus que aquele fosse o jeito dela de forçar Tenley a falar comigo, o que não estava dando muito certo. Até aquele momento, ela só tinha pronunciado uma única palavra.

Quando ela tocou a maçaneta da porta, eu estiquei o braço e encostei na gaze enrolada em sua mão. Estava muito perto dela, perto demais, invadindo seu espaço mais uma vez. Parecia uma compulsão, como se eu não conseguisse *não* tocá-la. Quando meus dedos raspavam no curativo e na pele macia e quente, ela estremeceu. Eu deveria ter recuado, mas continuei ali. Ela exalava um cheiro de baunilha, e não era aquele cheiro ruim, artificial. Mais precisamente, o cheiro dela lembrava cupcakes. Quase todos os meus sentidos já tinham sido satisfeitos, então, só faltava prová-la... E pensamentos desse tipo eram o motivo por que ela se sentia tão desconfortável perto de mim. Duvido que eu tenha conseguido fazer cara de paisagem, e ela com certeza via a perversão no meu rosto.

— Eu vi você bater naquele cara no bar.

Decidi que era um plano razoável colocar as cartas na mesa.

— Ele não me deixava em paz.

— Eu sei. Eu vi isso também. Você foi sinistra. Aquilo foi sexy. — Gostaria de não ter dito essa última parte. Apesar de ser verdade. — O que aconteceu com a sua mão?

— O quê?

Ela escondeu a mão de mim.

— Você não se machucou desse jeito só dando um soco naquele babaca. O que aconteceu?

— Eu caí.

Se ela tivesse garras, estariam à mostra naquele momento. Típico de uma gata arisca. Eu sorri, o que pareceu tê-la irritado ainda mais.

— Não vou cair nessa, mas se é assim que você prefere, tudo bem.

Tenley escancarou a porta e foi batendo os pés escada abaixo, comigo logo atrás. Abafei uma risada. Não entendia por que eu sentia a necessidade de provocá-la. Ela segurava o corrimão, apoiando-se nele enquanto descia, como se estivesse firmando apenas uma das pernas. No último degrau, ela perdeu o equilíbrio. Esbarrou no meu peito e eu passei o braço por sua cintura, para evitar que ela caísse no chão.

Uma onda de energia irrompeu em mim com aquele contato corporal e eu abafei um gemido quando a bunda de Tenley foi de encontro a uma bela de uma ereção repentina. Tratei de colocar a garota logo de pé, pois a última coisa que eu precisava era deixá-la mais nervosa, ou dar a ela um motivo para me dar um soco na garganta.

— Você está bem? — perguntei, meio atordoado. Minhas mãos ainda estavam no quadril dela. Eu precisava soltá-la, mas meu corpo não obedecia.

— Estou.

Ela se afastou e ajustou a blusa.

Mesmo sob a pouca luz do porão, eu conseguia ver como ela estava envergonhada. Tenley apontou para a pilha de caixas amontoadas no canto da sala.

— Quando você terminar, pode levar o que quiser lá para cima.

Ela tentou passar por mim, mas eu fiz o mesmo movimento, bloqueando a escada. Ergui minhas mãos como um pedido de desculpas, ciente de que, mais uma vez, tinha feito besteira.

— Não vá. Eu não queria chatear você.

Os olhos dela passaram pelo cômodo, evitando parar em mim.

— Cassie precisa de mim.

— Você já usou essa desculpa antes. Estou começando a achar que é algo pessoal.

Ela se moveu mais uma vez em direção à escada, segurando cuidadosamente no corrimão com a mão enfaixada enquanto se espremia para passar por mim. Algum sentimento sombrio passou pelo rosto de Tenley. Foi apenas por um segundo, e naquele momento eu vi uma tempestade nascer dentro dela, uma dor ameaçadora. Qualquer que fosse o caso dessa garota, eu queria saber.

Os olhos aflitos dela encontraram os meus. Ela queria ficar, talvez tanto quanto eu queria que ela ficasse. Coloquei minha mão na dela, com atenção para evitar o machucado, e, sem malícia, esfreguei meu polegar na parte de dentro de seu pulso, só para tocá-la. Como da outra vez, a pulsação dela estava acelerada.

— Por favor.

A relutância frágil de Tenley, seu medo, seus desejos, tudo ressoava no espaço vazio dentro de mim. Eu queria saber por quê.

— Está bem. Eu fico.



## Tenley

O sorriso que Hayden deu em resposta dissolveu todos os poréns que restavam, como se eu estivesse fazendo um grande favor ao concordar em vasculhar um monte de velharias com ele. Passar algum tempo sozinha com ele provavelmente era uma má ideia para mim, mas não consegui resistir à tentação. Nem queria. Nas últimas semanas, eu tinha tentado evitá-lo, mas acabou se tornando difícil demais. Depois de tantos meses de exílio autoimposto, eu ansiava por me ligar a alguém. O exterior durão dele o fazia parecer seguro — devia ser tão cauteloso quanto eu. Ele segurou meu pulso e eu cedi, levando-o à pilha de caixas no canto do porão que tinham o nome dele rabiscado.

— Não sei o que você vai querer, mas separamos algumas coisas.

— Você organizou tudo isso?

Ele pegou duas cadeiras de um jogo de jantar e me ofereceu uma. Para alguém tão ameaçador, até que tinha boas maneiras, apesar de não compreender o conceito de espaço pessoal. Me larguei no assento acolchoado de veludo, assim como ele.

Uma semana depois de eu ter me mudado para o apartamento em cima do Serendipity, perguntei a Cassie se ela conhecia alguém que precisasse de um funcionário para trabalhar meio período. A questão não era o dinheiro, mas o excesso de tempo livre. Eu tinha ido para Chicago na metade de agosto, mais de um mês antes do começo do semestre na universidade. Embora estivesse satisfeita por poder fazer pesquisas para a minha tese e adiantar algumas leituras para as aulas, aquilo não me mantinha tão ocupada quanto eu queria. Ainda assim, era tudo o que eu podia fazer antes de me encontrar com meu orientador, uma ou duas semanas depois. Cassie me mostrou o porão e me deu uma tarefa, resolvendo o problema dela e o meu.

— Você devia ter visto isto aqui antes de eu começar — disse, enquanto ele abria a caixa mais próxima. — Quase não dava para descer as escadas, tinha coisas demais.

— Eu já tinha descido aqui; parecia um ataque de pânico de um acumulador. Mas está bem melhor agora. — Ele relaxou os ombros, tirando o pó de um candelabro vitoriano. Fez uma careta e procurou um lugar para limpar a mão. — Tem um pano ou algo assim por aí?

— Por quê? Tem medo de uma sujeirinha? — brinquei.

— Não tenho problemas em me sujar — respondeu ele, com um sorriso malicioso. — Só não posso voltar para o trabalho parecendo que rolei no chão de um porão.

Com aquele tom aveludado, foi difícil não perceber a indireta. Antes que a minha imaginação começasse a ganhar asas, me levantei e fui até o outro lado da sala. Os panos estavam no armário dos produtos de limpeza. Joguei alguns trapos para Hayden e fiquei com um, sentando novamente ao lado dele.

Ele demonstrou ser organizado e metódico ao inspecionar cada tesouro, limpando-os delicadamente com as mãos. O cuidado com que lidava com as peças frágeis, mesmo as coisas que não queria, me deu uma noção do tipo de artista que ele era. Imaginei-o trabalhando nos clientes com a mesma precisão vigilante.

— Quer me contar o que aconteceu de verdade com a sua mão?

Olhei para ele, agradecida por meu cabelo ter criado uma barreira que cobria meu rosto e ainda me permitia vê-lo. Eu não sabia por que a pergunta tinha me surpreendido. Não deveria.

— Não.

Ele deu uma risada breve e ficou em silêncio por um tempo, remexendo as caixas. Ele me entregava as coisas que não queria e eu as guardava em uma caixa vazia. Toda vez que ele fazia isso, eu inspecionava a arte em seus braços discretamente.

— Lisa me disse que você tem uma ideia de tatuagem — disse Hayden, parando de mexer nas coisas e olhando para mim.

Assenti. Já tinha cogitado mostrar o desenho para ele, graças a Lisa. Como eu me sentia com o coração palpitando perto dele, precisava ser cautelosa. Havia uma intimidade envolvida no processo de fazer uma tatuagem. Eu já achava Hayden atraente por várias razões, e uma delas tinha a ver com seu tipo perigoso de beleza. Ficar perto dele não amenizaria isso, e o desenho que eu tinha em mente não era nada discreto.

— Eu adoraria dar uma olhada, caso você passe no estúdio mais tarde.

— Vou pensar — respondi. Depois de um silêncio prolongado, enfim perguntei: — Há quanto tempo você é tatuador?

— Quase seis anos. Comecei colocando piercings quando tinha dezoito, mas aquilo não era para mim.

— Por que não?

Hayden limpou as mãos em um pano e colocou meu cabelo atrás da orelha, passando o dedo por ela. Os piercings da cartilagem bateram de leve uns nos outros.

— Você ficaria bem com um transversal — disse ele, baixinho.

Tremi, mesmo sentindo um calor repentino.

Ele virou meu rosto para o dele e mexeu nos piercings do lábio com a língua.

— Se fossem todos desse tipo, não teria problema.

— Qual era o problema?

— Acho que não sou sádico o bastante, e só um tipo específico de pessoa consegue atravessar um pinto com uma agulha.

Por sorte, eu não estava segurando nada que pudesse quebrar.

— É. Claro. Eu não tinha pensado nisso.

Ele riu da minha reação.

— Eu coloquei piercings por uns meses antes de me tornar aprendiz de tatuador. Por mais ou menos um ano e meio precisei fazer os dois. Uns anos depois, eu tinha uma base sólida de clientes e uma reputação decente na área, e o Chris e o Jamie me convenceram de que a gente deveria seguir por conta.

— Aí vocês abriram o Inked Armor?

— Isso. Eu tinha só vinte e um na época, mas isso já faz quatro anos e ainda estamos indo bem.

— Você era tão novo... — Eu não conseguia me imaginar assumindo esse tipo de responsabilidade nessa idade.

Ele deu de ombros.

— Moro sozinho desde os dezoito, e parecia ser uma coisa sensata a se fazer. De toda forma, não tive que furar o pau de mais ninguém desde que abrimos o estúdio.

— Então você não é lá muito fã de piercings do pescoço para baixo?

O calor subiu pelo meu peito em direção às minhas bochechas. Eu não deveria ter feito aquela pergunta, já que ela fez todo tipo de imagens impróprias surgir na minha cabeça.

— Eu não disse isso.

Abri a boca, procurando palavras. Nada.

— Daqui para baixo, eles não são apenas decorativos — disse ele, deslizando a mão pelo peito até o cinto.

— Você não é de se segurar, né?

Ele sorriu.

— Não faz o meu estilo.

Mudei de assunto.

— Então, é disso que você gosta? De ser tatuador?

Minha curiosidade era genuína, assim como meu interesse de longa data por arte corporal e arte em geral. Ela desempenhou um papel importante na minha decisão de fazer o mestrado em sociologia. E me dava um motivo válido para refletir sobre algo que a maioria considerava um comportamento divergente. Depois do acidente, eu me volvei para aquilo que realmente amava — arte e modificações, mergulhando de cabeça em subculturas e facções extremistas. Meu orientador, cuja escola de pensamento era um tanto antiquada, parecia ter uma opinião diferente em relação ao rumo que a minha tese deveria tomar.

— Consigo trabalhar com arte e não morrer de fome, esse é um bônus. Algumas tatuagens são chatas, só umas porcarias padronizadas, mas os desenhos que eu faço? Esses são os que fazem o trabalho valer a pena. Acho que não tem nada mais gratificante que criar arte a partir das experiências de uma pessoa. Bom, algumas coisas são mais gratificantes.

Ele me olhou de cima a baixo, examinando meu corpo descaradamente.

— Você está escondendo alguma tatuagem debaixo dessas roupas?

— Não — menti. Enfieei a cabeça em uma caixa para me esconder antes que ele me pressionasse por mais informações.

— Acho que uma arte minha cairia bem no seu corpo — declarou Hayden. A julgar pelo brilho predador nos olhos dele, aquela frase tinha segundas intenções. — Enfim, a proposta está de pé. Quando puder, dá um pulo lá, quem sabe ficar mais do que dois minutos. Eu posso mostrar os meus álbuns e você pode me mostrar sua ideia de tatuagem. Talvez eu consiga trabalhar em você.

— Está bem, talvez.

Eu tinha percebido a alfinetada em referência às minhas visitas curtíssimas.

— Prefiro “talvez” do que “não”.

Eu estava trabalhando em um rascunho há um bom tempo, antes mesmo do acidente. Tinha várias ideias para tatuagens. No começo, aquele era apenas um desenho, mas, nos últimos meses, tinha se

transformado em um símbolo da minha perda. Entregar algo tão pessoal a Hayden seria bastante revelador.

— Você desenhou alguma das suas tatuagens?

— A maioria.

Ele ergueu a manga da camisa até o cotovelo e esticou o braço na minha direção, com a parte de dentro para cima.

Havia um coração realista enrolado em videiras espinhosas perto da dobra do cotovelo. Pequenos filetes de sangue escorriam pelas videiras, pingando dos espinhos. Botões de flores se justapunham ao tom sombrio do desenho, equilibrando-o. À medida que as flores se afastavam do coração, os pequenos botões se tornavam mais vibrantes e abertos. Hayden girou o braço e, do outro lado, as mesmas videiras passeavam do pulso ao cotovelo, só que mais grossas. As do pulso eram secas e quebradiças, com as flores morrendo, pétalas caindo, mas, ao se aproximarem do cotovelo, explodiam em vida, envolvidas por uma onda de água. A cabeça de um peixe alaranjado e branco aparecia por trás da manga, mas o resto do desenho estava escondido.

Estiquei o braço para tocar em uma videira no antebraço dele e hesitei, pedindo permissão.

— Posso?

— Está pedindo para passar a mão em mim?

— Ahm..

— Desculpe, é fácil implicar com você, não dá para resistir. Fique à vontade.

Ele apoiou o braço no joelho, a palma virada para cima, a mão relaxada e aberta. Pelo jeito como estava sorrindo, não parecia nem um pouco arrependido do que havia dito, mas eu estava curiosa demais e ele estava com boa vontade. Os músculos do braço de Hayden se contraíram quando eu passei os dedos pelas videiras até o coração. A parte interna do antebraço devia ser um lugar sensível para uma tatuagem. Nas partes com cor, havia um leve relevo na pele, não muito, mas o suficiente para eu conseguir sentir o tamanho do desenho.

— Isso deve ter levado um tempão. Doeu muito?

— A dor é relativa, né?

Olhei para ele intrigada.

— Isso aqui... — Ele passou a mão pela minha orelha. — Doeu, não doeu?

— Claro, mas não muito.

Ele abaixou a mão, decepcionado.

— Mas ainda assim a dor foi gratificante, não foi?

Assenti, mesmo sem saber o quanto concordava com aquela frase. Hayden deve ter notado minha incerteza.

— Qualquer tipo de alteração, seja para modificar as características físicas, como cirurgia plástica, ou para decorar, como piercing e tatuagem, causa algum tipo de desconforto. Mas essa é a intenção, não é? É catártico porque é a promessa de mudança, de um jeito ou de outro. Minhas tatuagens dão à lembrança relacionada àquela arte um lugar para existir fora da minha cabeça, no meu corpo. Ao menos essa é a minha interpretação, mas nem todo mundo pensa assim.

Dar vazão à dor ao se render a ela parecia fascinante. As razões pelas quais eu queria fazer minha própria tatuagem eram difíceis de conciliar. Toquei uma das gotas de sangue pintadas, quase esperando

sentir o molhado na ponta do meu dedo.

— Parece tão real...

— O Jamie é um artista excelente.

— O namorado da Lisa?

Hayden assentiu.

Ele sempre estava com algum cliente quando eu ia ao Inked Armor, mas eu já tinha visto ele e Lisa irem embora juntos várias vezes.

— Então foi ele quem fez essa? — perguntei.

— A maioria das minhas tatuagens foi feita pelo Jamie ou pelo Chris.

— Você desenhou e eles tatuaram?

— Sim. Ou fazíamos uma parceria. A única que eu não desenhei foi esta aqui.

Ele ergueu a manga do outro braço. Era coberto por um padrão preto que eu não conseguia decifrar.

— Até onde vai?

— Sobre todo o braço e metade do meu tronco.

— O que é?

— Se você der uma passada no estúdio, talvez eu lhe mostre.

A ideia de Hayden sem camisa foi uma injeção de fogo nas minhas veias. Não hesitei dessa vez.

— Está bem.

— Isso é melhor do que “talvez”.

Ele estava dando em cima de mim outra vez. Por mais que aquilo me deixasse apreensiva, parte de mim gostava da expectativa ansiosa e do calor debaixo da minha pele. Batidas pesadas de um hino do rock tocaram na calça de Hayden e ele colocou a mão no bolso. Pareceu irritado quando olhou para o visor. Em vez de atender, colocou no silencioso.

Um minuto depois, Cassie apareceu no topo da escada. A ligação que ele tinha ignorado era de Lisa; o cliente dele havia chegado e ela ainda estava esperando pelo café com leite.

— O dever chama — disse ele, colocando a caixa com as coisas que ia levar debaixo do braço. — Dou uma olhada no resto outra hora. Você vai passar no estúdio?

— Com certeza.

Eu não tinha certeza nenhuma. Conversar com Hayden só serviu para aumentar o meu fascínio por ele; passar mais tempo juntos provavelmente não faria isso ir embora.

Ele me olhou rápido, e então desviou.

— Obrigado por me fazer companhia.

— Imagina.

Em um gesto inesperado de gentileza, ele se inclinou e beijou minha bochecha, e os piercings de aço de seu lábio inferior passaram perigosamente perto do canto da minha boca.

Fiquei ali por um bom tempo depois de ele ter ido embora, pressionando o local que os lábios dele haviam tocado. O calor se espalhou como um eco da sensação, descendo pelo meu corpo até se alojar no fundo do meu estômago. De repente, me senti vulnerável, já que o vórtice da emoção que se seguiu ameaçou me pegar no colo e me levar embora. Eu não esperava que ele fosse fazer aquilo. Mesmo.

Se eu tivesse sido mais forte, teria deixado que ele vasculhasse aquelas caixas sozinho. Mas eu não era e agora tinha essa memória dos lábios dele na minha pele. Por mais inocente que pudesse ter sido,

aquele ato trouxe sentimentos inesperados. Eu não sentia nada parecido com paixão em quase um ano. Aquele gesto simples de afeto tinha despertado o desejo adormecido que eu suprimia desde a primeira vez que ele veio ao Serendipity.

Hayden era o oposto de todos que eu já tinha conhecido. Ele desafiava convenções em todos os sentidos, e isso aumentava minha queda por ele. Não tinha apenas uma beleza extraordinária, mas também era inteligente e intenso. Por trás do exterior durão, dos comentários cheios de segundas intenções e do flerte, se escondia um lado sensível. Contudo, assim como eu, ele era fechado; as tatuagens formavam paredes em torno dele. Eu sabia tudo de paredes, havia construído as minhas próprias. Por ele, eu queria deixá-las cair, mesmo que só um pouquinho. Era algo perigoso a se contemplar porque, ao fazê-lo, elas poderiam muito bem desabar completamente.

Até aquele momento, eu achava que estava indo bem, que estava progredindo e seguindo em frente. Ainda assim, mesmo depois de todos aqueles meses, eu ainda estava despedaçada. Aquele homem podia muito bem ser minha ruína.



# Hayden

No início da tarde de terça, Tenley — que ainda não tinha passado no estúdio desde aquele dia no porão do Serendipity — saiu do prédio dela. A entrada dos apartamentos ficava nos fundos da loja. Entre o Serendipity e o prédio residencial baixinho ao lado havia um beco estreito que dava a ela acesso à frente da loja. Eu gostava daquilo porque conseguia ver quando ela estava entrando ou saindo. Não que eu a estivesse vigiando nem nada parecido.

Em vez de entrar no Serendipity, ela virou na direção oposta e seguiu pela calçada. Estava usando um vestido que mostrava suas curvas, mas ao mesmo tempo era conservador. Em compensação, era curto. As pernas dela eram lindas, do tipo que eu queria em volta da minha cintura ou da minha cabeça, não importava. Eu não era seletivo.

Depois dos sonhos que tive aquela noite, ver que ela estava bem era um alívio. Meu inconsciente alternava entre fantasias sensacionais e pesadelos pavorosos, que andavam dominando meu sono nos últimos tempos.

Eu não conseguia eliminar as imagens da minha cabeça. Ter sonhos ruins não era incomum; havia erros do passado que eu não podia apagar. A parte que estava me enlouquecendo mais era a chegada de Tenley ao meu inconsciente e a maneira como ele conseguiu inseri-la nas drogas dos pesadelos. Em geral, eles tratavam do mesmo tema: a morte. Contudo, nesse sonho, o babaca do bar não tinha soltado o braço de Tenley. Ele tinha sacado uma arma e a apontado para a cabeça dela. Não consegui atravessar a multidão para ajudá-la. Acordei antes de ele puxar o gatilho, mas aquilo não fez eu me sentir melhor.

O fato de vê-la correndo qualquer tipo de perigo, imaginário ou não, me deixava irrequieto e irritado. Acordado ou dormindo, eu não gostava da perda de controle.

— Você ouviu alguma coisa do que eu falei?

Chris parou na minha frente, bloqueando a vista da rua vazia.

— O quê? — perguntei, impaciente.

— O que está acontecendo com você? Você tem andado com a cabeça na lua esta semana.

— Do que você está falando?

Eu me recostei na cadeira e entrelacei os dedos atrás da cabeça, fingindo indiferença. Esse raro momento de percepção da parte de Chris me assustou. Eu não tinha percebido que estava tudo tão na cara.

— Se você fosse uma menina, eu ia dizer que está de <sup>tpm</sup>. Como não é, vou dizer que você precisa dar uma trepada, o que me traz de volta ao monólogo que eu estava fazendo enquanto você tão grosseiramente me ignorava. Vou ver umas strippers hoje, você deveria vir junto.

Ou seja, a Dollhouse. Às vezes eu achava que o único motivo pelo qual o Chris me convidava era para ter companhia em seu poço de decadência moral. Como se o fato de eu estar lá, de alguma forma,

atenuasse o que ele fazia. Não é porque eu tolerava aquele comportamento que concordava com ele. Não mais.

— Sério? Por que lá?

— Precisa perguntar?

— Sei lá.

Eu não estava a fim de fazer uma viagem ao passado, e o risco de encontrar Sienna por lá era grande. Eu tinha conseguido evitá-la com sucesso naquele último ano e pretendia manter as coisas como estavam.

— Vamos, tem uma garçonete nova lá que eu estou a fim. Acho que estou começando a vencê-la pelo cansaço. — Ele deu um sorriso.

Eu só podia imaginar como seria a versão de “vencer pelo cansaço” do Chris, mas a distração em forma de estímulo visual podia ajudar.

— Vou pensar.

Girei a cadeira e voltei à minha mesa para me preparar para o próximo cliente. Tenley tinha sumido de vista, mesmo, e eu duvidava que ela fosse passar pelo estúdio à noite. Eu não deveria tê-la beijado no rosto. Forcei demais a barra, o que era engraçado, considerando as outras coisas que eu andava imaginando.

Faltava pouco para fecharmos e eu estava tatuando uma bandeira dos Estados Unidos na bunda de um cara. Grande parte das tatuagens na bunda era feita em uma sala privada, porque a maioria das pessoas preferia não expor suas partes íntimas em um estúdio movimentado. Mas o cara na minha cadeira tinha se recusado. Talvez ele curtisse exibicionismo, porque insistiu em mostrar tudo bem no meio do estúdio.

A única vantagem daquela situação constrangedora era a oportunidade de ficar de olho para ver se Tenley aparecia. Já estava tarde quando ela voltou para casa. Olhou na direção do estúdio e hesitou, como se talvez estivesse pensando em entrar. Mas não entrou. Em vez disso, continuou pelo beco que dava nos fundos do Serendipity. Um minuto depois, as luzes se acenderam em seu apartamento. Foi a última vez que a vi naquela noite, mas isso não impediu a minha mente de vagar na direção dela.

Indo contra meu bom senso, acompanhei Chris até a Dollhouse. Queria ter tomado algumas doses de tequila assim que chegamos para ajudar a tornar a noite suportável. Mas nesse caso eu teria que pegar carona com Chris. Queria poder fugir quando quisesse, se necessário. Nossa garçonete era uma moça chamada Sarah, que tinha cabelo louro claro. Chris tinha escolhido aquela mesa justamente porque ela trabalhava naquela seção. Eu sentia pena dela, já que era o novo alvo de conquista dele. Chris conseguia ser bem insistente.

Pelo que ele tinha contado, ela não estava trabalhando ali há muito tempo. A rotatividade de pessoal que trabalhava nesse tipo de lugar era alta graças a gente como Sienna, que tratava os funcionários como produtos em vez de pessoas. Tudo podia ser vendido pelo preço certo, em especial a dignidade. Sarah parecia indiferente ao charme de Chris, o que indicava que provavelmente a reputação dele o precedia. Em vez de dar risadinhas idiotas para os elogios dele, ela os ignorava e cortava a conversa quando ele pedia seu telefone. Eu gostei dela.

Chris levou uns cinco minutos para superar a rejeição. Colocou uma nota de cinco dólares no fiodental de uma dançarina. Ela rebolou a bunda na cara dele. Eu suspirei e olhei para o relógio.

— Você precisa relaxar, anda muito tenso — disse Chris, irritado com a minha atitude.

— Eu estou sempre tenso.

Tomei um longo gole daquela cerveja ruim e superfaturada e olhei ao meu redor. Nada de Sienna. Ainda bem. Eu estava na dúvida se ia à boate até chegar ao estacionamento e ver que o carro dela não estava lá. Se eu desse sorte, conseguiria tomar algumas cervejas e ir embora sem encontrá-la.

Chris me deixou sozinho por alguns minutos enquanto a dançarina se esfregava no mastro de aço. Imaginei que aquilo precisasse de uma baita higienização no fim da noite. Quando a apresentação dela terminou, Chris tentou outra vez encontrar uma maneira de melhorar meu péssimo humor.

— E aquela lá? — perguntou, apontando para uma garota genérica passando com rodadas de *shots* em uma bandeja.

Eu mal olhei na direção dela. Diferentemente da nossa garçonete, ela era loura artificial.

— Não faz meu tipo.

Não que loura natural fosse mais o meu tipo, em todo caso.

— Desde quando você tem um tipo? Numa boa, cara, você precisa relaxar.

Graças à insistência irritante de Chris para eu ficar com alguém naquela noite, ele acabou pagando a uma pobre coitada que cheirava a cigarros velhos e perfume barato para me fazer uma *lap dance*. Mas em vez de me excitar, uma emoção mais pesada se instalou em mim. Parecia uma espécie de culpa, talvez? No meio da música, eu não aguentava mais. Levei a garota para Chris e ela continuou dançando. Ele pareceu irritado, o que piorou o meu humor. Recusamos com educação quando ela ofereceu serviços adicionais com os cumprimentos da gerência.

Merda. Nossa presença não tinha passado despercebida. Do outro lado do salão, vi Sienna sentada no bar, na parte mais perto de seu segurança pessoal, conversando com um empresário de terno. Pelo visto, ela não estava de folga, no fim das contas. Sienna jogou os cabelos descoloridos por cima do ombro e ergueu seu drinque na minha direção. Quando eu desviei o olhar, sem qualquer interesse no jogo que ela queria propor, Damen puxou a cadeira ao lado de Chris. Não me surpreendi ao ver a cara feia dele. Quando não estava trabalhando em seu estúdio de tatuagem, o Art Addicts, ele estava ali, forçando outros vícios às pessoas. Ao menos ele não era burro de se sentar ao meu lado. Ele e Chris se cumprimentaram com uma coreografia imbecil, uma idiotice de apertar as mãos e bater os ombros, como se fossem melhores amigos.

Eu ficava irritado com o fato de Chris sempre buscar a aprovação de Damen, como se ele fosse uma versão perturbada da figura de um pai. Suponho que, em muitos sentidos, Damen tenha assumido esse papel enquanto a gente trabalhava para ele, anos antes. Até onde eu sabia, ele tinha abrigado o Chris quando os pais dele não conseguiam mais lidar com as merdas que ele fazia. Os aposentos que Damen ofereceu eram, na verdade, um muquifo, mas Chris não tinha como reclamar. E não reclamava. Ele não tinha contato com a família havia anos, e Damen era mestre em explorar as inseguranças dos outros. No caso de Chris, ele se rasgava em elogios, sabendo que era fácil ganhar sua confiança e desviá-lo do caminho. Chris era um artista talentoso, mas às vezes não tinha bom senso e isso lhe arrumava problemas.

Mesmo na adolescência, quando tinha acabado de completar dezoito anos e trabalhava no meu primeiro emprego colocando piercings no Art Addicts, nunca caí nas merdas do Damen. É claro que eu me aproveitava das drogas e do acesso a mulheres, mas parava por aí. Eu não precisava da aprovação dele. E foi por isso que, depois de três anos lidando com ele e com todo o lixo que o acompanhava, eu

saí. Mas não fiz isso sozinho; Jamie foi o impulso e Chris foi na onda. Se eu não tivesse me livrado das drogas, teria tido uma overdose em algum momento.

Damen se inclinou na cadeira, parecendo o dono do lugar. Estava com o cabelo preto penteado para trás e com as entradas bem à mostra. O nariz aquilino e o sorriso maldoso deixavam transparecer o pilantra que ele era.

— Hayden, que bom ver você. Falei para o Chris na última vez que ele veio aqui que tinha que trazer você também. Veio pelas mulheres ou tratar de negócios?

— O Chris veio pelas mulheres. Eu vim estragar a noite dele — falei, girando a cerveja no copo.

Damen andava enchendo o saco de Chris com a ideia de juntar os estúdios havia um bom tempo. Eu, irreduzível, sempre recusava a oferta. Damen tinha dificuldades em manter os artistas trabalhando no estúdio dele. Eu havia testemunhado eles definharem lentamente enquanto se viciavam em cocaína ou em qualquer outra coisa que Damen estivesse vendendo, até o ponto em que trabalhar de verdade se tornava um desafio. Eu corri o risco de seguir esse mesmo caminho em determinado momento. Por isso, não tinha a menor intenção de ser arrastado de novo para as merdas dos negócios desonestos dele. Eu tinha um negócio limpo, ganhava um dinheiro honesto e não me dobrava aos interesses de ninguém a não ser aos meus próprios. Virar sócio de Damen significaria me dobrar aos caprichos de outra pessoa. Chris ficava preocupado demais em manter as coisas amigáveis para dizer não de cara, então sempre enrolava para dar uma resposta.

— Você parece meio tenso. Tenho exatamente o que você precisa para relaxar.

Damen colocou a mão dentro da jaqueta e, discretamente, tirou um papelote. Parecia que pó era a droga eleita da noite.

— Estou bem com a cerveja — falei, erguendo o copo quase vazio.

Depois de oferecer para Chris, que recusou, Damen enfiou o pacotinho no bolso novamente.

— Talvez vocês precisem de outro tipo de relaxamento.

Ele ergueu a mão e uma morena magrinha correu até nós. O sutiã que ela usava sequer cobria os mamilos, e a saia podia ser confundida com uma bandana, já que a bunda estava toda aparecendo. Damen acenou para a garota chegar mais perto e disse algo no ouvido dela. Os olhos dela me fitaram, olharam de volta para ele, e então ela sussurrou para não conseguirmos ouvir. Ele riu e deu um tapa na bunda dela, deixando uma marca de dedos enquanto ela se afastava. Ele era muito babaca.

— Pelo que acabaram de me contar, Sienna ainda está interessada. Tenho certeza de que ela estaria mais do que disposta a ajudar você — disse Damen.

Eu queria arrancar aquele sorriso horrível da cara dele, mas não o fiz. Bufeí dentro do copo.

— Acho que não.

Ele deu de ombros, como se não importasse com o que eu fazia, e se virou para Chris, já que não tinha mais o que conversar comigo.

— A Candy voltou.

— Eu achei que ela tivesse ido embora.

Por um segundo, a apatia de Chris foi substituída pela preocupação. Ele já teve uma queda pela Candy. Talvez tenha sido a coisa mais próxima que ele já teve de um relacionamento, se é que dava para chamar assim. Ela era uma stripper que também se prostituía, então, claro, não era uma relação monogâmica, mas ele realmente se importava com ela, ao menos dessa vez teve uma conexão de verdade

com alguém. Ele acabou terminando tudo, incapaz de lidar com toda a merda envolvida no relacionamento com alguém que ganhava a vida ficando pelada.

O sorriso de Damen foi malicioso.

— Você sabe como é. Elas acham que a grama do vizinho é mais verde. No fim, acabam voltando para o lugar delas.

— Você é um escroto mesmo — falei, incapaz de conter o nojo. — Você sabe que o único motivo pelo qual elas voltam é porque você as vicia em qualquer porcaria que esteja vendendo, então elas não conseguem viver sem.

— Ninguém enfia cocaína no nariz delas.

— É quase isso. É uma bela armadilha o que você e a Sienna têm aqui, né? Vocês são gênios do empreendedorismo.

— Porra, Hayden, calma cara — pediu Chris, claramente desconfortável com o assunto.

— Tudo bem, Chris. Manda ver, Hayden, parece que tem alguma coisa incomodando você.

Ele se inclinou para a frente, como se estivesse pronto para ouvir alguma revelação épica da minha parte.

Irritado demais para não botar mais lenha na fogueira, apontei para o palco.

— Você acha mesmo que alguma dessas meninas gosta disso?

Ele apontou com desdém para uma menina que estava dançando seminua.

— Não é um serviço muito difícil.

Balancei a cabeça, enojado.

— Você acha que ninguém enxerga o que vocês fazem? A maneira como você e a Sienna as manipulam? Oferecem coisas leves para as garotas, tipo maconha ou haxixe, porque não interfere na produtividade delas. Aí quando isso não é mais suficiente para elas suportarem tirar a roupa para um bando de idiotas pervertidos, vocês aumentam a aposta e as viciam nas paradas fortes até que elas não têm escolha a não ser se vender para bancar o vício.

Damen ficou sério.

— Como eu disse, ninguém força as meninas a fazer nada que elas não queiram.

— É isso que você e Sienna dizem a si mesmos para poderem dormir à noite?

Damen só fornecia bagulho o suficiente para manter as dançarinas chapadas e endividadas. As gorjetas das danças nunca cobriam os gastos, e Sienna sugeria outras maneiras de elas pagarem o que deviam. E assim começava o círculo vicioso. Ela sabia muito bem o estrago que aquilo causava, mas tolerava, e até mesmo lucrava com isso.

Quando eu trabalhava para Damen no Art Addicts, Sienna também estava à mercê dele. Antes de ficar à frente da Dollhouse, ela era dançarina de lá. Volta e meia pedia demissão da boate e procurava outro emprego, como de bartender ou coisa assim, mas a grana não era suficiente e ela sempre voltava. Não importava quantas vezes tivesse tentado ficar limpa, nunca conseguiu.

Quando uma nova direção assumiu a boate, Sienna se envolveu com o novo proprietário, o que foi esperto da parte dela. Isso lhe abriu muitas portas. Havia boatos interessantes sobre como ela se tornou gerente da boate depois que o cara foi preso por agressão e lesão corporal, mas nada disso importava. Ao que parecia, a migração dela de dançarina para uma função administrativa não mudou a maneira como vivia. Ainda estava tão acabada quanto na ocasião em que eu a conheci.

Damen ainda estava tagarelado, puxando papo comigo de novo, como se eu me importasse com o que ele tinha a dizer.

— Teve uma época em que você aproveitava ao máximo os serviços oferecidos aqui, Hayden. Você poderia ter acesso ilimitado de novo, se quisesse.

— Acho que já passei da fase de precisar dos seus ótimos serviços, obrigado.

Virei o resto da cerveja, pronto para encerrar a noite. Já tinha aturado o Damen mais do que eu conseguia.

— Tem certeza? Parece que você está quase sem espaço para guardar sua bagagem, filho — disse ele, apontando para os meus braços.

Lutei para aplacar a onda repentina de raiva que ele provocou em mim. Odiava quando ele me chamava de “filho”. Ninguém jamais substituiria meu pai, muito menos um babaca que nem ele.

Ignorei o comentário e me virei para Chris.

— Vou vazar. Você tem cinco minutos se quiser uma carona para casa.

— Pô, fala sério, H, não me deixa na mão.

Chris sempre tentava manter a paz entre nós. Ele ainda achava que devia algum tipo de lealdade a Damen. Eu, com toda a certeza, não. Empurrei a cadeira para trás e me levantei. Nossa garçonete chegou à mesa em um piscar de olhos. Sienna a treinou direitinho. Procurei pela minha carteira e Damen ergueu a mão.

— Fica por minha conta.

— Posso me virar sozinho.

Peguei uma nota de cem e entreguei a Sarah. Ela pegou o dinheiro e ficou olhando de Damen para mim, o pânico queimando em seus olhos, como se ela achasse que a gente esperava algo mais dela.

— Isso é pelos drinques. Considere o resto como uma gorjeta por ter que lidar com esses babacas — falei, apontando para Chris e Damen. — Vou estar no carro. Cinco minutos.

Passei por Sarah, que parecia estar em choque. Nunca demorava muito para que as garotas se rendessem e sucumbissem à dura realidade daquele trabalho. Talvez ela fosse diferente, mas eu tinha minhas dúvidas. Lisa estava bem acabada quando Jamie a tirou da Dollhouse e a trouxe conosco para o Inked Armor. Na época, eu achei que ele estava louco, mas já era apaixonado por ela. Foram meses de desintoxicação para que ela voltasse a ficar bem, tão normal quanto possível. Pessoas como Lisa não serviam para esse tipo de vida.

Minhas lembranças daquele tempo eram, na melhor das hipóteses, inconsistentes. Devia ser melhor assim. Muitos dos meus piores momentos aconteceram em meio à nebulosidade da automedicação. Ainda bem que Jamie era um bom amigo e um homem paciente. Enquanto ele cuidava de Lisa, eu me recuperava da minha viagem ao abismo dos narcóticos, patrocinada pelo fornecimento constante de Damen. Tinha sido crucial para a minha sobrevivência me afastar dele. Minha situação não era nem de longe tão ruim quanto a de Lisa, que tomava todos os tipos de pílula imagináveis, mas eu não era uma boa companhia naquela época. Sair de um coma de pó foi como iluminar todas as coisas que eu não podia desfazer. Mesmo que o Chris ainda fizesse escolhas que eu não entendia, ele sempre foi e ainda era um amigo leal. Às vezes, a percepção dele do que era ajuda atrapalhava mais que auxiliava, mas ele sempre tinha as melhores intenções.

Do lado de fora da boate, o ar fresco me ajudou a acalmar a raiva que ainda queimava dentro de mim. Não cheguei a ir muito longe quando a porta se abriu atrás de mim, seguida pelo ruído de saltos altos na calçada.

Parei e abaixei a cabeça. É claro. Minha noite não estaria completa sem uma discussão com Sienna. Como a maioria das minhas antigas atividades extracurriculares, Sienna tinha começado como um lance de uma noite só. Eu estava fazendo uma tatuagem nela que requeria várias sessões quando meus hormônios falaram mais alto. Com vinte anos recém-feitos, fui seduzido pela promessa de sexo sem limites e ainda fui estúpido por me permitir vários repetecos. Aquilo não deu certo, especialmente porque eu não era a única pessoa envolvida com ela. Às vezes, o Chris escutava o próprio cérebro antes de usar o pau. Quanto eu dava um tempo com Sienna, ele entrava em ação. Mais de uma vez.

Eu não gostava muito de dividir, mesmo quando não estava nem um pouco comprometido com aquilo que estava em jogo. Teve mais a ver com a traição do que com a mulher e quase arruinou a minha amizade com Chris. Sienna foi um bom exemplo de como não se deve misturar trabalho com diversão. Depois disso, ela se tornou o motivo daquela regra quando abrimos o Inked Armor. Infelizmente, colocá-la em prática em relação a Sienna não tinha sido fácil.

— Indo embora sem dar tchau? — disse Sienna, atirando os braços em volta de mim.

Tive o reflexo de virar a cabeça para o lado bem na hora que os lábios dela encostaram no meu pescoço. As mãos de Sienna logo encontraram a barra da minha camiseta e entraram debaixo dela, passeando para cima. Unhas afiadas arranharam todo o caminho de volta para baixo. Agarrei os pulsos dela antes que pudesse continuar com aquilo.

— Você estava ocupada.

— Nunca estou ocupada para você.

Eu a soltei e ela ajustou o corselete, ajustando os peitos siliconados. Sienna não me atraía mais, de forma alguma. Já estava assim havia algum tempo, mas ela parecia ter dificuldades para aceitar a realidade e ainda se apegava ao passado, em que eu era um participante ativo de seus joguinhos depravados. Eu não tinha nenhuma intenção de cometer aquele erro de novo.

O último ano não tinha sido muito bom para Sienna. Os cabelos, descoloridos com frequência demais, estavam como palha, ainda mais em contraste com os apliques, que não combinavam nem um pouco. Havia rugas ao redor de seus olhos que não existiam antes. Havia tanto colágeno injetado nos lábios que ela parecia ter levado um soco na cara, o que era possível, do jeito que gostava de sexo violento. Ela havia feito outras alterações, e todas a deixavam mais artificial, como uma Barbie. A cicatriz que ia do queixo até a orelha tinha sido mexida, mas ainda era visível por baixo de toda a maquiagem. Andava mais magra do que eu me lembrava, mas sua forma era distorcida pelos implantes enormes que a transformavam em uma caricatura.

Ela acariciou meu braço.

— Vamos lá para dentro. Precisamos pôr o papo em dia.

Um ano antes, talvez eu cedesse; depois de um pouco de persuasão, a possibilidade de uma escapadela seria o suficiente. Mas não mais.

— Não dá. Estou indo embora.

— Não faça isso, querido.

Ela passou as mãos pelo meu cabelo, puxando-me para perto dela. Eu permaneci imóvel enquanto Sienna se esfregava em mim, e o desespero dela era um poderoso antiafrodisiaco.

— Não vejo você há tanto tempo. Seria uma pena se fosse embora antes de eu poder mostrar quanto senti sua falta.

Ela apalpou minha calça. Meu pau sabia que não deveria reagir.

— Não estou a fim, Sienna.

Minha rejeição a feriu. Eu sabia que ia ferir. Isso sempre acontecia. Ela parou de me tocar e cruzou os braços embaixo dos peitos. O resultado era ridiculamente cômico.

— Então o que você está fazendo aqui, porra?

— Eu sei lá!

Dei um passo para trás, com a intenção de ir embora antes que Sienna perdesse as estribeiras, como sempre fazia quando não conseguia o que queria.

Ela franziu a boca com desprezo.

— Você ainda não perdeu aquele complexo de superioridade, hein? Desce do seu pedestal e se olha no espelho, queridinho. Você não é melhor do que a gente.

— É sempre ótimo ver você — falei, desinteressado, e dei as costas.

— Ninguém nunca vai gostar de você como eu gosto, Hayden. Você sabe disso, não sabe? É por isso que sempre volta.

Dei meia-volta e alcancei Sienna em dois passos raivosos. Me aproximei, parando quando estava a poucos centímetros de seu rosto. Dava para sentir o fedor de cigarro e vodca, mas isso não disfarçava o excesso de perfume nem o cheiro de colônia masculina impregnado na pele dela. Eu me sentia como um vulcão prestes a entrar em erupção. Os olhos dela brilhavam de excitação; ela me irritou de propósito, achando que ia conseguir o que queria. Era uma estratégia que costumava funcionar.

— Pare de enganar a si mesma, sua vadia manipuladora. A única coisa que você sabe sobre mim é o tamanho do meu pau. A gente só trepava. Só. Qualquer sentimento que você ache que eu tenho por você não existe. Nunca existiu.

O sorriso de Sienna era maldoso.

— Você vive dizendo isso, como se pensasse que um dia desses eu vá acreditar, mas aqui está você outra vez. Você é como um filhotinho perdido, sabe? Foge de casa, mas sempre volta quando percebe que ninguém o quer.

Não respondi, evitando a verdade naquelas palavras. Meu padrão de comportamento era inegável. Assim como Sienna sempre voltava para a Dollhouse, eu também voltava, embora daquela vez não soubesse explicar o porquê. Talvez eu precisasse reafirmar a mim mesmo que estava acima de tudo aquilo, como ela disse. Eu não queria mais nada com ela, nunca mais, e aquela discussão só ajudava a consolidar aquela atitude. Se fosse honesto comigo mesmo, a Dollhouse era o último lugar onde deveria estar, me afogando nas lembranças de um tempo em que estava acabado demais para lidar com meus erros.

— Tenha uma boa noite.

Então eu me virei e fui para o carro.

— Espero ver você em breve, Hayden — gritou ela, rindo.

— Eu não — murmurei, sentando no banco do motorista.



## Tenley

A quarta-feira não começou bem. Os pesadelos me mantiveram acordada boa parte da noite e eu não ouvi o despertador tocar. Quando me levantei, já estava atrasada para a reunião com o professor Calder. O estacionamento mais próximo do prédio do meu orientador estava lotado, então acabei estacionando do outro lado do campus. Fui pelas escadas em vez de esperar o elevador, ciente de que estava causando uma péssima segunda impressão. Nosso primeiro encontro no começo do semestre não tinha sido dos melhores, e eu esperava estar mais bem-preparada para o segundo.

Bati na porta entreaberta.

Ele olhou para mim por cima dos óculos, uma expressão inconfundível de reprovação enquanto gesticulava para que eu entrasse.

— Srta. Page, que gentileza da sua parte ter aparecido. Sua inclinação a ser expulsa do mestrado é tão grande assim?

— Desculpe, professor, meu despertador...

— Desculpas são ofensivas. Feche a porta e sente-se.

— Eu não queria...

Ele ergueu uma das mãos.

— Pare de falar.

Sentei na cadeira de frente para a mesa dele. Ele ficou me encarando até eu desviar o olhar. Tentei não ficar nervosa. Ou chorar. No começo, o professor Calder tinha sido bastante solícito por e-mail, elogiando minhas ideias e as bases da minha pesquisa. Ele parecia verdadeiramente intrigado pelo meu foco em modificação corporal como uma norma cultural emergente. Pessoalmente, contudo, ele tinha se revelado distante e indelicado, a ponto de ser cruel. Eu não tinha a menor ideia do que tinha feito para provocar tamanha transformação.

— Dei uma olhada na sua pesquisa inicial. É péssima. Você vai ter de trabalhar nas revisões sugeridas até quarta-feira que vem. Se não melhorar muito, teremos que discutir se você tem ou não as habilidades necessárias para alcançar os requisitos rigorosos deste programa.

Ergui os olhos quando ouvi o barulho da cadeira dele deslocando-se pelo chão. Ele circulou a mesa, papéis na mão. Estavam cobertos por anotações em vermelho.

— Você tem algo a dizer, srta. Page?

— Obrigada por ter me recebido, mesmo estando atrasada. Não vai acontecer outra vez. — Não consegui dizer mais nada por medo de perder o controle.

Ele soltou um suspiro dramático.

— A próxima semana é corrida para mim. Eu não tinha planejado lhe dar tanta assistência assim. Você vai ter de vir mais cedo. Nove horas seria ruim para você de novo?

Neguei com a cabeça.

— Como?

— Nove horas está bom. Obrigada, professor.

Ele me entregou os trabalhos.

— Agora vá. Acho que você tem que dar aula em quinze minutos. Não acho aconselhável que se atrase para isso também.

Peguei minhas coisas e saí da sala dele, ainda segurando as lágrimas. Eu não podia deixar que as emoções me vencessem; tinha que apresentar um seminário para alunos do primeiro ano.

No fim do dia, eu queria deitar na cama e apagar tudo da minha cabeça. Como a sorte não estava ao meu lado, isso não aconteceu. Um acidente no meio do caminho para casa me obrigou a desviar da via expressa e pegar uma saída desconhecida. O gps perdeu o sinal e eu acabei em uma parte da cidade que nunca tinha visto antes. Os prédios estavam caindo aos pedaços; pichações decoravam os tijolos desgastados e as tábuas que encobriam as janelas de lojas abandonadas. O sol tinha começado a se pôr atrás das árvores e o bairro não parecia nem de longe tão amigável quanto a vizinhança onde eu morava. Cresci no interior de Minnesota. Talvez não soubesse o nome de todas as ruas, mas os lugares costumavam ser familiares — nada parecidos com o ambiente assustador onde eu me encontrava agora. Lágrimas de frustração ameaçaram cair enquanto eu olhava para as placas das ruas. Distraída, avancei um sinal vermelho.

Os flashes de luzes vermelhas e azuis no retrovisor mostraram que meu erro não tinha passado despercebido. As lágrimas que eu tentei segurar o dia todo venceram a batalha, traçando um caminho nas minhas bochechas. Sequei-as com a manga da blusa.

A pista de quatro faixas estava com muito fluxo, então entrei em um beco sem saída, conforme o policial atrás de mim indicou. Eu nunca tinha sido parada pela polícia antes, nunca tinha levado sequer uma multa de estacionamento. Meus dedos tamborilavam sem parar no volante enquanto eu via o policial andar até a janela do meu carro. Abaixei o vidro. O silêncio no interior do carro foi quebrado pelo barulho de buzinas e de um homem berrando em algum lugar ao longe. A temperatura havia caído e o ar fresco me fez tremer. O policial era jovem, devia ter uns trinta e poucos anos.

— Desculpe...

Ele me cortou, soando entediado.

— Carteira de habilitação e documentos do carro, por favor.

Mordi a parte interna da minha bochecha e remexi o porta-luvas procurando o documento, depois peguei minha habilitação na carteira. Entreguei-os a ele e fiquei olhando para o velocímetro, lutando para não chorar de novo. Não estava dando certo, e o policial não parecia estar muito interessado em fazer qualquer outra coisa além de me multar.

Ele franziu a testa ao averiguar meus dados.

— Aqui diz que você é de Arden Hills, Minnesota. Parece que está um tanto longe de casa, srta. Page.

— Eu vim para cá para estudar.

— Quer me contar por que você avançou aquele sinal lá atrás?

Ele apontou com a cabeça na direção do cruzamento onde eu não tinha parado.

— E-eu estava distraída. Teve um acidente na via expressa e eu tive que fazer um desvio. Peguei a entrada errada e não conheço esta região.

Ele era frio, distante. Como se ouvisse versões da mesma história milhares de vezes e elas não o comovessem mais. Fiquei pensando quanto tempo levava para isso acontecer, para que empatia se transformasse em desdém pelas falhas humanas. Não muito, imagino. Uma centelha de algo como reconhecimento passou pelo rosto dele enquanto ele olhava para minha habilitação e depois para mim.

— Aguarde aqui, por favor.

Ele saiu levando meus documentos. O sol desapareceu atrás das casas enquanto eu esperava. Em outras circunstâncias, as luzes do carro de polícia teriam sido constrangedoras, mas naquele momento eu me sentia grata. Ficava nervosa por estar em um lugar como aquele, onde as janelas da casa à minha direita estavam tapadas com plástico e a tela de proteção da porta estava presa por apenas uma dobradiça.

Passou-se um bom tempo até ele voltar. Quando voltou, agiu de forma diferente. A frieza calculista havia desaparecido. Em vez disso, ele adotou aquele clássico tom de desculpas.

— Você teve um ano difícil, srta. Page.

— O... O que...

Parei. Estava bem familiarizada com a pena.

— Reconheci seu nome. Quando acontece uma tragédia em uma pequena comunidade próxima, as pessoas da minha profissão acabam sabendo — explicou ele, me entregando a habilitação e os documentos do carro. — Você vai precisar mudar tudo para o seu endereço novo. Sabe onde fazer isso?

Assenti e guardei os documentos na bolsa.

— Obrigada, senhor, vou fazer isso cedinho, amanhã de manhã.

Esperei por uma multa por ter avançado o sinal, mas ela não veio.

Ele se apoiou na porta do meu carro e colocou a cabeça para dentro.

— Você não deveria estar dirigindo por aqui sozinha. Esta é uma área perigosa da cidade. Você sabe chegar em casa daqui?

Eu só tinha feito os caminhos do meu apartamento à Northwestern e ao comércio mais próximo. Envergonhada, contei isso a ele, que se ofereceu para me acompanhar até um lugar que eu conhecesse. Depois de pegar o endereço do Serendipity, ele voltou para o carro e me guiou de volta para casa.

O sensor de movimento ligou as luzes quando eu entrei na garagem atrás da loja, banhando a área com uma luminosidade suave. Quando desliguei o motor e saí do carro, minha escolta fez o mesmo. Ele tinha aquela aparência típica de policial: todo certinho, cabelos curtos, ombros largos e braços fortes. Os pelos da barba estavam começando a crescer e o rosto dele tinha ângulos pronunciados. Nove meses atrás, a presença dele podia ter sido reconfortante. Naquele momento, era difícil ver qualquer coisa naquele uniforme que não fosse um lembrete do acidente. Foram tantas perguntas depois da tragédia. Eu nunca tinha nenhuma resposta útil, apenas lembranças terríveis.

— Aqui está bom para você?

Ele apoiou a mão no cabo da pistola enquanto observava o entorno.

— Sim, tudo certo. Obrigada por ser... — Minha voz falhou. — Obrigada.

— Cuide-se, srta. Page.

Ele me entregou um cartão de visita que trazia o emblema do batalhão da polícia de Chicago. Abaixo, estava o nome dele, o número do distintivo e o número da linha direta na delegacia.

— Obrigada, policial Cross. Prometo ter mais cuidado.

Uma chamada crepitou no rádio dele e o policial foi embora apressado. Destranquei a porta e subi as escadas que davam no meu apartamento. Era tarde, e eu estava com sono. Pensar em comida fazia meu estômago revirar, mesmo sem ter comido nada desde cedo. Eu tinha ensaios para corrigir e uma tese para melhorar, mas a exaustão me consumia. O dia tinha sido difícil desde o começo e eu estava acabada. Um espectro de mim mesma, perdida em um mar de torpor extenuante. As emoções que pensei ter enterrado em Arden Hills com as pessoas que eu amava estavam ressurgindo.

Às três da manhã acordei pela terceira vez desde a meia-noite. A exaustão não era páreo para o cerco fechado dos pesadelos. Algumas semanas eram melhores do que outras, mas aquela estava sendo terrível. Fui até a cozinha e enchi um copo d'água, incapaz de apagar as imagens que continuavam na minha mente. O som de passos no corredor do lado de fora do apartamento me fez hesitar, o copo quase na boca. Coloquei-o na pia, fui na ponta dos pés até a porta e espiei pelo olho mágico. Vi os cabelos louros esbranquiçados de Sarah enquanto ela vasculhava uma bolsa enorme, resmungando para si mesma.

— Merda!

Ela virou a bolsa, derrubando as coisas no chão, e se ajoelhou.

Eu girei a chave e abri a porta.

— Cruzes! Puta merda, você me assustou — disse ela, olhando para mim.

— Desculpe, achei que talvez precisasse de ajuda.

Olhei para o monte de coisas aleatórias espalhadas pelo chão. Entre elas, estava um maço de dinheiro amarrado com um elástico. Onde quer que ela trabalhasse como bartender, devia ser um lugar bem movimentado para render aquela grana toda no meio da semana.

— Não consigo achar as chaves de casa. Eu estava com elas na mão agorinha mesmo e não consigo mais encontrá-las. Não sei como isso acontece. É sério, será que existe uma merda de uma fada das chaves que simplesmente aparece e se manda com as minhas coisas para que eu não consiga entrar no meu apartamento? Meus pés estão me matando e eu preciso beber alguma coisa. Porra, estou ouvindo o barulho delas!

— Já olhou no bolso da jaqueta?

Apontei para o lugar de onde o barulho estava vindo. Ela me encarou com um olhar condescendente.

— É claro que...

Ela enfiou a mão no bolso e puxou o chaveiro.

Ajudei a colocar o resto das coisas na bolsa, que tinha o tamanho de uma mala.

— Desculpe, estou sendo uma vaca. A noite foi longa.

— Se eu chegasse em casa às três da manhã e não conseguisse encontrar minhas chaves, também estaria assim.

Ela abriu a porta e olhou para mim, avaliando se eu estava mesmo acordada.

— Quer uma cerveja?

— Claro, deixa só eu pegar minhas chaves.

Eu estava sem um pingote de sono, de qualquer maneira.

Já tinha ido tomar um drinque no apartamento da Sarah uma vez. A sala era uma miscelânea de móveis aleatórios que ainda assim pareciam combinar. Ela tirou o casaco e o largou em uma cadeira, junto com a bolsa. Os saltos altíssimos foram chutados para longe e deixados lá. Sarah suspirou e foi até a geladeira.

Pegou duas cervejas, abriu-as e me entregou uma. Então se enroscou em uma cadeira de vime que parecia um ninho, deixando que eu escolhesse entre um sofá florido que parecia ter vindo direto dos anos 1970 e um pufe. O sofá era surpreendentemente confortável.

— Você se importa se eu perguntar por que você está acordada? — perguntou Sarah.

— Não consegui dormir.

— Sonhos ruins? — perguntou ela, engolindo metade da cerveja.

— De vez em quando.

Sarah esperou que eu continuasse. Como não o fiz, ela assentiu e mudou de assunto. Falamos sobre a faculdade e o trabalho e como era difícil equilibrá-los. Agora que as aulas tinham começado para valer, Cassie tinha diminuído meus turnos para que eu pudesse me concentrar nos trabalhos da faculdade e na minha tese.

Com vinte e quatro anos, três a mais que eu, Sarah estava fazendo um MBA. Os gastos eram astronômicos, mesmo tendo uma bolsa parcial. Conversar com ela era fácil; era uma pessoa engraçada, alegre e sincera. Em muitos sentidos, ela lembrava os amigos do meu passado.

Eram cinco da manhã quando atravessei de volta o corredor, ainda agitada e sem conseguir dormir. Andei pela sala, encarei as estantes e peguei o caderno de rascunho.

Folheei as páginas e parei em um esboço muito malfeito de uma tatuagem boba que um dia eu quis fazer. Havia mencionado algumas vezes, como quem não quer nada, que faria uma tatuagem no meu aniversário de dezoito anos, para ver o que Connor diria. Ele não parecia se importar até que mostrei o desenho. Então mudou totalmente de ideia.

Mudei o desenho para outra coisa e fiz a tatuagem do mesmo jeito, achando que não seria nada de mais e que ele se acostumaria. Era só uma tatuagem, nada radical, até onde eu sabia. O coraçãozinho era bastante genérico, apesar de eu ter feito preto em vez de vermelho, só para que fosse diferente. A localização o tornava fácil de esconder. Menos de Connor, é claro. Eu achei sexy. Ele não. Ficou superchateado comigo quando viu a tatuagem no meu quadril. A discussão e as lágrimas que se seguiram vieram com uma promessa forçada de não profanar o meu corpo de novo. Na época, eu jamais imaginaria que ele pudesse ter aquele tipo de reação. Como eu era ingênua.

Passei o dedo pelas argolas na minha orelha, mais um dos atos de rebeldia. Connor também as odiava. A intolerância dele a qualquer coisa que não estivesse de acordo com as normas sociais era uma questão polêmica entre nós. Da cor do cabelo às roupas, ele sempre ficava em segurança dentro dos limites e eu sempre tentava descobrir até onde eles podiam se estender. Achava que nossas diferenças nos tornariam um casal mais forte — um equilibraria o outro. Mas, no fim das contas, fiquei no molde dele.

Talvez Trey estivesse certo em pedir que eu renunciasse ao que fora deixado para mim no testamento. Apesar de não estar pronta para abrir mão, parte de mim achava que nada daquilo jamais deveria ter sido meu.

Minha mãe me assegurou que era normal ficar nervosa nas semanas anteriores ao casamento. Talvez ela estivesse errada. Se eu não tivesse tanto medo de perder Connor, talvez houvesse confessado minhas dúvidas. Mas eu fui fraca. Connor tinha morrido e eu era a única culpada. Tudo o que eu queria era evitar a confusão que seria se nossas mães tivessem tomado as rédeas da cerimônia. Nós jamais teríamos entrado naquele avião se eu não tivesse insistido em casar em outro lugar. Ao fazer isso, sentenciei todos que eu amava à morte.

Virei a última página do caderno, seguindo com o dedo as linhas delicadas do rascunho que eu tinha terminado poucos dias antes de me mudar para Chicago. Era uma representação de todas as almas que eu tinha extinguido do mundo, bem como meu próprio estado dilacerado. Talvez eu nunca mais voltasse a ser uma pessoa completa, mas precisava encontrar uma forma de liberar um pouco da culpa que eu carregava para tentar seguir em frente. Eu ainda estava estagnada, apesar de ter deixado para trás as lembranças implacáveis do que havia perdido. Achava que ir embora ajudaria, mas ainda estava batalhando para encontrar o equilíbrio em Chicago.

Talvez Hayden tivesse razão, talvez eu precisasse me render à dor. A possibilidade de que isso poderia ajudar a deixar o passado para trás me fazia querer deixar de lado meus medos dos sentimentos que Hayden evocava. O potencial de alguma paz interior era tentador demais. Eu estava decidida. Mostraria o desenho a ele. Queria um lembrete permanente de tudo o que perdi por causa da minha covardia. Era o único jeito que eu enxergava para tentar me recuperar.



# Hayden

Havia dias que Tenley não aparecia. Bom, nem tanto; eu a tinha visto entrar e sair da loja várias vezes. Mas sempre que eu passava pelo Serendipity com o pretexto de comprar o quarto café do dia, ela não estava lá. As chances de ela estar se escondendo depois do nosso papo no porão eram grandes. Como Lisa me instruiu pacientemente, falar sobre piercings genitais não era um assunto agradável. Eu me policiaria melhor em relação aos assuntos que podíamos conversar dali para a frente. Por outro lado, Cassie teria que vazar cedo naquele dia. Isso criaria bastante dificuldade para a Tenley, se ela decidisse sumir.

Estava no comecinho da noite quando meu tio Nate passou no Inked Armor. Ele ainda estava de terno, então devia ter vindo direto do trabalho para buscar Cassie.

Larguei o lápis e me afastei da mesa. Fizemos aquela coisa de abraço de homem e tapinha nas costas. Chris e Jamie o cumprimentaram com o mesmo entusiasmo que eu. Fazia um tempo que eu não via Nate. Nós dois trabalhávamos muito e ele gastava o tempo livre paparicando minha tia. Era um pau-mandado, mas não parecia se importar.

— Que bom que você passou por aqui — falei. — Quando é que vamos começar a planejar aquela tatuagem que você tem comentado?

— Em breve. Amanhã venho buscar a Cassie de novo. Vou trazer umas fotos e a gente pensa em alguma coisa.

— Ótimo. Vou ficar no seu pé dessa vez.

Nate falava sobre fazer uma tatuagem havia algum tempo, mas não tinha se empenhado. Supus que, se conseguisse fazer com que ele trouxesse alguma imagem para me inspirar, não seria difícil persuadi-lo a passar aquilo para a pele. Cassie podia não falar abertamente, mas ela curti tatuagens.

Às seis, Nate foi até o Serendipity buscar Cassie. Depois que eles foram embora, Tenley assumiu o posto atrás do caixa. O timing não podia ser mais perfeito. Eu estava entre um cliente e outro e não esperava mais ninguém por pelo menos meia hora, o que me daria tempo de convencer Tenley a levar o desenho para mim mais tarde.

— Café.

Chris me chamou, mas eu o dispensei com um aceno e corri para fora do estúdio. Estava quente para um início de outubro, então puxei as mangas da camisa, sentindo muito calor e nervosismo. Não tinha planejado o que faria. Tentei dizer a mim mesmo que ela era só uma garota. Tudo o que eu ia fazer seria convidá-la para ir até o estúdio para me deixar colocar um pouco de arte no corpo dela. Que monte de merda.

Os sinetes acima da porta anunciaram minha chegada. Não teria como surpreendê-la. Ela olhou por cima do livro que tinha nas mãos, então logo baixou os olhos outra vez. Que belo começo. A gatinha

ariska estava de volta. Era óbvio que Lisa estava certa, eu não tinha me comportado tão bem quanto achava na última vez em que falei com Tenley.

Sorri ao me aproximar do balcão e tentei em vão não examiná-la de cima a baixo. Funcionou por uns três segundos. Fiquei feliz por estar calor, porque Tenley estava usando uma blusinha cinza que mostrava pele o suficiente para dar vontade de ver mais. Uma alça prateada brilhante traçava uma linha no ombro dela e desaparecia embaixo da gola. Tenley estava concentrada nas faixas pretas de tinta no meu braço. O jeito como ela olhava para as minhas tatuagens fazia eu me sentir pelado. E não de um jeito sexual. Eu estava acostumado com pessoas me olhando. Não tinha coberto meu corpo com tinta e investido em piercings faciais para me misturar à população comum. Mas aquilo era diferente. Não era o típico olhar quero-dar-para-esse-menino-mau. Era algo diferente. Parecia que ela estava tentando decifrar o significado da arte.

Estudei o rosto de Tenley. Além da beleza discreta, estava com olheiras, como se não tivesse dormido o suficiente. Mesmo exausta, ela era linda. Uma leve inquietação a fez se mexer na cadeira.

— Oi, Hayden. A Cassie acabou de sair.

— Eu sei. Vim aqui para ver você.

Então me inclinei, apoiando os antebraços no balcão. Assim, ela podia observar melhor minhas tatuagens, se quisesse, e eu podia continuar olhando para ela.

Tenley baixou os olhos, então me olhou de novo.

— Ah.

Era claro que ela não tinha a menor ideia de como ficava sexy quando fazia aquilo. Passei meu polegar embaixo do olho dela.

— Você parece cansada.

Tocá-la fazia eu me sentir chapado. Como se ela estivesse sendo injetada em mim ou eu nela. Queria saber como seria passar as mãos nela. Nela toda. Me afastei, para recuperar o controle do meu cérebro.

— Tenho pesadelos — disse ela. — Bem ruins.

E por acaso existe outro tipo de pesadelo? Ela emparelhou os livros no balcão. Estava claro que aquela era a única resposta que eu ia conseguir.

— Você veio para olhar o porão? Dar uma conferida naquelas outras caixas? — perguntou ela.

— Você pode vir comigo?

— Tenho que cuidar do caixa e atender os clientes.

— Não tem ninguém na loja. Você pode fechar por um tempinho.

— Hum...

Ela hesitou, talvez considerando meu pedido.

Eu sorri e fui direto ao ponto.

— Fica para a próxima. Você ainda não foi ao estúdio me mostrar o seu desenho.

— Desculpe — disse ela, coçando a nuca.

Aquele pequeno sinal de desconforto berrava um significado mais profundo. Eu queria saber se tinha a ver comigo ou com a tatuagem, ou com os dois. Tentei não pensar em Tenley na minha cadeira, quase nua, ou sem roupa nenhuma. *Tentei* é a palavra-chave.

— Hum, então — falei, fazendo um som esquisito quando ela começou a roer a unha, levando minha atenção à sua boca. — Por que você não dá um pulo até lá depois de fechar? Vou agendar você para

depois das nove, ok? Traga o rascunho e eu dou uma olhada. Mas sem compromisso. Pode ser assim?

— Tudo bem.

Ela respondeu como se fosse uma pergunta, fitando-me com aqueles olhos grandes de Bambi, toda encolhida e retorcendo as mãos. Aquilo me fazia querer abraçá-la, ou atacá-la, ou o que quer que fosse. Eu ficava confuso pra cacete perto daquela garota.

— Ótimo. — Sorri e me afastei do balcão. — Vejo você lá pelas nove.

— Certo.

Ela deu seu sorriso mais doce e tímido.

Fui embora antes que dissesse ou fizesse algo inapropriado. Tudo que eu fiz dessa vez foi secar os peitos dela. Aquilo sem dúvida era um progresso, depois dos dois últimos encontros. Voltei para o Inked Armor bem orgulhoso de mim mesmo.

Chris me olhou com uma cara estranha.

— Cadê meu café?

Tinha esquecido completamente da minha desculpa para ir ao Serendipity.

— Eu disse que ia tomar um café, não que ia comprar um para você.

— Bom, então onde você enfiou o seu café?

Ele ergueu a sobrancelha com o piercing.

— Já tomei.

— Pode falar o que quiser, cara, mas como você só ficou fora uns dez minutos, eu acho que é balela.

Eu o ignorei e fui checar a agenda. Meu cliente ia chegar logo e eu provavelmente terminaria lá pelas oito e meia, o que me deixaria completamente livre pelo resto da noite. Eu me sentiria um babaca se tivesse chamado Tenley para ir até lá e não pudesse atendê-la. Coloquei o nome dela a lápis, torcendo para que o desenho fosse algo que eu pudesse tatuar nela.

Chris chegou atrás de mim, olhando por cima do meu ombro. Dei uma cotovelada nas costelas dele.

— Porra, Chris, está tentando me encoxar? Sai daqui.

Lisa saiu do escritório com um enorme sorriso. Sua alegria durou pouco.

— Nada de café?

— A Tenley vai passar aqui mais tarde — disse Chris.

— Não é nada demais, só vou dar uma olhada no desenho dela — disse, fingindo que não era importante.

Eu não deveria estar tão animado com a perspectiva de tatuar Tenley, já que aquilo não era nem certo. Mas eu estava. Lisa fez uma careta.

— Eu já sabia.

— Como assim? Eu acabei de convidar, faz um minuto.

— Fui lá mais cedo. Ela me disse que estava com o desenho. Estava pensando em passar aqui depois do trabalho.

Aquilo foi uma facada no meu ego. Lá estava eu, pensando que tinha feito um bom trabalho em convencê-la a me visitar e a Lisa já havia falado com ela antes.

— Você já viu? — perguntei.

— Não, mas acho que vou ver depois.

Ela voltou para o escritório.

Eu mal podia esperar para que aquele “depois” chegasse.

Eu estava colocando gaze na tatuagem fresquinha do meu cliente quando Tenley chegou. Chris e Jamie estavam no estoque, fazendo inventário, e Lisa estava nos fundos, colocando piercings em uma garota e na amiga dela. Se eu me livrasse do meu cliente depressa, talvez tivesse alguns minutos sozinho com Tenley antes de eles a bombardearem. Eu não era o único que ficava feliz quando ela ia ao estúdio. Lisa tinha praticamente um caso de amor platônico por ela, e parecia que Chris também havia começado a se afeiçoar. Eu deixei bem claro que era para ele ficar longe e guardar comentários sobre os atributos dela para si mesmo. Jamie, sendo quem era, não reparava em ninguém a não ser em Lisa.

Tenley deu uma olhada no estúdio quase vazio antes de fixar os olhos em mim.

— Pode sentar. Não vou demorar.

Indiquei com a cabeça a sala de espera, onde havia umas poltronas e uma mesinha de centro com revistas de tatuagem e álbuns personalizados.

Tenley tinha levado alguns livros e uma caixa branca debaixo do braço, a bolsa carteiro pendurada no ombro oposto. Ela me agradeceu com um de seus sorrisos tímidos, então se acomodou em uma cadeira e folheou um dos álbuns enquanto esperava.

Despachei o cliente e me volvei para Tenley. Ela estava de pernas cruzadas, o cabelo cobrindo o rosto. Tinha parado de folhear o álbum personalizado, que estava na mesa ao lado. Contudo, continuava olhando para o colo. Ela parecia mais confortável do que da última vez em que estive aqui.

Atravessei a sala e me inclinei sobre Tenley, esperando que ela notasse e percebesse a minha presença. Como nem se mexeu, eu me aproximei, interessado no que quer que estivesse capturando a atenção dela. Seus olhos se arregalaram quando ela virou a cabeça e deu de cara comigo, meu nariz quase tocando no dela.

— Leitura interessante? — perguntei, me endireitando.

Ela murmurou alguma coisa ininteligível e fechou um caderno de rascunho. A falta de ar em sua voz teve um impacto físico imediato em mim. Nada conveniente, considerando que os olhos dela estavam na altura da minha virilha. E foi exatamente para lá que Tenley olhou. Ela sussurrou o mesmo palavrão que passou pela minha cabeça. E, repentinamente, levantou-se da poltrona.

Tenley não tinha levado em consideração quão perto eu estava. Ao se levantar, todo o seu corpo flexível e delicado roçou em mim. Mordi a língua para não gemer com a sensação. Parecia uma onda de energia passando pelo meu corpo e concentrada na minha calça.

— Eu trouxe o desenho — disse, rapidamente.

Então ela ia usar a tática do se-você-ignorar-aquilo-não-aconteceu. Eu deveria ter ficado envergonhado pela minha incapacidade de controlar a reação do meu corpo a Tenley, e eu estava, de certa forma. Mas não me afastei, nem quando ela enfiou o caderno de rascunho na minha cara. Ao perceber que a mão dela não estava mais enfaixada, eu a peguei e abaixei o caderno para poder ver seu rosto novamente.

Os olhos de Tenley encontraram meu olhar investigativo. Naqueles segundos fugazes, descobri mais daquilo que havia percebido no porão. A curiosidade, a necessidade e a fúria. Os dois primeiros eram um eco das minhas próprias emoções. A última a levou a desviar o olhar. Quis saber a origem disso. Coloquei o caderno de rascunho dela debaixo do meu braço e virei a palma da mão de Tenley para cima,

interessado em ver o que ela estava escondendo debaixo da gaze na última vez em que a vi. O lado da mão dela estava coberto com uma série de cicatrizes vermelhas, recém-curadas.

— O que você fez aqui? — perguntei baixinho, sem esperar resposta, já que ela havia evitado explicar o ocorrido da última vez.

Passei o polegar pelo tecido sensível da cicatriz. Queria dar um beijo de melhoras, então o fiz. Porque sou idiota e não sei controlar meus impulsos. O medo passou pelos olhos dela, misturado com desejo. Era uma combinação perigosa. Ela fazia eu me sentir assim também, só que eu reagia de uma maneira diferente. Eu ignorava completamente o medo, e a outra emoção era canalizada para os meus hormônios.

— Tenley! Que bom que você está aqui! Aqueles piercings novos chegaram esta tarde, como prometi.

Lisa dissipou minha neblina de luxúria. Tenley puxou a mão, interrompendo o contato.

— Ela veio me mostrar o desenho dela — retruquei, irritado com a interrupção inconveniente de Lisa e com minha própria incapacidade de segurar a boca e manter as mãos paradas.

— Ela é toda sua depois que eu terminar — respondeu Lisa, me olhando de um jeito que dizia para eu não forçar a barra.

Na maioria das vezes, eu fazia o que ela mandava, mas não estava muito a fim de seguir instruções de ninguém naquela noite, mesmo de Lisa. Ela ajudou Tenley a juntar as coisas dela, inclusive a caixa branca. Eu suspeitava que fosse uma das caixas que Cassie usava para carregar doces, mais especificamente cupcakes.

— O que é que tem aí? — perguntei, em uma tentativa boba de evitar que Tenley fosse arrastada por Lisa. Ela deveria estar ali para me ver e eu não queria dividi-la com ninguém.

— Nada.

Tenley abraçou a caixa em um instinto de protegê-la. Depois disso, eu queria mesmo saber o que tinha ali dentro.

— Posso guardar essa caixa em que não há nada enquanto a Lisa monopoliza o seu tempo comigo — ofereci.

Tenley balançou a cabeça devagar.

— Acho que não.

— Por que não? Você não confia em mim para guardar uma caixa em que não há nada?

Barrei Lisa quando ela tentou se enfiar entre nós dois. Ela não teria muito sucesso, já que tinha metade do meu tamanho e eu podia muito bem simplesmente tirá-la do caminho, se quisesse. Naquele momento, era o que eu realmente queria.

— Você promete não olhar dentro dela? — perguntou Tenley.

Apesar da provocação, percebi um leve sorriso. Dei de ombros.

— Por que você não deixa eu dar uma olhadinha e matar a minha curiosidade?

— Mesmo assim, não vou deixar a caixa com você — avisou ela, abrindo a tampa.

Eu estava certo quanto ao conteúdo. Na caixa havia cupcakes, repletos de uma cobertura macia e fofa, decorados com balinhas pretas em formato de crânio e ossinhos cruzados. Em se tratando de bolinhos, aqueles eram fódões.

Pulei em Tenley, a portadora dos doces. Segurei-a pela cintura com um braço enquanto tentava, com cuidado, pegar a caixa com a outra mão. Ela deu um gritinho e pisou no meu pé. Não adiantou nada; eu estava usando um modelo antigo de coturno, com bico de aço. Lisa, contudo, foi muito mais esperta. Ela

me deu uma joelhada na lateral da coxa, fazendo minha perna ceder e o braço que segurava Tenley afrouxar. Ela fechou a tampa e Lisa a libertou de mim. Elas atravessaram o estúdio correndo e desapareceram dentro da sala de piercings antes que eu pudesse me recuperar. Nem me dei ao trabalho de ir atrás — Lisa trancaria a porta. Ela sabia da minha loucura por cupcakes. Minha mãe costumava fazer para mim quando eu era pequeno; aniversários, festas de fim de ano, sem motivo algum. Ela sempre fazia o de baunilha com cobertura de creme, do zero. Eu comia até passar mal. Aí, comia mais alguns.

— O que deu em você?

Chris estava parado na porta do estoque, olhando para mim como se eu tivesse perdido a cabeça. Quanto será que ele tinha visto?

— Tem cupcakes naquela caixa.

Apontei na direção em que as duas garotas foram. Com os *meus* cupcakes.

— Claro, seu idiota, eu percebi, só você para reagir que nem uma criança por causa de uns bolinhos. Quero saber o que foi aquilo. — Ele apontou para a porta fechada.

— Aquilo o quê? — perguntei, colocando as mãos nos bolsos para dar uma ajeitada discreta lá embaixo.

Jamie colocou a cabeça para fora do estoque.

— Nunca conheci alguém tão transparente em toda a minha vida.

— O que vocês querem dizer com isso?

Jamie era o mais observador dos meus dois sócios, então o fato de o Chris ter notado alguma coisa era preocupante.

— Puta merda! — Os olhos de Chris se arregalaram. — Foi por causa dela que você me deixou na mão aquele dia?

Não respondi. Eu não tinha uma boa resposta porque sabia que precisaria admitir que estava interessado na Tenley. Não só porque ela era gostosa, ou porque queria uma tatuagem. Ela parecia perdida, mantendo todo mundo a distância, apesar de uma parte dela talvez desejar o oposto. Assim como eu. Toda vez que eu conversava com ela e me aproximava um pouquinho mais, aprendia um tanto mais, ela ficava arisca de novo. Além disso, havia algum tipo de conexão física intensa que eu não conseguia ignorar. Mas eu precisaria aprender a deixar isso pra lá se fosse tatuá-la, graças às nossas regras rigorosas em relação a isso.

— O Hayden largou você para trás porque o Damen é um babaca que consegue torrar até a minha paciência e a Sienna é uma barraqueira — respondeu Jamie, desaparecendo no estoque.

Chris ficou ali por uns segundos, claramente tentando decidir se acreditava na desculpa ou não. Eu não disse nada.



# Hayden

Tenley e Lisa ficaram uma eternidade na sala de piercings. Eu ficaria irritado se elas comessem todos aqueles cupcakes, mas não ia deixar barato para a Lisa. Ela devoraria a caixa inteira só para me provocar, mesmo que passasse mal.

Quanto mais tempo eu ficava sentado ali esperando, mais eu percebia como tinha sido um grande babaca. Tinha me esfregado de pau duro sem querer em Tenley duas vezes, beijei-a sem permissão de novo — mesmo que apenas na mão — e depois tentei atacá-la por causa de cupcakes.

Combati o remorso pensando em todas as opções de piercings que Tenley podia ou não estar colocando. As duas saíram da sala sussurrando entre si, e Tenley teve uma crise de riso. Era a primeira vez que eu a ouvi rir. Era bonitinho. Não me surpreendi quando outra parte do meu corpo também reagiu. Eu queria saber por que aquela garota tinha um impacto físico tão radical sobre mim. Nunca tinha experimentado um nível de atração comparável ao que eu sentia por Tenley. Era angustiante. Eu detestava não estar no controle; ia contra tudo o que eu sabia. Desde que coloquei minha vida de volta nos trilhos e a gente abriu o Inked Armor, eu mantinha uma ordem e uma organização rigorosas. Tinha sistemas e planos e maneiras de existir que não incluíam ereções espontâneas nem uma total falta de tato toda vez que uma garota aparecia. Quando elas se aproximaram, notei que a caixa ainda estava em segurança debaixo do braço de Tenley. Lisa pegou com delicadeza a balinha em forma de caveira e ossinhos de cima do cupcake que ela estava segurando e a jogou na boca. Nenhuma das duas olhou na minha direção. Legal. Eu estava sendo ignorado.

Chris bateu no balcão.

— E aí? Mais um furo?

Tenley pousou a caixa e eu fiquei de olho, me questionando internamente sobre se provocaria uma pequena confusão enquanto ela estava ocupada exibindo o novo piercing. Aí ela enrolou os cabelos com as mãos e puxou-os para cima em um rabo de cavalo, expondo a extensão sedosa de seu pescoço. Os cupcakes não importavam mais. Meu cérebro se desligou, funcionando apenas nos níveis mais básicos. Queria minha boca na pele dela. Queria beijar, lamber, chupar, morder. E não necessariamente nessa ordem. Era como se meu corpo soubesse do que precisava e meu cérebro estivesse se esforçando para acompanhá-lo.

— Belo transversal — elogiou Chris, sorrindo. — Hayden, você deveria dar uma olhada.

Eu sugeri e ela fez. Tenley soltou os cabelos e se virou. Então, ofereceu um cupcake a Chris. Era óbvio que ela estava se vingando de mim. Eu odiava Chris naquele momento.

Jamie se aproximou do balcão, abraçou Lisa por trás e também pegou um bolinho. Eu fiquei que nem um idiota no meu canto, tentando descobrir como me inserir no grupinho. Toda aquela situação era

impagável. Tenley tinha ido me mostrar o desenho dela, até me levou comida. Os cupcakes foram confiscados e o desenho ainda não havia sido revelado.

— Ah, quem diria, só sobrou um. — Tenley exalava uma inocência melosa enquanto colocava a mão dentro da caixa e pegava o último pedaço de paraíso com cobertura.

Ela o segurou como se fosse uma droga de um oráculo, girando-o para lá e para cá. Enfiou o dedo na cobertura grossa e cremosa, uma maravilha de puro açúcar, manteiga e baunilha. Um sorriso surgiu lentamente naqueles lábios carnudos quando ela enfim olhou na minha direção. Ela abriu a boca, colocou a ponta do dedo cheia de cobertura na boca e o chupou. Foi fálico pra caralho. Perdi a capacidade de engolir ao ver suas bochechas se contraírem.

— Hum... — As pálpebras de Tenley se fecharam. Ela retirou o dedo da boca com um barulho molhado. — Isso está uma delícia.

Atravessei a sala voando e avancei sobre ela. Não sabia se estava excitado ou puto ou uma combinação dos dois. Ali estava aquela garota que eu não conseguia entender, me provocando com bolinhos.

— Cadê o meu cupcake?

Decidi que estava bravo. Eu estava quase perdendo a cabeça. De verdade.

Alheia ao meu dilema interno, ela deu um sorrisinho cafajeste, abriu aqueles lábios sensuais e deu uma mordida. Apesar da minha irritação, eu reparei na bela barra decorada com brilhantes que atravessava a orelha esquerda dela. Era perfeita. Mas minha intenção não era me deixar levar pela perfeição física de Tenley, era pegar o meu maldito cupcake. Era meu e eu o queria, mesmo que já estivesse mordido. Tenley me entregou a caixa vazia.

— Não quero o seu lixo — falei, com raiva, enquanto todo mundo ria.

Tenley revirou os olhos e largou a caixa no balcão. Então abriu a tampa, pegou mais um cupcake e o colocou na minha cara. Ela havia mentido para me sacanear. Por um segundo, achei que ela ia enfiar o bolinho na minha boca, mas não o fez, o que me deixou estranhamente decepcionado. Então, eu o mordi direto da mão dela.

— Caraca! — Ela deu um grito e retraiu a mão. Peguei o bolinho semimordido antes que caísse no chão. — Você quase me mordeu!

— Mas não mordi — ponderei, com a boca cheia de cupcake.

— Tem mais dois ali dentro e eles são para você, embora não mereça depois de ter sido tão babaca.

Ela fez uma careta ao me ver mastigar. Eu devia estar parecendo um porco. Mais uma vez, não estava lidando bem com toda a interação social daquela noite; estava sendo ridiculamente inconveniente.

— Desculpe. — Eu ainda estava mastigando. — E obrigado — acrescentei no final, como um P.S.

— Aham — respondeu Tenley, com rispidez, e depois se virou para Lisa. — Quanto eu devo?

Lisa fez um desconto para ela. Supus que fosse por minha causa. Depois de pagar pelo piercing, Tenley se virou para mim, a contragosto.

— Qual o veredito?

— Os cupcakes são bons pra caralho — balbuciei, a boca cheia de cobertura.

— Eu estava falando do desenho, mas obrigada. Cassie disse que você gostava de cupcakes, mas acho que gostar é pouco.

Ela parou de falar enquanto eu, sem vergonha alguma, engolia o restante do cupcake e pegava outro.

— Você que fez?

Analisei o bolo em miniatura decorado com uma perfeição que parecia profissional.

— Aham. Eu e minha mãe sempre fazíamos. — Tenley pigarreou antes de continuar. — E aí, o que achou?

— Vou levar você para a minha casa e manter você lá para sempre para fazer esses cupcakes todos os dias pelo resto da minha vida.

Omiti a parte em que eu os comeria em cima dela, nua. Tenley era um sonho molhado. Gostosa, provocante, curti piercings e tatuagens e fazia cupcakes.

— Uau, a Cassie estava falando sério.

— Sobre o quê?

— Sua relação com cupcakes. Eu achei que ela estava brincando. Preciso tirar isso de perto de você para podermos falar do que interessa?

Ela acenou com a cabeça para o bolinho meio comido na minha mão.

— Não — grunhi, protegendo-o com a mão até perceber que ela estava brincando. — Por que a gente não senta e aí eu dou uma olhada?

— Você ficou com o meu caderno esse tempo todo e não olhou?

Ela pareceu surpresa. Foi difícil não me sentir ofendido.

— Eu estava esperando você. Não queria parecer bisbilhoteiro.

Antes de levá-la à minha mesa, peguei a caixa com o último cupcake, porque o Chris estava olhando para ele como se fossem peitos, ou um bife, ou um bife no meio de dois peitos.

Lembrei o que era ter bons modos e coloquei uma cadeira ao lado da minha, esperando Tenley sentar-se antes de mim. Houve um tempo em que fui educado para abrir portas e puxar cadeiras para as mulheres, todo cavalheiresco e tal. Fazia muito tempo que eu não achava necessário pôr isso em prática; aquele parecia um bom momento.

— Pode me mostrar o desenho? — Acenei com a cabeça para o caderno que estava na mesa. — Aí a gente pode ver o que eu posso fazer por você.

Ela aproximou os dedos da capa estropiada, parando na borda. Com um suspiro fundo, ela abriu o caderno e começou a folhear. No meio do caminho, um desenho me chamou a atenção.

— O que é isto? — Estiquei a mão no caderno para evitar que ela virasse a página.

— Nada.

Peguei o caderno para ver melhor. Naquela página, havia um monte de rabiscos aleatórios; coraçõezinhos com flechas, joaninhas em vários estágios de voo e alguns “T. P. + C. H.”. Os desenhos eram antigos. Pela data no topo da página, aquele era de três anos antes, o que não me impediu de sentir uma pontada absurda de ciúmes.

Além dos corações e dos rabiscos, havia um desenho perfeito para uma tatuagem.

— Isso não é “nada”. É um cupcake.

— É bobo. Quando era mais nova, eu achava que queria uma tatuagem assim.

— Porra, você tem mesmo que fazer uma tatuagem assim — respondi, imaginando onde ela deveria ser.

Os olhos dela se arregalaram. Eu abaixei o tom da minha empolgação:

— Quer dizer, é um desenho bem-feito. Eu poderia tatuar isso em você.

— Mas é um cupcake.

— Hum, sim, por isso mesmo que você deveria fazer. Sou fã de cupcakes.

Como se não fosse óbvio.

— Eu nem tinha reparado — disse ela, com sarcasmo. — Cupcakes são para comer, não para usar.

Ela pegou o caderno, folheou-o até chegar ao final e o entregou para mim.

— Era isso que eu queria lhe mostrar.

Levei alguns segundos para processar a imagem, ou talvez a dualidade que ela exprimia. As asas tinham um quê de angelical, mas ao mesmo tempo algo de Dalí, pareciam escorrer da página. Eram dilaceradas e fustigadas, como se uma tempestade as tivesse devastado. A mistura da escuridão em algo que deveria ser celestial era magnífica. Fogo consumia a parte de baixo das asas, maculando sua perfeição. Faíscas surgiam por entre os buracos e a brasa queimava forte nas penas que caíam e se desintegravam. A parte de cima das asas ainda estava intacta. Tinha um brilho prateado-dourado, como se o sol brilhasse sobre ela e evitasse que se danificasse ainda mais. Não era apenas um desenho. Era um símbolo de uma batalha interna, esperança versus destruição, ou, possivelmente, o oposto.

A complexidade era coisa de louco. As asas, apesar de dilaceradas, pareciam prontas para alçar voo. Tenley era uma artista talentosa, apesar de eu não ter certeza de que tinha noção do próprio talento.

— É incrível — disse Lisa, de trás de mim. Eu estava tão absorto nos detalhes que nem percebi que ela estava ali.

— É mesmo — concordei, já planejando como transformá-lo em arte corporal. Só havia um lugar onde eu conseguia visualizar aquele desenho, e no tamanho que estava não ficaria legal. — Tenley, não dá para diminuir isso aqui e manter a integridade do desenho. Para ser sincero, seria impossível preservar todos os detalhes, mesmo com esse tamanho.

Eu estava bem frustrado. Queria tanto poder dizer a ela que eu daria um jeito.

— Tudo bem — respondeu Tenley, inabalada pelo meu diagnóstico. — Não quero menor.

Ergui a cabeça para encará-la na mesma hora.

— O quê?

— Quero que cubra as costas todas.

Era exatamente o que eu tinha imaginado, só que era radical demais para um novato.

— Mas você não tem nenhuma outra tatuagem.

— A gente já conversou sobre isso — disse ela, cautelosa.

Continuei pasmo. Algo muito sério devia ter acontecido para ela querer um desenho tão enorme e sombrio na pele.

— A maioria das pessoas começa com algo pequeno e vai evoluindo para uma tatuagem assim. Você não tem nem uma joaninha no dedo do pé e espera que eu tatue suas costas *inteiras*?

— Não *espero* que você faça nada. O que eu estou *impondo* é que você coloque esse desenho nas minhas costas. Não tenho vontade nenhuma de começar com uma tatuagem menor. Se você não topar, então eu vou pedir ao Chris ou ao Jamie. Ou isso, ou você me indica outra pessoa. — O tom de sua voz estava imperturbável enquanto ela examinava as próprias unhas, a postura ereta.

Eu não sabia ao certo como interpretá-la. Não tinha caído nessa de que ela iria procurar outra pessoa para fazer a tatuagem, mas não podia arriscar.

— Nem pensar. — Eu praticamente rosnei para ela. Como um cachorro. Fui um verdadeiro babaca.

— Por que não? Tenho certeza de que o Chris estaria mais do que disposto a me ajudar com isso. — Tenley olhou para Chris, que estava fingindo limpar a própria mesa enquanto entreouvia. — Não é, Chris?

— Claro, Tê, se o Stryker amarelar, eu assumo o projeto.

— Você nem viu o desenho — falei, o veneno pingando das minhas palavras. — E nem precisa mesmo, porque você não vai fazer.

Chris sorriu, como se eu tivesse provado que sua suspeita estava correta. Eu não ligava. Quebraria os dedos dele antes que encostassem em Tenley. Se alguém ia ter o privilégio de tatuá-la, seria eu.

— Desde quando você decide o que o Chris pode ou não fazer? Eu achava que vocês tinham uma parceria, não uma ditadura. Se você se recusar a trabalhar na minha tatuagem, ao menos seja gentil o suficiente para passar o serviço para outra pessoa igualmente qualificada — argumentou Tenley, com muita eloquência.

— Eu não disse que não ia fazer — respondi, debruçando-me na mesa, ainda mais agitado do que deveria.

— Então você vai me tatuar? — Tenley espelhou meu movimento, o rosto dela próximo ao meu, com uma tranquilidade calculada.

Eu não deveria concordar em fazer uma tatuagem de costas inteiras em uma garota que nunca tinha sido tatuada antes e que deixava meu pau latejando o tempo todo. Mas pensar em deixar outra pessoa tatuá-la me fazia querer socar alguma coisa. Especialmente Chris.

— Está bem — bufei.

— Ótimo!

O rosto dela se iluminou em um sorriso lindo, que impulsionou um desejo irracional de concordar com qualquer coisa que ela dissesse. Mas acabei sendo o idiota de sempre.

— Não vai sair barato — avisei.

— Tudo bem, dinheiro não é problema.

Isso era interessante. A mensalidade da Northwestern era absurda. Eu ouvia vários pirralhos reclamarem, ou se gabarem, se fosse o caso. Se dinheiro para fazer uma tatuagem não era problema, fiquei me perguntando por que ela arrumou um emprego de meio período.

— Deve levar umas vinte horas, mais ou menos. — Eu estava torcendo para que levasse mais tempo do que menos.

— Ok.

— Vamos ter que fazer várias sessões.

— Eu já imaginava. — Ela parecia ofendida.

Meu pau entendeu antes do meu cérebro que eu passaria horas sozinho em uma sala com uma Tenley sem blusa. Enquanto ela estivesse sob a minha agulha, eu teria horas ininterruptas para conhecê-la melhor que naqueles encontros rápidos e tensos. Se ela se sentisse à vontade comigo, talvez eu pudesse descobrir o que tinha acontecido que a fez querer algo tão insanamente sombrio. Eu não acreditei que estava tentando convencê-la a *não* fazer a tatuagem quando aquilo parecia ser um ótimo negócio para mim. Eu devia era prolongar o trabalho, se desse.

Parei de tentar dissuadi-la, mesmo que aquilo soasse como o cúmulo da falta de ética. Ela já estava decidida, caso contrário não falaria em procurar outros tatuadores nem suportaria meu comportamento

imbecil.

— Me dê alguns dias para traduzir o desenho em uma tatuagem, aí você diz se gostou do que eu fiz.

— Claro, quando você quer que eu venha de novo?

— No começo da semana que vem?

— Segunda? Ah, espera, você não costuma trabalhar nas segundas, né? Que tal terça?

Sorri. Ela sabia que eu não trabalhava nas segundas. Isso significava que ela conhecia os meus horários. Legal. Éramos dois malucos.

— Venho na segunda para você. O que acha de passar aqui depois do trabalho para a gente discutir os detalhes mais sutis?

— Você não precisa fazer isso.

— Eu sei.

— Posso esperar até terça.

— Sei que pode, mas eu só viria para você.

Ela brincou com a capa destroçada do caderno. Lá estava eu, fazendo outra vez, dizendo coisas que a deixavam desconfortável.

— Tudo bem.

Ela me olhou, contraindo os lábios como se estivesse contendo um sorriso. Como se eu fosse desistir se ela por acaso demonstrasse algum entusiasmo pelo fato de eu ter cedido.

— Ótimo. Vou fazer uma cópia disso aqui.

Corri até a copiadora.

Lisa sentou na minha cadeira.

— Vamos tomar um drinque aqui perto depois de fecharmos. Quer vir? — perguntou ela a Tenley.

Esperei tenso pela resposta dela. Eu estava indo bem ali, sem álcool no meu sistema para destruir meu autocontrole já limitado. Mas me levar para um bar com Tenley e adicionar álcool? Eu não podia me responsabilizar pelos meus atos. Ainda mais se algum outro otário pusesse as mãos nela.

— Tenho uns trabalhos para terminar. Quem sabe outra hora.

Eu podia estar errado, mas achei que ela ficou decepcionada. Apesar das minhas preocupações, eu também estava.

Depois de fazer a cópia, levei Tenley ao espelho triplo de corpo inteiro, onde os clientes podiam ver a arte finalizada de todos os ângulos possíveis. Para definir as medidas da tatuagem, eu precisaria medir as costas dela e retrabalhar o desenho conforme fosse necessário.

Tenley parou na frente do espelho, balançando sobre os calcanhares. Eu fiquei atrás dela, e o topo de sua cabeça estava a poucos centímetros do meu queixo. Ela encaixou os polegares no cós da calça, deixando à mostra uma pequena faixa de pele clara, e olhou por cima do ombro, aguardando instruções.

— Você pode olhar para a frente.

Toquei na bochecha dela com o nó dos dedos, encorajando-a a olhar para o próprio reflexo. Tenley piscou, surpresa, mas não se intimidou. Parecia que estávamos progredindo.

Substituí as mãos em seu quadril pelas minhas e resisti à tentação de deslizá-las debaixo da blusa e acariciar a pele macia. Ajustei sua posição de leve para lhe dar uma visão melhor das próprias costas e coloquei meus polegares na parte mais larga de seu quadril.

— É aqui que você quer que o desenho acabe?

— É. — A resposta dela foi um sussurro.

Hum. Interessante. Aquilo era um bom sinal. Eu gostava da possibilidade de que a atração fosse mútua, maior que o fascínio pelas minhas tatuagens.

Medi a parte inferior das costas de Tenley e anotei os números. Ao passar pela cintura e, depois, pelos ombros, tentei me manter o mais profissional possível. Não era fácil, mas o nervosismo e a agitação dela também não ajudavam. Para mim, era um mistério como esse constrangimento social podia ser tornado excitante.

— Beleza, tudo certo.

Quase dei um tapinha na bunda dela, mas parei antes de agir como um idiota.

— Obrigada por fazer isso por mim.

Ela disse isso com uma sinceridade triste. Como se tatuar sua pele virgem com um desenho enorme merecesse algum tipo de medalha.

— O prazer é todo meu.

Levei um susto quando Tenley colocou a mão no meu ombro e ficou na ponta dos pés para me dar um beijinho no maxilar, que era o máximo que conseguia alcançar. A vergonha fez com que suas bochechas corassem quando ela se afastou, como se tivesse agido sem pensar. Eu me identifiquei com isso; devia ser algo parecido com o que eu sentia em relação a ela.

— Até segunda.

Ela saiu do estúdio apressada e atravessou a rua, deixando o caderno de rascunho para trás. Fiquei imaginando se ela voltaria para buscá-lo antes do dia marcado. Torcia por isso. Esperei ela sumir entre os prédios antes de levar o caderno para minha mesa e mostrá-lo para o resto do pessoal.

Chris soltou um assobio baixo.

— Que pesado — disse Jamie.

— Pois é.

O desenho era de outro mundo. E eu não acreditava que tinha concordado em tatuá-lo. Pela tristeza dele, eu sabia que havia uma história que eu deveria conhecer.



# Tenley

Apesar da preocupação de Hayden com o tamanho da tatuagem, ele impediu com veemência que qualquer outra pessoa a fizesse. O sentimento de posse dele em relação ao serviço era tão confuso quanto fascinante, como tudo mais a respeito dele. Era melhor não ficar pensando muito no que isso significava.

Quando eu estava perto de Hayden, todas as partes do passado que eu queria deixar para trás desapareciam, mesmo que só por uns instantes. Mas aquilo ia muito além da atração física, que tinha se tornado impossível de ignorar. Ele entendia o conceito da arte corporal como expressão pessoal de um jeito que minha família e Connor não conseguiram. Era intenso de uma maneira que eu jamais tinha experimentado, e sua presença agia como um bálsamo que eu precisava e nem sabia. Com ele, eu me sentia segura para assumir as partes de mim que eu costumava negar por medo de ser julgada. Aquilo o tornava tanto fascinante quanto desconcertante.

Eu não conhecia a história de Hayden, mas as tatuagens que tinha visto em seu corpo e nos álbuns refletia um talento para unir delicadeza e intensidade. Queria aprender mais sobre o que inspirava a arte corporal dele nas minhas sessões, e teria bastante tempo para isso com uma tatuagem tão grande.

Eu havia passado os últimos nove meses cultivando a solidão, mas naquele momento eu queria contato, físico e emocional. Se Hayden aparecesse com uma adaptação com que nós dois concordássemos, eu conseguiria ambos. O calor do toque dele fazia eu me sentir conectada e viva. Era estranho e chocante, depois de tanto tempo de isolamento. Eu esperava que a tatuagem em si trouxesse uma catarse do tipo que eu ansiava.

Andei para lá e para cá no apartamento, folhee a nova versão da minha tese, mas não consegui me concentrar o suficiente para fazer as mudanças propostas pelo professor Calder. Deixei-a de lado e liguei a TV, mas não encontrei nada que captasse minha atenção. Tentei pensar em qualquer coisa além de Hayden, encontrar algo que ocupasse o vazio na minha cabeça. Mas era difícil, pois os outros únicos pensamentos tão constantes quanto aquele tatuador de olhos claros eram as coisas nas quais eu não queria pensar de jeito nenhum.

Segui a linha do piercing transversal na minha orelha com a ponta do dedo. Havia certo conforto naquela dorzinha chata. Era um eco vago e fraco da dor no meu peito. Hayden tinha razão quanto ao efeito da dor física como um escape para o sofrimento emocional. A picada inicial da agulha que atravessou a minha pele e a minha cartilagem me lembrou de que eu já tinha passado por coisas piores e sobrevivido. Até então. Imaginei que a tatuagem seria muito mais purificadora, uma impressão da dor na pele; uma válvula de escape para a agonia que eu carregava comigo.

O toque do celular me despertou da autoflagelação. Eu estava quase surtando. Respirei fundo uma vez, e outra, e outra, empurrando as emoções para dentro, trancando-as no fundo do cérebro. Olhei para a tela, mas o número aparecia como desconhecido.

— Alô?

— Olá, Tenley.

Enjoo foi a primeira resposta física, seguida de medo irracional.

— Trey.

— Não tive notícias suas. Suponho que você tenha recebido minha carta.

Trey não perdia tempo com preliminares, ia direto ao ponto. O fato de ele se referir ao calhamaço de documentos como uma carta era ridículo. Não havia por que discutir aquilo com ele. Na cabeça dele, era o caminho mais lógico a seguir, mesmo que fosse insensível e doloroso.

— Recebi.

— Então você assinou. Meu advogado precisa receber tudo em breve. No final da semana?

Dava para ouvir a condescendência dele sob a voz calma.

— Não exatamente.

— Por que a demora?

— Ando ocupada. Não tive tempo de olhar tudo.

Não podia dizer a verdade. Ele não ia entender por que eu não conseguia voltar a Arden Hills para lidar com aquilo. Todos os nossos pertences estavam naquela casa, metade deles ainda em caixas, esperando para serem desempacotados. Eu ainda não estava pronta para mexer nas coisas de Connor. As feridas eram muito recentes. Tinha acabado de encontrar meu chão; se fosse para lá, voltaria à estaca zero.

— Bom, reserve um tempo para isso, Tenley. Não tem por que prolongar mais essa questão.

— Vou tentar olhar esta semana.

— Você precisa se esforçar mais. Espero uma cópia assinada do documento na mesa do meu advogado no começo da semana que vem. A propriedade é minha por direito.

Ele estava perdendo a paciência comigo e eu não tinha nenhuma com ele.

— Não é o que diz o testamento.

— Cuidado com seu tom de voz — avisou Trey. — Não sei o que você pensa que está fazendo em Chicago, brincando de ser adulta. Nunca vou entender por que o Connor insistiu em apoiar as suas ambições tolas em uma faculdade de segunda linha. Conta para mim, em que mais você o manipulou, além disso e daquele casamento?

— Eu não manipulei o Connor. Ele me apoiava.

— Bom, ele não está mais aqui para defender você e eu não tenho a mesma tolerância que ele. Assine os papéis e os envie de volta para mim.

Uma batida na porta me salvou de dizer alguma coisa da qual eu me arrependeria. Abri, meio que esperando que Trey estivesse do outro lado, e quase caí em um choro de alívio quando vi que não era ele.

— Fala, vizinha, achei que você talvez quisesse tomar alguma coisa.

Sarah estava ali, em sua glória loura de pernas longas, segurando uma enorme garrafa de vinho tinto. O sorriso em seus lábios cheios de gloss se desfez quando ela assimilou minha expressão angustiada.

— Tenho que ir. Tenho visita — disse, desligando antes que Trey conseguisse dizer mais alguma coisa.

Quando o celular voltou a tocar quase imediatamente, eu o desliguei, sem vontade nenhuma de dar ao Trey mais uma oportunidade de me destruir.

— Você deve ser vidente — falei, dando um sorriso trêmulo para Sarah e abrindo caminho para ela entrar.

— Prefiro “intuitiva”. Você está bem?

— Sim, só uns problemas jurídicos.

— Quer conversar sobre isso?

— Na verdade, não.

— Ok. Mas se mudar de ideia sou toda ouvidos.

— Obrigada.

Ela passou por mim e colocou o vinho na bancada. Enquanto vasculhava a gaveta de talheres procurando o abridor que eu nunca tinha usado, ela analisou o que havia na minha sala.

— Você tem muitos livros — concluiu ela, passando as unhas pintadas pelas lombadas.

Sarah pegou um exemplar, passou os olhos pela capa e o guardou de volta na estante, então pegou outro.

— Eu gosto de ler — respondi, a título de explicação.

— Deu para perceber. — Ela abriu um sorriso irônico. — Então... Nada de namorado?

Fiz que não com a cabeça, puxei a rolha e servi duas taças de vinho.

— Namorada?

Aquilo chamou minha atenção.

— Ah, não. Por quê?

— Só por curiosidade. Nunca se sabe. — Ela franziu os lábios, pensativa, enquanto eu lhe entregava uma taça. — Pau amigo?

— Hein?

— Você sabe, um disque-foda. Alguém a quem recorrer quando seus amiguinhos movidos a pilha não dão conta do recado.

Fiquei feliz por não ter colocado vinho na boca ainda, senão teria espirrado tudo nela. Na mesma hora, Hayden veio à minha mente, mas eu não o queria como um lance casual. Preferi não comentar isso.

— Não. Não tem ninguém.

Sarah sentou no sofá, ainda reflexiva. Eu me larguei na outra ponta e segurei a taça com as duas mãos, esperando ela continuar.

— Mas você gostaria de ter? — perguntou ela.

— Tem coisas demais acontecendo na minha vida. Não quero adicionar o drama de um relacionamento à mistura.

— Mas então *existe* alguém por quem você está interessada — pressionou ela.

— Não é você, se é isso que está querendo saber — respondi, sarcástica, mudando o rumo da conversa para longe de Hayden. Meus sentimentos em relação a ele eram contraditórios demais para discutir. Especialmente depois da ligação de Trey.

— Não, não era isso, mas obrigada por me avisar.

— Foi você que perguntou se eu tinha namorada — argumentei, na defensiva. Eu não sabia se Sarah estava falando sério ou não.

— Me pareceu uma pergunta válida. — Ela tomou um gole de vinho para esconder um sorriso. Atirei um travesseiro nela, que se defendeu com o braço. — De toda forma, eu entendo você não querer mais

drama. Tem um cara que vai me visitar no trabalho o tempo todo e me chama para sair. É frustrante.

— Ele não faz o seu tipo?

— Não. Bom, na verdade, faz. Totalmente. Esse é o problema. Onde eu trabalho é... — Sarah fez uma careta e balançou a cabeça. — Enfim, ele tem uma reputação ruim, anda com uns caras barra-pesada. Ele sempre é legal comigo, mas o sinal de alerta está sempre piscando, sabe?

Eu sabia. Meu sinal de alerta trabalhava do outro lado da rua.

— Então fale para ele que você não está a fim.

— Eu falei, mas ele continua aparecendo. Uma hora ele desiste, acho.

— Pode ser.

Caímos em silêncio. O sorriso de Sarah se desfez e ela ficou enrolando um cacho de cabelo no dedo.

— Posso perguntar uma coisa?

— Claro.

— Lembra que você me disse que tem pesadelos?

Assenti.

— Você tem sempre?

— Por quê?

— Eu sei que a gente não se conhece tão bem assim, mas talvez você queira me contar sobre esses sonhos... — sugeriu ela, em um tom gentil e convidativo. Ao ver que não respondi de imediato, ela prosseguiu. — Só Deus sabe como eles devem ser terríveis para você gritar do jeito que grita enquanto dorme.

O clima na sala passou de leve a sério. Comecei a me sentir mal. A preocupação que eu tinha de ser ouvida havia se fundamentado. Minha vergonha era amenizada pelo alívio. Apesar da turbulência interna, eu queria contar para alguém, descarregar um pouco aquele fardo.

— Não tem problema. O que quer que seja, você pode se abrir — disse Sarah.

— Eu prefiro o outro assunto.

— Não quis me intrometer.

Suspirei fundo, sem saber se aquilo iria escancarar a ferida ou me dar um mínimo de paz. Queria que fosse a segunda opção, mas tinha medo da primeira. Os acontecimentos que me levaram até ali não podiam mais ser desfeitos. Até então, contá-los parecia ser mais torturante do que reconfortante. Mas as coisas tinham mudado. Eu tinha mudado. Ficar em Arden Hills logo após o acidente tinha sido difícil. Eu havia me fechado para me proteger. Dar voz ao meu sofrimento significava reconhecer minha realidade.

O choque da perda me manteve entorpecida por um tempo, o que foi ótimo. Parecia que eu estava submersa em uma piscina de um líquido grosso e viscoso, vendo tudo que acontecia lá debaixo da superfície. Nada era claro, nada parecia estar certo. Na verdade, eu quase não sentia nada. Vivia em um vazio perpétuo, esperando o torpor passar.

E agora eu estava sentada na minha sala de estar com uma pessoa que me ouvia berrar a plenos pulmões no meio da noite, e estava tentando decidir se deveria contar a ela o acontecimento que tinha mudado o rumo da minha vida. Eu queria remissão pelas minhas transgressões.

Em um momento de fraqueza, abri meu laptop. Mostrar seria mais fácil do que contar, e eu não conseguia mais manter aquilo em segredo. Precisava que alguém soubesse, e Sarah não seria uma

ameaça. Eu revelaria apenas o suficiente para que ela entendesse. Levou poucos segundos para que vários artigos relatando o acidente aparecessem na tela:

*Avião cai perto da Costa Oeste: apenas 13 sobreviventes*

Cliquei no link. A imagem granulada que acompanhava a reportagem ilustrava a devastação. O avião tinha franzido como um acordeão, de uma maneira quase caricatural. A destruição externa não tinha sido nada em comparação ao que acontecera na parte de dentro. Virei o monitor para Sarah e a curiosidade dela se transformou em horror. Quando seus olhos se encheram de lágrimas, eu desviei o olhar. Não conseguia suportar a pena dela.

Ela rolou a tela, uma das mãos na boca, a outra clicando furiosamente enquanto lia a notícia. No fim da página, havia um link para matérias relacionadas. Eu encostei o dedo na tela e ela parou em um título: *História de amor trágica por trás do acidente*. Não tirei os olhos da minha taça, incapaz de continuar a leitura.

Houve alguns minutos de silêncio enquanto ela lia o texto.

— Vocês estavam indo se casar?

— Eu não queria nenhuma algazarra, sabe? — Me lembrei do dia em que propus a ideia a Connor, forçando a barra para que ele aceitasse. Eu o tinha manipulado, como Trey disse. Era só colocar uma aliança no dedo; o local era o meio para um fim. — Para Connor, tanto fazia. Os pais dele ficaram felizes por viajar. Pareceu uma boa ideia, na época. — Minhas palavras foram tomadas pela amargura; a exaustão emocional pesava sobre mim. — Seria só para a família e os amigos mais próximos. Eu teria me contentado em ir até o cartório e assinar os papéis, mas nossas mães jamais aceitariam isso. Um casamento em outro lugar parecia ser a opção perfeita... Mais como férias em família do que qualquer outra coisa, na verdade. A gente se conhecia desde criança. Todos os nossos amigos se conheciam. Ficar com ele fazia sentido.

Eu sentia falta da simplicidade, da facilidade com que a vida andava quando o Connor estava nela. Aquilo desaparecera com ele. Não veio nada do alívio que eu esperava sentir ao contar o meu passado. Pelo contrário, eu me senti pior, omitindo o elemento mais vergonhoso da minha história: meu egoísmo.

— Um dos motores explodiu e o piloto não conseguiu recuperar o controle. Os únicos sobreviventes foram as pessoas que estavam na parte da frente do avião. Alguns tripulantes e poucos passageiros saíram vivos. Connor estava nos fundos, no banheiro, quando nós caímos. Eu estava sozinha.

Sarah parecia em choque.

— A gente podia ter feito uma cerimônia pequena em casa...

Fechei os olhos, temendo revelar os medos que me assolavam.

— Você sabe que não foi culpa sua, né? Não tinha como você saber o que ia acontecer.

A mão de Sarah pousou na minha.

Forcei um sorriso, me sentindo mal. *Era* minha culpa.

Quando ele me pediu em casamento, não pensei em dizer qualquer outra coisa que não fosse “sim”, apesar de ter algumas dúvidas. Ele era uma constante na minha vida e fomos tão próximos por tanto tempo que eu não concebia a possibilidade de uma mudança. Estava acomodada na segurança do amor do Connor, então quando passamos por uma fase ruim, pouco antes de ele me pedir em casamento, fiquei

com medo de ser sincera, porque não queria arriscar perdê-lo completamente. Se eu tivesse expressado minhas incertezas — quem sabe, esperado um tempo até que nós dois estivéssemos prontos —, talvez eu ainda tivesse minha família. Talvez o Connor ficasse magoado com a verdade, mas isso era o de menos. Minha falta de atitude fora egoísta e covarde. E meu medo de ficar sozinha tinha se concretizado do mesmo jeito.

— Deve ter sido horrível.

Não havia como aplacar o terror de despencar do céu, rodeada por pessoas apavoradas, caindo em espiral rumo à morte iminente. Só que eu não tinha morrido. Conteí a única verdade que podia:

— Eu sobrevivi.

Eu não tinha visto a minha vida passar diante dos meus olhos. Foi o casal do outro lado do corredor, apertando forte as mãos um do outro, que chamou minha atenção. O amor deles um pelo outro era tão transparente. À medida que o avião despencava, fui assolada por uma tristeza dolorosa, porque eu jamais saberia o que era aquilo. Mesmo que o Connor estivesse ao meu lado, no fundo eu estaria sozinha. Nunca tivemos aquele tipo de conexão e havia doído perceber isso no que eu considerava ser um dos meus últimos minutos de vida.

Contra todas as expectativas, eu sobrevivi e todos os outros se foram.

Fechei o laptop e fui para a cozinha pegar o vinho.

— À sobrevivência — disse Sarah, com tristeza, tinindo a taça na minha depois que eu as enchi. Ela virou tudo e reabasteceu logo em seguida. Eu a imitei.

*O ar estava azedo com o cheiro de combustível, tecido e plástico queimando, além de um outro odor estranhamente adocicado. Vomitei.*

*Uma dor aguda atravessou minha bacia e desceu pela minha perna, fazendo todo o meu corpo doer quando eu me mexia. Era impossível focar em qualquer coisa que não fosse a agonia física.*

*Virei a cabeça para o casal sentado do outro lado do corredor. Através da fumaça, eu via o subir e descer leve do peito do homem. Os compartimentos de bagagem de mão estavam escancarados; os pertences pessoais, espalhados por toda a cabine. As máscaras de oxigênio pendiam como vítimas de um suicídio em massa, balançadas com suavidade por uma brisa que não deveria existir em um espaço fechado.*

*O avião tinha caído. E eu estava viva. Precisava sair dali. Com dedos trêmulos e descoordenados, desafivelei o cinto de segurança. Meu corpo parecia de chumbo quando me icei do banco e tropecei sem jeito até o casal do outro lado do corredor. Minha perna direita não estava funcionando bem. A dor irradiava pelo meu corpo, roubando minha visão, mas eu precisava me mexer. A morte estava por toda parte.*

*Com cuidado, sacudi o ombro do homem. Ele gemeu antes de abrir os olhos e se virou para a mulher.*

— Muriel?

*Ela estava branca como papel, os olhos fechados, o peito parado. Ele passou um dedo pelo rosto dela.*

— Senhor, nós temos que sair do avião — falei baixinho, pegando no braço dele.

*Ele balançou a cabeça.*

— Vou ficar.

*Apesar de estar respirando, os olhos dele estavam mortos. Ele já era um fantasma.*

*Continuei, aos tropeços, e passei da segurança da primeira classe para o caos e a destruição do restante do avião. Havia tanto sangue. Senti ânsia de vômito por causa do cheiro de carne queimada e de vida recém-esvaída. Meu estômago revirou, e o que havia dentro dele foi ejetado para o corredor à minha frente. Eu não conseguia desviar o olhar daquela cena medonha; passageiros destroçados e presos entre as poltronas quebradas. Corpos estavam espalhados em uma desordem aleatória; braços e pernas dobrados em ângulos pouco naturais.*

*E então eu o vi, contorcido de uma forma impossível. Connor.*

*Eu ouvia minha própria respiração ficar mais rápida e curta junto com a aceleração do meu coração dilacerado. Não havia sinais de vida, nenhum pedido de ajuda, apenas o silêncio sinistro. Ajoelhei junto ao corpo inerte de Connor, esquecendo minha própria dor.*

*Ergui o braço que cobria a cabeça dele. Daí comecei a gritar, pois as maçãs do rosto pronunciadas e o sorriso largo não eram mais como eu lembrava. Metade do rosto de Connor tinha sido deformada.*

Acordei suando frio, gritando no travesseiro.

Contar a Sarah não tinha ajudado nem um pouco. Tinha aberto totalmente a ferida e, então, eu estava jorrando culpa e angústia sem ter a menor ideia de como estancar o sangramento.



# Hayden

A sexta-feira foi uma merda. Tive sessões uma atrás da outra o dia todo. Nate passou no estúdio com algumas ideias de tatuagem, mas eu não tive tempo suficiente entre os clientes para dar uma olhada com ele. Prometi que almoçaríamos juntos para pôr o papo em dia e começar a planejar a empreitada. Não tive nem cinco minutos para dar um pulo até o outro lado da rua, comprar a droga de um café e ver Tenley.

Acabou que passei o dia em uma fixação obsessiva. Não conseguia parar de pensar em Tenley e na tatuagem dela. Era um círculo vicioso. No começo, eu pensava nas alterações que já tinha feito no desenho, e depois considerava o posicionamento nas costas dela. Daí eu perdia o controle, porque começava a refletir como iria conseguir ficar perto de Tenley com os peitos de fora. Esse tipo de pensamento era um convite a imagens dela totalmente nua. Como eu disse, um círculo vicioso. Dei graças a Deus pelas cuecas boxer que mantinham tudo no lugar e as camisetas que disfarçavam.

Tenley já tinha subido para seu apartamento quando eu terminei com meu último cliente, então aceitei o convite do Jamie para tomar uma cerveja na casa dele. Eu precisava de um tempo para espairecer, e não estava a fim de clima de bar. Lisa tinha saído com as amigas e só voltaria mais tarde. Chris decidiu ir comigo e com Jamie em vez de engatar outra noitada para tentar se dar bem com a garçonete. Aparentemente, ele não tinha avançado muito desde a última vez em que fomos lá. Nem comentei nada, já que ainda havia bastante tensão entre a gente desde meu conflito com Damen e Sienna.

A casa de Jamie não era longe do estúdio, então eu entrei no carro dele com a intenção de voltar para casa a pé, depois. Chris nos seguiu em sua moto esportiva, o que deu a Jamie a chance de me pôr contra a parede.

— Chris me contou que você discutiu com o Damen.

— Ele mereceu. Damen sempre pressiona o Chris para fundir os estúdios, como se achasse que a decisão é do Chris.

— Quer conversar sobre isso?

— Não estou a fim.

— Qual é, Hayden? Chris acha que você está bravo com ele.

— Não estou.

— Tem certeza?

Eu tinha sido grosso com Chris, talvez um pouco menos paciente que o normal, mas não achava que tivesse sido tão ruim assim.

— Eu esbarrei com a Sienna na saída. Não foi muito bom.

— Bom, isso muda as coisas.

— Como assim?

— Parece que o Chris não lhe contou que a Sienna fez uma proposta para ele depois que você foi embora, né? — perguntou o Jamie.

— Tá de sacanagem?

Sienna podia brincar o quanto quisesse comigo, mas eu jamais deixaria que ela usasse o Chris para me atingir. Ele já tinha sido manipulado por ela antes e eu não ia deixar isso acontecer de novo.

— Que tipo de proposta?

— O de sempre.

— Por favor, diga que ele não mordeu a isca.

Chris já tinha tomado algumas decisões ruins no passado, mas eu não achava que ele cairia nessa. Não outra vez.

Jamie balançou a cabeça.

— Cara, o Chris ficou irritado. Acho que não estava esperando aquilo. Enfim, você sabe como ele é. Ele se estressa. Não fica bem quando acha que você está bravo com ele.

— Ele deveria ter contado.

Chris não costumava guardar segredos de mim, mesmo quando esperava que eu fosse ficar puto.

— Ele não contou porque não queria piorar as coisas.

— Mas eu não estou puto com ele — repeti, exasperado.

— Tudo bem, mas ele enfiou na cabeça que você está. Você conhece o Chris. Ele não vai ser ele mesmo até ter certeza de que tudo está numa boa entre vocês.

— Cacete. Se ter uma namorada for que nem lidar com o Chris, eu não estou a fim.

Jamie bufou.

— Essa é a maior merda que eu ouço sair da sua boca em um bom tempo.

— Pode provocar, não vou cair nessa.

— Tanto faz, cara. Já deu para entender. — Ele me deu um de seus sorrisos de sabe-tudo. — Enfim, o que eu estou falando é para você ser mais tranquilo com o Chris. Ele é da família.

— Saquei. Vou deixar pra lá.

Chris e eu tivemos umas fases difíceis, mas ele ainda era um dos meus amigos mais próximos. Quando não concordávamos em alguma coisa, ele ficava tenso. Eu não podia julgá-lo, já que eu mesmo já tinha tido feito algumas escolhas infelizes.

— Talvez agora ele consiga entender por que eu não quero mais nada com aquela gente. Sienna só fica feliz quando está causando confusão.

— E eu não sei? — concordou Jamie.

— A Lisa não está com nenhuma daquelas meninas hoje, né?

Aquilo seria uma receita para o desastre. Quando Lisa encontrava as meninas da Dollhouse, geralmente ficava péssima nos dias seguintes. Eu imaginava Sienna jogando verde para ver se Lisa liberava alguma informação, sobretudo depois da nossa discussão. Lisa podia ser leal a mim, mas Sienna era uma boa manipuladora.

— Não, graças a Deus. Ela saiu com umas meninas de uma daquelas aulas que ela faz.

— Ela e a Tenley parecem se dar bem. Talvez comecem a andar juntas — disse.

— Talvez. Quer conversar sobre isso? — perguntou Jamie ao entrar na garagem.

— Estou numa boa.

Saí do carro, encerrando a conversa provavelmente desastrosa.

Jamie e Lisa moravam em uma casa antiga de dois andares, com cerca branca de piquetes e jardins ornamentados. Como Lisa era a responsável pela paleta de cores, a varanda da frente era pintada de vermelho vivo com detalhes em preto. Todo o interior da casa também era a cara dela. A geladeira era uma daquelas peças vintage dos anos 1950, azul-clara, e os móveis pareciam ter sido roubados do set de filmagem de uma série dos anos 1960. Era como entrar em um túnel do tempo. Só que sem capas de plástico em tudo.

— Cerveja ou algo mais forte? — perguntou Jamie, enquanto atravessava a sala até a cozinha.

Ele não tirou os sapatos. Aquilo me fez tremer. Tirei os meus e os coloquei no tapete da porta, ao lado dos coturnos amarelos de Lisa.

— Pode ser cerveja.

Cruzei a sala, pegando o caminho mais longo para dar uma olhada na arte nova de Jamie. Ele sempre tinha um mural pintado na parede de cada cômodo do andar de baixo. A da sala de estar ostentava uma paisagem de uma estrada de terra ladeada de árvores volumosas. Ele ainda não tinha terminado a da sala de jantar, mas tudo indicava que seria um retrato em tamanho real de Lisa. Jamie me entregou uma cerveja quando entrei na cozinha.

— Valeu. — Tomei um gole. — Já volto.

— Beleza.

Ele não disse nada ao me ver passar reto pelo banheiro do primeiro andar. Sempre tinha um mural no banheiro de cima, o que era a desculpa perfeita para dar uma olhada no segundo andar. Eu me sentia melhor depois de confirmar que todos os cômodos da casa eram seguros. Um trauma de merda de quando meus pais morreram. Acendi a luz do corredor e fui para o andar de cima. Os últimos degraus da escada rangeram e um calafrio percorreu minha coluna. Ao passar pelo escritório e pelos quartos, lembrei que Lisa tinha saído com as amigas. Todos os cômodos estavam relativamente arrumados, com exceção da suíte. As roupas de Lisa estavam espalhadas pela cama, como se ela tivesse demorado para decidir o que vestir aquela noite. Isso teria me deixado louco, mas não parecia que Jamie se incomodava.

Segui para o banheiro. Lá havia uma banheira vitoriana enorme. A pintura da parede dos fundos dava a sensação de que o banheiro estava submerso, com peixes coloridos nadando em direção ao teto. O piso branco estava impecável, mas as toalhas de mão pretas e azul-escuras estavam jogadas de qualquer jeito no suporte. Ajeitei-as para que ficassem paralelas. Quando terminei de admirar a arte, desliguei todas as luzes, menos a do corredor, e voltei para a cozinha com a cerveja na mão. Chris havia chegado enquanto eu estava lá em cima. Ele tinha quase acabado a primeira cerveja, e a segunda já o esperava na bancada.

— Tudo bem, cara? — perguntou Jamie.

— Aham.

Bati minha garrafa na do Chris para cumprimentá-lo.

Fomos para o porão. As paredes eram cobertas por pôsteres de filmes antigos e havia um conjunto de poltronas reclináveis dispostas em torno de uma TV de tela plana gigantesca. Do outro lado, havia uma mesa de bilhar e um alvo de dardos. O espaço era perfeito para tomar cerveja e ver filmes de ação. Chris alinhou as bolas e eu passei giz em um taco.

— Então, qual é a sua com a Tê? — perguntou ele, enquanto removia o triângulo e eu me preparava para dar a primeira tacada.

Eu ficava irritado pra caramba com o fato de ele ter criado um apelido para Tenley. Engoli a raiva e banquei o desentendido.

— Está falando da tatuagem?

— Acho que sim. Você está a fim dela e acabou concordando em fazer aquele desenho enorme nas costas dela, então não pode partir para cima. Isso deve estar deixando você maluco.

— Eu consigo me virar.

Mirei a bola branca, que acertou as outras com um estalo, espalhando-as pela mesa. Uma bola listrada caiu na caçapa do canto.

— Se você insiste... — respondeu Chris. — Mas eu aposto meu saco que você não consegue chegar até o final dessa tatuagem sem comer a garota.

— Ela não é uma qualquer que eu só quero foder.

Fiz a bola branca pular e Chris a pegou antes que acertasse o chão.

— Ei, relaxa. — Ele colocou a bola de volta na mesa. — Não foi isso que eu quis dizer. A Tê é uma garota legal. Você estar a fim dela não é uma coisa ruim.

— Ela é diferente.

— Eu sei. Desculpe. — Chris deu a volta na mesa e me deu um tapinha no ombro. O pedido de desculpas ia bem além do comentário sobre Tenley. — Agora tenta a tacada de novo.

Ele mudou de assunto, mas isso não quis dizer que eu consegui parar de pensar nela.

Era quase uma da manhã quando Lisa voltou para casa. Chris estava bêbado demais para pegar a moto, então foi para o quarto de visitas. Eu não estava cansado e costumava evitar dormir em qualquer lugar que não fosse a minha cama, então fui para casa a pé, como tinha planejado. Além disso, o desenho de Tenley estava na minha mesa, me esperando para ser terminado.

Já no apartamento, acendi a luz do corredor, tirei o casaco e o coturno. Por força do hábito, pendurei a jaqueta e alinhei os sapatos direitinho dentro do armário. A tensão apertava meu estômago enquanto eu caminhava pelo corredor. Chequei cada cômodo, ligando todas as luzes e deixando o quarto por último. A cama estava como eu havia deixado: o edredom cinza-azulado dobrado, os lençóis azul-marinhos esticados e presos no colchão, travesseiros recostados na cabeceira. A normalidade aliviou um pouco a minha ansiedade. Voltando pelo mesmo caminho, desliguei as luzes, exceto a da cozinha. Peguei um copo e uma garrafa de uísque no armário e servi uma dose generosa. Virei. Enchi de novo. Repeti. Alguns dias, o toc fugia do controle; aquele era um deles.

Perambulei pelo apartamento mais uma vez para me certificar de que tudo estava nos conformes antes de trabalhar na tatuagem de Tenley. Com o uísque na mão, me sentei à mesa de desenho e peguei o original. Asas costumavam simbolizar liberdade, mas naquele desenho o fogo ardente e a destruição tornavam o voo doloroso. Como se ganhar a liberdade tivesse sido a causa de tanto sofrimento. No entanto, mesmo em meio à escuridão penetrante, ainda havia um toque de luz. Eu queria que houvesse um equilíbrio no desenho, porque, naquele momento, parecia que as trevas estavam ganhando. Eu sabia muito bem como era isso; a maioria das minhas tatuagens refletia o mesmo tema.

Eu ainda não estava bem com a ideia de colocar uma tatuagem tão grande nas costas dela sem sequer tentar persuadi-la a começar com algo menor. Peguei um pedaço de papel em branco e comecei a testar um outro desenho, que eu poderia usar como elemento de barganha quando ela aparecesse, na segunda.

Depois, fui trabalhar nas asas. Já estavam adaptadas à visão que eu tinha do desenho, então só faltava colorir.

Quando terminei, tirei uma xerox do desenho e elaborei um rascunho do contorno do corpo dela, incluindo um perfil de seu rosto, como se ela estivesse olhando para mim por cima do ombro. A curva estreita da cintura e o arco do quadril completavam a representação. Distraído e já sem condições de trabalhar, guardei os rascunhos na pasta dela. Já eram mais de três da manhã, mas eu ainda não estava cansado.

Em vez de ir para cama, fui para o chuveiro e bati uma debaixo da água quente. Aliviou um pouco a tensão, mas minhas bolas ainda doíam das ereções que iam e vinham todas as vezes que tinha pensado em Tenley naquele dia. Meu cérebro não conseguia se livrar dos pensamentos dela seminua depois que desenhei aquele esboço idiota.

Então eu me joguei na cama. De olhos fechados, todas as fantasias pervertidas que eu tinha imaginado nas últimas semanas se libertaram. Tenley no bar, no antiquário, na minha cadeira, na minha cama, pelada. Não demorou muito para que meu corpo se rendesse e eu começasse a gemer, cerrando os dentes. Ela era como um maldito tornado, virando tudo de pernas para o ar. O que quer que estivesse acontecendo comigo, era perturbador. Eu funcionava à base de autocontrole. Tudo só fazia sentido com ordem e constância. Mas não havia nada disso naquela situação.

Isso me lembrava vagamente dos tempos que se seguiram à morte dos meus pais, quando minha vida virou de cabeça para baixo. Sem conseguir lidar com aquilo, afundei no álcool e nas drogas. Os narcóticos eram a grande fuga. Damen era um excelente provedor, nesse sentido. Eu procurava alguma coisa que amenizasse a dor e acabasse com os pesadelos. Mas o conforto era curto. Mesmo quando comecei as modificações corporais — primeiro os piercings e depois as tatuagens —, o alívio da dor nunca era suficiente.

O vórtice para baixo continuou, sem parar. Aos vinte, adquiri um hábito que logo se tornou problemático: cocaína. Só larguei quando saí do estúdio de Damen e abri o Inked Armor. Estar chapado o tempo todo não era uma boa maneira de administrar um negócio. Chris e Jamie aturaram muita merda enquanto eu ajeitava a minha vida. Nessa época, troquei um vício por outro. Sienna me ofereceu um novo escape; sexo sem limites. A cocaína tinha sido ruim, mas a Sienna era pior. Acabei largando esse vício também. Levou quase quatro anos.

Em meio ao caos, encontrei uma maneira de lidar com a dor. A organização tinha um efeito calmante. Havia paz na perfeição. O controle absoluto sobre tudo na minha vida, da arrumação do meu apartamento às pessoas com quem eu escolhia me relacionar, tornava a vida tolerável. Houve dias em que o isolamento foi difícil demais de suportar, mas valeu a pena. Eu controlava quem se aproximava de mim e quanto. Mas isso não estava funcionando com Tenley. Ela era a nova variável, desafiando todos os meus limites. Não importava quanto eu controlava o meu ambiente, não conseguia conter a tempestade dentro de mim.



## Tenley

No sábado, Hayden apareceu lá na loja com a barba por fazer e todo descabelado, mais lindo do que qualquer homem coberto de tatuagens e piercings tinha o direito de ser. O cabelo dele estava uma bagunça insana. Ele tentou ajeitá-lo com os dedos, o que não ajudou em nada a fazê-lo se comportar.

Ele deu a volta na mesa para espiar por cima do meu ombro a pilha de livros que eu estava catalogando. Os títulos eram perfeitamente visíveis de onde ele estava antes.

— Sonhei com você ontem à noite — disse ele casualmente, fazendo meus braços se arrepiarem.

— Sério?

— Aham. Sério.

A voz dele era um veludo macio.

— Vai me contar como foi? — perguntei, parecendo vergonhosamente sem ar.

Ele se aproximou e eu senti o calor de sua respiração acariciando meu pescoço.

— Não sei se você aguentaria.

Engoli em seco quando os lábios dele encostaram na minha bochecha. Eu não era tão boa naquele jogo quanto ele. Ele era um sedutor perigoso e minha experiência era limitada.

Ele riu e passou a ponta do dedo pela minha orelha.

— Gosto quando você prende o cabelo. O transversal ficou sexy em você.

Não disse nada quando ele se afastou, porque eu não conseguia falar. Levei um minuto para me recuperar e, quando consegui, saí da mesa que me protegia e comecei a guardar os livros novos na estante, nas respectivas prateleiras. Fiquei perto da entrada para não perder nenhum cliente. Minha localização também dava uma boa vista do café onde Hayden estava pedindo bebidas.

Ao voltar pela loja, ele me viu, meio escondida entre as prateleiras, arrumando os livros.

Parecia bem satisfeito consigo mesmo quando murmurou alguma coisa sobre gatinhos ariscos e andou na minha direção. Colocou os cafés em uma das prateleiras e se apoiou nela.

— Me esqueci de falar, terminei seu desenho antes do que esperava. Podemos adiantar a sua sessão, se quiser.

— Amanhã?

— Depois do seu trabalho? — sugeriu ele.

— Com certeza.

— Vou encaixar você.

Dominada pela vontade de tocá-lo, dei um passo na direção dele. Mas perdi a coragem e olhei para o chão.

— Obrigada.

Eu estava tão perto; ele tinha cheiro de perfume e de materiais de desenho.

— Ei. — A mão dele se moveu na minha visão periférica. Seus dedos subiram pelo meu braço e deslizaram pela minha garganta até que chegaram ao meu rosto. Então ergueu minha cabeça e eu vi os olhos dele queimando com um desejo tão forte quanto o meu. Ele passou o polegar pelo meu lábio inferior. — Não precisa me agradecer. Meus motivos são totalmente egoístas.

Então virou meu rosto para o lado e me deu um beijo na bochecha, as argolas de aço duro contrastando com a maciez de seus lábios.

— Vejo você amanhã.

— Está bem.

Observei enquanto ele saía pela porta e atravessava a rua.

Depois que ele se foi, voltei para a mesa e me encolhi na cadeira. Meu caderno de rascunho estava no balcão. Eu tinha esquecido no Inked Armor na última vez em que estive lá. Estava com medo demais para ir lá buscá-lo. Em cima dele, havia uma caixinha branca. Dentro, uma trufa de chocolate em formato de cupcake.

No domingo de manhã, acordei no meu closet, onde havia dormido encolhida em meio aos álbuns de fotos e às caixas que eu ainda precisava abrir. Sonhei que estava sendo esmagada entre as poltronas do avião. Isso marcava uma nova recaída dos meus pesadelos. Pelo menos eu não havia gritado, já que tinha enfiado a mão na boca, mordendo tão forte a ponto de deixar marcas. Me livrei do restinho da ansiedade e me arrumei para o trabalho. Mais tarde, eu veria o meu desenho e o Hayden. Só isso já me ajudava a vencer o cansaço.

Saí do apartamento e fui para o Serendipity, reparando que a temperatura havia baixado. O beco que dava para a entrada da loja tinha virado um túnel de vento que jogava meu cabelo no rosto. Com cada expiração, uma nuvem de vapor pairava no ar antes de desaparecer, um lembrete fugaz de que já era outono e o inverno estava à espreita.

Cassie estava reorganizando os produtos na vitrine quando cheguei. Uma rajada de vento me seguiu enquanto eu fugia do frio. Ela colocou as mãos no quadril e me encarou enquanto eu tirava a jaqueta leve demais para aquele tempo, antes de entrar na vitrine com ela.

— Por que você está me olhando assim? — perguntei, repassando os procedimentos de fechamento da noite anterior. Tudo na lista tinha sido feito.

— Temos um problema — disse Cassie.

— Que tipo de problema?

— Por que tive que ouvir da Lisa que o Hayden concordou em tatuar você?

— Ah. — Expirei, aliviada. — Só isso. Você não estava aqui na quinta, quando ele concordou.

— Eu estava aqui na sexta — rebateu ela, ajeitando um jogo de jantar em uma mesa dobrável.

— Durante todos aqueles cinco minutos antes de seu amante gostosão passar aqui para buscar você. Como foram as suas miniférias?

Eu já tinha visto Nate, o marido dela, algumas vezes. Ele era um homem mais velho, bem atraente e bom de papo. Nenhuma dessas características era surpreendente, considerando a pessoa com quem ele se casou. Cassie era a pessoa mais autêntica que eu já havia conhecido. Com exceção da minha mãe. As duas tinham a mesma personalidade altruísta. Suas intenções sempre eram boas e seus motivos, puros.

Cassie ficou vermelha e gesticulou com a mão para disfarçar o quanto tinha ficado sem graça.

— Foi legal, mas isso não vem ao caso. — O fim de semana devia ter sido bem mais do que legal, a julgar pela cor das bochechas dela. — Então os cupcakes funcionaram?

— Ah, funcionaram, claro. Um pequeno aviso prévio teria sido bom. Se soubesse, eu teria usado uma armadura.

Ela sorriu maliciosamente.

— Eu disse que ele gostava de cupcakes.

— Que baita eufemismo, Cassie. Ele quase arrancou meus dedos com os dentes.

— O quê?

— Peça para ele contar a história. Eu gostaria de ouvir a versão dele. — Coloquei um arranjo de centro no meio da mesa. — Enfim, vou lá depois do trabalho para ver o que ele elaborou.

— Fico feliz. Ele parece ser marrento, mas é uma fofura debaixo de toda aquela pretensão.

Cassie tirou o relógio de pulso. Debaixo dele, havia uma tatuagem fininha em preto e azul-claro, letras se entrelaçando em floreios delicados.

— É linda — falei, passando os dedos pelas linhas de tinta. Ela não precisava dizer que era uma obra de Hayden, tinha a cara dele. — Eleanor?

— Minha irmã e mãe do Hayden.

Li as datas marcadas na pele dela.

— Ela faleceu?

— Sim. O Hayden era bem novo quando ela se foi.

— O que aconteceu?

Cassie recolocou o relógio; ele cobria a tatuagem inteira.

— Tenho certeza de que Hayden vai lhe contar em algum momento. Tem sido difícil para ele. Ele requer uma atenção especial.

— Todos precisamos disso, não?

— Ele mais do que os outros.

Talvez fosse daí que vinha nossa conexão: estávamos ligados pela dor da perda.

Não teve muito movimento à tarde, então Cassie fechou a loja mais cedo e eu fui para o Inked Armor um pouquinho antes das seis. Chris estava ocupado tatuando um homem de aparência assustadora, com braços de mamute e uma barba nojenta. Covinhas surgiram em seu rosto quando ele riu de algo que Chris disse, deixando-o menos pavoroso.

Não vi Hayden em lugar nenhum. Contudo, era difícil não notar Jamie. Ele não estava com os jeans e a camiseta de sempre. Os caras costumavam usar camisetas com o logo do Inked Armor, mas não naquele dia. Jamie estava usando uma calça cinza risca de giz um pouco baixa demais, que deixava aparecer a parte de baixo da barriga, onde o nome de Lisa estava tatuado. Essa visão estava comprometida por um colete preto fechado com um botão só. Havia várias outras tatuagens à mostra, mas a maioria estava parcialmente coberta. No braço direito havia uma versão pin-up de Lisa, com cabelo castanho-claro em vez de rosa.

— Oi, Tenley. — Jamie abriu um sorriso caloroso. — O Hayden está por aí, em algum lugar.

— Obrigada.

Ansiosa demais para sentar, fui olhar a parede de desenhos, tentando adivinhar os autores de cada um.

— Você chegou mais cedo do que eu esperava.

Hayden estava na mesa dele, a sombra de um sorriso nos lábios. Ele puxou a cadeira ao lado da dele e eu atravessei a sala, meu estômago revirando em uma mistura de apreensão e entusiasmo. Sentei.

— Então, o rascunho... — comecei, mas me distraí com seu olhar intenso.

Ele se recostou na cadeira e começou a girá-la, mãos entrelaçadas atrás da cabeça, exibindo bíceps definidos e antebraços firmes. Deu para ver mais tatuagens. O corpo do peixe espalhado na parte interna do braço. Água respingando com violência ao redor do rabo, dando a impressão de que o peixe estava nadando contra a correnteza. Uma bolinha prata surgiu por entre os lábios de Hayden, dançando para lá e para cá, batendo em uma das argolas.

— Minha proposta é a seguinte: eu mostro o que fiz se você concordar em fazer uma tatuagem menor antes.

— Nós já falamos sobre isso, eu sei o que quero — respondi, irritada.

Ele descruzou as mãos e descansou os antebraços nos joelhos, com os dedos tocando a minha coxa. Estava tão perto que eu sentia a energia que ele irradiava. Aquilo era uma estrada suja de óleo no meio do verão; as ondas de calor subindo do chão, formando uma névoa.

— Sim, você disse isso, mas existem alguns bons motivos para você fazer um desenho pequeno antes.

— Eu não...

Ele me cortou.

— ... quero uma coisa pequena. Eu sei. Mas a gente não sabe como você reage à tinta. Algumas pessoas têm problemas com o vermelho, e tem fogo no seu desenho. Se você tiver alguma reaçãozinha, vai ter que tomar anti-histamínico. Se tiver uma reação séria, vamos ter que mudar o esquema de cores. Também temos que descobrir qual a sua tolerância à dor.

Ele ergueu um dedo para me impedir de interrompê-lo. Minha tolerância à dor física era alta. Uma tatuagem não seria nada em comparação ao que eu tinha passado, mas fiquei quieta, sem querer compartilhar aquela informação com ele por enquanto.

— Se você me deixar fazer um teste, vou ter uma referência. Aí vou saber se você aguenta uma sessão de quatro horas. Mais importante, quero saber a velocidade de recuperação da sua pele. A maioria das tatuagens de várias sessões requer pelo menos duas semanas de recuperação entre elas. Um teste vai ajudar a determinar se poderemos trabalhar com esse cronograma. Acima de tudo, vai contra minha ética pessoal fazer uma tatuagem de costas inteiras em uma garota que não tem nem um desenhinho escondido debaixo das roupas. — Ele sorriu, parecendo satisfeito demais para o meu gosto, como se já tivesse vencido a discussão.

— Eu não fui muito honesta com você em relação à minha experiência com tatuagens.

— Como é?

O sorriso dele se desfez e um lampejo de raiva contraiu seu rosto. Eu não entendia por que minha confissão provocaria uma reação dessas. Devia ter tido o efeito oposto.

— Eu tenho uma tatuagem pequena — confessei.

— Onde?

— No quadril, mas não foi feita por um profissional — expliquei, depressa. — Fiz há alguns anos, no meu aniversário de dezoito anos.

Hayden ficou paralisado de um jeito esquisito. Aquilo me deixou nervosa.

— Quero ver.

Ele rolou a cadeira para trás, criando um espaço entre nós.

— Aqui? — perguntei, olhando para o resto do estúdio. Havia clientes por ali e a tatuagem era bem na parte de baixo do meu quadril.

— Prefere um lugar com mais privacidade?

Eu não entendia como ele conseguia transformar o que deveria ser uma oferta razoável de discrição em algo tão sensual.

— Acho melhor.

Sem se mexer, ele me encarou por um tempo antes de me levar a uma das salas privativas e fechar a porta.

— Então, vamos dar uma olhada.

Eu senti o rubor nas minhas bochechas ao abrir o botão da calça e abaixar o zíper. Desci o cós, feliz pela perspicácia de ter vestido uma calcinha bonita naquele dia. Meu sutiã combinava com ela, mas isso não vinha ao caso. Ele não ia vê-lo, de toda forma. Empurrei a calcinha para baixo, mas o coraçãozinho preto ainda estava encoberto. Constrangida, abaixei a calça um pouco mais, expondo, enfim, a tatuagem velha e malfeita.

Hayden se agachou na minha frente e ficou com os olhos na altura da tatuagem. Ele a analisou com cuidado e eu percebi como ela estava bem abaixo do quadril. Talvez a raiva de Connor tivesse mais a ver com a localização do que com a tatuagem.

— Quem foi que fez esta merda?

Ele passou o polegar pela tinta desbotada, franzindo a testa.

A tatuagem tinha doído na hora, mas, naquele momento, o toque de Hayden me conscientizava de outro tipo de ardência, concentrada entre as minhas coxas. Ela aumentava à medida que ele passava o dedo, para um lado e para o outro. Ele me olhou, esperando. Ah, é. Ele tinha feito uma pergunta.

— Um amigo. Foi idiota, mesmo. Ele fez no porão da casa dele.

— Ele *o quê*? — Hayden parecia furioso.

— Não é nada de mais — respondi.

O cabelo de Hayden não parava de cair por cima dos olhos, e ele ficava soprando para que saísse, soltando rajadas de ar. Todas as vezes, o cabelo voltava para onde estava, cobrindo o olho esquerdo. Passei os dedos pelas mechas desobedientes. Eram macias. Eu queria fazer aquilo de novo.

Uma das mãos dele estava no meu quadril, me segurando, enquanto a outra ainda estava tocando a minha tatuagem. Ele ficou paralisado. Tirei minha mão e o cabelo dele desabou para a frente, em sinal de rebeldia.

— Desculpe.

Ele se levantou com uma expressão feroz.

— Não se desculpe por tocar em mim.

Hayden estava perto, de um jeito quase invasivo. Havia tanto calor natural ocupando o espaço ao redor dele que era difícil respirar. Eu me sentia envolvida por ele, que era sempre tão retraído, vibrando uma energia reprimida. Imaginei que, quando ele a liberava, devia ser um acontecimento inesquecível.

— Desculpe. — Ele me olhou. — Por me desculpar. Não vai acontecer de novo.

Mordi o lábio por dentro para não sorrir.

Nos encaramos, uma transformação estranha acontecendo. Eu não sabia ao certo o que estava rolando entre nós, mas parecia que, fosse lá o que nossa tentativa de amizade estivesse se tornando, o processo não era reversível. Como uma reação química, não havia como voltar depois que o catalisador fosse adicionado.

— Posso consertar isto. Posso cobrir.

O polegar dele tocou a tatuagem de novo, lembrando-me de como ela estava próxima de lugares que eu não deveria estar fantasiando que Hayden tocasse.

— Não precisa.

— Ah, não fode. Essa tatuagem é uma piada. Vou tatuar você, mesmo, então por que não começar cobrindo esta aqui? — Ele deu um pequeno passo para trás. — E, só para você saber, isso aqui é o seu quadril. — Ele indicou um lugar uns dez centímetros para a direita, então arrastou o dedo até o coração. — E isso aqui fica a mais ou menos um centímetro do seu osso pélvico.

— Obrigada pela aula de anatomia.

Tentei ser sarcástica, mas soei obscena. Uma aula de anatomia de Hayden seria memorável, eu tinha certeza.

— Para você? A qualquer hora. — A seriedade dele era perigosa. — Agora, posso consertar essa merda de uma vez?

Minha hesitação durou pouco. Cobrir aquela tatuagem antiga poderia amenizar as lembranças ruins associadas a ela. Eu não teria mais aquele lembrete doloroso do desagrado de Connor.

— Ok, mas vai ter que ser agora, porque eu quero começar a tatuagem nas costas o mais rápido possível.

— Você acha que realmente pode mandar em mim? — Ele cruzou os braços como uma demonstração de dominância.

— Tem mais cupcakes no meu apartamento. Eu darei todos para você se consertar isso hoje.

— Está tentando me subornar?

— Estou conseguindo?

— Sim.

— Ótimo, então vamos lá.

Bati as palmas das mãos com um entusiasmo genuíno. Mesmo que fosse uma tatuagem pequena, Hayden me tocara por bastante tempo.

— O que você vai querer?

Hayden tinha mencionado uma joaninha na última vez. Isso me trazia lembranças da minha mãe, e nem sempre eram boas.

— Hum... Não sei. Talvez eu possa dar uma olhada nos seus álbuns.

— Tenho uma ideia melhor. — Ele ergueu um dedo e saiu da sala.

Quando voltou, trazia uma pasta com o meu nome escrito de maneira artística na frente. Tirou dela um papel repleto de pequenos desenhos. Havia várias flores em diversos tons de rosa, todas lindas. Mas o que me chamou atenção foi a adaptação do desenho de cupcake que ele tinha adorado quando eu lhe mostrei minha ideia de tatuagem.

— Quando é que eu vou ver o meu desenho? — perguntei, querendo uma garantia de que ele não me enrolaria para sempre.

— Assim que eu terminar de consertar aquele acidente doméstico.

Ele foi complacente demais. Mas também devia ter planejado tudo daquele jeito, me coagindo a fazer uma tatuagem menor para poder ver o desenho que eu queria.

Apontei um dedo para ele.

— Não pense que eu não sei o que você está fazendo.

— Não faço a menor ideia do que você está falando — respondeu ele, tentando parecer inocente.

— Ainda posso pedir para o Chris — ameacei, indo em direção à porta. Eu ficava irritada com o fato de Hayden tentar me manipular, e de que uma parte de mim gostava da manipulação.

Aquilo o fez cair em si.

— Calma lá, gatinha. — Ele entrelaçou os dedos nos meus e me puxou para perto dele, uma intimidade inesperada. Ele era tão contraditório: durão em um instante, sensível à beira da fragilidade no outro. — Preciso me certificar de que você está falando sério e aguenta o tranco. Você está pedindo uma tatuagem enorme. Em geral, existe uma história por trás de algo tão grande, mas não parece muito disposta a contar. — Como não disse nada, ele sorriu. — Quero ser a pessoa que vai desenhar isso em você. Então, se você me deixar consertar essa tatuagem que você já tem, vou me sentir melhor para tatuar suas costas.

— Que manipulador.

Minha ameaça de recorrer a Chris era um blefe. Eu queria que Hayden fizesse minha tatuagem tanto quanto ele mesmo parecia querer. Parte desse desejo vinha de sua habilidade de amenizar meu sofrimento apenas estando presente. Eu ansiava pelas horas de alívio que viriam da proximidade com ele. Queria uma chance de me sarar, de transferir o que estava dentro de mim para minha pele.

— E você fica linda quando está brava. Agora, abaixe a calça.

Ele deu um passo para trás e acenou em direção à minha virilha.

— Oi? — Fui ficando cada vez mais vermelha.

— A sua calça está atrapalhando. Não vou conseguir trabalhar em você assim.

— Você está brincando, né?

— Você quer uma tatuagem que cobre todas as costas. Isso significa que você vai ficar pelada da cintura para cima por umas vinte horas em uma sala fechada, só comigo. Vai dar chique para abaixar a calça por causa de um desenhinho no osso pélvico?

— Posso ficar de calcinha?

Ele ergueu uma sobrancelha e riu.

— Você não precisa *tirar* a calça, só preciso que ela fique abaixo do quadril para eu ter espaço para trabalhar. A não ser que você *queira* tirar. Não me oponho.

— Claro que não.

Como a calça era bem apertada, passá-la pelo quadril exigiu certo esforço, apesar de o botão estar aberto e o zíper, abaixado. Minha calcinha e metade da minha bunda estavam à mostra. Nunca estive tão envergonhada. Sentei na cadeira reclinável, torcendo para ter dado a Hayden espaço suficiente para trabalhar sem ter me exposto demais.

Ele me contornou em uma cadeira de rodinhas.

— Sugiro que você use roupas mais folgadas quando começarmos o desenho das costas. Cortes justos costumam dificultar um pouco as coisas.

— Vou pensar nisso.

Hayden segurou um sorriso enquanto eu o observava se preparar. Calçou luvas de látex, pegou uma lâmina, um borrifador com uma solução, alguns lencinhos, uma agulha nova em um pacote de celofane, a máquina de tatuar, as tintas e, por fim, o desenho.

— Tudo pronto? — perguntou.

Agarrei os braços da cadeira.

— Manda ver.

Hayden passou um dedo na tatuagem velha antes de borrifar o líquido na minha pele. Então limpou com um lençinho e removeu o protetor plástico da lâmina.

— Você vai ter que fazer isso nas minhas costas? — perguntei, enquanto ele passava a lâmina na região.

— Não, isso é só formalidade. — A cabeça dele estava baixada, a testa franzida em sinal de concentração. — É uma tatuagem pequena. Estou me certificando de que a região está lisinha, mas você, hum... — Ele pigarreou. O piercing da língua bateu no do lábio. — ... já cuidou disso para mim.

Ele abriu um sorriso sexy enquanto limpava a pele com um pano. Eu desviei o olhar, incapaz de lidar com aquele flerte estando tão exposta.

— Espera! Eu ainda não me decidi! — exclamei quando ele pegou o estêncil.

— Posso decidir por você.

Eu soube, sem precisar perguntar, qual ele escolheria.

— Você não acha que é um pouco infantil?

— Um cupcake bem aqui? — Ele passou o dedo pela tatuagem antiga. — Não. Não acho infantil. Acho sexy.

Quando ele falou daquele jeito, olhando para mim da maneira que olhou, foi difícil encontrar um motivo para discordar. Era a tatuagem que eu queria, a princípio. Ninguém mais podia me dizer “não”. Hayden esperou minha aprovação antes de passar a solução de novo, então colocou o estêncil na minha pele.

Ele removeu o decalque devagar e inspecionou o posicionamento. Satisfeito, me entregou um espelho e se virou para a mesa de trabalho. Então me mostrou a agulha envolta em celofane antes de abrir o pacotinho e acoplá-la à máquina. Hayden trabalhava com uma precisão hábil, passando de um procedimento a outro com eficiência. A sessão ia terminar bem antes do que eu gostaria.

— Pronta? — perguntou ele, levantando a cabeça para me olhar.

— Com certeza.

Eu tinha me jogado com tudo agora. A oportunidade de encobrir um dos muitos pontos de discordância entre Connor e eu era fascinante. A reação dele ao coraçãozinho preto tinha causado a primeira rachadura no nosso relacionamento. O cupcake ocultaria esse lembrete de que eu e ele talvez não combinássemos tanto quanto eu achava.

Hayden colocou uma música para tocar antes de começar, e as batidas completavam o som da máquina de tatuar. Ele pressionou a agulha molhada com tinta de leve contra minha pele. Não doeu tanto quanto da primeira vez. No começo, pinicou, mas logo a sensação se tornou algo entre uma irritação leve e o prazer. Ele era cauteloso; mantinha uma das mãos espalmada no meu baixo-ventre enquanto delineava as linhas do estêncil. Seu toque era gentil, uma contrapartida reconfortante às picadas da agulha.

— Tudo certo? — A ardência foi brevemente eclipsada pelo frescor do lenço quando Hayden limpou a tinta residual.

— Tudo, quase não dói.

O zumbido da máquina recomeçou alguns segundos depois e Hayden continuou tatuando. Ele puxou assunto sobre a faculdade, não deixando a conversa morrer enquanto contornava o desenho e o preenchia com cor. Conteí sobre o mestrado e a aula que eu estava ministrando. Evitei as perguntas que ele fez sobre meu orientador e o conteúdo da minha tese. Eu tinha enviado as correções para o professor Calder. Tudo que podia fazer era esperar que ele ficasse satisfeito. A outra alternativa era desanimadora demais para levar em consideração.

Bem antes do que eu gostaria, o zumbido parou. Hayden colocou a máquina de lado e passou o lenço pela tatuagem mais uma vez, examinando-a.

— Tudo pronto — disse ele com voz rouca, e pigarreou.

Hayden me deu a mão e eu levantei com a ajuda dele, aceitando avidamente o contato prolongado. Ele me levou até o espelho de corpo inteiro e, ainda de luvas, apoiou as mãos no meu quadril, virando meu corpo até que a luz sobre a tatuagem estivesse certinha. Ninguém jamais adivinharia que aquilo era o remendo de um coração mal desenhado.

— Ficou perfeita.

— A tela ajuda — disse ele, e esperou eu acabar de analisar antes de fazer o curativo. Fiquei de pé e ele se sentou. Passou um lenço limpo sobre a tinta fresca pela última vez. Então aplicou um pouco de pomada na região antes de protegê-la com gaze e esparadrapo.

— Então... — Puxei minha calça para cima e a abotoei. — Posso ver o desenho?

A fachada profissional caiu. A mão de Hayden acariciou a parte de fora da minha coxa.

— Eu mostraria o que você quisesse agora mesmo.



# Hayden

Merda.

Não era para ter saído daquele jeito, como se fosse uma proposta. Mas, pelo amor de Deus, eu sou humano. Tinha passado a última hora tatuando um minicupcake bonitinho a não mais que cinco centímetros do lugar onde eu queria enfiar a cara. Eu estava muito ferrado. Jamais conseguiria passar vinte horas, ou até mais, em sessões com Tenley seminua na cadeira sem me render. Minha determinação tinha evaporado feito álcool naquela última hora.

O menor prazo que eu previa para fazer a tatuagem das costas era pouco mais de dois meses. Na melhor das hipóteses.

Protegido pela pasta de Tenley, acompanhei-a para fora da sala privativa e de volta à minha mesa. Se eu ficasse mais um segundo sozinho com ela, corria o risco de pôr em prática as coisas que estavam passando pela minha cabeça. Em especial as relacionadas ao que eu encontraria debaixo da calcinha dela. Tenley se sentou enquanto eu pegava o esboço. Passei um tempo absurdo trabalhando nele nos últimos dias. Dei mais profundidade às asas para enfatizar a iridescência e fazê-las parecer mais frágeis. Consegui preservar os detalhes do fogo usando apenas as cores mais vibrantes — um contraste forte com as asas destruídas. Esperei pela reação dela.

Tenley cobriu a boca com a mão e piscou várias vezes. Quando soltou a respiração, tremeu. As linhas delicadas de seu rosto se transformaram em algo estranho, desprovido de qualquer emoção. Ela havia odiado.

— Fiz outras opções — disse, pronto para arquivar o esboço e pegar outro. Tinha outras três versões.

Tenley colocou a mão sobre a minha.

— Está perfeito. Melhor do que eu imaginava. — A angústia marcava suas palavras como dentes afiados. — Quando a gente pode começar?

O que quer que tivesse acontecido com ela devia ter sido muito ruim, porque Tenley estava pronta, mais do que eu supus, para tatuar aquele desenho na pele.

— Quero ver como a nova tatuagem cicatriza. Aí eu vou ter uma ideia melhor do intervalo entre as sessões.

Eu tinha certeza de que, se eu dissesse que começaria naquela mesma hora e trabalharia por vinte horas seguidas desde que tivesse um soro intravenoso de café, ela concordaria.

— Isso quer dizer que eu vou ter que esperar duas semanas?

Ela retraiu a mão e começou a morder uma das unhas já bastante roídas. Elas não estavam tão ruins assim na semana anterior.

— Mais ou menos isso. Seja como for, não vou desistir, se essa é a sua preocupação.

— Promete? — sussurrou Tenley.

— Olha, vou checar a tatuagem nova em um ou dois dias para ver como está cicatrizando — garanti.

— Se o progresso for bom, podemos tentar agendar uma sessão para daqui a, tipo, uma semana e meia?

— Você pode checar dia sim, dia não? — perguntou ela.

— Claro. Todos os dias em que você for trabalhar, se quiser — respondi, quase me arrependendo. Eu veria a calcinha de Tenley vezes demais nos meses seguintes.

— Ok.

Aquilo pareceu acalmá-la. Tenley passou o dedo nos contornos do desenho enquanto eu folheava a agenda, procurando um bom horário para encaixá-la. Lisa apareceu do nada, espiando por cima do meu ombro.

— Você tem um horário livre na terça à noite — sugeriu ela.

— Isso mal dá uma semana.

— Talvez Tenley cicatrize rápido — encorajou ela, com um sorriso sereno. Não me convenceu. — Também tem uma janela na quinta à noite, se você achar melhor — avisou. — Vou colocar na agenda principal. Se ainda não tiver cicatrizado tão bem quanto você gostaria, pode adiar a sessão.

— Por mim, pode ser — respondeu Tenley, esperançosa.

— Está bem — cedi, porque não queria decepcioná-la. — Mas se não estiver bom, vamos mudar a data.

— Faz sentido. — Tenley pegou o cartãozinho com a data da sessão e o enfiou no bolso de trás. Então deu um tapinha no quadril. — Quanto devo por esta aqui?

— Não se preocupe. Foi nosso *test-drive*.

Eu fiquei mais do que feliz por dar a ela uma amostra grátis, considerando o tamanho do desenho que eu planejava tatuar nas costas dela. A oportunidade de cobrir uma tatuagem horrorosa e ainda ficar perto da Terra Prometida de Tenley era um pagamento excelente.

— Tem certeza?

— Total. Estou contente por você ter deixado testar.

Tenley abriu o sorriso tímido mais lindo do mundo. Como da última vez, ela se aproximou e me deu um beijo rápido no rosto.

— Obrigada, Hayden.

Não tive tempo de reagir porque Lisa a arrastou para a sala de piercings. Fiquei olhando enquanto elas entravam pela porta, irritado por Lisa ter roubado Tenley de mim. Outra vez. Jamie e Chris estavam sentados nas cadeiras da área de espera, me olhando com caras estúpidas.

— O que foi? — perguntei, mal-humorado.

— Você está muito fodido, sabe disso, né? — Chris riu.

— Do que você está falando? — É claro que eu sabia, mas não ia admitir.

— Regras são regras, meu irmão, ou você está pensando em abrir uma exceção para a Tenley?

Ele e Jamie trocaram olhares astutos. Eu não precisava e nem queria ser lembrado. Revirei os olhos e comecei a limpar minha mesa. Já tinha passado bastante das sete, bem depois do horário de fechamento de domingo. Eu tinha ficado lá dentro com Tenley mais de uma hora e meia.

— Vamos sair? — perguntou Chris, dirigindo-se a mim.

— Hoje, não.

Não estava no clima para bares nem para as piranhas que vinham de brinde. Aquele programa tinha ficado cada vez menos atraente no último ano, e estava pior nos últimos tempos.

Eu tinha um plano melhor, e ele envolvia Tenley. Eu a queria, não apenas na minha cadeira, mas na cama. E também não para uma vez só. De preferência, vezes ilimitadas, em várias posições, por tempo indefinido. Mas antes eu tinha que fazer a tatuagem nela. Talvez Chris pensasse que era por causa daquela regra idiota. Em parte. Era muito mais porque ela parecia muito fragilizada e por quanto ela lutava contra o que parecia ser uma atração mútua. Toda vez que eu fazia um pequeno progresso, ela recuava e se fechava de novo. Paciência era fundamental. Não tinha sobrado muita, mas eu podia tentar me esforçar.

Poucos minutos depois, Tenley e Lisa saíram da sala de piercings. Lisa parecia satisfeita e Tenley, desconcertada. Ela evitou contato visual comigo, provando minha teoria de ir com calma. Como conseguíamos ir de beijos no rosto a gatinha arisca tão depressa estava além da minha compreensão.

Jamie se levantou e se espreguiçou.

— Pronta, baby? — perguntou, com os braços abertos.

— Sempre.

Lisa se aproximou dele e passou a mão no peito à mostra. Eu não tinha sacado qual era a do Jamie com aquele colete, mas ele atraía bastante atenção. Boa parte vinha de Lisa. Às vezes, a alienação deles do resto do mundo me irritava. Aquele era um desses dias. Olhei para Tenley, que estava parada ao meu lado. Ela não parecia partilhar o meu desdém pelo afeto público deles. Na verdade, parecia aflita, quase melancólica.

— Preciso ir para casa — disse, mexendo na manga da camiseta.

Senti um impulso muito estranho de abraçá-la. Tentei me lembrar da última vez em que tinha abraçado alguém. E não aquele cumprimento masculino com tapinhas nas costas e batidas de ombro, mas um abraço de verdade. Minha mãe gostava de abraçar. Eu gostava daquele carinho quando era criança e passei a detestá-lo quando virei adolescente. Deve ter acontecido algum momento nos últimos sete anos em que abracei Lisa ou Cassie, mas não consegui me lembrar de nenhum caso específico. Na maior parte do tempo, eu não era carinhoso.

— Posso acompanhar você — ofereci.

Parecia apropriado e mais aceitável que *outras coisas* que eu queria fazer. Arrastá-la para a sala privativa enquanto Lisa e os caras não estivessem prestando atenção não ia dar certo.

— Eu moro do outro lado da rua.

— É, mas está tarde e você tem que passar por aquele beco entre as casas.

Apontei para fora da vitrine. Naquele momento, minha imaginação foi à loucura e criou várias cenas horríveis, todas elas terminavam com Tenley em uma poça de seu próprio sangue. Eu odiava como minha mente funcionava às vezes.

— Tenho spray de pimenta.

— Bom saber, mas isso não vai ajudar em nada se um cara com o dobro do seu tamanho atacar você por trás.

— Ninguém vai me atacar.

— Coisas ruins acontecem o tempo todo. — Eu não queria que uma simples gentileza de atravessar a rua com Tenley se transformasse em uma quase discussão. Dissolvi a tensão com um lembrete do que ela me devia. — Além disso, você me prometeu cupcakes e eu vou tê-los.

— É claro, como pude esquecer os cupcakes?

Ela vestiu a jaqueta. Meu impulso protetor me preocupou. Eu estava acostumado com pesadelos e pensamentos obsessivos que giravam em torno da natureza incontrolável da morte, mas nunca tinha projetado isso em outra pessoa. A fragilidade de Tenley me fazia querer protegê-la melhor de possíveis dores, hipotéticas ou não.

Abri a porta para ela e gritei por cima do ombro:

— Vejo vocês amanhã.

— Lembre-se da regra! — gritou Chris, quando a porta se fechou. Babaca.

Atravessamos a rua em silêncio, enquanto eu tentava pensar em qualquer assunto que não incluísse me convidar para o apartamento dela.

Tenley me poupou do constrangimento.

— Você se lembra da invasão de joaninhas?

— Da o quê?

— Foi como a praga dos sapos, só que de joaninhas. Eu não devia ter mais que uns treze anos. Um dia, voltei da escola e havia um enxame delas no jardim da minha mãe. Parecia que as flores estavam respirando e sangrando. Quando eu era criança, achava que as joaninhas eram tão raras e preciosas... Diziam que era sinal de boa sorte quando uma delas pousava em você.

— Tipo encontrar um trevo-de-quatro-folhas.

— Exato. Minha mãe me dizia para fazer um pedido, mas havia milhares de joaninhas, até dentro de casa. Elas deixaram de ser especiais e começaram a ser um incômodo. Me lembro de fazer faxina no meu quarto e encontrar joaninhas mortas em todo lugar. Parecia um cemitério de joaninhas... — ela perdeu o fio da meada.

— Sua mãe mora aqui perto? — perguntei. Era a primeira vez que Tenley mencionava a família, e eu queria saber mais.

— Ela... morreu em um acidente — respondeu Tenley, baixinho. Então começou a vasculhar a bolsa quando nos aproximamos da entrada dos fundos da loja.

— Caramba. Sinto muito.

Fiquei pensando se aquela perda representava, ao menos em parte, a razão para a tatuagem imensa, apesar de eu realmente duvidar que seria a única fonte de trauma por trás do desenho. Tudo era demais ali: muita escuridão, muita destruição, muita vida fora do alcance. Mesmo que houvesse algum sinal de cura, parecia que o fogo predominava, consumindo com mais rapidez do que a esperança conseguia reparar os danos.

Tenley estava tremendo; os olhos baixos. Eu percebi que tinha tocado na ferida dela. Precisava me lembrar de não forçar a barra, porque gatos assustados fogem e gatos bravos mostram as garras. É um equilíbrio precário. Nas sessões de tatuagem iminentes, eu teria tempo para desvendar seus segredos.

— Espere.

Ela ergueu uma das mãos pedindo que eu não me mexesse e se agachou na base da escada. Dei um passo em direção a ela, com medo de tê-la chateado, mas ela fez um aceno rápido com a cabeça e apoiou a bolsa carteiro no chão.

— Está tudo bem — arrulhou ela, fazendo leves ruídos com a língua no céu da boca.

Então eu vi o que tinha chamado a atenção de Tenley. Um gatinho branco e alaranjado com patas enormes tinha surgido do meio das sombras das latas de lixo e estava cheirando os dedos dela, desconfiado.

— O que você está fazendo aqui, gatinho?

Ela esperou pacientemente enquanto o filhote a cheirava. Como não fugiu, acariciou seu queixo e o bichinho se esfregou em sua mão, deixando Tenley pegá-lo no colo. Parecia novo demais para estar vagando pela rua, considerando o frio e o horário.

— Ela não tem nenhuma identificação. — Tenley a acomodou em seus braços e fez mais carinho na gatinha, passando o nariz na pelagem da cabeça.

Olhei para aquela pequenez. Quando tentei fazer um carinho, ela soltou um miadinho ridículo e deu uma patada na minha mão.

— O que tem de errado com as patas dela? — perguntei. Tinham mais ou menos o mesmo tamanho da cabeça.

Tenley inspecionou a pata que descansava sobre a mão dela. Passou os dedos com cuidado pela almofadinha, separando os dedos, e abriu um sorriso enorme. Era o sorriso mais autêntico que eu já havia visto nela.

— Ela é polidáctila.

— Desde quando os gatos são descendentes dos dinossauros?

Tenley riu.

— Quer dizer que tem dedos a mais. Esta garotinha parece ter polegares opositores — explicou, acariciando as patas gigantes da gata.

— Hum, bom, isso é estranho. — Observei Tenley demonstrar todo o seu amor por sua pequena alma gêmea peluda. — Acho que você devia levá-la para casa, né? Ela não vai sobreviver aqui fora.

Ela assentiu e apertou a bolinha listrada contra o peito. Eu peguei a bolsa do chão.

— Só vou ajudar você a levá-la para o apartamento, então.

— As chaves estão no bolso da frente.

Ela apontou para o zíper na aba da frente. Estendi a bolsa para Tenley, me sentindo constrangido enquanto ela tentava se equilibrar com a gata miando sem parar e escalando o ombro dela.

— Eu pego. — Enfiei minha mão na bolsa e encontrei as chaves.

Tenley apontou qual delas abria a porta dos fundos e eu a segui escada acima. No topo, tentei abrir a porta do apartamento, mas a fechadura não girava.

— É que trava, às vezes. Você pode segurá-la um pouquinho?

Coloquei minhas mãos embaixo das de Tenley e ela soltou seu novo bichinho bem devagar, para não machucá-lo. A gatinha mordiscou meu polegar e soltou um miado descontente enquanto batia com as garras pequeninas e afiadas na minha pele. A última vez que eu tinha segurado um gato fora na noite em que meus pais morreram.

— Está tudo bem, você está segura. — Acariciei a gata.

Tenley ficou mexendo na fechadura até que a porta enfim se abriu. Ela me conduziu para dentro do apartamento e trancou a porta. Dei uma olhada ao redor enquanto ela tirava os sapatos e pendurava a bolsa em um dos ganchos ao lado da porta. Os móveis eram uma mistura de antiguidades e aquelas coisas modernas típicas de apartamentos de estudantes. Nada combinava muito. Havia livros e papéis

espalhados por toda a mesa de centro e um cobertor no chão, perto do sofá. Eu queria arrumar a bagunça, então parei de olhar.

Na parede à minha direita, havia várias obras de arte. Pela aparência, deviam ser desenhos de Tenley. Embora a temática retratada não fosse consistente, o estilo dela era. Assim como o desenho da tatuagem era sobrenatural e incrivelmente complexo, esses também eram. Eu estava prestes a fazer um comentário quando percebi sobre o balcão da cozinha o pote com os cupcakes. Tirei os sapatos com os pés e fui direto até eles.

Segurando a gata apenas com uma das mãos, empurrei a tampa e, com cuidado, peguei um dos bolinhos, dando uma mordida enorme.

— Estão tão bons — murmurei, enquanto a gata esticava a cabeça e cheirava. Coloquei o resto na boca antes que ela desse uma lambida. Então enfiei o dedo na cobertura de outro cupcake e coloquei na frente da bichana. — Toma aqui, garota, experimenta. — Ela deu uma lambidinha de teste e depois foi com tudo.

Tenley colocou a mão no bolso de trás e pegou o celular. Então o ergueu e o flash disparou.

— O que você está fazendo? — Eu estava dando cobertura de bolo para um filhote; não era exatamente um retrato de masculinidade.

— Você está fofo.

— Fofo? — Fiquei pasmo. Ninguém nunca tinha me descrito como fofo; talvez quando eu era bebê, e até isso eu achava difícil.

— Sim. Fofo. Adorável, até.

— Acho melhor você retirar esse último comentário.

— Por quê? Você vai se recusar a fazer minha tatuagem?

Ela aproximou o celular do peito para protegê-lo e deu uma olhada para baixo tentando ver a foto.

— Pode ser que sim.

— Talvez eu deva mandar para a Lisa e ver o que ela acha. — Tenley começou a apertar botões.

Se Chris pegasse aquela foto, ficaria maluco. Provavelmente faria a porra de um pôster e penduraria na vitrine do estúdio. Ia ser um inferno.

— Você não faria isso.

— Pode ser que sim.

Larguei a gata no balcão e me aproximei de Tenley.

— Você realmente acha que é uma boa ideia?

Ela recuou, esbarrando nos armários de baixo, e seu sorriso petulante sumiu. Eu tinha certeza de que parecia puto de verdade. Ela tentou escapulir pelo lado, mas fiz o mesmo e a encurralei. A gata correu para uma caneca vazia ao lado da pia.

Tenley olhou para ela pelo canto do olho antes de focar de novo em mim. A vibração que costumava acompanhar contatos tão próximos tornou-se evidente em sua postura rígida. Eu estava prestes a recuar quando o comportamento dela mudou completamente. Era como se alguém ligasse um interruptor. Os olhos dela se fecharam por um instante, e, quando se abriram novamente, o desconforto tinha se dissipado, substituído por uma inquietação. Eu não sabia como interpretar aquilo, mas queria fazer alguma coisa a respeito.

— Você não me intimida — declarou ela, baixinho.

Aquilo era mentira, mas entrei no jogo.

— Não estou tentando fazer isso. Estou apenas sugerindo que você pense duas vezes antes de compartilhar aquela foto.

— Ou...?

— Vale a pena me provocar para descobrir?

— Você só ladra, não morde — desafiou ela.

Eu não conseguiria e não queria recuar naquela hora. Tirei o celular das mãos de Tenley e o deslizei sobre o balcão.

— Ah, é mesmo?

Sabia exatamente onde eu queria que aquilo acabasse. Não devia ter entrado. Devia ter entregado a gata para ela na porta, esperado no corredor pelos cupcakes e ido para casa. Aí eu mesmo podia dar um jeito no meu “problema” e ir para cama. Mas não fiz nada disso. Em vez disso, estava lá na cozinha de Tenley, com ela encurralada entre mim e o balcão, criando fantasias complexas sobre o que iria fazer o restante da noite. Foda-se a regra. Foda-se tudo.

Tenley inclinou a cabeça de leve, expondo a maciez de seu pescoço. Era um convite; eu não podia ignorar. Me aproximei, passei com o nariz pelo pescoço dela, minha boca logo atrás. Ela estava quente sob os meus lábios. Eu os abri para sentir o gosto dela, e então mordei com delicadeza, os dentes arranhando a pele.

— Viu? Eu morde — sussurrei em seu ouvido enquanto mordiscava a orelha.

Ela suspirou, um som que misturava alívio e desejo ardente. Eu ia apenas beijá-la. Era isso. Ao menos foi o que eu disse a mim mesmo quando mordisquei o caminho do maxilar até a boca. Segurando seu rosto, inclinei a cabeça dela ainda mais. Nada em seu comportamento parecia recusar o que eu estava prestes a fazer.

— Sou fofo agora? — Ela balançou a cabeça. — Adorável, até? — Roci meus lábios nos dela e eles se abriram, mais um convite. — Desculpe, não ouvi. — Puxei o lábio superior dela com a boca, passei a língua por ele e esperei.

— Não.

— Achei que não.

As mãos dela deslizaram pelas laterais do meu pescoço e pelos meus cabelos. Tenley me puxou mais para perto e esticou a cabeça. Comecei de forma lenta e curiosa, porque agora precisava me manter sob controle mais do que nunca. Sua boca era doce, e a língua aveludada veio encontrar a minha, provando, pedindo, provocando... Encontrando a bolinha de prata e explorando a sensação e a textura, enquanto eu fazia o mesmo.

Apesar do meu desejo de saborear aquele momento, os dedos de Tenley entrelaçados nos meus cabelos pressionavam tanto que chegava a doer. As unhas arranhavam minha cabeça enquanto ela tentava se aproximar ainda mais. Abandonando minha contenção já limitada, passei um braço em volta da cintura dela e aprofundi o beijo.

Ficar com Tenley tornaria as coisas mais difíceis. Nem mesmo esse pensamento trouxe motivação suficiente para eu parar. Ela era tão macia e tão quente, e seu gosto era bom pra cacete. Gemi quando a mão que não estava mais agarrando a minha nuca deslizou para as minhas costas e entrou debaixo da camiseta. O contato de pele com pele era o que eu tanto esperava. Eu a queria nua, deitada na superfície

mais próxima disponível. Não seria uma boa ideia, considerando que tínhamos pelo menos dois meses de sessões à nossa frente.

Peguei na bunda dela, apertando com força enquanto colocava Tenley no balcão e me posicionava entre as pernas dela. Ela largou meus cabelos, e as mãos foram em direção ao meu peito. Com o toque tímido, brincou com os piercings dos meus mamilos. O tesão venceu a lógica quando ela enlaçou minha cintura com as pernas, me puxando para perto. Então ela começou a movimentar o quadril, causando atrito com a ereção que estava prestes a explodir pelo zíper do meu jeans. Segurei a bunda dela com uma das mãos, já satisfeito por estar me esfregando nela, enquanto procurava a barra de sua blusa com a outra. O tecido se acumulou sobre o meu pulso até que tateei cetim e renda. Eu já tinha ido longe demais. Se ela tirasse alguma peça de roupa, eu não teria controle suficiente para prevenir o inevitável. Mesmo assim, uma espiadinha não machucaria ninguém. Parei de beijá-la e olhei para baixo.

O sutiã dela combinava com a calcinha; cinza com listras rosa e enfeitado com renda rosa-clara. Era sexy e feminino e eu queria arrancá-lo fora. Deslizei um dedo pela borda de renda.

— Cuidado — pediu ela, ofegante, segurando minha mão. — Eles ainda estão cicatrizando.

Levei um segundo para entender o que ela estava dizendo. Alguns dos novos piercings com que Lisa a enfeitava com tanta gentileza estavam debaixo do cetim do sutiã que eu queria rasgar.

— Puta merda — gemi. — Assim você vai me matar.

Afundi o dedo um pouco mais e toquei no piercing, fazendo o mamilo dela enrijecer. Tantas coisas que eu queria fazer e não podia. Ainda devia estar muito sensível. Tirei a mão e Tenley soltou um gemido frustrado.

— Mais algum? — Pontuei a pergunta com um movimento lento do meu quadril.

Uma das mãos dela se enfiou entre nós e ela apalpou minha ereção.

— Ainda não.

Achei que minha cabeça fosse explodir. Estava tudo meio embaçado. Quanto mais longe eu deixasse isso chegar, mais difícil seria voltar atrás na minha estupidez.

Continuei a beijá-la para nos distrair, desacelerando a urgência em uma tentativa de controlar o desejo devastador entre nós. Removi com cuidado a mão dela da fivela do meu cinto, entrelaçando nossos dedos. Ela soltou um suspiro frustrado e tentou se libertar.

— Calma, Tenley.

Belo trabalho sendo paciente e contido. Pensei que saber que Tenley sofria de alguma forma seria suficiente para me impedir de fazer alguma coisa tão estúpida assim. Parecia que eu estava errado. Mas não importava quanto eu queria transar com ela, minha consciência finalmente tinha alcançado os meus hormônios.

Pena isso não ter acontecido cinco minutos antes, antes de eu ter colocado a boca e as mãos nela. Eu a beijei uma última vez antes de recuar. Mas Tenley não estava interessada em ir com calma. Ela se aproximou de mim quando me afastei, tentando pegar na fivela do meu cinto mais uma vez.

— Temos que pegar leve — falei, tentando me acalmar, com a voz rouca.

— Você também quer — argumentou ela, mergulhando os dedos na minha calça e acariciando a cabeça do meu pau por cima da barreira fina da cueca.

— Ah, cacete. — Gemi. Contra a minha vontade, peguei a mão dela e a afastei, mais uma vez. — Não vou negar isso.

— Então por que você quer pegar leve? — zombou Tenley, mas parou de tentar se desvencilhar de mim.

Não soltei a mão dela dessa vez porque não confiava em sua cumplicidade.

— É complicado.

As pernas dela desabaram e ela me empurrou para longe.

— Você está com alguém.

Era uma acusação. Ela acreditava naquilo; eu percebia isso em seu olhar quente e furioso.

— Por acaso eu pareço o tipo de cara que tem namorada?

A hostilidade deu as caras, fazendo aquilo soar pior do que eu pretendia. Tenley se encolheu e puxou os joelhos para perto do peito, como uma barricada. Eu não podia julgá-la. Ela havia me deixado entrar em seu apartamento, eu tinha me jogado em cima dela e, depois, a rejeitei. Eu era mesmo um babaca.

— Puta merda — murmurei, frustrado por ter quebrado a única regra que eu já tentei seguir. Ainda mais sendo com alguém de quem eu realmente gostava e que queria conhecer. E, naquele momento, eu estava magoando Tenley.

Ela balançou a cabeça, abrindo um sorriso triste no canto da boca.

— Não. É claro que não. Para isso, você teria que deixar alguém lhe conhecer de verdade.

— O que você quer dizer com isso? — rebati. Não estava acostumado a ter alguém chamando a minha atenção.

— Nada. Esquece. Melhor você ir embora. Tenho trabalhos para corrigir e uma aula para dar amanhã de manhã.

Ela desceu do balcão e ajeitou a blusa. Eu estava bem em frente quando ela ergueu a cabeça. Seus olhos estavam marejados, nadando em uma dor tão profunda que eu imediatamente senti remorso por ter ficado aborrecido. Fui eu quem começou e terminou aquilo quando não deveria ter feito nenhum dos dois. Havia uma possibilidade grande de que ela tivesse me deixado comê-la no balcão. Eu não sabia como me sentia em relação àquilo. Em circunstâncias diferentes, eu não teria pensado duas vezes. Com Tenley, aquilo seria um problema. E não por causa de uma regra arbitrária. Ela não se encaixava na mesma categoria das mulheres com quem eu tinha ficado no passado. E eu nem queria que se encaixasse.

— Tenley, não é...

— Não, por favor — sussurrou ela, o lábio tremendo.

Um miado veio do balcão ao seu lado. Eu tinha me esquecido completamente da gatinha. Tenley a pegou no colo, desviando a atenção de mim.

Eu queria explicar, mas não pude. Ela não entenderia. Se ela soubesse tudo que havia debaixo da tinta e dos piercings, não iria querer ficar perto de mim.

— Quer que eu vá embora?

Eu queria ficar e consertar as coisas.

Tenley estava olhando para a gatinha e enfiando o nariz nos pelos dela quando me contornou, passando bem longe de mim.

— Acho que é melhor.

Ela segurou a porta aberta e encarou a parede enquanto esperava eu colocar os sapatos. Fui para o corredor.

— Me...

— Não se desculpe — interrompeu Tenley, com um sorriso vazio e muito amargo.

— Certo. Está bem. Mas vejo você na terça?

— Para quê?

— Para eu poder checar a sua tatuagem.

— Até mais, Hayden.

Ela fechou a porta sem me dar uma resposta de verdade, o que eu supunha ser uma resposta por si só.

Ouvi o clique de uma fechadura se trancando, seguido de uma batida leve enquanto eu começava a atravessar o corredor. Contudo, antes que eu me afastasse, um som baixo e melancólico veio do outro lado da porta.

Eu queria encontrar uma maneira de consertar o que havia estragado.



## Tenley

Eu estava morrendo de fome. E não era de comida. Privada de contato humano e físico, eu estava definhando. Até que Hayden me beijou. Aquilo mudou tudo. Era como ouvir que você não pode se servir no bufê e ganhar um aperitivo como prêmio de consolação. Eu não estava nem um pouco satisfeita. Queria mais dele.

Todas as matérias de sociologia que eu tinha cursado durante a faculdade me levaram à mesma conclusão: os seres humanos anseiam por vínculo emocional. O que eu não tinha percebido era como essa necessidade era profunda e como a pessoa certa podia fazer toda a diferença.

Nos últimos dez meses, todos os contatos reais que eu tinha foram prejudicados. Era como se pedaços do meu coração tivessem sido arrancados até ele se tornar um queijo suíço. Nos primeiros meses depois do acidente, eu não conseguia lidar com qualquer afeição. Depois que recebi alta do hospital e passei para os cuidados de Trey, ficou infinitamente pior. Ele era tão caloroso e meigo quanto um porco-espinho morto.

Todos os contatos físicos depois daquilo haviam sido limitados a abraços empáticos e incentivos dos médicos. Quando me mudei para Chicago, eles se reduziram aos ocasionais carinhos de Cassie. Eu podia contar nos dedos de uma das mãos quantas vezes aquilo tinha acontecido. Aí houve os inúmeros piercings que eu pedi para Lisa colocar em mim. Nenhum deles foi particularmente agradável, apesar de a dor não ser nada em comparação com o que eu já tinha sofrido.

Mas o pouco contato com Hayden, na forma de toques fugazes e beijos no rosto, tinha despertado sentimentos que suplantaram minha tentativa de isolamento e solidão. Depois de ficar por uma hora na cadeira de trabalho dele, com suas mãos em mim, mesmo sob o pretexto do distanciamento profissional, eu queria mais. Não percebia quanto estava faminta até aquela sessão de tatuagem.

Aquilo me tornou descuidada e impulsiva.

Eu não queria que tivesse acontecido, mas fazia muito tempo que eu não era tocada de outra maneira que não fosse como reconforto ou por intervenção médica. O toque de Hayden tanto me acalmava quanto me excitava. Eu estava cansada de lutar contra minha atração por ele. Então, tomei uma decisão ruim. Cedi a ela.

A última vez em que havia sido beijada foi quando Connor me disse que precisava usar o banheiro no avião. O da primeira classe estava ocupado, então ele foi para a classe econômica. Foi só um beijinho no rosto. Eu nunca mais o vi com vida.

Mesmo que o último beijo de Connor tivesse sido memorável, eu podia dizer com certeza absoluta que nenhum beijo dele se comparava ao que troquei com Hayden. Era como acionar uma bomba atômica de desejo. Fazia tudo desaparecer, menos ele.

Eu achava que entendia de atração física, mas quando eclodiu o desejo desenfreado inspirado pelo beijo de Hayden, comecei a perceber o quanto eu havia sido ingênua. Embora eu tivesse amado Connor e esse sentimento fosse eterno, ele não exercia sobre mim nem uma fração do encanto que Hayden provocava. Eu não sabia o que fazer com a necessidade incontrolável de querer mais.

Encarar Hayden depois daquela noite não seria agradável. Além da vergonha da rejeição, que eu esperava conseguir administrar, estava morrendo de medo de que ele reconsiderasse fazer minha tatuagem. Eu precisava que fosse ele. Algo nele também havia se quebrado, talvez não da mesma forma como em mim, mas ele entendia a perda. Ela estava refletida na arte que ele usava no corpo, em sua relutância em fazer o desenho em mim sem saber por que eu o queria. A tatuagem era minha absolvição, e eu confiava em Hayden para concretizá-la. Não se tratava apenas de arte corporal, contudo; fingir isso seria uma mentira. Eu queria o toque dele e a proximidade que vinha junto. Eu ansiava pela conexão que tinha encontrado com ele, mesmo que não devesse.

Lidei com a situação não lidando com ela. Fui levada pelo fluxo da rotina: levantei cedo, fui para a aula, trabalhei em mais revisões da tese para o idiota do meu orientador, dei aulas, corrigi trabalhos, fui trabalhar.

Esconder as coisas de Cassie era um desafio. Ela era perceptiva e maternal. Fazia com que eu quisesse contar tudo para ela, mas eu não podia. Sua proximidade com Hayden me deixava insegura.

Acima de tudo, fugi de Hayden. Eu estava envergonhada pela maneira como tinha me atirado nele. Apesar da rejeição, eu também tinha medo de fazer a mesma coisa de novo. Ele passou pela loja mais de uma vez na noite seguinte, e desapareci em todas as vezes. Uma hora, Cassie o mandou para o porão, onde eu estava catalogando novas aquisições. Eu me escondi dentro de um guarda-roupa antigo. Subi um tempo depois e encontrei Cassie organizando quinquilharias em uma prateleira.

— Algum motivo específico para você estar evitando o Hayden? — perguntou ela.

Ela não costumava ser tão direta. Cassie pegou uma das estatuetas frágeis e a limpou.

— Não estou evitando o Hayden.

— Sério? Ele já esteve aqui três vezes hoje, está impaciente e fica perguntando por você, mas parece que você some no segundo em que ele passa pela porta. Há vinte minutos, eu o mandei lá embaixo para lhe encontrar, e ele me disse que você não estava lá.

— É complicado.

Cassie riu e colocou a estatueta de volta na prateleira.

— Ah, minha querida, tudo que envolve o Hayden é complicado.

Suspirei.

— Estou plenamente ciente disso.

— Tem a ver com a tatuagem? — perguntou, com uma preocupação genuína.

— Sim e não. É uma das coisas.

Ao perceber que eu não ia fornecer mais nenhuma informação, Cassie suspirou.

— Não sei quem é pior. Acho que nunca conheci duas pessoas tão misteriosas na vida. Olha, o que quer que esteja acontecendo entre vocês, não é problema meu, mas vou ser sincera: nunca vi o Hayden tão envolvido com alguma coisa que não fosse a arte dele.

Eu não sabia o que responder àquilo.

Cassie deu um sorriso triste.

— Não vou fingir que conheço a sua história, Tenley, mas sei que Hayden carrega o passado aonde quer que vá, e esse é um fardo que ele não consegue largar. Seja paciente com ele. Qualquer que seja o problema entre vocês, está claro que ele quer resolver.

— Só preciso de um tempo para pôr a cabeça no lugar — disse.

— Certo. Quer que eu transmita esse recado?

— Se você acha que vai ajudar...

Na terça, Nate buscou Cassie mais cedo, então eu fiquei sozinha pelas poucas horas que faltavam para fechar. Hayden não apareceu, dando o tempo que pedi, mesmo que não soubesse se era isso mesmo o que eu queria. As horas até o encerramento das atividades pareciam intermináveis. Vigiei a porta, esperando que a paciência de Hayden se esgotasse. Não aconteceu. Eu via Jamie e Chris pela janela, trabalhando em clientes. Hayden e Lisa não pareciam estar em lugar algum.

Depois de trancar a loja, corri direto para casa e vesti o pijama para não sucumbir ao desejo de ir ao Inked Armor. A gata deu um miado sonolento quando joguei minha blusa e meu sutiã na cama e coloquei meu moletom preferido.

— Oi, bebê. — Fiz um pouco de carinho embaixo do queixo da gatinha, que começou a ronronar. — Seu dia foi bom? Está com fome? — Fui até a cozinha para pegar o leite. Aí tive uma ideia: peguei alguns artigos, marca-textos e uma caneta para trabalhar na tese enquanto ficava com ela no quarto. Parecia ser seu lugar preferido para dormir. Quando já tinha tomado bastante leite, a gatinha se aconchegou em mim, seu focinho molhado fazendo cócegas no meu pescoço. Eu me reclinei nos travesseiros, acariciando seu pelo macio enquanto lia e fazia anotações nas margens dos artigos.

Estava na última página quando uma batida na porta me assustou. Larguei o artigo na mesa de cabeceira, tampei a caneta e acomodei a gata na cama, onde eu a tinha encontrado, feliz porque Sarah tinha voltado cedo para casa. Ela sempre tinha uma resposta quando se tratava de homens, em geral acompanhada por uma dose de cinismo. Destranquei a fechadura, mas me esqueci da corrente em cima. Pela fresta da porta, não encontrei Sarah, mas Hayden, com um pack de cervejas e um pacote.

Eu não queria ficar feliz por vê-lo.

— Como você chegou aqui?

Ele balançou a chave e a enfiou no bolso.

— Conhecer a dona do prédio ajuda um pouco. — Ele passou um dedo pela corrente que barrava sua passagem. — Posso entrar?

Removi a corrente, mas fiquei no caminho, mantendo-o no corredor.

— O que foi?

— Você não vai me deixar entrar?

— Por que eu deveria? Para você me deixar com tesão e depois ir embora outra vez? — Eu não acreditava que tinha dito isso.

— Você estava com tesão? — perguntou ele, parecendo bem satisfeito.

Tentei fechar a porta, mas ele meteu o braço pela fresta.

— Desculpe! Desculpe! Só quero conversar.

— Da última vez, você só queria cupcakes.

Hayden segurou a porta.

— Por favor. Vamos lá, Tenley, eu prometo me comportar.

— Está bem. Tanto faz.

Minha raiva mascarou meu constrangimento quando lembrei como Hayden agia quando não se comportava. Eu não poderia evitá-lo para sempre. Não se ainda quisesse que ele fosse meu tatuador. Melhor lidar com a situação no meu território do que no dele. Contudo, a arte era secundária. Eu precisava de Hayden por perto mais do que da tatuagem. Não que eu fosse contar isso para ele. Abri a porta e me afastei para ele entrar.

— Belo visual. — Os olhos dele foram descendo e pararam abaixo dos meus joelhos. — Isso são polainas?

— Algo de errado com elas? — perguntei, nervosa por não ter mais a porta como uma barreira de segurança. Eu não fazia ideia de como lidar com aquilo.

— Nenhum, mas você provavelmente não precisaria delas se estivesse um pouco mais vestida.

Eu estava de short. As polainas cobriam minhas panturrilhas.

— Minha pele sem tinta incomoda você?

— Claro que não. Minha vida seria bem mais fácil se incomodasse.

— Por que você veio aqui? Só para avaliar minha escolha de roupas para dormir?

— É assim que você vai para cama?

— Por que isso seria do seu interesse?

Ele deu um tapa na cabeça.

— Ajuda com... Esquece. Trouxe algumas coisas para a AG e achei que a gente podia tomar uma cerveja, ou algo assim.

— AG?

— A Gatinha.

Ele passou por mim, colocou a cerveja no balcão e esvaziou o pacote. Havia biscoitinhos, leite para filhotes e um monte de brinquedos. Hayden organizou os brinquedos e as guloseimas em pilhas bem-arrumadas. Ele era atencioso, o que me frustrava mais ainda.

Dei a volta no balcão, de modo que ele ficasse entre nós. Eu precisava de distância.

— Você não precisava ter feito isso.

— Eu sei. — Ele deslizou uma cerveja pela bancada para mim. Peguei a garrafa, com relutância, e ele removeu a tampa. Entornei-a um pouco na boca, engoli e esperei.

— Você me evitou ontem.

Ele tinha razão. Não respondi.

— E não passou no estúdio hoje, como deveria.

— E você está surpreso porque...

— Não sei por que a Lisa pensou que eu conseguiria fazer isso. Não levo nenhum jeito para essa merda — disse Hayden, mais para si mesmo do que para mim. — Olha, eu deveria me sentir mal pelo que aconteceu na última vez em que estive aqui, mas não me sinto, e isso é um problema.

Aquilo *não* era o que eu esperava ouvir.

— Não estou entendendo.

Ele se mexeu, parecendo desconfortável.

— A gente tem essa regra no estúdio, e é praticamente a única que eu tento seguir na vida. “Não durma com as clientes.”

Eu não conseguia imaginar Hayden *dormindo* com alguém. Mas conseguia imaginá-lo fazendo outras coisas. Por dentro, eu estava dando piruetas com essa revelação. Pela forma como Hayden estava falando, ele parecia querer levar as coisas bem além do beijo. Estava parado exatamente no mesmo lugar daquela noite. Só que eu estava do lado errado do balcão, o que tornava a especulação impossível de confirmar.

— Pelo que eu sei, ficar não é a mesma coisa que dormir com alguém — rebati, mantendo uma expressão neutra.

— Desculpe. Me deixe esclarecer. Eu não faço sacanagem com as clientes.

— O que constitui fazer sacanagem com as clientes? — perguntei.

O lábio dele se contraiu.

— O que aconteceu aqui aquele dia constitui fazer sacanagem.

— Certo. — Tomei mais um gole. Eu estava forçando a barra com ele de propósito; porque estava magoada, porque queria mais e ele estava me dizendo com todas as letras que eu não poderia tê-lo. Minha tendência natural era de encontrar um jeito de contornar a situação. O que ele oferecia era muito mais do que apenas a tinta na minha pele e o consolo de seu toque. — Então, só para ter certeza de que eu entendi mesmo isso, beijar e passar a mão são partes de fazer sacanagem?

— Você pode parar de dizer isso?

— Dizer o quê?

— “Fazer sacanagem”.

— Por quê? Você se sente desconfortável? — perguntei.

— Não.

Eu jurava que estava ouvindo Hayden ranger os dentes. A hostilidade não estava ajudando. Eu entendia o problema de se envolver fisicamente com uma cliente, mas duvidava que Hayden visitasse outras clientes em casa ou comprasse brinquedos e guloseimas para os bichinhos delas. Ele era tão controlado que quebrar uma regra arbitrária por minha causa parecia significativo.

— Então qual é o problema? — perguntei.

— Nenhum. Esquece. Diga “fazer sacanagem” quantas vezes você quiser.

— Você poderia me explicar os parâmetros de “fazer sacanagem”? Só para eu saber.

O piercing na língua dele apareceu por entre os lábios e se moveu para lá e para cá. Hayden fazia muito isso quando estava perto de mim.

— Como você disse, beijar, passar a mão, tudo que acabaria com você pelada embaixo de mim.

Quase engasguei com a cerveja, mas me recuperei. Não queria que ele ficasse em vantagem.

— Saquei. Porque ficar pelada embaixo de você seria uma coisa ruim.

— Muito ruim — concordou Hayden. Ele não se atirou em mim por cima do balcão, mas parecia querer.

— E se eu não fosse sua cliente?

— Mas você é.

— Mas e se não fosse?

Hayden deu a volta no balcão e parou na minha frente.

— *Eu* sou o seu tatuador. Ninguém mais vai colocar aquele desenho em você.

— Um tanto possessivo.

As narinas dele se dilataram.

— Sim.

— Você é possessivo assim com todos os seus trabalhos?

— Não, só com o seu.

Aquela confissão me agradou.

— O que vai acontecer quando você acabar a tatuagem?

Os lábios de Hayden se curvaram em um sorriso malicioso.

— A regra não vai valer mais.

— E como é o nosso cronograma?

— Na melhor das hipóteses? Pelo menos dois meses.

Dois meses pareciam uma eternidade. Fiquei pensando se Hayden conseguiria seguir a própria regra por dois meses. Se *eu* conseguiria. Sobretudo com ele bem ali na minha frente, a um braço de distância, olhando para mim do jeito que estava olhando.

Apesar de a tatuagem garantir um pouco do que eu desejava da companhia dele, não seria o bastante. Não quando eu já tinha a lembrança daquela boca. Eu não queria ficar sem ela por tanto tempo. Não era só o contato físico, embora eu não quisesse admitir isso.

Aquele desejo nada familiar que ele incitava emergiu novamente, me dominando, suprimindo a razão e a lógica. Hayden me queria da mesma maneira que eu o queria. As atitudes dele até então e nossa discussão naquele momento provavam isso. Na minha antiga vida, talvez eu tivesse recuado. Mas já tinha passado tempo demais seguindo regras de que não gostava. Hayden mexia com a parte de mim que queria testar ao máximo os limites, sem me importar com as consequências.

— Só para você saber, acho a sua regra idiota.

— Você não acharia se soubesse por que ela foi criada. E nem pergunte, porque não vou contar.

Tive a impressão de que não queria mesmo saber. Hayden terminou a cerveja e abriu outra.

— Mais uma?

— Ainda tem. — Mostrei minha garrafa pela metade.

Ele pegou o que sobrou do pack e foi até a geladeira. Ao abrir a porta, ficou paralisado.

— Você não tem comida.

— Preciso fazer compras — falei, reforçando o óbvio.

— Tenley, se você não se alimentar direito, sua tatuagem vai levar mais tempo para cicatrizar e nós vamos ter que fazer um intervalo maior entre as sessões.

— Amanhã eu vou.

— Ou a gente pode ir agora.

— Como você deve ter percebido, não estou vestida para ir ao supermercado. Além disso, já passou das dez. Não tem nada aberto.

Hayden me olhou incrédulo.

— Estamos em Chicago. Tem lojas 24 horas em todo canto.

— Ah.

Em Arden Hills, as lojas funcionavam em horário comercial. Mesmo assim, eu não tinha nenhuma intenção de sair do apartamento aquela noite. Não depois da chegada de Hayden, e sobretudo não depois da nossa conversa.

— Você pode se trocar, a não ser que queira parecer que está fazendo testes para o elenco de *Flashdance*.

— Como você é engraçado. — Peguei alguns dos brinquedos que ele havia comprado. — Prefiro ficar aqui e brincar com a minha gatinha.

Deixei-o para trás e fui para o quarto.

— Ela está aqui — avisei, e desapareci pela porta.

A gata estava exatamente onde eu tinha deixado, enrolada no meu travesseiro. Enfiei o sutiã e a blusa que me esqueci de colocar no cesto embaixo de uma almofada quando Hayden chegou e se recostou no batente da porta para examinar meu quarto. Ele parecia desconfiado, como se não acreditasse no meu motivo para ter ido ali. Era esperto. Eu também não acreditava. A consciência nítida que a presença dele criava era difícil de ignorar. A única pessoa que tinha estado no meu quarto antes fora Sarah, e, por mais bonita que fosse, eu não tinha nenhum interesse em me deitar ali com ela. Larguei os brinquedos na cama e a gata ergueu a cabeça, piscando sonolentemente.

— Oi, fofura, o Hayden lhe trouxe uns presentinhos.

Cocei entre as orelhas dela e a gatinha se virou, me mostrando a barriga.

Toda animada, ela caiu do travesseiro e rolou por cima dos brinquedos. Pelos minutos seguintes, ela se divertiu no meu edredom, correndo atrás de bolinhas com sininhos dentro e dando patadas em ratinhos de mentira. Joguei um para Hayden, que ainda estava encostado no umbral da porta. O brinquedo bateu no peito dele e caiu no chão. A gata balançou a cabecinha, estimulou a distância e saltou, derrapando no piso de madeira. Hayden a pegou no colo e a aproximou do rosto, sussurrando algo que eu não consegui ouvir. Ele a deixou no chão com cuidado e chutou o rato que estava a seus pés para o corredor. Ela foi atrás, miando alto.

— Por que você não vem aqui para fora de novo? — Hayden acenou com a cabeça em direção à sala.

Antes de pensar no que estava fazendo, deslizei para fora da cama e engatei o polegar no cós do meu short.

— Não quer ver como o cupcake está cicatrizando antes?

Ele não respondeu de imediato. Em vez disso, olhou para a cadeira no canto do quarto, coberta de cachecóis e outros acessórios, e, depois, de volta para a cama.

— Posso fazer isso.

Hayden foi até a cômoda, onde apoiou a cerveja. Então me lançou um olhar predador enquanto se sentava na ponta do colchão e passava as mãos nas próprias coxas. Abri as pernas dele com o joelho e me posicionei entre elas. Suas mãos ficaram imóveis quando puxei o short para baixo, até o quadril; então hesitei. Tinha me esquecido da péssima escolha de calcinha daquele dia; era ridiculamente infantil. Era de algodão branco e tinha uma estampa de patas de gato e detalhes vermelhos nas costuras. Pelo menos eu não estava mais usando o sutiã que combinava.

— Mas que porra é essa. — Ele tirou minhas mãos do caminho.

Hayden assumiu o controle, abaixando o short e expondo toda a calcinha humilhante, mexendo furiosamente com o piercing da língua. Ele pigarreou e passou o dedão por debaixo do elástico,

abaixando-o até o pequeno pedaço de gaze.

— Você deveria ter tirado isso ontem.

— Desculpe. — Comecei a remover o esparadrapo, mas ele deu um tapa na minha mão.

— Não toque. Eu faço isso.

Ajeitando aos poucos, ele arriou a calcinha devagar até descobrir o curativo. Se abaixasse mais, Hayden veria mais do que a tatuagem. Então removeu a gaze com cuidado. Dobrando-a ao meio, ele a colocou sobre o edredom e contornou o desenho com o dedo. Eu queria que ele me tocasse mais, o desejo mais intenso agora que eu não podia tê-lo.

— Como está? — perguntei, a cabeça baixada. Meu cabelo caiu para a frente e acariciou a mão dele. Eu o levantei para não atrapalhar sua visão.

— Fantástica.

As mãos dele seguravam meu quadril, os polegares perigosamente perto do topo do meu osso pélvico. Era esse tipo de toque que eu desejava. Queria que os dedos dele deslizassem mais para baixo e eliminassem a dor, ao menos por um tempo.

— Está cicatrizando bem? Isso significa que podemos manter a sessão da semana que vem?

— Sim. — Ele passou a língua pelo lábio inferior e continuou a examinar a tatuagem.

Para quem se sentia obrigado a cumprir uma regra, Hayden não estava com pressa alguma de cobrir minha nova tatuagem. Na verdade, ele parecia inclinado a fazer o oposto.

O cabelo dele tinha caído no rosto de novo. Passei os dedos pelas mechas, tirando-as da testa. Por mais assustador que fosse, eu queria estar mais perto dele.

— Quanto àquela regra...

As mãos de Hayden congelaram.

— O que tem ela?

— Você pode me explicar de novo, só para confirmar?

Acompanhei as mechas de cabelo escuro deslizarem entre meus dedos, incapaz de olhar para Hayden para não perder o controle. Quando elas voltaram ao mesmo estado rebelde, passei os dedos por elas outra vez.

— Nada de sexo com as clientes.

— Enquanto você está trabalhando nelas?

— Isso.

— E se você ainda não tiver começado?

Nós ainda tínhamos uma semana antes de começar o desenho das costas. A possibilidade de saciar a fome voraz que eu tinha por Hayden era tentadora demais para não tentar ultrapassar o limite que ele queria impor.

— Você está procurando uma brecha? — Ele me apertou com mais força.

— Você quer uma? — Eu já sabia a resposta, mas queria que ele admitisse para que eu não ficasse sozinha no meu desejo.

Ele se tornaria proibido para mim rápido demais; isso me deixava louca por mais daquilo que eu sabia que ele podia me dar. Não queria ouvir que não podia ter a pessoa que eu desejava, não depois de não ter nada por tanto tempo.

— Não é uma boa ideia, Tenley.

— Isso não é uma resposta, Hayden.

Passei o dedo pelo lábio inferior dele. Hayden fechou os olhos. Achei que fosse me afastar, mas então seus ombros desabaram em sinal de derrota. Ele se curvou para a frente, apoiando a testa na parte de baixo do meu abdômen. Eu sentia cada respiração calculada que ele liberava, e meu corpo se aqueceu com a expectativa. Ele balançou a cabeça para um lado e para outro contra a minha barriga, o que contradizia a maneira como suas mãos se moviam para cima do meu quadril e para as minhas costas, mantendo-me próxima a ele. A barba por fazer roçou na minha pele quando ele ergueu a cabeça e seu queixo descansou abaixo do meu umbigo.

Toquei no rosto dele.

— Não tem problema em querer alguém — falei, tanto para mim quanto para Hayden.

— Quem você está tentando convencer?

Não precisei responder. Hayden abaixou a cabeça e pressionou os lábios contra minha pele. Sua mão desceu pela minha coluna até a bunda e apertou. Em um segundo eu estava em pé entre as pernas dele; no outro, estava deitada na cama.

Ele não perdeu tempo. Seu nariz roçou pouco acima da minha bacia e sua boca se abriu. A pressão quente e molhada da língua dele era um contraste forte com o calor penetrante do piercing. Ofeguei quando senti os dentes dele.

Hayden deslizou meu short pelas minhas coxas e o jogou do lado da cama.

— Isso. — Ele puxou e soltou o elástico da calcinha. — Como você espera que eu me controle se você usa isto?

— Não foi intencional — falei com a voz rouca.

— Que mentira deslavada. — Ele enganchou os mindinhos dos lados da calcinha e a removeu, devagar. — Você me atraiu até aqui.

— Lamento. — Era quase verdade.

— Você vai lamentar quando eu terminar.

Minha calcinha foi parar no chão com o short, me deixando nua da cintura para baixo. Comecei a fechar as pernas, mas as mãos do Hayden desceram pela parte interna das minhas coxas, afastando-as. Seguiu o mesmo caminho com a boca, os dentes raspando durante o percurso, me levando à beira da loucura e sem pressa alguma de chegar aonde eu o queria. Eu me contorci embaixo dele, sem timidez alguma enquanto me perdia naquelas sensações eróticas. Quando ele me olhou por entre as minhas pernas, seu sorriso era cruel, a língua preparada para lambe o centro. Mãos fortes deslizaram por baixo de mim. Ele me pressionou contra sua boca e aquela bolinha de aço traçou círculos na minha pele sensível. Eu tremi, ele riu maliciosamente e chupou forte.

Hayden diminuiu o ritmo quando eu estava quase chegando ao orgasmo, os dedos leves como plumas e a língua ligeiramente afastada do local onde seria mais eficiente. Quando a sensação delirante diminuiu, ele começou tudo outra vez, me levando ao limite de novo e de novo. Eu gemia, louca para me libertar.

— Você parece frustrada — disse Hayden, dando uma lambida preguiçosa.

Ergui o quadril em um apelo silencioso para que ele acabasse logo comigo, de um jeito ou de outro. Ele descansou o rosto na parte interna da minha coxa e enganchou os braços nas minhas pernas, mantendo-me parada. Era a agonia mais doce do mundo, algo que eu nunca havia experimentado antes. Aquela intimidade encobria todo o resto, menos ele.

— Desculpe. — Ele deu um beijo abaixo da tatuagem nova, admirando o próprio trabalho. — Não sei bem o que você quer.

— Por favor, Hayden. — Tirei o cabelo do rosto dele, bancando a boazinha.

— Por favor o quê?

Fiz um ruído impaciente no fundo da garganta e tentei fechar as pernas de novo, mas ele não deixou. Por mais sedutor e intenso que ele pudesse ser, Hayden estava se revelando um provocador. Aquilo era irritante e excitante.

— Só me diz o que você quer que eu faça, Tenley.

Olhei para ele, tão plácido e contido. Era incrível como conseguia manter aquela compostura enquanto eu estava perdendo a cabeça. Talvez estivesse tão louco quanto eu, mas conseguia disfarçar melhor. Como fui ingênua em pensar que estaria na vantagem.

— Eu quero que você me faça gozar agora — sussurrei.

— Com o quê?

Ele passou o polegar no meu clitóris. Me curvei com o toque.

— Com a boca.

— E depois?

— Depois quero você dentro de mim.

— Que parte de mim?

Ele circundou minha entrada com um dedo antes de deslizá-lo para dentro.

— Seu pau. — Aquilo saiu como um gemido quase ininteligível.

Deve ter sido o que ele queria ouvir, porque afundou a boca em mim quase no mesmo instante. Seus dedos se moviam com a mesma velocidade da língua, entrando e saindo, até que, enfim, me deram o alívio que eu tanto esperava.

Letal em sua beleza feroz, Hayden vagou pelo meu corpo, me beijando devagar pelo caminho. Peguei a barra da minha blusa, mas ele me impediu, decidido a tirá-la ele mesmo. Então levantou-a por cima da minha cabeça e parou. Não havia sutiã.

— Meu Deus, você é muito sexy. — Todos os vestígios de perigo se esvaíram quando ele segurou meus peitos e desenhou círculos delicados ao redor dos mamilos. — E isto aqui...

Ele curvou a cabeça, substituindo o dedo pelos lábios.

— Tudo bem? — perguntou ele.

Assenti sem falar nada enquanto ele me observava, testando minhas reações enquanto seus lábios se abriam, envolvendo a pele tesa. A bolinha suave em sua língua completou um circuito lento, batendo de leve no meu piercing. Aquilo quase me enlouqueceu.

— Você lamenta agora? — perguntou, chupando com o maior cuidado do mundo.

Gemi com o prazer-dor e balancei a cabeça.

— Não. Deveria?

— Depende. — Ele beijou todo o caminho até o outro seio para lhe dar a mesma atenção. Agarrei seus cabelos enquanto ele lambia meu mamilo e o assoprava. — Quer que eu pare?

— De jeito nenhum.

Era improvável que ele concordasse em fazer algo assim de novo. Eu duvidava que ele perdesse o controle com frequência. Abandonei o medo do que poderia acontecer depois daquilo e puxei a camiseta

dele por cima da cabeça, para poder vê-lo.

Cores vibrantes deram lugar a linhas pretas. Meus dedos deslizaram sobre a tinta. Os músculos do peito dele se contraíam enquanto ele se mantinha sobre mim, permitindo que eu tocasse a tela que era seu corpo. Agora eu podia ver o resto do desenho colorido no braço dele, o peixe alaranjado se debatendo contra uma correnteza repleta de flores, metade murcha, metade viva. Contornei os traços negros em seu peito e enfim entendi o desenho. Era uma fênix: as faixas largas de tinta atravessavam o corpo de Hayden e desciam pelo cóis do jeans. Eu poderia passar horas descobrindo as tatuagens dele, procurando significados nas obras que ele escolheu para cobrir o corpo.

— Você é lindo.

Ele balançou a cabeça e se acomodou entre as minhas pernas, a fivela gelada de seu cinto tocando a minha barriga. O peito dele ficou na altura do meu. O peso sólido de seu corpo me fixou no presente e me impediu de recair em memórias que eu não queria mais. Hayden era tudo o que existia naquele momento.

Ele segurou meu rosto entre as mãos, seu toque era suave; sua expressão, séria.

— Só dessa vez. Uma única vez. Depois, só quando a tatuagem estiver finalizada. É complicado demais.

Eu não entendia como as restrições tornariam as coisas menos difíceis, mas toparia qualquer coisa que ele sugerisse. Era melhor do que nada.

— Se é isso que você quer.

— O que eu quero? — Ele movimentou o quadril, sua ereção insistente contra mim. — O que eu quero é que você pare de ser tão reticente e me conte por que quer aquela porra de tatuagem enorme. — Hayden era tão sombrio quanto eu, mas não achei que aquele seria um bom momento para tocar no assunto. — O que eu *quero* é saber por que eu não consigo tirar você da cabeça. — Ele se sentou nos calcanhares, desafiou o cinto e abriu o botão da calça. — O que eu quero... — Ele a puxou para baixo, até o quadril; não estava usando cueca. — ... é entender por que eu não consigo me controlar perto de você.

A ereção dele ficou livre. Engoli em seco. Em minha experiência bastante limitada, eu nunca tinha visto algo tão impressionante. Fascinada, estiquei o braço e passei um dedo hesitante da base até a ponta, circulando a bola de aço grossa na cabeça. O pau dele se contraiu com o contato. Eu me apoiei nos cotovelos e peguei inteiro na mão. Hayden grunhiu algo sem sentido.

— Como se chama? — perguntei, quando percebi que o piercing atravessava toda a cabeça, de um lado a outro.

— O quê? — Hayden moveu o quadril para a frente.

— Esse tipo de piercing, como se chama?

— O nome original é *apadravya*.

Repeti, testando a pronúncia.

— Deve ter doído. — Circulei a bolinha com o polegar.

— Na hora, sim, mas agora é bom pra cacete.

Ele mexeu no jeans que havia tirado e puxou a carteira enquanto eu continuava a acariciá-lo. Então sacou um trio de pacotes quadrados dourados. Com os dentes, despreendeu um deles e o abriu. Então colocou a mão sobre a minha e, com delicadeza, afastou meus dedos. Não me ofereci para ajudar, entretida demais com a maneira como o látex se esticava sobre o piercing. Ele rolou a camisinha para baixo até o fim. Como se já tivesse feito aquilo antes. Muitas vezes.

Hayden deitou em mim, o quadril apoiado na minha bacia, o duro sobre o macio dessa vez.

— Última chance de desistir, Tenley.

Passei com meu pé pela perna dele, pressionando meu calcanhar contra sua bunda.

Sua boca veio ao encontro da minha. As argolas de aço pressionaram minha pele enquanto a língua dele passava pelos meus lábios, procurando avidamente a minha língua. Hayden escorregou uma das mãos entre nossos corpos e eu senti a cabeça grossa do pau dele passar pelo meu clitóris e descer até começar a me penetrar. Ele apoiou a testa no meu ombro e virou o rosto para meu pescoço. O piercing transversal começou a entrar, primeiro um lado, depois o outro. Ele deslizava em locais sensíveis dentro de mim. O fato de eu já ter gozado ou de Hayden ter tentado me preparar para ele não fez diferença; eu não estava pronta para um volume daqueles. Meu corpo se esticou todo para se adaptar a ele, e uma dor aguda indicou que eu estava preenchida além da minha capacidade. Meus joelhos apertaram o quadril dele.

Hayden ergueu a cabeça de repente.

— Tenley? — Dedos frenéticos alisavam meus cabelos. — Está tudo bem?

Assenti e segurei a nuca dele, querendo mantê-lo próximo.

— Espera só um segundo. É muita coisa para eu lidar.

Ele controlou a respiração, esperando até eu incentivá-lo a continuar. Igualei a minha à dele, relaxando enquanto ele empurrava pouco a pouco para dentro, até encostar no meu quadril. Ficamos assim por um tempo interminável. Eu me concentrei no cheiro da pele dele e na sensação de tê-lo dentro de mim, querendo que aquela conexão apagasse tudo o que havia antes. Ele anulava a dor, absorvendo-a e a mim. Hayden me beijou de novo, devagar e suave dessa vez, fazendo movimentos circulares com o quadril, ainda lá no fundo. A sensação era indescritível e arrebatadora, mas não era suficiente. Eu não queria que terminasse.

Hayden soltou um palavrão, o quadril se movendo para a frente e para trás.

— Eu não... Não consigo... Caralho, você é gostosa demais.

Quando me mexi debaixo dele, Hayden fez um som agoniado e seus músculos tremeram.

— Espera um pouco — pediu.

Aquilo era quase uma súplica. Desci a mão pelas costas dele e ele estremeceu.

— Puta merda. Deixa pra lá. Já era.

Os braços dele deslizaram para baixo das minhas costas e seus dedos envolveram os meus ombros, segurando-me com força contra ele. Suas investidas breves se tornavam cada vez mais irregulares. Com a boca no meu pescoço, os lábios entreabertos pressionados contra minha pele, ele me mordeu enquanto se mexia dentro de mim. O corpo de Hayden desabou e ele soltou um grunhido do fundo da garganta.

— Não esperava por isso — disse ele em tom de desculpas, beijando o lugar onde tinha usado os dentes.

Hayden se levantou com os braços e eu o abracei com mais força, enterrando minhas unhas na pele dele.

— Ainda não, por favor.

Ele se afastou um pouco, me olhando com uma expressão meio divertida e meio envergonhada. A mão dele se moveu entre os lençóis até que ouvi algo rasgando. Debruçando-se em um braço, ele separou os quadrados gêmeos e me entregou um.

— Você não acabou de...

— Não significa que eu tenha terminado.

O vazio repentino quando ele saiu de mim foi surpreendentemente desagradável. Hayden tirou a camisinha usada e a jogou no lixo. Eu abri a nova e a entreguei a ele, sem paciência para ajudar, ansiosa demais para tê-lo dentro de mim. Na segunda tentativa, ele conseguiu colocá-la.

Hayden passou a mão com delicadeza no meu quadril e na minha coxa, enganchando o braço sob o meu joelho esquerdo. Ao se inclinar de novo, ele me penetrou. Ambos gememos com a sensação quando ele ergueu minha perna para mudar o ângulo.

Eu ia fazer um comentário, mas ele me interrompeu com a boca. Quando estava suficientemente distraída, Hayden começou a se mexer de novo, devagar no começo, mas aumentando a velocidade. Ele se ajoelhou, os olhos fixos no lugar onde nos uníamos.

— Você não tem noção...

Ele passou o polegar pela base exposta do pênis, a pele escorregadia e brilhosa, e circulou meu clitóris em sincronia com suas investidas. Então me ergueu e me acomodou em seu colo. Hayden continuou próximo, esfregando meu corpo contra o dele.

Descansei meus braços em seus ombros, nossos lábios se encontrando a cada movimento para baixo. Eu esperava que fosse selvagem, mas aquele era outro nível, tão incrível que eu nem sabia mais o que fazer. Olhei para baixo, para aquela extensão de músculos e tinta, e o observei entrar e sair de mim. Eu estava sentindo... mais um orgasmo subia pelo meu corpo.

— É isso que você quer? — perguntou Hayden, a voz como seda nos meus ouvidos.

Gemi, as ondas de calor entrando em combustão.

— O que você disse?

Ele segurou meu queixo com delicadeza e nivelou meus olhos com os dele, repletos de fogo e satisfação.

Tentei assentir, mas ele me segurava forte.

— Palavras, Tenley. *Me diz.*

— Sim — grunhi.

— “Sim” o quê?

— Eu quero você — sussurrei, tão próxima de mais uma explosão que quase doía segurá-la. As sensações que Hayden provocava em mim eram amplificadas a ponto de parecerem surreais. Todas as experiências anteriores a ele eram insignificantes se comparadas àquele momento. Eu queria me sentir assim para sempre.

Hayden abriu um sorriso lascivo quando me ergueu e me posicionou sobre ele outra vez, o ritmo lento, mas eficiente.

— Você vai gozar de novo?

— Vou.

Meu corpo tremeu pelo esforço para adiar o alívio iminente.

— Forte?

Os lábios dele tocaram os meus de leve, uma contrapartida suave ao vulcão que explodia dentro de mim.

Então veio, me arrasando como um incêndio em uma floresta, queimando até me transformar em cinzas. Minhas pálpebras tremeram até se fecharem e Hayden rosnou uma ordem:

— Olha para mim.

Forcei meus olhos a se abrirem e tentei focar nele. Seu braço me envolveu e os músculos de seu pescoço saltaram em um alívio profundo. Naquele momento, nossa conexão superou tudo o que eu jamais conhecera. Ele não estava olhando para mim, mas através de mim, para dentro, para a minha alma. E eu senti que estava tão dentro dele quanto ele dentro de mim, entrelaçados e inextricáveis. Gritei, todos os meus nervos hipersensíveis enquanto o orgasmo ainda pulsava dentro de mim. Quando o clímax enfim cessou, Hayden afrouxou o abraço e sua mão acariciou minhas costas em círculos relaxados. A cabeça dele desabou sobre meu ombro e eu memorizei cada característica sua naquele momento: o cheiro, a textura da pele, o sabor. Havia tanta disparidade entre o homem doce e gentil que sussurrava coisas delicadas no meu ouvido e o cara implacável que me forçou a olhar para ele quando gozei. Eu estava com medo das consequências, do meu remorso por ter forçado a barra com ele e de sua possível raiva por ter perdido o controle.

— Você está bem? — perguntou Hayden, sem fazer nenhum movimento para cessar o contato físico.

Assenti com a cabeça no pescoço dele, meus lábios em seu ombro.

— Foi intenso.

— Aham..

Ficamos assim, agarrados um no outro, por mais alguns minutos. Quando o calor cedeu lugar ao frio, me apoiei no ombro dele e me levantei. Soltei um gemido ao me mover, uma dor aguda no lado do quadril que eu havia ferido no acidente.

— Machuquei você? — Ele deslizou as mãos pelo meu corpo e os olhos acompanharam o caminho, buscando algum sinal de lesão. Ele passou o dedo pela cicatriz que ia do quadril até a coxa. — Como foi que eu não reparei nisso antes?

— Não é nada. Sofri um acidente algum tempo atrás — respondi, evasiva, contando o que podia sem revelar demais.

Então me afastei dele. A dor no quadril ecoava em meu peito pelo fim da nossa conexão. A preocupação persistente se espalhou em mim como um pingo de tinta, sangrando, me manchando por dentro. Peguei minha blusa do chão e a enfiei pela cabeça, com uma timidez repentina. Estava prestes a vestir a calcinha quando notei uma faixa rosada na parte de dentro da minha coxa. Não me surpreendi: fazia muito tempo que eu não ficava com alguém, e Hayden não era de forma alguma mediano.

— Já volto. — Catei minhas roupas do chão e me tranquei no banheiro.

Liguei o exaustor e abri a torneira, com medo de surtar por conta da pressão de meus próprios medos e sentimentos. Eu tinha cometido um erro grave. Agora que sabia como era estar com Hayden, como ele apagava todo o passado, seria impossível não querer mais. Mas eu sabia que, no momento em que ele passasse pela porta, vestiria de novo sua armadura, reforçada e feita de titânio, nada parecida com a gaiola de vidro estilhaçado na qual eu tentava me esconder.

Molhei um pano e limpei os vestígios do que havia acontecido. Incerta quanto ao que estaria me esperando do outro lado da porta, vesti as roupas apressada. Quando saí, Hayden estava colocando a camiseta.

— Isso foi uma puta ideia ruim — grunhiu ele.

Eu tinha uma esperança estúpida de que a sensação pós-goço fosse me manter aconchegada até o dia seguinte. A reação dele não era inesperada, mas a verdade foi como um tapa na cara.

— Eu sei.

— Ainda vou fazer aquela tatuagem em você.

— Não quero que seja mais ninguém.

— Mas não podemos fazer isso outra vez. Não até acabarmos.

— Você já disse isso. — Entrelacei minhas mãos e fitei meus pés descalços.

— Só estou me certificando de que concordamos quanto a isso.

Ele estava bem na minha frente. Passou as mãos pelo meu pescoço, puxando minha cabeça para cima. Então me beijou. Não foi suave. Foi cheio de raiva e desespero reprimidos. Eu entendia perfeitamente de onde vinha tudo aquilo. Sentia o mesmo até o último fio de cabelo.

— Quer que eu passe a noite aqui?

— Acho melhor não.

Eu não conseguia olhar para ele, com medo de ver em seus olhos a mesma esperança que eu ouvia em sua voz. A esperança era uma emoção perigosa; dava uma falsa confiança e nos fazia tomar atitudes inconsequentes.

— Mas você quer que eu fique?

— Só vai complicar ainda mais as coisas.

Eu me sentia tão vulnerável e exposta. Sabia que, se ele ficasse, eu corria o risco de contar meus segredos, e ele descobriria como eu era covarde. Não estava pronta para que ele soubesse a verdade. Morria de medo de que ela o afastasse.

Hayden suspirou. Pegou um cartão do bolso de trás e o virou, entregando-o a mim. Havia um número escrito no verso.

— Este é o meu celular. Se você mudar de ideia, estou do outro lado da rua. Chego aqui em dois minutos.

Segurei o cartão, memorizando o número.

— Passa no estúdio amanhã? — Ele deslizou os dedos pelo meu cabelo, como se não conseguisse parar de me tocar.

— Ok.

Recolheu a mão e se afastou. Os centímetros pareceram quilômetros. Fui com ele até a porta. Hayden me deu um beijo no rosto e saiu.

Meus dedos ainda estavam segurando a maçaneta. Encostei a testa no batente, respirando em meio à onda de ansiedade provocada pela partida de Hayden. Ele teria ficado se eu tivesse pedido, mas estava aterrorizada com o que ele me fazia sentir. Como não havia ficado com ninguém por tanto tempo, a possibilidade de preencher o vazio era quase inimaginável.

Ouvi o som dos coturnos pesados enquanto Hayden se afastava pelo corredor, aumentando a distância entre nós. Meu remorso subiu como uma neblina, pronto para se condensar e me jogar de volta ao passado. Os erros eram culpa minha; eu era responsável por aquele impasse. Fui eu quem puxou Hayden mais para perto só para depois afastá-lo de novo. Eu havia lhe dito para ir embora, apesar de não querer que ele fosse. Foi a mesma coisa que eu tinha feito da última vez.

Ouvi o chão ranger do lado de fora da minha porta. Fechei os olhos e esperei pelo som dos sapatos dele descendo as escadas, mas não ouvi nada, nenhum movimento, apenas as batidas do meu coração nos meus ouvidos. Parecia que eu não era a única que estava confusa. Eu não queria perder aquela coisa frágil que tinha encontrado em Hayden. Se eu o deixasse partir, isso poderia acontecer. Eu não podia permitir.



# Hayden

Avancei alguns passos pelo corredor e dei meia-volta. Coloquei as mãos nos bolsos. Aquilo me impediu de bater na porta antes de avaliar o que eu queria e o que seria melhor. Embora Tenley concordasse com minha desculpa esfarrapada e fajuta sobre complicar as coisas, eu não acreditava que ela quisesse que eu fosse embora. Ela me livrou da responsabilidade de tomar a decisão certa quando a porta se abriu.

— Mudei de ideia. — Ela abriu caminho. — Quero que você fique.

Dei um passo em direção a ela e hesitei.

— Tem certeza?

— Tenho.

Aquela era a confirmação de que eu precisava. Eu já estava ferrado mesmo. Passar o resto da noite ali não mudaria o que tinha acontecido. Mas aproveitar a oportunidade me pareceu um bom plano, pois eu tinha deixado claro como as coisas teriam que ser diferentes no futuro.

Entrei e fechei a porta.

— O que fez você mudar de ideia?

— Gosto da maneira como me sinto quando você está aqui. Não quero perder isso.

Havia uma vulnerabilidade na confissão de Tenley, como se fosse difícil admitir aquilo.

— Não espere dormir muito esta noite — avisei, imprensando-a contra a parede.

— Achei que você tivesse dito “só dessa vez”. — As mãos dela escorregaram por debaixo da minha camiseta e pelas minhas costas.

— Quis dizer uma noite.

— Está mudando a regra?

— Não avisei sobre aquelas letrinhas miúdas no final do contrato? — perguntei, passando o joelho por entre as coxas dela.

— Letrinhas miúdas?

— Aham. — Meus lábios foram brincar com a orelha dela. — As regras estão sujeitas a mudanças.

— Mas que conveniente! — Tenley tirou minha camiseta e a jogou no chão.

— Com certeza.

Garras afiadas no meu peito entremeadas com um ronronar suave alarmaram o limite do sono, tirando-me de um pesadelo no qual eu não queria estar. Abri uma pálpebra. O gato deitado no meu peito deu uma cabeçada no meu queixo e miou.

— Travessa?

Eu estava tão confuso. Travessa tinha fugido havia sete anos. O pânico apertou meu peito; a possibilidade de o meu pesadelo ser uma premonição do que estava por vir dificultava minha respiração.

Eu não conseguia fazer meu cérebro parar de pensar nas imagens de sangue espalhado pelo edredom azul-claro e na parede atrás dele. E havia alguém ao meu lado. Um corpo quente e macio que eu sentia a obrigação de proteger. O sonho começou a se dissipar à medida que eu ficava mais lúcido.

O quarto estava escuro, uma fatia da luz cinza da manhã atravessava o chão por uma fenda na cortina, parando a poucos centímetros da cama. Mas não era a minha cama. Eu sabia por causa dos lençóis e da firmeza do colchão. Fiz carinho na gata enquanto tentava pôr a cabeça no lugar. Era AG, não Travessa. Ela saltitou no meu travesseiro e pulou no chão, aterrissando com um ruído suave. A neblina em meu cérebro se dissipou. Eu estava na cama da Tenley. Ela era o corpo ao meu lado. Nós tínhamos transado duas vezes. Eu queria de novo. Imediatamente.

Meu braço estava preso debaixo dela. A julgar pela falta de sensibilidade da minha mão, eu não tinha me mexido desde que desabamos depois da segunda rodada. Se eu havia achado que a primeira tinha sido intensa, a segunda foi como uma explosão. Uma explosão bem longa e satisfatória. Se eu ia quebrar a regra, podia muito bem extingui-la. Além do sexo, passar a noite na casa de Tenley era uma novidade, uma que eu não me opunha a repetir. Talvez dormir na casa dos outros não fosse tão ruim assim, no fim das contas.

Tenley estava enroscada em mim, suas costas no meu tórax. Eu estava muito ferrado. Não conseguiria passar mais dois meses sem transar com ela de novo. Era bom demais.

Ela tremeu, adormecida, e eu encaixei meu corpo no dela; meu pau aninhado convenientemente na fenda de sua bunda. Ela fez um ruído leve, como se talvez não se importasse, e eu a abracei, pegando em um seio. O aço inflexível do piercing encostou na minha mão. Eu mal podia esperar para que aqueles furos cicatrizassem para eu poder mostrar a Tenley como tinha valido a pena colocá-los. Talvez pudéssemos encontrar mais uma brecha na regra para facilitar isso. Fiquei deitado ali por alguns minutos, ouvindo o ritmo da respiração dela mudar.

— Está acordada? — Mexi no emaranhado do cabelo dela e enterrei meu nariz em seu pescoço. Tinha um cheiro bom, uma mistura de baunilha e de mim.

— Humm. Oi.

— Oi. — Dei um beijo em seu ombro. Gostei daquela sensação; de acordar na cama de Tenley, enrolado nela. — Como está se sentindo?

— Como alguém que não dormiu o suficiente. — Ela se espreguiçou e a sua bunda pressionou minha ereção bastante firme. — E dolorida nos lugares certos.

— Que tipo de dor? — Minha mão desceu do peito dela para a barriga.

— Como se tivesse rolado duas transas incríveis em muito pouco tempo.

As pontas dos meus dedos tocaram na bacia dela.

— Então devo parar?

— Eu não disse isso.

Tenley cobriu minha mão com a dela, levando-a mais para baixo. Eu gostava da falta de timidez dela em relação ao que queria. Fazer com que ela manifestasse essas vontades em voz alta podia dar algum trabalho, mas ela não tinha problema algum em me mostrar. Aquilo era inesperado e sexy.

— Que horas são? — perguntou ela, com um leve gemido.

Olhei para a mesa de cabeceira. Os números vermelhos piscando no relógio prometiam ao menos uma hora antes de ela ter que sair para dar aula. Eu pretendia fazer cada segundo valer a pena.

— Ainda é cedo.

— Cedo que horas?

— Quase oito. A gente tem bastante tempo.

Ela se virou e se ergueu de repente, tirando as almofadas do caminho para confirmar o que eu havia dito. Seus olhos se arregalaram.

— Meu Deus! Vou me atrasar!

Tenley passou por cima de mim, gloriosamente nua, e sua mudança repentina de humor foi uma surpresa. Segurei-a pela cintura antes que ela caísse de cara no chão.

— Atrasar para quê? Você só dá aula às dez nas quartas-feiras, certo?

Ela estava ocupada demais se desesperando para perceber que eu tinha decorado os horários fixados na geladeira.

— Tenho uma reunião de orientação às nove. Vou ser expulsa do programa se não chegar na hora.

Ela se soltou de mim. Suas unhas se enterraram na minha pele enquanto Tenley tentava se desvencilhar dos lençóis enrolados em sua perna.

— Por chegar atrasada? — Aquilo sequer parecia lógico. Devia ter mais alguma coisa envolvida, mas Tenley estava nervosa demais para explicar.

Quando os pés dela tocaram no chão, o joelho direito cedeu. Eu me sentei e joguei as pernas para o lado da cama, agarrando o quadril de Tenley para estabilizá-la. Ela estava mesmo completamente pelada, os peitos bem na minha cara com os pequenos piercings me provocando. Quando olhei para baixo, percebi que estava totalmente depilada. Ela ligou o abajur, iluminando o quarto com um brilho intenso. Eu a soltei e pisquei para me acostumar à luminosidade repentina, enquanto Tenley correu para o guarda-roupa, mancando de leve.

Então eu reparei nas costas dela. Cicatrizes cobriam a pele. Tenley devia ter se envolvido em um acidente grave para ter se machucado tanto.

Eu tinha sentido aquelas falhas na noite anterior. Mas estava distraído demais para entendê-las. Pareciam a Via Láctea na forma de cicatrizes cor-de-rosa, maculando a pele perfeita. Elas iam do ombro direito até o lado esquerdo do quadril em um padrão diagonal, começando como uma linha fina e expandindo-se em pequenos traços até a largura da minha mão. Um sofrimento físico como aquele trazia consigo feridas emocionais profundas. Essas levavam um tempo infinitamente maior para cicatrizar.

A angústia repentina de Tenley combinada à evidência palpável de seu trauma desligaram meus hormônios. Peguei minha calça do chão e a vesti, tentando me recompor. Meu braço formigava e eu o balancei, tentando recuperar a sensibilidade para poder fechar o botão do jeans. Desisti quando Tenley começou a vasculhar o armário, desesperada. Cabides caíam no chão, roupas se empilhavam em um monte.

Cheguei por trás dela, tendo uma visão muito melhor da gravidade daquelas cicatrizes. Devia ter doído pra cacete, no fim das contas.

— Ei. — Passei a mão com cuidado pelas marcas em suas costas. — O que aconteceu com você?

Tenley se virou rápido, sua nudez coberta pelas roupas que ela abraçava junto ao peito. Seus dedos se moveram até o ombro. Ela parecia mais assustada do que qualquer outra coisa.

Acariciei o rosto dela com as costas da mão.

— Como foi esse acidente?

Ela se afastou do meu toque. Não gostei da tensão no ar. Havia muitas perguntas sem respostas. Eu tinha a sensação de que Tenley não ia compartilhá-las com tanta facilidade.

— Não dá para conversar sobre isso agora — suplicou ela.

Seus olhos estavam marejados e seu lábio inferior tremeu. Tenley parecia estar entre o medo e a raiva. Eu já conhecia bem a raiva como medida de proteção.

— Tudo bem. Podemos conversar sobre isso depois. — Não era um assunto que ela poderia evitar para sempre, e eu queria que soubesse disso. Mas, por ora, eu ia deixar pra lá. Quando ela começou a tremer, catei o roupão que estava pendurado no closet e o coloquei sobre os ombros dela. — Por que você não vai tomar um banho e se arrumar?

— Não dá tempo. Levo meia hora para chegar lá e tenho que encontrar um lugar para estacionar.

Não precisava ser um gênio para perceber que Tenley estava se esforçando muito para não surtar. Segurei o rosto dela com as duas mãos, fazendo-a olhar para mim.

— Temos tempo de sobra. Vá se arrumar que eu vou buscar o meu carro.

— Eu mesma tenho que ir dirigindo. — Ela parecia indignada.

— Quem disse? Você está nervosa demais para dirigir.

— Estou bem.

— E eu sou uma merda de um santo. Quem você acha que está enganando? Deixe que eu faça isso por você.

— Mas eu preciso dar aula depois e mais tarde tenho um encontro com o meu grupo, e você tem que trabalhar.

— Posso reagendar as sessões. Busco você quando estiver pronta.

— Mas... mas... — contestou Tenley.

Sua respiração ficou rápida demais, como se ela estivesse sem fôlego, a mão na garganta. Reconheci aqueles sinais. Eu lembrava direitinho como era ter uma crise de pânico. Depois que meus pais morreram, as crises fizeram parte da minha rotina por um bom tempo.

— Você tem que respirar, gatinha.

O que quer que tenha acontecido com o orientador dela devia ter sido bem ruim para deixá-la naquele estado. Eu tentaria descobrir mais detalhes quando ela fosse capaz de ter uma conversa normal. Além disso, minhas perguntas sobre as cicatrizes provavelmente não tinham ajudado em nada, o que me deixava ainda mais intrigado com o evento que as causou. Tenley respirou fundo algumas vezes.

— Desculpe — sussurrou ela, claramente envergonhada.

— Não tem por quê. Encontro você lá embaixo em vinte minutos.

— Está bem.

Dei um beijo rápido nos lábios de Tenley e a soltei. Ela atravessou o quarto até o banheiro e fechou a porta. Ouvi o barulho do chuveiro e tentei não pensar em Tenley nua e ensaboada. Haveria outras oportunidades. Recolhi a bagunça de roupas do chão e pendurei tudo, menos uma calça preta e uma blusa roxa. Arrumei a cama, ajeitando todas as sete mil almofadas na cabeceira, e estiquei o edredom. Se não fosse tanta invasão de privacidade, eu teria escolhido uma calcinha para ela também.

Quando saí do quarto, AG estava sentada no chão, perto de sua tigela, miando a plenos pulmões. Chequei todos os armários até encontrar a ração dela e enchi a tigela. Comida pastosa de gato tinha um cheiro nojento, mas AG foi fundo.

Meus sapatos estavam no meio da cozinha, onde eu os tinha deixado na noite anterior, e minha camiseta estava jogada perto da porta. Como a segunda rodada tinha sido explosiva, eu queria uma terceira rodada mais lenta. Pena que ela tivesse sido interrompida por uma quase crise de ansiedade. Parecia que fazer sexo de novo com Tenley ficaria em stand-by por um tempo, o que era uma droga, porque tocá-la tinha se tornado um vício sensorial.

Tranquei a porta ao sair. Havia um Toyota Tercel amassado e um Prius mais novo, mas igualmente pouco viril, estacionados atrás do Serendipity. Eu não dirigiria um daqueles nem morto. Atravessei a rua correndo até o meu prédio e desci as escadas da garagem. Meu Camaro 1968 estava estacionado em seu devido lugar, bem abaixo da câmera de segurança.

Quando saí do subsolo, fiz a volta até os fundos do apartamento de Tenley e esperei. Debati comigo mesmo se deveria subir e me certificar de que estava tudo bem, considerando o estado dela quando saí. Tenley encerrou meu dilema ao surgir pela porta e quase rolar escada abaixo. Eram oito e vinte — tempo de sobra para chegar à Northwestern, considerando o meu estilo de direção.

Desci do carro e a encontrei no lado do passageiro.

— Você está bem? — perguntei, enquanto a ajudava com as bolsas.

— Estou bem, só exausta. Obrigada por me levar. — Ela abriu um sorriso trêmulo.

— Sem problemas. — Nem me dei ao trabalho de dizer que eu a teria forçado fisicamente a entrar no carro se ela não tivesse concordado.

Assim que ela se acomodou, contornei o carro e me sentei atrás do volante. Em menos de cinco minutos, estávamos na via expressa.

— Que carro rápido — disse Tenley, segurando-se no painel enquanto eu deslizava por entre dois carros.

— Eu gosto de ir rápido. — Troquei de marcha e mudei de pista de novo, ultrapassando os outros veículos.

— Estou vendo. — Ela passou as mãos pelo banco de couro preto. — Parece um carro de corrida por dentro.

— Era do meu pai. Dei uma ajeitada no interior depois de prepará-lo para pegar a estrada de novo.

Reformar aquele clássico tinha se tornado um dos meus principais projetos quando comecei a organizar minha vida.

Tenley analisou o interior do carro.

— É bem legal.

— Obrigado. Agora você pode contar o problema com o mestrado? — perguntei, tentando entender a reação que ela teve mais cedo.

Eu não conseguia imaginar ser expulso de uma pós-graduação em menos de um mês do início do semestre. Contudo, meu conhecimento sobre mestrados e como eles funcionavam era limitado.

— Cheguei atrasada para a última reunião, e meu projeto de tese e minha pesquisa não agradaram muito, até agora. Não causei uma boa impressão.

Ela começou a roer as unhas, já destruídas até o talo, então me estiquei por cima do console central e peguei a mão dela. Tenley estava preocupada demais para haver qualquer estranheza entre nós, o que era bom, dadas as circunstâncias. Nós precisávamos conversar sobre a noite anterior, mas eu não estava com a menor pressa, ainda mais depois de ver as cicatrizes de Tenley. Ela estava mais fragilizada do que eu

imaginava. A tatuagem serviria para cobrir algumas marcas nas costas e talvez explicasse por que ela escolheu aquele local específico. Seria uma boa maneira de apagar a lembrança do acidente.

— Como é essa pessoa que orienta você?

— Calder é genial, mas não muito amigável.

Percebi que Tenley não mencionou se era homem ou mulher.

— Então ela é uma vaca?

Eu não queria que o orientador fosse homem. Um homem inteligente em uma posição de poder sobre uma mulher bonita e frágil não era um arranjo equilibrado.

Ela ignorou a pergunta.

— Talvez eu não me encaixe no programa. A gente pode conversar sobre outra coisa?

— Claro. Quer ouvir música?

Eu puxaria o assunto outra vez quando Tenley não estivesse tão agoniada por encontrar o orientador assexuado. Entreguei meu iPod e ela rolou a lista de discos até achar algo de que gostava.

Riffs pesados de guitarra explodiram pelas caixas de som, dando um baita susto em Tenley. Ela abaixou o volume, mas mantendo-o alto o suficiente para desencorajar uma conversa.

Quando chegamos à saída da via expressa, Tenley me indicou o prédio de seu orientador. Ela ainda tinha dez minutos antes da reunião, o que me dava tempo de sobra para combinar onde buscá-la depois.

— Acho que um dos caras do meu grupo mora perto do Serendipity. Eu posso pedir uma carona — sugeri ela, enquanto eu anotava meu próprio número em seu celular.

— Não precisa. — Tentei não deixar transparecer uma pontada de ciúme irracional. Eu não queria imaginar Tenley em um carro com um cara que eu não conhecia. — Que horas termina sua reunião com o grupo?

— Umas quatro, no máximo quatro e meia.

— Se você achar que vai acabar mais cedo, me liga. — Mandei uma mensagem para mim mesmo do telefone dela, achando graça do conteúdo. Quando meu celular vibrou no bolso, devolvi o dela.

— Está bem.

Eu me inclinei e desafivelei o cinto dela. Seus cabelos estavam presos em um rabo de cavalo. Passei os dedos pelas pontas ainda úmidas.

— Vejo você depois.

— Hayden.

— Oi.

— Obrigada. — Ela se inclinou e me beijou, sugando meu lábio inferior. Seus dentes raspavam na minha pele. — Por tudo.

Antes que eu conseguisse reagir, ela saltou do carro e correu pela escada até a entrada. Esperei ela desaparecer dentro do edifício. Tinha a sensação inquietante de que as coisas estavam prestes a ficar bem mais complicadas.



## Hayden

O caminho de volta para a cidade foi lento, graças ao trânsito matutino. Depois de um banho demorado, devorei metade do conteúdo da minha geladeira, então me mandei para o Inked Armor. Dois clientes estavam agendados um após o outro no começo da tarde, mas ambos eram tatuagens pequenas. Eu teria tempo para buscar Tenley antes das minhas sessões da noite. Lisa chegou enquanto eu estava deixando um espaço livre na agenda.

— Chegou cedo. — Ela me olhou desconfiada. — Como foram as coisas com a Tenley?

— Ah, sim, foram bem. — Continuei a checar minha lista de clientes, sem saber ao certo como abordar o assunto. Quando fechei a agenda, Lisa ainda estava me encarando. — Que foi? — perguntei, subitamente nervoso.

— Tudo que você tem para dizer é “bem”? O que aconteceu ontem à noite?

— Ela me deixou entrar. Conversamos e tal.

Peguei a ficha do meu primeiro cliente no arquivo, evitando contato visual.

— Será que você poderia dar mais detalhes?

— Resolvi as coisas — menti.

Aquilo era, no mínimo, questionável. Aquelas cicatrizes nas costas de Tenley eram um grande problema. Não porque me fizessem querê-la menos, mas porque as marcas físicas nem sempre tinham relação direta com as emocionais. Tenley era bem mais frágil do que eu podia ter imaginado. Se eu soubesse, não teria deixado as coisas irem tão longe quanto foram. Ficar com ela só a tornava ainda mais vulnerável. Era tarde demais para voltar atrás, e eu não sabia bem como lidar com aquilo.

Nada do que tinha acontecido na noite anterior se encaixava na minha rotina habitual de pós-sexo. Assim como nada relacionado a Tenley. Isso me dava ainda mais motivos para me preocupar. Eu ainda queria fazer a tatuagem nela, mas meus motivos tinham mudado. Queria que a arte a ajudasse a se recuperar do que quer que tivesse acontecido. Estava ansioso para passar aquele tempo com ela, e não porque ela era gostosa e eu queria trepar com ela de novo. O que eu queria. Mas era mais do que isso, eu queria conhecê-la, e talvez ela quisesse me conhecer.

Eu precisava conversar sobre aquilo com Lisa, mas não queria ouvir que não devia ter arrumado uma brecha para a regra.

— Por que eu não consigo acreditar em você?

— Porque você é uma pessoa desconfiada por natureza e sempre espera o pior de mim. — Me fiz de ofendido e torci para que ela recuasse.

— Não é verdade.

— Ah, não? Outro dia, no bar, você achou que eu tinha dado uma de Chris.

— Você desapareceu sem contar para ninguém aonde estava indo.

— Viu? Tenho razão. Quando foi a última vez que eu fiz algo assim?

Lisa franziu o nariz enquanto tentava se lembrar da minha última aventura no mundo das pegações de baladas.

— Desculpe — disse ela, quando percebeu que fazia tempo pra caramba.

— Ok. Tudo bem.

Voltei a estudar o desenho do meu primeiro cliente, e a conversa inevitável foi adiada até eu encontrar uma boa maneira de contar a Lisa. Eu me senti mal por inculpá-la, mas era uma questão de autopreservação. Chris chegou alguns minutos depois e, como Lisa, perguntou sobre Tenley. Dei a ele a mesma resposta vaga antes de começar a preparar minha mesa.

Tive a sensação incômoda de que estava sendo observado, então ergui a cabeça e vi que Chris também estava me encarando.

— O que foi?

— Você está assobiando — respondeu ele, a testa franzida.

— E...?

— Você comeu alguém?

— O quê? Por que você está perguntando isso? — A pergunta soou defensiva.

— Você costuma assobiar quando se dá bem, cara. E está animadinho demais... — Chris ficou pensativo, como se estivesse prestes a ter um aneurisma cerebral por tanto esforço mental. — Você comeu a Tenley?

Antes mesmo de considerar as consequências da minha reação, atravessei o estúdio e fiquei cara a cara com ele. Peguei-o pela camiseta e o ergui da cadeira. Chris pesava pelo menos quinze quilos a mais do que eu.

— Eu não *comi* a Tenley.

— Hayden! — Lisa correu e se enfiou entre nós dois. — O que deu em você?

— O Hayden comeu a Tenley — anunciou Chris, como se Lisa não o tivesse ouvido na primeira vez em que ele berrou do outro lado do estúdio.

— Repete de novo e eu quebro a sua cara.

Chris apontou um dedo acusador para mim.

— Você quebrou a regra!

Bati na mão dele, consumido pela raiva.

— Se você encostar em mim outra vez, vou arrebentar você — rosnou Chris.

— Quer levar umas porradas? Vamos lá. — Tentei dar a volta em torno de Lisa, mas ela não deixou.

— Para os fundos — ordenou ela. Quando dei um passo na direção de Chris, ela me deu um empurrão no peito. — Agora.

— É melhor fazer o que ela manda — ameaçou Chris.

— Cala a boca, Chris.

Lisa me arrastou na direção do escritório.

Eu estava a ponto de explodir. Não deveria ter peitado Chris, mas ele me dedurou antes de eu estar pronto e agora eu tinha que lidar com a fúria de Lisa. Eu queria contar para ela do meu jeito e encontrar uma maneira de evitar sua raiva.

Ela me levou para o escritório e trancou a porta.

— Você foi um idiota por fazer eu me sentir culpada. Soube que tinha alguma coisa acontecendo no segundo em que vi você hoje cedo.

— Eu não estava preparado para conversar sobre isso.

— Então espero que você esteja preparado agora. Onde você estava com a cabeça?

— Pensando que seria bom, e eu estava certo — respondi, baixo demais para Lisa conseguir ouvir.

— O que foi que você disse?

Ela atravessou a sala e sentou na beirada da mesa.

— Eu ia contar para você.

— Ah, é? Quando? Antes ou depois de começar a tatuagem?

— Antes, provavelmente. Ao menos eu ajeitei as coisas com a Tenley.

— Transando com ela?

— Isso aconteceu depois. — Fiquei andando de um lado para outro, cada vez mais ansioso.

— Não entendo como isso ajeita as coisas. Achei que você fosse conversar com ela.

— Eu conversei. Falei o que você me disse para falar. Bom, não exatamente — corriji —, mas contei a ela sobre a regra.

— Aí você foi lá e a quebrou? Ela é sua cliente. Você vai fazer uma tatuagem enorme nela, que vai levar meses para terminar — disse Lisa, a irritação se transformando em preocupação.

Remexi a correspondência ainda fechada, organizando os envelopes por tamanho, para evitar encarar Lisa nos olhos.

— Eu ainda não comecei, então, tecnicamente, ela não é minha cliente.

— Mesmo? — Lisa aproveitou para me encurralar atrás do balcão para eu não ter como escapar. — Porque, se eu me lembro bem, você tatuou um cupcake nela alguns dias atrás, o que faz dela sua cliente.

— Não entendo por que esse alarde todo. — Não era verdade. O problema estava bem na cara. — Tenley encontrou uma brecha na regra.

— Uma brecha?

— É. Nem foi ideia minha. Eu estava avaliando a tatuagem e ela pediu esclarecimentos sobre a regra. Aí eu expliquei de novo. Tenley ponderou que eu ainda não tinha começado a tatuagem oficial, porque aquele cupcake pequenininho não contava merda nenhuma. Ela estava com uma daquelas de gatinhos... Eu não consegui... — Esfreguei o rosto, ciente de que quanto mais desculpas eu dava, mais me afundava. Meus olhos suplicantes encontraram o olhar acusador de Lisa. — Ela disse que não tinha nada de errado em querer alguém, e eu a *quero*. E não só para transar, porque as coisas com a Tenley não são só sexo, mas eu queria, ela também, aí eu passei a noite lá e a gente transou de novo.

— Você passou a noite na casa da Tenley? — perguntou Lisa, surpresa de verdade.

— Aham. Estava tudo certo para a terceira rodada esta manhã, mas ela teria uma reunião com o orientador e quase se atrasou, então eu acabei dando uma carona para ela até a faculdade. — Meu peito estava tão apertado que tentei esfregá-lo para a sensação passar.

— Eu nem sei o que fazer com essa informação. *Três vezes?* Ela está bem?

— Foram só duas, e por que ela não estaria?

— Hayden, lembra quem colocou o piercing naquele seu lugar especial? — Lisa apontou para si mesma.

Como se eu pudesse me esquecer daquela experiência.

— Eu sei bem o tamanho do estrago que você pode fazer com aquilo — acrescentou ela.

— Não é tão grande assim.

Deveria ser estranho discutir aquilo, mas não era. Talvez porque Lisa tinha enfiado uma agulha no meu pau.

Ela me lançou um olhar condescendente.

— Sim. É, sim. E tenho a impressão de que a Tenley não é o tipo de garota que tem uma vasta experiência no assunto.

Franzi a testa com aquela insinuação.

— Fui cuidadoso com ela.

Pensando bem, ela mencionou que eu era “muita coisa” para ela lidar. Talvez eu não tivesse sido cuidadoso o bastante. Desabei na poltrona e esperei a bronca de Lisa. Ela não deu. Talvez sentisse pena de mim, ou me achava o cara mais imbecil do mundo, ou um pouco dos dois.

— De qualquer maneira, agora não faz diferença — ponderei. — Eu disse para ela que a gente não pode transar de novo até terminar a tatuagem das costas, então, na verdade, não existe problema nenhum.

— Você disse o quê?

Ao dizer aquilo em voz alta, não me pareceu algo tão lógico quanto na minha cabeça.

— Eu disse...

Lisa ergueu uma das mãos para me interromper.

— Ah, eu ouvi o que você disse. Só não acredito que você está falando sério.

— Por que não estaria?

Ela balançou a cabeça e respirou fundo.

— Pense na regra que vocês criaram. Lembre por que vocês a criaram, para começar, e me diga se acha que ela ainda se aplica no caso da Tenley.

— Isso não tem nada a ver com o caso da Sienna — retruquei, enojado com a lembrança.

Se Chris não tivesse comido a Sienna enquanto a gente dava um tempo, aquela regra maldita sequer existiria.

— Não, não é, graças a Deus. Tem mais coisas envolvidas, e você sabe disso. Em um futuro próximo, você vai passar um tempão sozinho com a Tenley, e ela vai estar parcialmente sem roupa.

— Estou ciente disso.

— E ela vai estar vulnerável.

— Não vou me aproveitar dela.

— Não estou dizendo que você faria isso. Mas pense, Hayden, você sabe tão bem quanto eu como as emoções podem ficar à flor da pele depois de uma sessão. O processo é íntimo, ainda mais quando você gosta da pessoa que está tatuando.

— E daí? — Esfreguei os lábios, que estavam sensíveis por causa das mordidas de Tenley durante a noite.

— Você conseguiria rejeitá-la quando ela estivesse emocionalmente frágil?

Eu não queria admitir que ela já estava frágil. A euforia pós-coito tinha ido embora e foi substituída por uma preocupação insistente. Lisa tinha razão, e eu ainda nem havia contado sobre as cicatrizes nas costas de Tenley ou sobre o surto por causa do orientador. Passar horas com ela, sozinhos, em uma sala privativa, tatuando-a, seria desgastante. Eu acabaria querendo cuidar dela em qualquer situação que ela

precisasse de mim, muito além do que recairia dentro dos limites do profissionalismo. Conseguir separar os dois lados do nosso relacionamento seria, no mínimo, difícil.

— Não quero que nenhuma outra pessoa faça aquela tatuagem.

— Não estou dizendo isso. — Lisa sentou no braço da poltrona e me olhou com uma paciência adquirida que eu não tinha e não compreendia. Apesar de todas as burrices que eu fazia, Lisa sempre me perdoava. — Você não está entendendo direito. Nem tudo precisa ser preto no branco, Hayden.

Eu não trabalhava bem com tons de cinza. Queria poder voltar à noite anterior e mudar tudo para não ter que lidar com aquela situação de merda.

— Ficar com ela elimina aquele sentimento de vazio, sabe?

— Eu entendo, Hayden, mas as coisas não vão voltar a ser como eram antes de você transar com a Tenley. Você precisa ser cuidadoso com ela. Ela é meio problemática.

— Mais do que eu?

— Não sei. Talvez. Aquela tatuagem que ela quer é tão sombria... — Lisa colocou a mão no meu ombro.

— Ela tem um monte de cicatrizes.

Toquei no coração sangrento tatuado no meu antebraço. Ele cobria as marcas que as garras de Travessa tinham deixado ali na noite em que meus pais morreram.

— Físicas ou emocionais? — perguntou Lisa. Ela sempre foi muito perceptiva.

— Físicas. Tem algumas nas costas, são bem graves.

Eu entendia tudo de cicatrizes. Elas serviam como um lembrete visual da dor física, mas, como tatuagens, também podiam conter um mundo de conflitos emocionais.

— O que houve?

— Não sei. — Eu não queria que o passado de Tenley fosse além do que eu conseguia lidar. — Talvez eu consiga consertá-la. O Jamie consertou você, não foi? Então talvez eu possa fazer isso pela Tenley.

O sorriso de Lisa era triste.

— Não é tão simples assim, Hayden. A gente não é uma máquina. Não temos peças de reposição. Eu amo o Jamie, ele é tudo para mim e sempre vai ser, mas ele não me consertou. Ele me deu um motivo para me consertar sozinha.

— Você acha que eu sou problemático demais para ser consertado? — A pergunta me causava mais medo do que eu queria admitir.

— Não. Não acho que você seja problemático demais.

Ela me abraçou e encostou a bochecha no topo da minha cabeça. Eu queria odiar o quanto me sentia próximo de Lisa. Não conseguia. Ela era uma das poucas pessoas que me entendiam.

— E a Tenley? — perguntei.

— Não sei, Hayden, acho que só o tempo vai dizer.

— Eu não quero mais ficar sozinho.

— Eu sei. Talvez agora você não precise mais.

Chris não falou comigo pelo restante da manhã. Não que eu esperasse algo de diferente, considerando a tensão entre nós de uns tempos para cá. Sem dúvida ele pensava que eu o havia traído de alguma forma por ter violado a regra, mesmo que as situações fossem completamente diferentes. Eu estaria me sentindo

mal se não estivesse tão preocupado com Tenley. Talvez fosse mais fácil se transar com ela fosse por diversão e nada mais. Mas não era.

Às três e meia, terminei a tatuagem no meu cliente. Chequei meu celular, mas Tenley não tinha ligado. Quando tentei falar com ela mais cedo, para ver como as coisas estavam, caiu na caixa postal. Não me dei ao trabalho de deixar um recado.

Cheguei à Northwestern pouco antes das quatro e parei o carro em um estacionamento o mais próximo possível do prédio dela, o que ainda era longe pra caramba. Os olhares curiosos enquanto eu atravessava o campus sugeriam que tatuagens e piercings eram uma raridade nas universidades bem-conceituadas.

O prédio da sociologia, um imenso casarão reformado, não era difícil de encontrar. A construção me lembrava, em alguns aspectos, de uma versão bem maior da casa onde eu cresci. Abri a porta e entrei no saguão. À direita, havia uma espécie de biblioteca; à esquerda, uma área de estar que parecia de um filme, com uns babacas engomadinhos sentados em poltronas de couro de encosto alto. As conversas mais próximas a mim morreram quando eu entrei, embora as únicas tatuagens visíveis fossem as dos meus antebraços. A maioria dos palhaços voltou a conversar sem me olhar de novo.

Uma menina com uma saia curta demais e batom cor de sangue desfilou até mim.

— Você parece perdido.

— Vim encontrar uma pessoa. — Sorri educadamente e dei uma olhada ao redor, procurando Tenley.

Uma passagem em arco separava aquela parte de um espaço grande e amplo. Havia várias mesas separadas em intervalos regulares, todas com grupos de pessoas sentados em volta, livros e papéis espalhados por todo lugar. Era um pesadelo de desordem.

— Você daria um projeto de pesquisa interessante — disse a garota, passando os dedos pelas minhas tatuagens expostas.

Olhei para a mão dela. As unhas eram prateadas com pequenas pedrinhas brilhantes coladas nas pontas. Pareciam garras ofuscantes.

— Ah, é? Como assim?

— As suas tatuagens e todos esses piercings... — Ela ergueu a mão, como se fosse tocar no meu rosto.

Recuei, reconhecendo a incapacidade dela de compreender os limites sociais. Só porque eu era diferente não significava que eu queria uma estranha emperiquitada passando a mão em mim. Reconheci Tenley em um dos grupos. O cabelo a denunciou. Estavam soltos, parecendo uma cortina sobre o encosto da cadeira.

— Encontrei quem eu estava procurando. — Saí de perto da garota carente de atenção e fui até Tenley.

Cinco pessoas estavam sentadas em volta da mesa, todas concentradas em Tenley. Não me surpreendi ao ver que todos do grupo eram homens. Para algumas mulheres, beleza e inteligência eram vistas como uma ameaça, ao menos pelo que eu percebia. O ostracismo social costumava ser o resultado desse tipo de inveja mesquinha.

Reprimi uma pigarreada ao me aproximar. Aqueles caras, a maioria de camisa polo e calça cáqui, podiam participar de um comercial da GAP. Eles pareciam inofensivos, com exceção de um; esse era familiar, mas eu não conseguia me lembrar de onde. Cheguei até Tenley por trás e dei um beijo na lateral de seu pescoço.

Ela se assustou e seu rosto ficou vermelho-vivo quando meus lábios a tocaram.

— Hayden! — Ela virou a cabeça na minha direção.

Não me mexi, minha boca a centímetros da dela. Esperei para ver o que ela faria. Seus dentes morderam o lábio inferior quando os olhos dela encontraram os meus, a tensão sexual entre nós estava viva e passava bem.

— Achei que era para eu ligar — disse ela em um sussurro abafado.

— Desculpe — falei, apesar de não me sentir nem um pouco mal por aquilo. — Cheguei um pouco cedo. Tentei falar com você antes de sair, mas você devia estar ocupada. — Acenei para o grupo dela.

Todos quatro olhavam de Tenley para mim e para ela de novo. Quase achei que uma placa fosse cair do teto com os dizeres DECEPCIONADOS.

Ela abaixou os olhos e começou a mexer na bolsa, procurando o celular. Meu número apareceu como ligação perdida.

— Desculpe. Já estamos acabando.

Dava para sentir o nervosismo dela. Tenley havia tido tempo de sobra para repensar os acontecimentos da noite anterior, e eu esperava que ela não estivesse arrependida. Isso acabaria com os meus planos.

— Quer que eu espere você lá fora?

— O quê? Ah, não. Não precisa. Gente, esse é o meu... hum... amigo, Hayden. — Não gostei muito daquele papo de “amigo”. — Hayden, esses são Brad, Patrick, Eugene e Ian.

Coloquei uma cadeira ao lado de Tenley e sentei com um sorriso estampado no rosto. Não era um grupo nada simpático, pois tudo de que eles pareceram gostar foi o fato de ela ter me chamado de “amigo” quando eu, claramente, era mais que isso. Enfiei a mão por debaixo do cabelo dela e descansei o braço no encosto de sua poltrona. Fui agraciado com quatro pares de olhos fuzilando minha cabeça.

— Você não trabalha no Elbo? — perguntei para o louro com gel demais no cabelo.

Achei que talvez ele se chamasse Ian, mas não me importava muito com o nome dele. Se eu estivesse certo, podia apostar que era ele quem morava perto de Tenley e poderia levá-la para casa. Eu não tinha intenção alguma de lhe dar a oportunidade de ficar sozinho com ela em um lugar fechado, muito obrigado.

Ele enfim me reconheceu. Bateu na mesa, derrubando vários papéis no chão.

— Sabia que conhecia você de algum lugar. É difícil não reparar em você.

— É. Eu não sou muito comum, mesmo.

Um dos outros caras tossiu e os amigos se mexeram nas cadeiras, se concentrando nos cadernos abertos diante deles. Tenley quebrou o silêncio constrangedor voltando ao trabalho. Ela era sexy, mais ainda quando era assertiva. Dava para entender por que aqueles caras queriam trabalhar no projeto com ela; Tenley não era apenas linda, era inteligente, eficiente, e para completar agia com doçura. Quando eles terminaram, ajudei Tenley a arrumar as coisas dela.

— Como foi a tal reunião de orientação? — perguntei quando estávamos sozinhos.

— Foi boa. Melhor que a da semana passada.

— Então ele não foi um babaca dessa vez? — perguntei, esperando descobrir de uma vez por todas se o orientador era homem ou mulher.

— Ainda tenho muita coisa para fazer, mas ele me deu bastante feedback.

Embora ela tenha se esquivado da pergunta, consegui minha confirmação, mesmo que não fosse a que eu queria. Na próxima vez que eu a trouxesse para a faculdade, daria uma olhada nesse cara. Tenley era vaga demais com informações que eu precisava para me acalmar.

— Quando é a próxima reunião? — perguntei.

— Daqui a duas semanas. Você se importa se pararmos em um lugar antes de voltarmos?

— O que você quiser, gatinha.

Chegamos ao meu carro e eu destravei as portas, abrindo a dela para ajudá-la a entrar. Eu não sabia se a mudança de assunto era casual ou deliberada. Deixei pra lá, decidido a ficar longe de discussões desagradáveis por enquanto. Eu já tinha batido minha cota naquela manhã com Lisa.

— Aonde vamos? — perguntei, depois de me acomodar atrás do volante.

Tenley me guiou até uma série de lojas à esquerda do campus. Estacionei na rua e fomos a um pequeno café, parecido com o do Serendipity. Ela agarrou meu braço, saltitando animada enquanto me puxava para ver a vitrine do lugar. Estava repleta de cupcakes. E não apenas de chocolate e baunilha, mas de todos os tipos imagináveis. Havia cupcakes de tamanho normal e versões em miniatura. Alguns tinham cobertura de glacê, chocolate com glacê, glacê com chocolate, chocolate com chocolate. Outros tinham cobertura de manga ou morango, alguns eram cobertos de coco ralado e os meus preferidos: aqueles cheios de biscoitos Oreo. Era o paraíso dos cupcakes.

— Escolha o que você quiser, é por minha conta — disse Tenley, com um sorriso sincero.

Eu queria expulsar todas as pessoas do café. E depois arrancar as roupas de Tenley para comer os cupcakes menores no corpo dela, em uma trilha que daria naquele ponto sensível entre suas coxas. Talvez Lisa tivesse razão quanto às coisas não serem sempre preto no branco.

Eu não conseguia me decidir, então Tenley comprou dois de cada sabor e mais uma caixa cheia de minicupcakes. Ela também comprou cafés e sanduíches, que eu não tinha nenhuma intenção de comer. Os cupcakes eram mais que suficientes.

No caminho de volta para Chicago, ela foi me dando os bolinhos em miniatura. Às vezes pegava a cobertura com o dedo e colocava na minha boca, para eu lamber. Quando dei uma pausa nos cupcakes, Tenley provou um. Passei o resto do trajeto dividindo minha atenção entre a estrada e assisti-la lamber a cobertura. Aquilo era absurdamente excitante e dava uma ideia de como seria ela me pagando um boquete. Eu não deveria estar pensando naquilo, mas não consegui parar depois que a imagem surgiu na minha cabeça. Minha tara por cupcakes havia sido elevada a outro nível.

Limpei a garganta.

— O que você vai fazer mais tarde?

Tenley olhou para mim enquanto sua língua circundava o topo do bolinho, removendo mais uma camada de cobertura. Ela parou de me torturar por tempo suficiente para responder.

— Trabalhar no projeto do grupo, acho. — Ela lambia a cobertura dos dedos com delicadeza.

— Pensei em fazermos alguma coisa depois que eu sair do trabalho.

— Eu achava que o que aconteceu ontem à noite não deveria acontecer de novo.

— Tecnicamente, não deve acontecer depois que começarmos a tatuagem — respondi.

Quanto mais eu pensava na minha conversa com Lisa, mais questionava a validade do meu veto da noite anterior, ou mesmo o daquela manhã. Entrei na garagem subterrânea e estacionei na minha vaga.

— Estou confusa. A regra mudou mais uma vez? — Pronto, ela estava toda tímida e inocente.

— Deveria?

— Você é quem tem que me dizer, Hayden.

— Só para você saber, “fazer alguma coisa” não é um eufemismo.

— Certo. Obrigada por esclarecer. — Ela corou.

Eu achava irônico que ela conseguisse me provocar em um minuto, mas se envergonhar tão depressa com uma simples constatação.

— Isso quer dizer que você quer me ver pelado?

— E você ainda precisa perguntar?

— Só estou tentando entender o que você quer, Tenley.

Como ela não respondeu de imediato, desafivelei meu cinto de segurança e me virei para ela. Tenley encostou as costas na porta, abrindo espaço, segurando a caixa com os poucos cupcakes que sobraram no colo como se aquilo lhe desse algum tipo de proteção. Eu sacrificaria o que tinha sobrado na caixa com o maior prazer para poder colocar as mãos — ou a boca — em Tenley novamente.

— Eu quero o que você quiser — sussurrou ela.

— Quero que você pare de ser tão evasiva e responda à pergunta.

— Sim.

— Sim, o quê? — Tirei a caixa das mãos dela e coloquei no banco de trás.

— Sim, acho que você deveria mudar a regra mais uma vez. — Seu sorriso me dizia que ela pensava ter vencido.

Balancei a cabeça e me aproximei dela, encurralando-a.

— Você acha que é muito esperta, não acha?

Ela passou as mãos pelos meus braços, os olhos nas tatuagens expostas.

— Talvez só um pouquinho.

— Então você quer me ver pelado de novo?

— Talvez.

Não havia espaço suficiente para que nada acontecesse no carro pra valer, mas eu podia pelo menos beijá-la. Lembrá-la de como seria depois, quando estivéssemos sozinhos. Assim que meus lábios encostaram nos dela, eu gemi. Ela estava com gosto de cobertura. Tenley colocou a mão na minha nuca, me puxando para perto dela.

Aí a porra do meu celular tocou.



# Tenley

— Você não deveria atender? — perguntei.

— Não.

A língua dele encostou na minha. Saboreei o beijo, ciente de que terminaria mais rápido do que eu gostaria. A bolinha de aço incitava lembranças da noite anterior, episódios que reprisei na minha cabeça o dia todo. Nossa primeira vez juntos havia sido intensa; a segunda, infinitamente mais. Sem saber se ele deixaria aquilo acontecer de novo antes de começarmos a tatuagem, eu tinha abandonado minhas inibições. Fui exigente e agressiva. Uma pequena parte de mim sentia que deveria estar envergonhada, mas aquilo tinha sido libertador. Hayden fazia eu me sentir sexy e desejada. Não era uma coisa com a qual eu estivesse acostumada, e queria vivenciar aquilo com ele mais uma vez.

Eu estava com medo de ir para o meu apartamento. Mesmo quando Hayden não estava presente, ele dominava meus pensamentos. Minha preocupação era que nas horas entre aquele momento e mais tarde, quando encontrasse com Hayden, a culpa que se mantinha na margem da minha consciência se infiltrasse e assumisse o controle.

Apesar do espaço limitado do carro, as mãos dele abriram caminho por baixo da minha blusa e acariciaram a pele descoberta. O celular dele parou de tocar. Passei a mão pela fivela de seu cinto, apalpando-o por cima da calça. Ele estava gloriosamente duro. Abri o zíper do jeans dele, nem aí para o fato de estarmos em local público. Ao contrário da última noite, ele estava usando cueca boxer, um sério impeditivo. Procurei às cegas pela abertura, escorregando um dedo por ela para tocar na pele quente e macia. Hayden fez um ruído gutural e profundo e seu braço apertou minha cintura, me puxando para mais perto dele.

O celular tocou novamente.

— Porra! — xingou ele. Apoiando um braço no banco, ele vasculhou o bolso até encontrar o aparelho inconveniente. Recusou a ligação, mas antes de guardá-lo de volta o celular tocou de novo. Hayden apertou um botão com força. — O quê?

Durante um momento de silêncio, ouvi a voz de Lisa do outro lado da linha, antes de Hayden dizer:

— Estou com a Tenley.

Sua boca pairava sobre a minha, um perigo. Resisti à tentação de chupar seu lábio inferior. Depois de mais uma pausa, ele entregou o celular para mim.

— Lisa quer falar com você.

— Alô? — atendi. Hayden inclinou a cabeça e beijou meu pescoço.

— Oi, Tenley. Você pode dizer para o Hayden que o cliente dele está esperando?

Ele tirou minha blusa do caminho com o nariz e deu uma mordida na minha clavícula. Daquele jeito, era difícil me concentrar para responder alguma coisa.

— Por que você mesma não fala para ele?

— Porque se eu falar, ele vai desligar na minha cara. Se você falar, ele vai vir de uma vez e fazer o que tem que fazer.

— Mil desculpas, ele disse que ia reagendar as sessões. — Coloquei a mão no peito de Hayden e o empurrei, fazendo cara feia. Ele suspirou e se afastou.

— Não precisa se desculpar, não é culpa sua.

— Ele foi me buscar em uma reunião e fomos comer alguma coisa. Estamos estacionando. — Senti necessidade de explicar o atraso dele, mesmo que a desculpa fosse apenas parcialmente verdade.

— Eu sei. Eu vi o carro passar por aqui há uns cinco minutos. — Parecia que Lisa estava segurando o riso.

— Já, já chegamos aí — prometi.

Hayden estava ocupado fechando o zíper da calça. Entreguei o celular a ele, que o enfiou no bolso. A julgar pela careta que fez, supus que doeu quando o telefone bateu naquela cabeça grossa.

— O que ela disse? — perguntou Hayden, sem nenhuma descrição ao se ajeitar.

Tentei não ficar olhando.

— Seu cliente está esperando.

— Imaginei. Passo na sua casa depois do trabalho.

— Para “fazer alguma coisa”?

— E um pouco mais.

Hayden chegou pouco depois das dez e meia, banho recém-tomado e barba feita. Eu esperava que ele fosse continuar do ponto em que paramos no carro, mas estava tão recatado que era irritante. Só que tinha um monte de perguntas.

— Você não falou muito sobre a reunião com o orientador.

Ele puxou minhas pernas para o colo dele, passando as mãos dos tornozelos até os joelhos. Cheguei um pouco mais para perto, de modo que o carinho avançasse no próximo movimento.

— Não há muito o que falar. Tenho tempo de sobra para trabalhar na minha tese antes da próxima reunião.

Omiti o fato de que o professor Calder tinha pedido que a reunião acontecesse depois do expediente, fora do campus. Hayden não ficaria muito contente com isso, e eu não podia culpá-lo por isso. A ideia de encontrar o professor fora do horário de aula me deixava desconfortável, e eu tinha dito isso a ele. Calder não ficou feliz, mas deu um jeito de encontrar um horário para me encaixar. Ele deixou bem claro o quanto seria inconveniente ter que se adequar à minha agenda. Eu tinha entrado no mestrado achando que seria algo positivo para focar. Até então, não estava sendo o que eu esperava. Fui embora da reunião mais ansiosa do que quando cheguei.

— Quer conversar sobre o que aconteceu hoje de manhã?

— Na verdade, não. — Brinquei com o colarinho aberto da camisa de Hayden. Por baixo, ele estava usando uma camiseta de banda.

— Você estava bem chateada.

Ele pegou uma mecha do meu cabelo, enrolando-a nos dedos enquanto esperava minha resposta. Ele não ia deixar aquilo pra lá.

— Eu exagerei. Na última vez em que encontrei com o professor Calder, ele me disse que, se eu não desse um jeito na minha pesquisa, perderia a vaga no programa. Dei duro para chegar até aqui. Não quero que todo o esforço vá pelo ralo porque me esqueci de ligar o despertador.

— Você estava cansada por minha culpa — disse Hayden.

— Ah, é? Na verdade, acho que fui eu quem começou. Então, se a culpa é de alguém, é minha.

Eu achava que as consequências daquela noite juntos seriam bem diferentes. Mas ali estávamos, aconchegados no sofá. Pelo que Hayden disse no carro, ele planejava continuar aproveitando a brecha, ao menos até começar a tatuagem. Tudo bem estabelecer limites, se aquilo o fizesse se sentir melhor. Mas não significava que eu não ia colocá-los à prova. Nas últimas semanas eu tinha aprendido aquilo com Hayden: tudo estava sujeito a mudanças.

— Então você admite ter me seduzido? — perguntou ele.

— Jamais admitirei tal coisa. Apenas ofereci a brecha, e foi depois de você dar em cima de mim.

Em um movimento ágil, ele me colocou em seu colo. Montada sobre as pernas de Hayden, eu estava a poucos centímetros de tocá-lo onde queria. Tentei me aproximar, mas ele subiu a mão pela lateral da minha coxa até a cintura e me segurou.

— Você vai me contar sobre isso? — Ele passou a mão com delicadeza do meu ombro direito até minha cintura, pelas cicatrizes das minhas costas.

Hesitei.

— São queimaduras. — Era parte da verdade.

— O que aconteceu?

— Eu não estava totalmente consciente, então não lembro direito. Acho que estava em choque porque tinha quebrado a pelve, então não registrei a dor de imediato.

Contornei a circunferência de cada botão da camisa dele. Eu não queria falar daquilo. Não queria que meu passado sangrasse no meu presente.

— Nossa. Que tipo de acidente foi esse?

Fechei os olhos; as memórias voltaram em flashes. Era mentira que eu não lembrava. Depois de encontrar Connor, perdi a capacidade de sentir qualquer coisa além de horror e medo. Enquanto vagava em meio aos mortos, os cabos soltos acima da minha cabeça soltavam faíscas que queimaram as minhas costas. Naquele momento, fiquei apavorada que o fogo chegasse até mim antes que eu conseguisse encontrar uma saída.

— Será que a gente pode... — Eu estava lutando para conseguir conter minhas emoções.

As mãos de Hayden alisaram meu cabelo e desceram até as minhas costas.

— É por isso que você quer o desenho nas costas, para cobrir as cicatrizes?

— Não. Isso nunca foi um fator determinante para o local da tatuagem.

— Posso olhar?

— Elas são feias.

— Todo mundo tem cicatrizes, Tenley. Com sorte, elas permanecem só do lado de fora.

A resposta dele carregava muita tristeza, como se ele entendesse o que significava tê-las do lado de dentro.

— Eu mostro para você se não tivermos que conversar sobre isso.

Hayden franziu os lábios e me encarou.

— Por que você quer tanto esconder isso de mim?

— Eu gosto do que a gente tem agora. Não quero que nada mude a maneira como você me vê.

— Só porque alguma coisa horrível aconteceu com você? Não vai mudar — disse ele, com veemência.

— Só quero mais um tempinho assim com você, sem o passado para arruinar as coisas. Tá?

Acariciei o rosto de Hayden com o dorso da mão, desarmando-o com carinho. Eu tinha a impressão de que ele não estava acostumado com aquilo, e isso me partiu o coração. Para todas as partes duronas, Hayden tinha a mesma quantidade de partes macias.

Eu me inclinei para beijá-lo. Os dedos dele deslizaram pela minha cintura. Ele me apertou de leve e eu me endireitei, deixando que tirasse a blusa pela minha cabeça. Ele pegou nos meus seios e seu polegar escorregou para baixo do sutiã para acariciar um mamilo. As mãos, a boca e o corpo dele afogaram os pensamentos nada bem-vindos que tinham surgido depois da noite passada.

Hayden me levantou com cuidado de seu colo e eu me acomodei na almofada ao lado. Era melhor deixá-lo ver o que ele queria a lhe dar mais motivos para questionar minha relutância. Seus dedos moveram-se do meu ombro até minha cintura, e eu tremi com o contato.

— Está com frio? — A preocupação dele era genuína.

Fiz que não com a cabeça. Pelo contrário: eu estava quente demais, com medo de que ele quisesse explicações que eu não estava pronta para dar. Hayden não lidava bem com limites. Ele ficou em silêncio por um bom tempo, inspecionando as cicatrizes, buscando respostas na feiura que eu vestia na pele. Ela não conseguia refletir a escuridão dentro de mim, mas a tatuagem o faria. Eu esperava que, um dia, aquele desenho ajudasse a exorcizá-la.

— Elas não parecem muito antigas. Há quanto tempo foi o acidente? — perguntou Hayden.

— Você disse que eu não precisaria responder a mais nenhuma pergunta — respondi, cansada.

— Não é isso... — Hayden parou e suspirou. Seus braços enlaçaram minha cintura e ele me puxou para perto dele, minhas costas contra seu peito. Ele descansou o queixo no meu ombro. — Tatuagem em cima de cicatrizes é difícil. Às vezes, a tinta não pega e a pele é bem mais sensível por causa das lesões nos nervos. — Ele ergueu a manga da camisa para expor o coração sangrando. — Passe a mão aqui.

Fiz o que ele pediu e senti não apenas o relevo sutil da tatuagem, mas uma série de linhas muito mais proeminentes que passavam por baixo do coração. Olhei mais de perto e notei que a tinta era levemente mais rosada naquelas áreas. Eram cicatrizes de algo afiado que havia rasgado seu antebraço.

— O que aconteceu?

— A gata da minha mãe.

— Deve ter doído — falei, desviando o foco da conversa de mim.

— Nem percebi quando aconteceu. De toda forma, não é essa a questão. Fiz essa tatuagem em cima das cicatrizes um ano depois que as lesões sararam. Doeu pra caralho e eu tive que aplicar o vermelho três vezes antes da cor finalmente pegar. É por isso que eu quero saber há quanto tempo você tem essas cicatrizes. Mesmo se fizer mais de um ano, pode ser que eu tenha que passar nessa área várias vezes para a tinta pegar. Vai doer, Tenley, e vai ser bastante.

Eu não queria adiar, mesmo sabendo que quanto mais a gente esperasse para começar a tatuagem, mais oportunidades eu teria de ficar com Hayden como na noite anterior. Ainda assim, parte de mim estava ciente de que aquele relacionamento não deveria ter acontecido. Era só uma questão de tempo até que

Hayden voltasse a fazer perguntas, e quando ele soubesse como as minhas perdas tinham sido graves, não iria mais querer ficar comigo. E ele não teria culpa. Eu estava cheia de fissuras e falhas dentro de mim, duvidando de que me recuperaria um dia. Até a tatuagem ser finalizada, eu daria a Hayden os detalhes mais superficiais e preservaria aquele laço incerto.

— Faz quase um ano — respondi.

— Quase quanto?

— Uns dois meses menos.

— É melhor adiar a data de início, então.

— Não! — Eu me virei para ficar cara a cara com ele. — Por favor, não faça isso. Por favor, Hayden.

Não podemos modificar o desenho para que a tatuagem evite passar por cima das cicatrizes mais profundas? Não ligo se não ficarem cobertas, a intenção não é essa.

— Não sei se é possível — alertou ele.

— Tem que haver um jeito. Eu preciso disso. Você não entende. — Tentei suprimir o pânico crescente, sabendo que aquilo não era racional.

— Ei, calma, vamos dar um jeito — apaziguou Hayden, espantado com a minha reação. — Vou dar uma olhada no desenho amanhã e ver o que posso fazer. Só não quero que você sinta dor sem necessidade.

— Eu aguento a dor física — respondi, envergonhada das minhas emoções imprevisíveis.

— Não é com a parte física que eu estou preocupado.

— Então com o que é?

— Com todas as coisas aí dentro que você não está me contando. — Hayden tocou na minha têmpora e depois a beijou. — O desconforto físico não é o desafio, o problema é a carga emocional que vem depois.

— Vou ficar bem. — Procurei minha blusa, subitamente consciente da minha quase nudez e do teor sério da nossa conversa.

Hayden pegou a blusa do braço do sofá e a enfiou no meio das almofadas, onde eu não conseguia alcançar.

— Você diz isso, mas não tem como saber. — Ele se livrou da própria camisa e tirou a camiseta, deixando sua interminável tela de pintura à mostra. Então passou a mão pela barriga. — Cada uma dessas tem uma história. Não é porque tatuei meu corpo que a carga emocional por trás desses desenhos desapareceu. Você entende o que eu estou falando?

— Eu não pediria para fazer a tatuagem se achasse que não dou conta.

Isso não era nem um pouco verdade. Hayden deu um sorriso triste enquanto eu passava os dedos pelas linhas da fênix em seu peito. Era uma obra de arte maravilhosa em um corpo incrível. Eu queria tanto me perder nele novamente.

— Cada um reage de um jeito. Eu quero descobrir como posso ajudar você quando a hora chegar.

— Como você lidou com tudo?

— Nada bem.

— Em que sentido?

Ele me beijou em vez de responder, que era o jeito de Hayden de terminar uma discussão que não queria ter. Eu já estava cansada de conversar, mesmo.

— Por que não continuamos isto no seu quarto? Não tem espaço suficiente no sofá — disse Hayden quando eu montei nele outra vez.

— Tudo bem, mas acho que você não deve passar a noite aqui hoje.

Meu estômago revirou quando vi que ele ficou magoado. Na mesma hora me arrependi por ter dito aquilo.

— Certo. Sim, claro. Eu tenho que ir para casa. Eu não dormi nada a noite passada. — Hayden me tirou de cima dele e pegou a camiseta de trás do sofá.

Eu agarrei o pulso dele.

— Você não tem que ir agora.

— Foi um dia longo. Provavelmente é melhor assim.

Ele tentou se desvencilhar de mim, mas eu o segurei com mais força.

— Hayden, pare. Não é que eu não queira que você fique, porque eu quero. Eu sonho muito quase todas as noites e não tenho controle sobre isso. Foi sorte que não aconteceu nada ontem de noite, mas com toda essa conversa sobre as minhas cicatrizes, tenho quase certeza de que o meu inconsciente não vai ser tão bonzinho hoje. Eu fico... agitada. Não vou deixar você dormir.

— E se eu quiser passar a noite com você mesmo assim?

Como não respondi de imediato, ele enfiou os braços nas mangas da camiseta.

— Eu grito enquanto durmo — admiti.

Hayden ficou imóvel e ergueu o olhar até encontrar o meu.

— A Sarah consegue me ouvir nas piores noites — contei.

— Quem é Sarah?

— Minha vizinha do outro lado do corredor.

Hayden percorreu com os olhos da porta da frente até o meu quarto. Não levou muito tempo para que calculasse o quanto meu grito devia ser alto para que alguém conseguisse ouvir através de tantas paredes.

— Caramba, Tenley, por quanto tempo você quer me manter no escuro? Preciso de alguma informação, porra. Como é que eu vou consertar... — Ele parou de repente e respirou fundo. — Olha. Temos uma semana antes de eu começar a tatuagem. Diz agora se eu sou o único que quer aproveitar a brecha.

— Você não é o único.

A camiseta dele escorregou pelos braços e caiu em seu colo.

— Então eu não estou nem aí se você canta musicais ou faz malabarismos enquanto dorme. Vou ficar.



# Hayden

Dormi na casa de Tenley todas as noites até o dia da primeira sessão de tatuagem dela. Para uma estudante de pós-graduação, ela era incrivelmente desorganizada. Aquilo me enlouquecia; então eu resolvi o problema estabelecendo um sistema de arquivamento para papéis soltos. Eu adorava fazer coisas assim.

Eu bloqueava qualquer outro problema que pudesse ter com a bagunça dela mantendo-a nua — a maior parte do tempo. Depois do trabalho, eu ia para lá com petiscos e cerveja, porque Tenley não tinha nenhum dos dois no apartamento. Quer dizer, além de cupcakes. Isso ela parecia ter um estoque infinito.

Ficávamos juntos, eu lhe contava sobre o meu dia e ela evitava qualquer discussão que envolvesse o conteúdo de sua tese. Não que isso importasse; eu já tinha fuçado o suficiente, de toda forma, quando arqueei os textos. Concluí que Tenley achava que eu ficaria entediado, o que não era verdade, mas não forcei a barra. Baseado no que eu tinha lido e nos incontáveis livros empilhados no chão, repletos de post-its, a maior parte da pesquisa tratava de comportamentos divergentes. Por curiosidade, folheei alguns desses livros enquanto ela estava no banheiro. Além dos post-its, havia passagens sublinhadas por toda parte. Pelo que entendi, sua visão sobre algumas práticas bastante radicais de modificação corporal era bem interessante, e todas as suas ideias eram fundamentadas em princípios filosóficos. Contudo, eu não daria minha opinião, mesmo que representasse bem uma das vertentes da subcultura. Eu tinha uma coleção extensa de livros sobre assuntos que iam desde a filosofia anarquista até a história da tatuagem na literatura clássica, mas minha educação se limitava ao ensino médio. Meus conhecimentos vinham da experiência prática e das coisas que eu lia.

Além de ajudar na tese de Tenley, a semana passou como um borrão de sexo: cozinha, sofá, quarto, o resultado final era sempre o mesmo: Tenley nua, eu dentro dela. Mas chegar lá era sempre uma aventura, em parte porque as escolhas de lingerie dela nunca deixavam de me impressionar e me excitar. Tinha de todos os estilos, cores, tecidos e estampas. No entanto, algumas se destacavam na coleção. No sábado, ela saiu do quarto de cetim vermelho com bolinhas pretas, com pequenos lacinhos pretos em cada lado do quadril. Os cabelos estavam presos em um rabo de cavalo, e ela parecia uma pin-up. Não conseguimos sair do sofá. Depois que ela pegou no sono, fiquei ali com AG e fiz um esboço de Tenley naquelas peças, imaginando que renderia uma tatuagem bem legal.

No domingo, mudei a rotina e levei Tenley para fazer compras à noite, já que ela não tinha comida em casa. Seus hábitos alimentares eram péssimos, a não ser que alface-americana contasse como uma escolha saudável. Eu disse a ela que aquilo tinha o mesmo valor nutricional do ar. Ela respondeu revirando os olhos e indo para o corredor dos cereais, onde pegou uma caixa de cereal. Ela me mostrou todas as vitaminas e minerais contidos em uma porção, e reclamei daquilo também. Porque comer um cereal que destrói os dentes estava além da minha compreensão. Eu a fiz prometer que não comeria

aquilo até a quinta-feira, quando eu não poderia mais aproveitar a brecha porque a sessão a colocaria fora do meu alcance.

Na terça, Tenley teve um daqueles pesadelos sobre os quais tinha me alertado. Ela já não tinha o sono muito tranquilo, para começar. Na maioria das noites, eu acordava em algum momento com seus gemidos leves. Eles incomodavam AG, e ela ficava andando sobre a cama me cutucando até que eu acalmasse Tenley. Em algumas noites, Tenley se mexia sem parar para depois se aninhar em mim como se não conseguisse ficar perto o suficiente. Mas naquela noite foi pior, muito pior. Foi o choro leve que me acordou, no começo. Eu me virei e coloquei o braço ao redor dela, porque isso costumava ajudar.

— Está tudo bem. Estou bem aqui — murmurei e beijei o cabelo dela, ainda no bálsamo quente do quase sono.

Mas aquilo não durou muito. Tenley começou a se debater, me empurrando, e o choro ficou mais alto, mais desesperado. Aquilo era novidade. Eu a soltei e vi que seus olhos estavam abertos, mas não parecia que ela estava me vendo de verdade. Presa no pesadelo, Tenley se afastou até bater na cabeceira da cama, que ela então começou a escalar, agarrando-a como se estivesse tentando fugir. A cabeceira era de ferro forjado, bem feminina, com aqueles arabescos e cantos pontiagudos. Ela estava nua e eu fiquei com medo de que ela fosse se machucar.

— Vamos lá, Tenley, acorde, você está tendo um pesadelo. — Tirei as mãos dela da cabeceira. Foi mais difícil do que eu esperava.

Foi então que os gritos insanos começaram. Eu jamais me esqueceria daquele som. Era a dor em sua forma mais crua; meio humana, meio animal, toda angústia. Eu não sabia como um som daqueles podia sair de alguém tão pequeno. Acendi o abajur, iluminando o quarto com um brilho suave. Ela estava enroscada com força por cima das cobertas, seus cabelos escuros espalhados sobre o lençol amarrotado. Parecia muito frágil daquele jeito; seu corpo tremia, as mãos cobriam a cabeça enquanto ela gritava; gemidos agudos que faziam meus ouvidos e meu peito doerem. Eu me lembrei de como os pesadelos podem ser terríveis.

Cheguei bem perto e coloquei a mão nas costas dela, acariciando a pele cheia de marcas e cicatrizes. Ela estava com os pelos arrepiados.

— Tenley, gatinha, por favor, você precisa acordar.

Tive que falar mais alto do que os gritos dela. Então entendi o que ela quis dizer quando contou que a vizinha podia ouvi-la.

De repente, ela se sentou, os olhos analisando o quarto até que pararam em mim. Ela estava acordada e não olhava mais através de mim, mas para mim. Hesitantes, seus dedos passaram por minha bochecha e meu maxilar.

— Hayden?

— Estou bem aqui. Foi só um sonho, você está bem. — Coloquei minha mão sobre a dela e a beijei, puxando-a para perto.

— Pensei que... — Ela parecia muito confusa; então seus olhos se encheram de lágrimas. — Eles se foram, todo mundo se foi.

— Quem se foi, gatinha?

Tenley subiu no meu colo e jogou os braços em torno de mim, seu corpo tremendo tanto que os dentes batiam. Senti as lágrimas dela no meu pescoço.

— Desculpe — murmurou ela no meu peito, enquanto soluçava.

— Shh, está tudo bem. Você não precisa se desculpar.

Arrumei o cabelo dela para trás. Sua pele estava úmida de suor. Puxei as cobertas sobre nós e empilhei os travesseiros atrás de mim, de modo que fiquei meio sentado com ela no colo.

— Não quero que você vá embora — gemeu Tenley, apertando meu pescoço ainda mais.

— Ir? Aonde é que eu iria?

Dei um beijo na têmpora dela e a mudei de posição. Ela segurou firme, o rosto enterrado em meu pescoço.

— Tenley? — Como ela não respondeu, tentei de novo. — Tenley, olhe para mim. — Forcei a cabeça dela para cima até que seu olhar se ergueu. — Pesadelos não vão me fazer ir embora.

Mais lágrimas escorreram por seu rosto.

— Só quero que a dor passe. Você deixa tudo tão melhor... Estar com você deixa tudo melhor — sussurrou ela.

Eu lhe dei um beijo suave.

— Que bom. Quero fazer isso por você.

Em algum momento, a respiração de Tenley estabilizou e seu corpo relaxou. Os braços afrouxaram, mas sem me soltar. Ela estava quase deitada por cima de mim em sua ânsia de ficar o mais perto possível. Levei um tempão para pegar no sono de novo. Fiquei revivendo os sons angustiados dos gritos dela e suas palavras na minha cabeça. Queria saber exatamente o que eu estava deixando melhor para ela.

Deitado ali, querendo respostas que eu sabia que não teria tão cedo, percebi que não dormia na minha própria cama havia uma semana. Também não sentia falta. Nem mesmo em noites assim. Apesar da falta de habilidade de Tenley para cuidar da casa e de sua constante desorganização — com exceção da catalogação de livros perfeita —, eu preferia lidar com a bagunça e os pesadelos do que não estar com ela. Antes daquela semana, nunca tinha dormido na cama de nenhuma outra pessoa, a não ser que contasse o quarto de hóspedes da casa de Lisa e Jamie quando eu ficava bêbado demais para voltar para casa. Mas ficar com Tenley era diferente. Havia conforto em acordar ao lado dela. Eu gostava de morrer de calor pela manhã porque tinha passado a noite agarrado nela.

Mas era mais que apenas passar a noite. Eu ansiava pelas visitas noturnas de Tenley ao Inked Armor. Gostava de me sentar no sofá dela, de lhe contar sobre os meus clientes ou sobre as idiotices que Chris fazia. Eu estava sozinho há tanto tempo, imerso na rotina e na ordem, que não tinha percebido como era bom ter alguém para encontrar no fim do dia. Sempre que eu passava no meu apartamento para trocar de roupa ou tomar banho, nunca ficava muito tempo. Parecia vazio demais, como se estivesse faltando algo. E estava.

Eu estava começando a pensar em Tenley como minha. Pela primeira vez na vida, eu queria alguém para mim. E iria aceitá-la do jeito que viesse.

A manhã de quinta chegou mais cedo do que eu achava possível. Acordei antes de Tenley. Ela estava em seu lugar de costume, aconchegada ao meu lado. Ainda era cedo, o que significava que teríamos tempo de sobra para aproveitar bastante. Eu queria ir devagar, nada do sexo agressivo e selvagem da noite anterior, porque aquela seria a última vez por um bom tempo. E não por causa daquela regra idiota, que eu não tinha nenhuma intenção de seguir, considerando como as coisas estavam caminhando.

Depois da primeira sessão, Tenley estaria inacessível enquanto suas costas cicatrizassem. Os primeiros dias em geral eram os piores, era difícil se acostumar com o desconforto. Não tínhamos conversado sobre o que aconteceria com a gente, mas eu planejava estar à disposição sempre que possível. O impacto emocional de uma sessão podia ser bem complicado, principalmente de uma tatuagem daquela magnitude. Depois da minha primeira tatuagem grande, tive uma recaída horrível, e os acontecimentos daquela época ainda eram confusos na minha cabeça. As partes de que eu lembrava não eram lá muito agradáveis. Graças à minha falta de habilidade para lidar com isso, tive que fazer uma série de retoques. Com Tenley, ao menos, eu podia ajudá-la a ir até o fim, se ela quisesse.

Tenley se mexeu ao meu lado, esticando-se para espreguiçar. Seu corpo ficou rígido enquanto os músculos vibravam, então ela jogou uma perna por cima da minha, prendendo meu pau debaixo de seu quadril.

Coloquei a mão na bunda dela, puxando-a de leve para mais perto de mim; o gemidinho que ela deu era um sinal de que eu não era o único acordado. Ela se aproximou, a testa encostando no meu pescoço. AG miou, frustrada, quando a tirei do meu peito para abrir espaço para Tenley, que pigarreou e lambeu os lábios, olhando para mim com os olhos pesados de sono.

— Bom dia.

Ela chegou ainda mais perto e eu a ajudei a se mover até que ela estivesse deitada sobre mim. Eu a queria, e entendi que, por seu posicionamento estratégico, ela também estava com a mesma vontade. Suas mãos deslizaram por debaixo dos meus ombros e ela deitou o rosto no meu peito, me dando um abraço nu de corpo inteiro. Seus joelhos apertavam as laterais das minhas pernas e, apesar de todas as partes importantes estarem alinhadas para entrar em ação, eu tive a clara sensação de que aquilo não era para ser meramente sexual. Devolvi o abraço.

— Vou sentir falta disso — murmurei em meio aos cabelos dela.

Tenley ergueu a cabeça.

— Dois meses vão parecer uma eternidade.

Bufei. Se aquele único domingo sabático era um sinal, meu autocontrole se esgotaria bem antes de terminar a tatuagem.

— É, como se eu fosse conseguir esperar esse tempo todo.

— Ah, é? — perguntou Tenley, erguendo-se.

— Parece meio sem sentido para mim.

Uma das minhas mãos escorregou para a bunda dela, pronta para ajudar na movimentação, se necessário.

— Você não acha que isso vai causar problemas com o Chris e o Jamie? — perguntou ela, beijando meu queixo.

— O Jamie não está nem aí e o Chris que cuide da própria vida — respondi. Aquilo saiu mais agressivo do que eu queria.

Tenley tentou se afastar, mas eu segurei sua cintura com mais força. Não queria que a conversa tomasse um rumo negativo, não quando minhas horas com ela sem roupa eram limitadas. Com a sessão marcada para aquela noite, eu queria que estivesse relaxada, e não estressada com coisas que não deveriam ter importância.

— Desculpe, o Chris às vezes me tira do sério.

— Lisa disse que essa questão foi um problema entre vocês.

Eu precisava conversar com Lisa sobre o tipo de informação que repassava. Tenley não precisava se preocupar com Chris e com os problemas dele. Nem com o que os causava.

— Evitar isto — aponte para a posição em que estávamos — não vai mudar nada, só vai me deixar impaciente.

— A gente não quer que isso aconteça.

— Com certeza não. — Balancei a cabeça com uma solenidade sarcástica. — Sou um saco quando estou de mau humor.

— Posso imaginar — disse Tenley, seus lábios tão perto do meu mamilo que era uma tortura.

— Você não deveria concordar comigo — falei, dando um tapinha na bunda dela. Não foi forte, mas os olhos dela se arregalaram.

Ela cobriu meu piercing com a boca e chupou de leve. Os dentes acompanharam, arranhando a pele sensível, batendo no metal. Era difícil fingir que eu estava bravo enquanto ela fazia esse tipo de coisa.

— Foi você quem disse. O que eu posso fazer se você é sensível? — O sorriso de Tenley era pura inocência sedutora.

— Não sou sensível. — Achei a insinuação ligeiramente ofensiva, mesmo que talvez fosse verdadeira.

— É claro que não.

— É melhor você se cuidar — avisei.

Foi uma ameaça vazia. Eu não tinha nenhuma réplica planejada, ao menos não em um futuro imediato. Talvez depois, quando ela não estivesse esperando.

Tenley se ergueu, usando os braços como apoio e cortando o contato de virilha com virilha.

— Você se acha muito assustador, não é?

Ela me fitou, sorrindo com timidez, enquanto curvava as costas e seus mamilos duros e rosados raspavam pelo meu peito.

— E você acha que eu não sou?

Ergui uma sobrancelha, interessado em saber aonde ela queria chegar. Eu gostava quando Tenley brincava assim. Também gostava quando ela era agressiva e exigente, ou suave e submissa.

Ela balançou a cabeça e beijou meu maxilar.

— Você é bonito demais para ser assustador.

Eu quase não entendi o que ela disse graças ao seu tom provocante.

— O que você disse? — perguntei, torcendo para ter ouvido errado. — Você me chamou de *bonito*?

Ela beijou logo abaixo da minha orelha, ignorando a pergunta. Eu não sabia se ficava ofendido ou excitado. Não tive muito tempo para me decidir por nenhum dos dois, porque ela pegou no meu pau, envolvendo-o com os dedos.

— É melhor do que ser adorável, não é? — perguntou ela, me provocando.

— Não muito — grunhi, incapaz de me manter indignado.

Com uma das mãos apoiada ao lado da minha cabeça, Tenley baixou a cabeça para observar nossos corpos enquanto brincava com meu pau duro. Seus olhos ardentes encontraram os meus e ela esfregou meu pau em seu clitóris, para a frente e para trás. Tudo em que eu conseguia pensar era quanto Tenley estava ao mesmo tempo perto e longe de me enfiar dentro dela. Ela colocou a cabeça bem na entrada, molhada, escorregadia e quente, e *bem ali*.

Quando moveu o quadril, meu pau deslizou para dentro, até o piercing. Ela deitou o rosto no meu pescoço, sua respiração quente na minha pele quando seus lábios se abriram e seus dentes afundaram em mim. Ela gemeu, e o som vibrou pelo meu corpo enquanto ela se movia devagar para trás e me colocava para dentro. Tenley continuou descendo devagar, e a sensação era quase intensa demais para suportar. Ela enterrou as unhas roídas nos meus ombros.

— Tenley? Gatinha? — perguntei, preocupado com o quanto ela havia ficado rígida.

Acaricieei sua nuca e tentei persuadi-la a olhar para mim, mas ela mordeu mais forte e escorregou ainda mais para baixo, até que sua bunda encostou nas minhas coxas. Permaneceu assim por um minuto, ou mais, ou menos, eu não fazia ideia; estava envolvido demais na *sensação*. Aquela manhã foi diferente, e eu não sabia por quê; cada toque era exaltado ao extremo. Os dentes dela soltaram minha pele e ela a beijou em seguida. Suas mãos pálidas se esparramaram pelas tatuagens do meu peito quando ela se ergueu. Tenley delineou os desenhos com as pontas de seus dedos, passeando pelos meus ombros e descendo pelos meus braços até chegar às minhas mãos, repousadas sobre as coxas dela.

Ela se levantou, girou o quadril e então sentou de novo. Com cada rotação, ela acelerava o ritmo, enquanto eu tentava fazê-la ir mais devagar.

— Eu preciso... — Ela entrelaçou os dedos nos meus e se inclinou para a frente, pressionando nossas mãos entremeadas contra os lençóis dos dois lados da minha cabeça.

Eu podia ter assumido o controle, mas não tinha nenhuma vontade de interrompê-la, compelido pela necessidade de dar a Tenley o que ela queria.

O cabelo dela formava um véu ao nosso redor, seu rosto a centímetros do meu. Ela ficou por ali, me olhando com uma emoção feroz. Em uma urgência repentina, ela sentou em mim com força.

— Calma — gemi, apertando os dedos dela, empurrando suas mãos enquanto ela se erguia, seus olhos fervilhando em desafio.

Queria saber o que estava passando na cabeça de Tenley, porque eu estava completamente desnorteadado com aquelas *sensações*. Desvencilhei meus dedos e segurei seu quadril antes que conseguisse fazer aquilo de novo. Ela ficou tensa sob as minhas mãos.

Com um braço apertando sua cintura, eu me movi embaixo dela, sem força e sem pressa, apesar de achar que ela queria os dois.

— O que você está querendo provar?

— Não sei. Preciso de você — sussurrou ela.

— Está tudo bem, gatinha, eu preciso tanto de você quanto você de mim.

Eu não disse aquilo para fazê-la se sentir melhor. Apesar de me deixar nervoso, era verdade. Eu precisava de Tenley da mesma forma que precisava de ordem e de rotina. Ela havia se infiltrado naquela rotina, transformando meu mundo em um caos. Tudo relacionado à vida que eu vivia antes dela parecia um borrão cinza.

A respiração de Tenley ficou rápida e pesada, seu corpo teso como um cabo esticado. Passei uma das mãos pelas suas costas, tentando relaxá-la com meu toque. Quando a tensão dela diminuiu, apoiei a mão em seu rosto e a beijei, tentando manter afastado o desejo ardente de devorá-la para lhe mostrar que não precisava ser sempre daquele jeito. Apesar de quase sempre ser.

Minha língua encontrou a dela e Tenley cedeu com um suspiro carente. A última coisa que eu queria era que ela usasse aquilo — fosse lá o que fosse “aquilo” que havia explodido entre nós — como uma

autopunição. A conexão tinha aumentado de maneira exponencial e se estendeu para muito além do meu desejo físico por Tenley. Parecia definitivo. Se eu não conseguia voltar, não queria que ela conseguisse também.

Eu a apertei contra mim, penetrando-a fundo. Aquilo era tão bom, tão melhor do que o sexo furioso da noite anterior. Posicionei minha mão entre nós, pressionando o local onde o coração dela batia acelerado. Um tremor passou por Tenley e sua respiração acelerou; gemendo baixinho na minha boca à medida que eu aumentava o ritmo. Tenley girava o quadril com força e devagar junto comigo, até que os músculos dela enrijeceram e seus lábios se abriram. Meu nome saiu como um sussurro, ela tremeu e se agarrou a mim.

Quando seu corpo relaxou e sua respiração desacelerou, eu a virei. Apoiando o peso do meu corpo nos antebraços, continuei próximo a Tenley, sem tirar os olhos dela. Mantive o mesmo ritmo lento de antes, os movimentos curtos mais do que suficientes. Ela ergueu as pernas, os joelhos batendo nos meus cotovelos, e ela segurou uma respiração aguda.

— Está tudo bem? — perguntei, sempre preocupado com o quanto ela era frágil, física e emocionalmente.

— Está. — Os olhos de Tenley estavam vidrados e distantes. Ela passou os dedos pelo meu cabelo, e seus calcanhares repousaram na minha bunda, pressionando, me forçando a ir mais fundo. — Está gostoso. Você é gostoso.

Capturei os lábios dela com os meus em um beijo suave.

— Você pode vir com mais força — disse Tenley, baixinho, contra minha boca. A voz dela estremeceu, as ondas ecoando por seu corpo.

Balancei a cabeça. O desejo por ela que me consumia inteiro tornava aquele pedido difícil de negar, e isso me assustava.

— Eu quero você assim.

As pernas dela apertaram ainda mais o meu quadril e eu continuei recusando o que ela pedia. Mas eu não podia ceder, porque o que *eu* queria era manter aquela conexão pelo máximo de tempo possível. Uma centelha percorreu o meu corpo e se alojou no fundo do meu estômago, sinalizando que eu estava quase lá. A onda de calor explodiu como uma bomba dentro de mim e eu meti em Tenley com mais força do que pretendia. As pernas dela se contraíram em volta de mim.

Mordi o ombro dela como ela havia feito comigo, deixando marcas que tentei fazer desaparecer com um beijo. Meus braços queimavam com o esforço para suportar meu próprio peso em uma posição tão limitada. Quando tentei sair de dentro dela, os braços de Tenley apertaram minhas costas.

— Ainda não, por favor.

Engatei a perna dela por cima do meu quadril e me deitei de lado, trazendo-a junto comigo, ainda dentro dela. Ficamos assim, bocas unidas e mãos acariciando um ao outro até que o despertador de Tenley me avisou que precisávamos sair da cama. Quando abandonei o calor do corpo dela, senti um vazio estranho que fez meu peito doer.

Eu queria ficar na cama com ela o dia todo e manter aquela expressão satisfeita em seu rosto, mas Tenley tinha aulas e eu tinha que trabalhar.

— Por que você não vai tomar um banho enquanto eu faço o café? — sugeri.

O cabelo de Tenley estava uma bagunça só. Parecia que tinha enfiado o dedo em uma tomada. Aquilo era sexy, de um jeito meio Tim Burton.

— Tenho uma ideia melhor. — Ela desenhou devagar um círculo em torno do meu mamilo, demorando-se no piercing. Tentei impedir que meu pau reagisse, mas não consegui. — Por que você não toma um banho comigo e eu ajudo você a fazer o café?

— Gosto mais da sua ideia do que da minha. — Saí das cobertas e fiquei de pé.

Assimilando as curvas de seu corpo, observei Tenley se espreguiçar. Ela demorava para sair da cama de manhã e sempre se levantava com a perna direita. No começo eu achei que era por minha causa, mas percebi que devia ser por causa do acidente, porque depois de dez minutos ela parava de mancar.

O banho foi demorado. Também não foi minha culpa. Tenley fez questão de que eu ficasse bem limpo. Ela deu uma atenção especial à parte da frente do meu corpo, especialmente à minha virilha. Nem eu nem meu pau reclamamos. Depois, retornei a gentileza, pois sou totalmente a favor da igualdade.

Depois, fizemos panquecas. Bom, eu fiz panquecas e Tenley ficou tentando impedir AG de subir no balcão. Quando terminamos o café, eram quase onze da manhã.

— Tenho que ir trabalhar logo — falei, enquanto Tenley colocava os últimos pratos na lavadora e eu os reorganizava para poder colocar mais.

Ela olhou para o relógio.

— Acho que tenho que sair também.

— Vejo você às seis?

— Aham. — Ela brincou com a gola da minha camisa.

— Você sabe que se estiver na dúvida...

— Não estou.

— Mas se estiver...

Ela ergueu o olhar para encontrar os meus.

— Eu quero fazer isso. — A frase saiu carregada de significados. Tenley não estava mais falando apenas da tatuagem. — Sei que não vai ser fácil. E não quero que... isto... acabe. Mas você é a única pessoa em quem confio para fazer isso para mim. — Ela me fitou com atenção. — Então... quanto tempo temos que esperar depois da primeira sessão?

— Para quê?

— Você.

— Já está com saudades? — brinquei, mas a reviravolta no meu estômago me deixou perturbado.

— Estou falando sério. Quanto tempo?

— Uma semana, talvez um pouco mais. Depende da sua cicatrização.

Ela puxou minha camisa e eu atendi a seu pedido silencioso abaixando a cabeça. Não havia nada de suave naquele beijo; era cheio de possessão agressiva. Às vezes, palavras eram desnecessárias.

Minha agenda estava lotada. Isso queria dizer que eu não teria tempo de ficar pensando na sessão de Tenley ou nas possíveis complicações daquilo. Eu já tinha me preocupado bastante na última semana, de qualquer forma.

Às cinco e meia, preparei a sala privativa. Depois de tudo pronto, peguei a ficha dela. Eu havia alterado o desenho para evitar as cicatrizes mais profundas das costas. Aquelas perto do ombro não eram

tão graves, o que era bom, porque eu não conseguiria contorná-las. Partes das asas inevitavelmente passariam por cima de alguns dos lugares mais sensíveis. Lisa e eu tínhamos conversado sobre isso e ela entendia minha preocupação em relação à tinta. No fim das contas, chegamos à mesma conclusão: Tenley não concordaria em adiar a sessão e eu não queria que ela procurasse outra pessoa que talvez fizesse com tudo.

— Então, é hoje? — perguntou Chris.

Não demorou muito para ele esquecer a nossa discussão. Comprei um pack de sua cerveja favorita para me desculpar por ter forçado uma briga. Aquilo ajudou a apaziguar as coisas.

— Hein?

Olhei para cima. Jamie e Chris estavam me observando.

— Você vai começar a tatuagem da Tenley — respondeu Jamie.

— Esse é o plano.

— Você sabe qual a história por trás do desenho? — perguntou Chris, atravessando a sala para ver a versão atualizada.

Tenley não tinha contado mais nada desde nossa conversa na última quarta, e eu não a pressionei. Na verdade, eu não queria ouvir algo que talvez me fizesse querer dizer não. Não queria decepcioná-la.

— Sabe como é. Quando sentam na cadeira, eles costumam se abrir. Tenho certeza de que com a Tenley vai ser a mesma coisa — respondi, bancando o indiferente.

Ela havia me prometido contar mais sobre as cicatrizes. Talvez revelasse alguma coisa durante a sessão.

— Você esteve com ela todas as noites dessa última semana — ponderou Jamie. — Já era para ela ter dito alguma coisa a essa altura.

— O quê? — Chris fez uma cara incrédula e olhou de Jamie para mim. — Do que o Jamie está falando? Você esteve com a Tenley todas as noites? Assim, *com ela*, com ela? Tipo, quebrando a regra com ela?

— Temos passado um tempo juntos. Isso não era nenhum segredo.

Encarei Jamie. Eu não tinha divulgado a informação porque sabia qual seria a reação de Chris.

— Mas, mas... — gaguejou Chris.

— Lisa disse que ela sofreu algum tipo de acidente.

Jamie desviou o assunto de mim, evitando mais explicações sobre o “passar um tempo juntos”. Não que eu fosse compartilhar aquilo com Chris. Não precisava que ele imaginasse Tenley pelada. Só pensar naquilo já instigava uma violência irracional.

— Que tipo de acidente? — perguntou Chris.

— Ela tem umas cicatrizes.

Esse assunto não era muito melhor do que o anterior.

— Cicatrizes? Onde? — Chris continuava forçando a barra para não mudar de assunto.

— Você é o quê, uma porra de um papagaio?

Ele não teve tempo de bolar uma resposta à altura porque duas meninas entraram no estúdio.

— Babaca. — Ele se levantou e foi cumprimentá-las.

Tenley apareceu alguns minutos depois. Eu a levei direto até a sala privativa para evitar os olhares curiosos de Chris.

— Oi — falei, enfiando as mãos nos bolsos porque não sabia o que mais fazer com elas.

— Oi. — Ela deu um passo à frente e parou, como se também não soubesse o que fazer. Éramos uma bela dupla.

— Como você está se sentindo?

— Ok. Bem. Animada. Nervosa. — Ela torceu as mãos.

Eu me aproximei de Tenley e a puxei em um abraço. Os braços dela envolveram as minhas costas, o rosto pressionado no meu peito. Descansei o queixo na cabeça dela. Poderíamos ter ficado assim por horas e eu não me importaria nem um pouco.

— Depois disso, vou começar a agir profissionalmente — falei.

— Porque você foi *muito* profissional na última vez em que eu estive na sua cadeira.

— Não fui nem um pouco, né?

— Não. — Tenley franziu a testa. — Espero que você não seja assim com todas as suas clientes.

— Com certeza não. — Eu me inclinei para beijá-la.

Ela resistiu um pouco, como se estivesse mesmo preocupada que aquilo fosse uma possibilidade.

— Olha para mim — pedi, em voz baixa. Quando ela olhou, percebi seu medo. Era por isso que se envolver com uma cliente era uma má ideia; aquilo a deixava mais vulnerável. — Prometo que você é a única.

Quando a beijei, toda a tensão se esvaiu. Só parei porque Lisa deu sua batida de emergência na porta.

Dei um último selinho em Tenley.

— Sim? — perguntei por cima do ombro.

Lisa enfiou a cabeça pela porta.

— Vou comprar café, vocês querem?

Que bela emergência.

— Não, obrigada — respondeu Tenley.

— Tem certeza? Vou pedir um. — Peguei minha carteira e dei uma nota de vinte para Lisa. — A Tenley gosta daquelas coisas com leite.

— Acho que a cafeína não vai cair bem.

— Então um descafeinado — falei para Lisa. — E eu quero o de sempre.

— Beleza. Lindo o seu gloss, por sinal. O brilho acentua os piercings no lábio. — Lisa deu uma piscadinha para Tenley e fechou a porta.

Esfreguei a boca com o dorso da mão. Ficou brilhando.

— Caralho.

— Não vai rolar por um bom tempo — murmurou Tenley.

— É só uma semana, mas a gente pode adiar a tatuagem, se isso for um problema para você. — Eu quase queria que ela aceitasse a proposta.

— Vou sobreviver.

Limpei o resto de gloss da boca na minha camisa e abri a pasta de Tenley.

— Então, eu mexi um pouco mais no desenho.

— Ah, é?

Missão “Mudar a Porcaria do Assunto” cumprida.

— Alterei o formato das asas aqui. — Mostrei os cantos de baixo. — E aqui. — Delineeii o contorno que acabaria nos ombros.

Eu estava enrolando, ainda preocupado com a reação emocional de Tenley depois da sessão. Embora a tatuagem talvez cicatrizasse bem depois de uma semana, seria difícil resistir se Tenley me pressionasse para transar antes. E ela faria isso. Porque era assim que as coisas funcionavam com ela.

— Como eu disse antes, vou levar umas vinte horas para terminar o desenho todo, mas isso depende de uma série de fatores. Só vamos saber como a tinta vai pegar daqui a pelo menos umas duas semanas. Planejei uma sessão de quatro horas hoje, para o contorno. Se você se sentir desconfortável ou estiver doendo demais, tem que me pedir para parar.

— Ok. Posso tirar a roupa?

— Você por acaso ouviu o que eu acabei de dizer?

— Você calculou quatro horas hoje para o contorno. Se eu me sentir desconfortável, devo pedir para você parar — parafraseou ela.

— Você tem certeza absoluta de que quer levar isso em frente? — perguntei.

Tenley começou a desabotoar a blusa. Percebi que ela ouviu meu conselho e escolheu algo fácil de vestir depois. Também não estava usando jeans apertados. Com qualquer outro cliente, eu teria saído da sala para dar um pouco de privacidade. Mas não com ela.

Havia trocado o sutiã. Era azul-escuro com renda prateada e cristaizinhos espalhados. Não me dei ao trabalho de fingir que não estava olhando. Ela tirou a blusa, dobrou-a com cuidado e a colocou no balcão onde todas as outras coisas estavam. Então as mãos foram para as costas, um gesto que projetou seu peito para a frente enquanto abria o sutiã. As alças caíram pelos braços e os seios empinados ficaram à mostra. Os mamilos enrijeceram quando o ar frio os tocou.

Não parei de olhar enquanto procurava uma toalha no armário ao lado.

— Aqui.

Ela a pegou da minha mão.

— Para que isso?

— Para você se cobrir.

— Por quê? Até parece que você nunca me viu sem blusa antes.

— É, mas agora é só tortura. Você gostaria se eu mostrasse meu pau e fizesse você olhar para ele pelas próximas horas?

Tenley olhou para a minha virilha.

— Verdade. — E se cobriu.

— Além disso, vou precisar da ajuda da Lisa para colocar o estêncil.

— Ela também já viu meus peitos antes.

— Obrigado por me lembrar.

Senti uma vontade irracional de cobrir os mamilos de Tenley com Band-Aids para garantir que eles ficariam cobertos.

Alguém bateu de leve na porta e Lisa se identificou. Quando avisei que estava tudo certo, ela entrou.

— Bem na hora. Me dá uma ajuda aqui? — Mostrei o desenho.

— Claro. — Lisa trancou a porta e distribuiu os cafés.

O meu era puro e ainda estava quente demais para ser bebido, então o coloquei no balcão.

Tenley observou com curiosidade quando eu sentei na cadeira e deslizei para lá e para cá, pegando os apetrechos necessários. Joguei luvas de látex para Lisa e peguei um par para mim mesmo.

— Por que você não senta, gatinha? — Dei um tapinha na cadeira à minha frente.

Lisa me lançou um olhar incrédulo. Eu a ignorei e foquei em Tenley. Ela sentou-se, como eu pedi, com as costas retas.

— Você pode relaxar, por enquanto. Vou ter que usar um spray antisséptico antes de transferir o desenho para a sua pele — expliquei, tirando o rabo de cavalo das costas dela e expondo as cicatrizes.

Tenley tremeu e se curvou um pouco.

Lisa tossiu e olhou para mim, articulando um palavrão com os lábios, chocada. Não havia vocábulos para descrever bem a dimensão das cicatrizes de Tenley.

— Vocês vão fazer vários intervalos? — perguntou Lisa.

— Sim, sempre que eu achar que ela precisa — falei, tranquilizando-a.

Com toda a razão, Lisa estava preocupada com o fato de que seria doloroso tatuar sobre aquelas áreas, especialmente em volta do lado esquerdo do quadril. Ela era magra, então qualquer lugar próximo aos ossos seria sensível. Quando estávamos prontos para colocar o transfer, pedi que Tenley ficasse em pé em frente ao espelho.

— Você vai ter que abaixar isso aqui um pouco.

Passei o dedo pelo cós da legging dela. Eu preferia aquilo ao jeans. Não tinha zíper, botões, bolsos atrás; apenas um tecido elástico que se moldava a cada curva de seu corpo esbelto.

— Você pode abaixar — respondeu ela.

Era ótimo ter outra pessoa na sala, senão eu teria partido para cima de Tenley depois daquele comentário. Mas mantive a boca fechada e enganchei os polegares no tecido, abaixando-o até descobrir os ossos do quadril. Lisa ficou com o lado esquerdo e eu, com o direito, aplicando o estêncil na pele de Tenley e nos certificando de que estava perfeitamente alinhado com sua coluna e seus ombros. Nada era mais vulgar do que uma tatuagem de costas inteiras mal centralizada. Lisa segurou o canto e eu o alisei, removendo o papel quando estava tudo pronto.

— Vai ficar incrível — comentou Lisa, em um tom de voz quase reverente.

Tenley se virou para ver melhor o desenho.

— Nossa... — sussurrou.

Lisa ajeitou o rabo de cavalo de Tenley e lhe deu um beijo no rosto.

— Garota corajosa. Vejo você em algumas horas. — Ela saiu e fechou a porta com um ruído silencioso.

— Como você está se sentindo?

— Bem.

— É normal sentir medo. — Tirei uma das luvas e a coloquei no balcão, para poder tocar Tenley sem obstáculos. Passei o dedo embaixo do olho dela, secando uma lágrima solitária.

— Não tenho medo da dor.

— Eu sei — disse, porque sabia mesmo.

Tenley conhecia a dor; trazia a prova daquilo no corpo. Mas o sofrimento vinha em formas diferentes, e o físico era o mais fácil de suportar.

Ela endireitou a coluna.

— Estou pronta.



## Tenley

Montei na cadeira de tatuagem, como Hayden sugeriu. Ela lembrava uma daquelas cadeiras reclináveis de dentista, só que sem braços. Ele colocou uma música suave e vestiu luvas novas. Assisti a tudo com a ansiedade disputando espaço com a empolgação enquanto ele preparava a máquina de tatuar.

Quando tudo estava pronto, ele se virou para mim.

— Última chance de desistir.

Ele já tinha dito aquilo para mim antes, na primeira vez em que transamos. Tudo havia mudado, desde então. O que começara como uma atração física devastadora tinha se transformado em algo que eu não sabia como identificar. Eu buscava alívio em Hayden; em seu calor, no conforto de seu corpo. Nossa química implacável fazia com que tudo ao redor cessasse de existir quando estávamos juntos. Sexo com Hayden — qualquer coisa que envolvesse Hayden — era incrivelmente intenso. Eu morria de medo de perder aquilo.

Com exceção de terça-feira, a presença de Hayden na minha cama tinha bloqueado os piores pesadelos. Apesar de minhas noites nunca serem muito tranquilas, elas eram melhores com ele. Não foi só o sono que melhorou; tudo tinha melhorado, exceto quando eu ficava sozinha. Nas horas que passava sem ele, quando eu não estava ocupada com outra coisa, a dor ressurgia. Meu remorso pelas coisas que não poderiam ser mudadas era como ácido, queimando pele e ossos, infiltrando fundo em mim. Então eu me mantinha tão ocupada quanto possível, evitando os momentos solitários que eu buscava antes.

— Já fui longe demais para desistir agora.

Ele me observou e abriu um sorriso triste.

— Isso vale para mim também. — Ele deu um beijo suave na minha cabeça, e nós dois entendemos o significado mais profundo daquela frase.

Meus medos tinham pouco a ver com a tatuagem em si e tudo a ver com a forma como eu me sentia em relação a Hayden. Aquela tatuagem não apenas garantiria a presença dele na minha vida, mas também continha a possibilidade de cura verdadeira. Era minha tentativa de encontrar um desfecho, de deixar tudo para trás aceitando, assumindo, vestindo aquilo na minha pele. Mas eu não conseguia parar de refletir se acabaria perdendo Hayden no processo, quando ele percebesse que eu nunca poderia ser consertada. Hayden reclinou o encosto da cadeira para que meu torso não ficasse completamente ereto. A máquina de tatuar ganhou vida com um zumbido, e a mão enluvada de Hayden repousou na minha nuca. Mesmo o contato mais inocente trazia uma onda de energia tranquilizante. Eu tinha passado a confiar naquele toque, especialmente à noite, quando estava prestes a dormir. Parecia uma manifestação física de nossa conexão emocional.

A agulha afiada penetrou na minha pele. O desconforto era parecido com o da tatuagem de cupcake. Hayden trabalhou em silêncio por um tempo, provavelmente para que eu me acostumasse com a sensação.

Depois de algumas passadas de tinta, ele limpou a área com um lenço úmido, aliviando a ardência. Quando chegou ao ombro, o incômodo ficou mais evidente, então supus que ele estivesse tatuando sobre as cicatrizes. A dor era suportável, nem se comparava ao que eu tinha vivido depois do acidente.

Eu planejava contar algumas coisas sobre o acidente naquela noite. Apesar do medo de me abrir, sabia que devia ao menos algumas breves explicações sobre meu passado. Só não sabia ainda que explicações seriam essas. O suficiente para acalmá-lo, sem colocar em risco o relacionamento frágil que estávamos construindo. Apesar daquela armadura, quanto mais tempo eu passava com Hayden, mais ele se tornava transparente. Ele não fazia nada pela metade. Era sempre tudo ou nada, e isso não se restringia ao quarto. Com o contorno terminado, ele se sentiria obrigado a finalizar o desenho. Aquilo era um abuso de poder horrível da minha parte. Mas eu precisava dele de uma maneira que ia além de seu papel como tatuador.

— Tenley — chamou Hayden, interrompendo meu devaneio.

— Hum? — Eu estava observando o perfil dele, perdida em meus pensamentos.

— Você está sentindo dor? Você fez um... barulho. — Ele se virou na cadeira. — Talvez seja melhor a gente fazer uma pausa.

— Eu não preciso de uma pausa. Há quanto tempo estamos aqui? — Ergui a cabeça, minha bochecha suada por causa do vinil da cadeira.

— Uns quarenta e cinco minutos. Você está indo muito bem, mas estava quieta e então fez um barulho como se estivesse desconfortável. — Hayden parecia apreensivo.

— Estou bem. — Endireitei as costas e ergui os braços sobre a cabeça. O ar frio bateu em meu peito, me lembrando de que eu estava sem blusa. — Desculpe!

Eu me cobri com as mãos, tentando ser recatada. O piercing da língua de Hayden surgiu por entre os lábios, seus olhos em meu peito quase descoberto.

— Eu com certeza preciso de um intervalo — disse ele, decidido.

O zumbido da máquina de tatuar cessou e a música de fundo se tornou mais evidente.

Ele se levantou e se virou, girando os ombros.

— Já volto.

Hayden atravessou a sala, se recompondo, e saiu pela porta. Eu sabia que a atração entre nós não diminuiria durante a sessão, mas não esperava que ela fosse debilitante, especialmente porque aquilo era o mais perto que poderíamos chegar um do outro na próxima semana. Quando ele voltou, trouxe uma garrafa d'água. Dei um grande gole.

— Obrigada.

— De nada. Você precisa se manter hidratada. — Ele desabou na cadeira de novo. — Como você está se sentindo até agora?

— Estou bem — garanti, embora a vaga sensação de queimação do lado direito das minhas costas continuasse aumentando. Eu não queria pensar muito em como seria a segunda parte da tatuagem.

Hayden jogou a cabeça para trás e virou metade da garrafa. Observei seu pomo de adão se mexer. Estranho como algo tão automático podia ser tão sexy.

— Tem certeza? Você está quieta demais.

— Desculpe.

Até então, estava tentando me concentrar apenas na sensação física, mantendo minha mente limpa das memórias associadas à tatuagem.

— Não precisa se desculpar. Só estou verificando para ver em que pé você está.

— Eu o avisaria se estivesse insuportável.

— Não sei se acredito nisso, mas vou confiar na sua palavra. Ao menos por enquanto. Pronta para recomeçar? — perguntou Hayden.

Entreguei a ele minha garrafa pela metade e ele a tampou, colocando-a no chão, ao lado da cadeira. Então colocou luvas novas e ligou a máquina.

— Em que parte você está? — perguntei.

— Estamos progredindo bem. Estou quase na metade do lado direito, mas o esquerdo vai ser mais difícil. Como as cicatrizes são mais profundas, acho que vamos levar mais tempo e fazer mais intervalos.

— Ok. Faz sentido.

Já na cadeira, ele se aproximou de mim e a agulha tocou minha pele novamente. O desconforto aumentou quando a agulha passou pelas minhas costelas e diminuiu quando seguiu para baixo. Dessa vez, contudo, não consegui evitar que as lembranças passassem pela minha cabeça como um álbum de fotografias.

Hayden batia o pé esquerdo no chão enquanto trabalhava. Dava para ver o braço multicolorido dele pela minha visão periférica e, se me esticasse mais, conseguiria ver também o seu perfil.

— Hayden?

Ele parou no mesmo instante.

— Está doendo?

— Estou bem. — Eu precisava de uma distração. Se eu pudesse persuadi-lo a falar sobre seu passado, talvez aquilo me ajudasse a parar de pensar no meu. Passei os dedos pelas videiras que chegavam ao coração sangrando do braço. — Você pode me contar sobre essa? — Ele ficou em silêncio e eu virei a cabeça o suficiente para enxergá-lo. — Por favor.

— Você vai me contar por que eu estou tatuando isto em você? — perguntou ele, sugerindo uma troca de informações.

Eu tinha a sensação de que as noites seguintes ao término do contorno seriam marcadas por conflitos emocionais, além dos desconfortos físicos. Cedi.

— Eu conto sobre o acidente.

— Hoje? — exigiu ele.

— Sim.

— Ok.

Eu me ajeitei na cadeira.

— Mas só se você contar primeiro.

Um sulco profundo surgiu entre as sobrancelhas de Hayden quando ele retomou o trabalho.

— Fiz a tatuagem depois que meus pais foram mortos.

— Os dois? — perguntei, chocada. Cassie tinha mencionado que a mãe de Hayden tinha morrido, mas não havia falado nada sobre o pai.

— Sim.

— Quantos anos você tinha?

— Quase dezoito.

— Foi um acidente? — perguntei, imaginando o quanto seríamos próximos em nossas perdas.

Hayden desligou a máquina de tatuar e eu me mexi para conseguir vê-lo melhor.

— Eles foram assassinados.

— Meu Deus. — Quando Cassie me disse que ele tinha perdido a mãe, eu presumi que tivesse sido algum acidente ou doença. Não aquilo. Eu me sentei, puxando a toalha comigo para cobrir o peito. — O que aconteceu?

Ele estava olhando para o antebraço, onde o coração envolto pela videira estava à mostra.

— Foram baleados. Eu os encontrei.

Engoli em seco.

— Nossa, Hayden. Deve ter sido horrível.

Já era ruim o bastante saber que eles foram assassinados, mas o fato de Hayden ser a pessoa que os descobriu era terrível. Não importava quanto eu tentasse, nunca conseguia apagar a imagem violenta do corpo deformado de Connor da minha memória. Eu duvidava que um dia conseguisse. O rosto sombrio de Hayden revelava a mesma sensação.

— Já faz quase sete anos. Foi há muito tempo. — Hayden pegou a máquina de tatuar, mas eu não aproveitei a deixa para me deitar de volta.

— Isso não torna tudo menos traumático.

Eu queria me aproximar e amenizar a dor que era tão óbvia nele, mas sua postura era rígida; os olhos, sombrios; e eu não sabia ao certo se o contato seria bem-vindo.

— Fiz o coração sangrando como um lembrete do preço das minhas escolhas.

— Você fala como se fosse o responsável.

— Facilitei as coisas. Eu estava de castigo, o que era comum porque mesmo naquela época eu não conseguia seguir regras. Eles tinham ido a um evento e me disseram para não ir a lugar nenhum. Assim que eles saíram, fiz um esquema Ferris Bueller no meu quarto e fui encher a cara com uns amigos. Minha mãe tinha um vaso na porta de entrada onde eu escondia uma chave. A chave não estava mais lá quando voltei para casa. — Ele balançou a cabeça, enojado, os olhos fixos no chão. Ofegava à medida que as mãos esfregavam as coxas. A ansiedade de Hayden era transparente. — Supus que eu a tivesse guardado em outro lugar ou levado comigo sem querer, o que era estúpido, porque eu jamais faria isso. Eu estava tão fodido na hora, chapado e bêbado. Tentei abrir a porta mesmo assim, apesar de ter certeza de que estaria fechada. Eu já tinha me trancado fora de casa antes, tive que quebrar uma janela para entrar. Meu pai ficou puto. Ele chegou a ameaçar instalar um sistema de segurança. Foi por isso que eu acabei fazendo uma cópia da chave.

Dava para saber como aquela história terminaria. Eu já conseguia entender o exterior durão de Hayden muito melhor. Ele carregava o peso das mortes dos pais, assim como eu. Eu me aproximei com cautela e toquei o braço dele. Senti que Hayden precisava se acalmar antes de continuar. Ele fechou os dedos em volta dos meus e apertou.

— Achei que estava com a maior sorte quando a porta abriu. Fiquei confuso, no começo. Os sapatos do meu pai estavam no hall, o que significava que eles tinham voltado cedo para casa. Eles costumavam me esperar acordados para me arrumar mais um castigo. Mas a casa estava totalmente em silêncio. Achei que talvez meu truque tivesse funcionado. Nada estava fora do lugar no primeiro andar, nada. Mas tinha

aquele cheiro... — Hayden deu um suspiro fundo e irregular. — Enfim, fui para o andar de cima e os encontrei na cama. Meu pai tinha um buraco na cabeça e minha mãe tinha sido baleada no peito.

— Meu Deus. Sinto muito — sussurrei.

Corroendo sua armadura, as emoções que Hayden tentava conter começaram a vazar. Aquilo me dava uma noção do menino que ele fora um dia.

— A culpa foi minha. Fui eu quem deixou a chave lá, essa foi a única razão por que eles voltaram cedo para casa. Eles não deveriam estar lá aquela noite. Quem quer que matou meus pais, deve ter estudado a casa. Eles tinham um cofre no quarto, que o filho da puta tentou abrir depois de matá-los.

Estudei as marcas em seu rosto. As emoções de Hayden eram dolorosamente familiares, porque ele, assim como eu, vestia sua perda como um manto de culpa. Ele olhou para mim, parecendo perdido. Então largou minha mão e um dedo passou por debaixo do meu olho para secar uma lágrima.

— Não mereço suas lágrimas.

— Você não tinha como saber que aquilo ia acontecer — falei baixinho.

— Se eu não tivesse sido um adolescente idiota, talvez meus pais ainda estivessem vivos.

Se Hayden soubesse como eu me identificava com ele... Mesmo que, de fato, não tenha sido culpa dele. O assassino podia ter encontrado um jeito de entrar na casa, com ou sem chave.

Contudo, não expressei esse pensamento. Podia até ser verdade, mas ele continuaria carregando a culpa tanto quanto eu sempre saberia da minha verdade.

— Chegaram a encontrar a pessoa que fez isso? — perguntei.

— Não. Por um tempo, fiquei pensando se era alguém que eu conhecia, ou talvez alguém que conhecia meu pai. Só os quartos do segundo andar estavam bagunçados. Mas um policial novato fez besteira no processamento das evidências, então elas acabaram sendo consideradas inadmissíveis. Encerraram o caso.

— Meu Deus, não tinha nada que eles pudessem fazer?

Hayden fez um barulho de desdém.

— E jogar a culpa na polícia de Chicago pela merda que eles fizeram? Sem chance.

Entendi melhor o desprezo de Hayden pelas regras, já que elas não o ajudaram em nada. Por quanto tempo ele tentou expulsar as emoções dolorosas que o devoravam de dentro para fora? Sua armadura de tinta e aço o protegia, mantinha a maioria das pessoas a distância. Conhecer o homem por baixo dela jamais seria fácil. E, mesmo assim, ali estava ele, se abrindo para mim, esperando que eu fizesse o mesmo. Éramos ambos escravos da culpa que carregávamos. O estrago era muito profundo, nos dois lados. Eu temia que jamais conseguíssemos achar um meio-termo onde encontrássemos a libertação de nossos passados.

— Você precisa de outro intervalo — disse Hayden.

Comecei a protestar, mas ele me cortou.

— Estou aqui há quase duas horas. O lado direito está pronto. Você precisa se esticar antes de recomeçarmos. — O tom dele não deu brecha para negociações.

Agora que já estávamos muito além do ponto em que ainda dava para voltar atrás, eu deveria me sentir aliviada. Aquilo era o que eu queria. Mas depois do que Hayden tinha contado, de repente fiquei cheia de medo e remorso. Ele tinha dado exatamente o que eu havia pedido. Devia esperar o mesmo em troca, mas

quanto mais tinta ele colocava, mais vulnerável eu me sentia. Havia a possibilidade de eu me despedaçar se revelasse demais.

Segurando a toalha contra o peito, tomei a mão que Hayden me oferecia. Depois de me levantar, vacilei, o lado direito do meu quadril doía.

— Travada? — perguntou ele, me segurando pela cintura.

Eu me apoiei nele, usando-o para me equilibrar.

— Um pouco.

Suas mãos deslizaram mais para baixo, os polegares ancorados no meu osso pélvico fazendo movimentos circulares lentos nos músculos enrijecidos do meu quadril. Curtindo aquele toque, descansei a cabeça no peito de Hayden enquanto ele me massageava e a dor se esvaía.

— Melhor? — perguntou.

Coloquei mais peso na perna direita e percebi que a rigidez tinha diminuído.

— Sim.

Ele desabotoou a camisa, colocando-a por cima dos meus ombros. Enfiei os braços pelas mangas longas demais. Esperei pacientemente enquanto ele as enrolava até meus pulsos e fechava os botões. Minha resposta ao toque de Hayden era amplificada pelo fato de eu não poder tê-lo. Lendo minha mente, ele ergueu meu queixo e se inclinou.

— Não se preocupe, gatinha. Vamos sobreviver uma semana.

Quando voltei do banheiro, encontrei Hayden na sala principal do estúdio, conversando animado com Lisa. Ela me viu primeiro e sorriu ao ver minha roupa.

— O Hayden disse que você é profissa.

Corei com o elogio.

— Não sei se é isso mesmo, mas acho que estou segurando a barra.

O lado direito das minhas costas ardia como uma queimadura recente de sol. A catarse que Hayden havia mencionado fazia sentido agora, mas eu tinha medo do ponto em que as dores interna e externa se igualariam em intensidade.

— Melhor a gente voltar — disse ele, me empurrando de volta para a sala privativa.

Hayden deve ter sentido minha ansiedade na segunda parte da sessão.

— É melhor eu começar na parte debaixo da asa e continuar até o ombro. Você foi ótima até agora, mas acho que se fizermos a parte mais dolorida antes, você vai conseguir relaxar melhor durante o resto.

Ele me entregou uma daquelas bolinhas para alívio de tensão para eu apertar quando a dor fosse muito forte. Hayden insistiu em intervalos a mais ou menos cada quinze minutos, acariciando meu braço e me dizendo que eu estava indo muito bem. A dor era quase insuportável. Eu não sabia como aguentaria se ele tivesse que repetir aquilo várias vezes até a tinta pegar.

Quando acabamos as partes mais difíceis, Hayden fez a pergunta que eu esperava tanto evitar.

— Você pode me contar sobre o acidente agora?

Não.

— O que você quer saber?

— Estou certo em presumir que a cicatriz no seu quadril e as das costas aconteceram no mesmo momento? — disparou ele.

— Sim. — Compartmentalize as memórias, empurrando-as para um lugar mais fundo, me forçando a permanecer no presente.

— Há algum tempo, você disse que sua mãe tinha falecido... — insinuou Hayden.

— Ela estava comigo.

— Mais alguém?

Ele desligou a máquina de tatuar e se concentrou em mim.

— Meu pai estava lá, também.

— E ele está bem? — perguntou Hayden.

A esperança dele fazia meu coração doer ainda mais.

Fiz que não com a cabeça. Lágrimas deixaram Hayden embaçado.

— Ah, gatinha. — Ele tirou as luvas e fez carinho no meu rosto. — O que aconteceu? Foi um acidente de carro?

— Estávamos em um avião. O motor falhou. — Eu mal consegui pronunciar aquelas palavras.

O queixo dele caiu.

— O avião caiu?

Assenti. Um maremoto de emoções tomou conta de mim. Lutei muito contra ele, impedindo-o de me puxar mais para baixo. Não tinha considerado a possibilidade de conhecer alguém que entenderia o que eu havia passado e me quisesse mesmo assim, mesmo que eu não fosse mais inteira. Pela primeira vez desde o acidente, quis acreditar que Hayden talvez compreendesse a culpa que eu carregava... que ele talvez não fosse me rejeitar por causa da minha covardia.

— Como você sobreviveu? Espera. Não precisa responder isso. Caralho, desculpe. Eu deveria ter pensado melhor. — Ele enxugava minhas lágrimas, mas elas continuavam a surgir, a represa estava aberta. — Desculpe ter forçado a barra. Não vou fazer mais nenhuma pergunta hoje, tá? Prometo. Vou deixar pra lá por enquanto. Desculpe, mesmo.

Ele estava inquieto, tentando me acalmar. Suas mãos estavam em meu rosto, em meu cabelo, alisando meus braços. Segurei as mãos dele. Sua ansiedade estava anulando a minha.

— Está tudo bem. Vou ficar bem. Só preciso de um minuto. — Repeti essas frases na minha cabeça até elas se tornarem verdadeiras.

— Você não precisa ficar bem. Eu sei que é difícil — respondeu ele, dando um beijo em minha testa.

Balancei a cabeça negativamente. Hayden não sabia de nada. Eu tinha omitido os detalhes mais importantes para conseguir contar para ele.

Ele me virou com cuidado até ficarmos frente a frente. Não resisti. Queria aquele conforto; ansiava por isso. Uma das mãos dele repousava na minha cintura, a outra estava na minha nuca, e ele me puxou para o colo. Era o mais próximo que ele podia chegar de um abraço. Eu, por outro lado, me enrolei nele e o agarrei com força.

— Obrigado por me contar — sussurrou.

Quando minhas lágrimas secaram, ele me deu as opções de encerrar a sessão ou terminar o contorno. Escolhi a segunda. Não levou muito tempo. Ele tinha razão quanto à dor; era tudo relativo. Em comparação ao que eu já tinha passado, quatro horas de desconforto não eram nada.

Quando ele terminou, desligou a máquina de tatuar e a deixou de lado. Os olhos dele passearam pelas minhas costas, inspecionando a arte com um olhar crítico.

— Terminamos — decretou, satisfeito.

— Posso ver? — perguntei.

— Claro.

Mais uma vez, ele me ajudou a levantar e me levou até o espelho. O nível de detalhamento era de tirar o fôlego. Eu não conseguia parar de olhar, impressionada demais com a beleza sombria das asas agora fixadas na minha pele.

— Tenley.

— Hum.

Olhei para Hayden; ele estava mordendo os piercings do lábio.

— Está feliz com o desenho? — perguntou ele.

— Está incrível. — Sem me preocupar mais com a vergonha, joguei a toalha na cadeira. — Obrigada.

Enrolei os braços em torno do pescoço de Hayden e o puxei, trazendo sua boca para baixo. Minhas emoções estavam fora de controle. Eu o queria perto de mim, eu queria afastá-lo. Eu o queria dentro de mim, apagando a dor que me estilhaçava por dentro e ecoava pelas minhas costas.

O beijo de Hayden foi carinhoso; seu toque, suave.

— De nada. Agora, vamos cobrir essa tatuagem?

— Vamos.

Apesar de ele ainda estar de luvas, entrelacei meus dedos nos dele, sem querer quebrar o contato. Era a única coisa que me impedia de desmoronar.

Doeu quando ele limpou a tinta pela última vez e passou uma pomada. Depois, cobriu tudo com filme plástico e colou esparadrapos para uma camada extra de proteção. Ele falou sobre os cuidados que deveria tomar enquanto isso, e eu tentei escutar, mas sempre começava a viajar. Quando a adrenalina diminuiu, eu me senti dolorida e exausta.

Com a tatuagem coberta, Hayden me ajudou a vestir a blusa e fechou os botões.

— Vamos levar você para casa, gatinha. — Ele abriu a porta, deu um passo para fora e congelou. — Puta que pariu.

Uma mulher alta e magra com cabelo louro oxigenado estava de frente para Lisa. A maquiagem dela era exagerada, como se esperasse ser fotografada, ou talvez fosse subir em algum palco. A maneira como se debruçava no balcão fazia com que sua microminissaia se erguesse perigosamente pela coxa. O cliente de Chris não conseguia parar de olhar, o que me fazia pensar que tipo de show ela estava dando ali. Embora fosse outono, estava com uma blusinha de paetê que deixava um pedaço da barriga à mostra. A blusa até cobriria mais se os peitos dela não fossem tão desproporcionalmente gigantes, esticando o tecido até parecer que a costura iria arrebentar.

Sua enorme tatuagem no ombro ia da parte de cima do pescoço até se enrolar no bíceps. De onde eu estava, parecia uma cobra. Sem dúvida era uma obra de Hayden. Eu a odiei imediatamente.

Hayden se posicionou na minha frente, impedindo que eu a visse. Ele cerrou os punhos.

— Vamos sair pelos fundos — disse, em voz baixa, como se não quisesse ser notado.

Meu estômago revirou com aquela mudança de humor.

— Quem é essa?

— Ninguém que eu queira apresentar.

— Hayden! Você está aí! Lisa e eu estávamos falando de você agorinha!

Hayden fechou os olhos.

— Estou com uma cliente — disse ele com aspereza, virando o rosto para ela.

— Estou vendo. Mas parece que vocês já terminaram.

A mulher falava como se cada palavra tivesse um significado subliminar que eu não deveria entender.

O sorriso rosa-shocking parecia forçado enquanto seus olhos se moviam de Hayden para mim. Fui para o lado dele e, quando meus dedos encostaram em sua mão, ele a tirou. Aquela atitude significava alguma coisa.

A tensão na sala era palpável. Jamie parecia furioso, Lisa não sabia o que fazer e Chris estava totalmente desconcertado. A fúria irradiava de Hayden como um campo de força.

— Melhor você ir para casa e tomar um Tylenol — disse ele para mim entre dentes cerrados.

— Boa ideia.

Tentei captar o olhar de Hayden, mas ele não se virava para mim. Eu não conseguia entender a reação dele, e a confusão se transformou em mágoa quando ele continuou a evitar contato visual. Meu estômago se revirou, a ansiedade querendo abrir caminho até a superfície. A mulher do outro lado da sala não tinha nada a ver comigo, e eles obviamente se conheciam — quanto eu não tinha certeza. Agora que Hayden sabia o que precisaria aguentar em mim, eu estava morrendo de medo de que ele não tivesse mais interesse. Eu ainda nem havia lhe contado a pior parte.

Ele começou a me direcionar para os fundos, mas eu me desvencilhei dele e segui para a porta da frente, bem na direção da mulher que me fitava com um desprezo curioso.

Encarei-a de volta.

Ela sorriu com malícia quando passei por ela e abri a porta, o ar gelado do outono acertando meu rosto quente.

— Ora, ora, Hayden. Acho que sei com o que você tem se ocupado ultimamente.

Uma rajada de vento bateu a porta antes de Hayden responder.



# Hayden

Observei Tenley ir embora do estúdio sem poder fazer nada. Se Sienna descobrisse que havia algo entre nós, encontraria uma maneira de explorar aquilo, e eu não podia arriscar perder o que eu e Tenley tínhamos. Sentia que era algo muito frágil.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei, incapaz de mascarar minha frustração.

— Preciso de um retoque e estava pensando em fazer uma tatuagem nova. Faz um tempão que você não faz nada em mim. — Ela enrolou uma mecha de cabelo no dedo, sem se importar com a plateia.

Mas era assim que Sienna agia: quanto mais pessoas para testemunhar uma de suas manifestações épicas de escrotice, mais ela caprichava no show. Olhei por trás dela e vi as luzes se acendendo no apartamento de Tenley. Eu tinha que ir lá dar um jeito naquilo. Ela devia estar pensando que droga era aquela que estava acontecendo e, com a tatuagem nova e as revelações daquela noite, estaria no limite. Eu estava.

— Você é bem próxima do Damen. Por que não fala com ele sobre isso?

— Não faz assim, Hayden. Nós dois sabemos que ele não tem o que eu quero.

Ela passou o dedo pelo imenso decote da blusa. Era para ter sido sensual. Tinha o efeito oposto. Se meu pau pudesse se encolher para dentro do meu corpo e fugir dela, teria feito isso.

— O que você realmente quer aqui? Ou você só veio espalhar merda? — perguntei.

— Passei para visitar os meus amigos e esse é o tipo de tratamento que recebo? Estou ofendida.

— Pode parar com o show, Sienna. Ninguém aqui está acreditando em você.

Eu precisava que ela fosse embora. Tenley tinha segurado bem a barra durante a sessão, mesmo com a merda do meu interrogatório idiota. Mas era tipo a calma antes da tempestade. O pequeno colapso quando ela me contou sobre o acidente de avião poderia ser um precursor de algo muito mais intenso. Eu queria estar lá caso alguma coisa acontecesse.

Sienna se afastou do balcão e desfilou até mim.

— Você ainda está bravo comigo por causa da última vez em que conversamos? Sério, você precisa aprender a deixar as coisas para lá.

Quando ela tentou me tocar, segurei-a pelos pulsos.

— Devagar, meu bem, você está fervendo hoje, hein? — disse ela, em um tom que só eu conseguia escutar. — Aquela garotinha que você acabou de mandar para casa está dando problema? Ela está fazendo você desejar não ser tão fodido quanto é?

Sienna sabia exatamente o que dizer para me enfurecer. Eu a soltei e dei um passo para trás.

— Deve ser difícil, Sienna, saber que, por mais fodido que eu seja, continuo sem querer você.

Ela se aproximou, o ódio crescendo como uma sombra em torno dela.

— Sempre mentindo para si mesmo, Hayden. É apenas uma questão de tempo até você voltar. Talvez eu não esteja mais interessada. Você já não é tão divertido quanto era antes.

— Já faz mais de um ano. Quando é que você vai cair na real? — disparei. — Prefiro enfiar meu pau em um ralador de queijo.

Sienna riu, apreciando minha raiva.

— Uau. Você está mesmo muito tenso. Quando foi a última vez que você comeu alguém?

— Provoca mesmo — avisei.

— Ou o quê? Você vai dar uma de durão comigo? Vai me mostrar que você é macho?

— Nós dois sabemos que as coisas não funcionam assim comigo. Agora eu sugiro que você saia já do meu estúdio antes que eu chame a polícia por serviços de prostituição. Você certamente está vestida a caráter — falei, humilhando Sienna da única maneira que podia.

— Você não se importava com isso.

— É porque eu nunca dei a mínima para você ou para quem você dá.

— Nem mesmo o Chris?

Meus punhos se fecharam e dei um passo involuntário na direção dela.

— Hayden!

Lisa saiu correndo de trás do balcão. Não importava o quanto eu estivesse bravo, jamais bateria em Sienna. Lisa deveria saber disso melhor do que ninguém, então a reação dela me deixou ainda mais furioso.

Joguei as mãos para cima.

— Desisto.

Então me virei e saí pelos fundos. Esmurrei a barra da porta e a empurrei com tanta força que ela bateu no muro de tijolos e ricocheteou, quase atingindo meu ombro na volta. Sienna não parou de xingar enquanto eu ia embora, mas eu a ignorei, porque a outra opção faria eu me odiar.

— É hora de ir embora, Sienna — disse Jamie, enquanto Lisa gritava para eu parar.

A porta se fechou com um estrondo metálico. Chutei o objeto mais próximo. O saco de lixo subiu pelos ares e acertou a parede, rasgando-se. Papel e outros itens emporcalharam o chão, parecendo entranhas. Aquilo não fez eu me sentir nem um pouco melhor.

Chris apareceu no beco.

— Jamie está se livrando dela. Você está bem, cara?

— Não. Não estou bem. — Fiquei andando para cima e para baixo, frustrado. Eu odiava como Sienna conseguia me irritar com tanta facilidade. — Por que hoje? Por que quando Tenley estava no estúdio? — Eu queria esganar Sienna. — Por que ela está sempre fodendo a minha vida?

— Porque é nisso que ela é boa.

Eu odiava que Chris estivesse certo. Era muito vergonhoso o fato de ela ser a única pessoa para quem eu já tinha voltado, mesmo que só para transar. Eu não queria que aquela minha fase completamente fora de controle voltasse para ferrar comigo. Eu enfim tinha algo que parecia real com Tenley; estragar tudo não era uma opção.

— Ela é tipo uma porra de um parasita. — Eu me virei, apontando um dedo na cara de Chris. — Se você não tivesse me pressionado para ir a Dollhouse, a gente não teria se visto e ela não estaria aqui arruinando a minha vida de novo.

Chris levantou as mãos.

— Entendo que você esteja com raiva, irmão, mas não comece a me culpar pelos seus problemas.

Eu estava doido por uma briga e Chris era a única pessoa volátil o suficiente para fazer com que isso acontecesse. Jamie apareceu antes que eu tivesse a chance de fazer algo muito estúpido.

Ele analisou a cena.

— Chris, você pode ajudar a fechar o estúdio? Eu assumo daqui.

Chris se virou e foi embora, trombando em Jamie.

— Nem sei por que eu me importo com esse imbecil.

Eu comecei a segui-lo, mas Jamie colocou uma das mãos no meu peito e a porta bateu.

— Você precisa se acalmar.

— Aquela babaca estraga tudo.

— Não discordo, mas ela não é o verdadeiro problema agora. Respira, cara.

Ele segurou meu ombro, me trazendo de volta do precipício onde eu tinha me enfiado. Meu Deus, eu estava agindo como um lunático. Respirei fundo algumas vezes, e então mais algumas, tão pilhado que mal conseguia pensar.

— Caralho, o que tem de errado comigo?

É claro que eu ficava irritado e nervoso, mas não costumava perder a noção e sair chutando sacos de lixo. Já era bem ruim eu ter tentado brigar com Chris outra vez. Eu teria sorte se ele não pedisse demissão ou aceitasse a oferta para trabalhar com Damen de novo.

Jamie me deu um sorriso irônico.

— Você quer mesmo que eu comece?

— Não tem graça. Estou perdendo o controle. Preciso conversar com a Tenley. — Tentei passar por ele.

— Opa, calma lá. Você precisa se recompor antes de ir — disse Jamie. — Se você for vê-la nesse estado, as coisas vão ficar bem piores.

— Mas eu simplesmente deixei que ela fosse embora. Ela sabe que tem alguma coisa acontecendo.

— Com certeza sabe, mas ela não tem como lidar com os seus problemas agora. Então, como eu disse, você precisa pensar no que vai dizer antes de ir lá.

As palavras de Jamie foram como um soco no estômago. Eu não podia contar a Tenley a minha história com Sienna. Não agora. Explicar aquele não relacionamento complicado não era algo que eu queria fazer. Nunca. Sienna tinha razão: Tenley, apesar de todos os sinais de rebeldia, jamais tinha se envolvido em nem metade da depravação que eu vivi. Eu não queria nem pensar no que podia acontecer com as bases frágeis da nossa conexão se ela conhecesse meu passado. A semana anterior à sessão tinha revelado o quanto eu precisava de Tenley na minha vida, e Sienna era a única pessoa capaz de arruinar tudo. Eu estava totalmente paralisado.

— Tenley me contou o que aconteceu com ela. É pior do que eu achava que seria.

Jamie assentiu com a cabeça, como se já esperasse por aquilo.

— Por que não entramos e conversamos sobre isso?

— A Sienna já foi? — perguntei. Se ela ainda estivesse lá, eu podia perder a cabeça de verdade.

— Disse para ela que era melhor não aparecer mais por aqui.

— Como se isso a fosse impedir.

— Provavelmente não.

Jamie abriu a porta de ferro e me conduziu para dentro. Lisa correu até mim.

— Caramba, me desculpe. Se eu soubesse que vocês estavam quase terminando, teria avisado que a Sienna estava aqui. Achei que conseguiria me livrar dela, mas ela não ia embora.

— Tudo bem — falei, mesmo não estando nada bem. Lisa era sensível e eu não queria que ela se sentisse responsável pelo que aconteceu.

— Tem certeza? — perguntou ela.

— Não muita.

Lisa passou o braço em volta da minha cintura e me levou até a sala dela. Chris já tinha ido para casa. Jamie desligou as luzes principais do estúdio e sentou no canto da mesa. Não tinha por que fazermos rodeios.

— Não quero contar à Tenley sobre a Sienna.

— Acho que você não tem muita escolha — disse Jamie.

Lisa lhe lançou um olhar fuzilante.

— Você acha que Tenley não vai entender? — perguntou ela.

— Você entenderia? — perguntei.

— Nós não somos a mesma pessoa.

— Mas você conseguiria lidar com isso, se fosse ela? Você mesma disse que não acha que ela tenha tanta experiência assim. Baseado no que eu vi na última semana, meio que concordo com você. Você acha mesmo que ela vai levar numa boa quando descobrir que eu comi uma stripper várias vezes por anos a fio? E que o motivo da regra é que o meu sócio partiu para o ataque quando eu me cansei? E que eu a procurei depois disso, mesmo assim? Qual a imagem que isso passa? Que tipo de pessoa faz algo assim?

— Isso faz muito tempo, Hayden. As coisas são diferentes agora. Você é diferente agora.

— As pessoas não mudam.

— As pessoas se adaptam. Você era novo. As escolhas que você fez na época não são as mesmas que você faria hoje. Tenley é a prova disso. Isso se chama crescimento pessoal.

— Não sei como lidar com essa merda. — Eu me remexi na cadeira. Estava agitado, irrequieto.

— É porque você nunca tentou antes — respondeu Jamie.

Tanto eu quanto Lisa olhamos para ele, que estava girando uma caneta nos dedos.

— O quê? É verdade. — Jamie revirou os olhos. — Desculpe se eu não tenho o mesmo tato que a minha mulher. Às vezes, você precisa ouvir na lata, Hayden. A gente se conhece há o quê, sete anos?

— Mais ou menos — respondi.

— E, nesse tempo todo, eu nunca vi você ficar muito tempo com uma pessoa.

— Estou com vocês o tempo todo.

Jamie balançou a cabeça.

— Não é a mesma coisa.

— Fora a Sienna, Tenley é a única pessoa com que você esteve e parece se importar — disse Lisa.

— Estou cagando para a Sienna.

Jamie tossiu.

— Essa não é a questão, Hayden — explicou Lisa. — A questão é a Tenley. Você não precisa contar para ela todos os detalhes do seu passado para que ela aceite você. Ela já aceitou. Conte só o que ela vai

aguentar agora e continue daí. As coisas não precisam ser sempre tudo ou nada. — Lisa se sentou ao meu lado. — A gente sabe como é passar por uma sessão como a que ela teve hoje. Ela vai ficar emotiva. Eu sei por que você reagiu daquele jeito quando viu a Sienna, mas a Tenley não sabe. Ela é importante para você, faça-a se sentir assim.

— Acho que consigo fazer isso. — Ao menos achava que conseguia.

Naquele momento, mais do que nunca, eu entendi o que Lisa quis dizer quanto à intimidade de fazer uma tatuagem em alguém com quem se está envolvido. A dor de Tenley me afetava e eu não estava acostumado a me sentir assim.

— Você disse que ela contou sobre o acidente? — perguntou Jamie.

Nossas perdas eram tão parecidas em alguns sentidos e tão diferentes em outros. Eu ainda não sabia muito sobre como ela conseguiu sobreviver. Imaginava que ela havia visto coisas horríveis.

— Ela sofreu um acidente de avião. Os pais estavam com ela... mas eles morreram.

Lisa parecia chocada.

— Ela contou isso durante a sessão?

Assenti.

— E como você lidou com isso?

A apreensão dela quanto à minha reação me preocupou.

— Sei lá. Bem, eu acho. Sabia que ia ser ruim, só não sabia quanto.

Lisa olhou para o relógio.

— É melhor você ver como ela está.

— Desculpe ter perdido o controle.

— Você teve um bom motivo. — Lisa me fez um carinho no ombro.

— O Chris está bem? Eu devia ligar para ele. — Eu me sentia mal por tê-lo usado como bode expiatório.

— Acho que você deve deixar a poeira baixar durante a noite. Ele está bem chateado com o negócio da Sienna e não só porque você descontou nele — ponderou Lisa.

Tentei ligar para Tenley, mas o celular dela caía direto na caixa postal, então fui até lá sem avisar. Meu plano era contar o mínimo possível sobre Sienna e focar em como Tenley estava indo. Quando cheguei ao apartamento, ela já estava em casa há quase uma hora. Eu duvidava que ela estivesse dormindo, mesmo exausta da sessão.

Ouvi música lá dentro; o baixo fazia o chão vibrar. Aquilo podia ser bom ou ruim. Ela abriu uma fresta da porta e me viu.

— Hayden? — Ela parecia confusa e um pouco na defensiva. Os olhos dela estavam vermelhos, como se tivesse chorado. Aquilo fez eu me sentir um bosta.

— Queria ver se você estava bem depois da sessão. Tentei ligar.

— Tomei o Tylenol que você sugeriu.

Ela abriu um pouco mais a porta. Senti um aroma acre familiar.

— Você está chapada?

A pergunta era idiota; claro que estava. Os olhos dela não estavam injetados porque ela havia chorado. Ela estava fumando um no apartamento. Eu queria saber onde é que ela havia conseguido

maconha. Apostava naquele Ian, do grupo dela.

— Shh.

Fazendo bico, ela colocou um dedo na frente dos lábios e me puxou para dentro do apartamento. Então deu uma olhada no corredor, provavelmente checando se não tinha nenhum policial atrás dela, e bateu a porta, atrapalhando-se com a fechadura.

— Não gostei daquela sua amiga do estúdio — disse Tenley, enrolando os braços em torno do meu pescoço.

Os lábios dela tocaram meu queixo. Dava para sentir álcool em sua respiração, além da substância que ela andou fumando. Obviamente, todos os filtros dela haviam sumido e, com eles, todas as inibições. As mãos de Tenley deslizaram pelas minhas costas e entraram debaixo da minha camisa.

— Ela não é minha amiga — respondi, irritado por ela não ter parado no Tylenol.

Abracei-a de volta do jeito que dava. Coloquei uma das mãos em sua nuca; a outra não tinha outro lugar para pousar a não ser a bunda.

Era minha culpa que Tenley estivesse naquele estado. Eu deveria tê-la levado para casa. Estava prestes a perguntar quem era o fornecedor da erva quando ouvi passos vindos da direção do quarto.

— Quem era na porta?

O corpo a que a voz pertencia apareceu no canto. A garçonete da Dollhouse parou, imóvel. Seu rosto expressou surpresa e, depois, reconhecimento. Ela parecia tão diferente totalmente vestida que eu quase não a reconheci.

Ela apontou um dedo com uma unha bem-feita na minha cara. Na outra mão, estava um baseado pela metade.

— Você! Eu conheço você! Você é amigo daquele cara que fica me perseguindo.

Tenley ainda estava pendurada em mim, fazendo carinho no meu braço. As pupilas dela estavam enormes. Fiquei preocupado com o que mais ela podia ter tomado, dado o coquetel narcótico que eu tinha visto no armário daquele apartamento.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei, sem saber como elas se conheciam.

— Eu moro do outro lado do corredor. O que *você* está fazendo aqui?

A vizinha de Tenley trabalhava na boate que Sienna gerenciava. Ah, que ironia.

— Vim checar a tatuagem dela — respondi, preocupado com o tipo de informação que Sarah podia repassar a Sienna, e vice-versa.

— Você veio fazer o quê? Uma visita domiciliar? — Os olhos de Sarah se estreitaram com a desconfiança.

— Calma, eu trabalho do outro lado da rua. — Eu precisava amenizar a situação.

— De onde vocês se conhecem? — balbuciou Tenley.

— Você tem ideia de que tipo de gente ele é? — Sarah sacudiu o dedo na minha direção.

— O quê? — Tenley coçou a cabeça, parecendo chateada. — Não estou entendendo...

— Seu amigo aqui — Sarah apontou para mim — tem uma reputação lá onde eu trabalho...

Eu a interrompi.

— A Sienna é doente. É dela que você está falando, não é? — Ao ver que Sarah ficou só me olhando, prossegui. — Tudo que sai daquela boca é distorcido. O que eu quero saber é por que você achou que

seria uma boa ideia deixar a Tenley chapada e, ao que tudo indica, bêbada, sendo que ela acabou de sair de uma sessão de tatuagem de quatro horas.

— Você tem ideia de quanto foi difícil para ela? Ela veio bater na minha porta às lágrimas por causa disso. — Sarah gesticulou para as costas de Tenley.

Pela primeira vez, reparei no que Tenley estava vestindo. Um moletom largo com um ombro caído, expondo a proteção de plástico que cobria suas costas. Ela estava sem sutiã. Pela primeira vez, não tive uma reação inapropriada.

— Era por isso que eu queria que ela tomasse Tylenol, e não que ficasse chapada e bêbada. O álcool afina o sangue, cacete.

— Não estou falando da dor, seu idiota. Estou falando do por que ela quis fazer esse troço.

— Eu me identifico — respondi, indignado. Sarah não fazia ideia do meu passado. Eu entendia a dor de Tenley bem melhor do que ela. — Perder os pais deve ter sido doloroso.

Os olhos de Tenley se arregalaram de medo, enquanto os de Sarah se arregalaram devido ao choque. Ela olhou para Tenley.

— Seus pais? Foi isso que você disse para ele?

Pronto, o segredo que Tenley estava guardando. Eu sabia que devia ter mais por trás daquela dor do que o pouco que ela havia me contado. E Sarah sabia mais do que eu.

— Sarah, não, por favor — sussurrou Tenley. Ela apertou meu braço, as unhas roídas pressionando minha pele.

Mas Sarah a ignorou. Eu preferia que ela não tivesse feito isso, pois não queria descobrir daquela forma.

— Ela não perdeu só os pais, seu babaca; perdeu toda a família e todos os amigos. Ela perdeu todo mundo, perdeu até o...

— Sarah! — Tenley gritou e nós dois olhamos para ela, assustados com seu tom de voz.

— Tenley? — chamei, em voz baixa.

A expressão no rosto dela confirmou o que Sarah tinha dito. Era muito pior do que eu jamais poderia ter imaginado. A morte dos meus pais tinha sido horrível, *mas aquilo*, aquilo ia além de qualquer coisa que eu podia compreender.

— Sarah, nos dê um minuto — pediu Tenley, parecendo vazia e derrotada.

— Não vou embora. — Sarah colocou uma das mãos no quadril e ergueu a sobrancelha, desafiadora.

Tenley suspirou.

— Não estou pedindo isso, estou pedindo que você, por favor, nos dê um minuto.

— Não vou sequestrar a Tenley. — Até que não era uma ideia tão ruim assim.

— Vou ficar no seu quarto. — Sarah me olhou por cima do ombro enquanto se virava.

Os olhos de Tenley se fixaram no chão.

— Por favor, não fique bravo comigo. — Ela estava chorando. — Eu não podia contar a você. Não teria conseguido terminar o contorno se tivesse contado.

— Não estou bravo com você, gatinha — respondi.

Após descobrir quanto as feridas de Tenley eram profundas, eu não tinha como sentir raiva. Mas estava bravo comigo mesmo. Esse nível de perda era exatamente o tipo de coisa que me preocupava. Tenley era esperta; o que provavelmente era parte do motivo pelo qual ela escondeu a informação de

mim. O que ela não entendia é que eu teria concordado mesmo se soubesse, por puro egoísmo. Eu precisava de mais respostas, mas não podia perguntar naquele momento. Tenley já estava emocionalmente instável demais.

Ela enterrou o rosto no meu peito, tremendo enquanto murmurava desculpas na minha camisa.

— Você não precisa se desculpar. — Beije a cabeça dela e tentei consolá-la.

Mas as desculpas continuaram. As palavras se tornavam cada vez menos coerentes à medida que o choro se transformava em soluços. Aquilo estava além da minha capacidade. Sarah apareceu no corredor, com ódio no olhar, até perceber que Tenley estava agarrada a mim. Eu devia estar com uma cara horrorizada.

— Vem, Tenley.

Sarah tentou afastá-la de mim. Não que essa fosse minha vontade, eu só não sabia o que fazer para melhorar a situação. Nunca me senti tão inútil na vida.

Tenley ficou ainda mais histérica quando Sarah tentou desgrudá-la de mim. Ela não conseguia nem aguentar o peso do próprio corpo. Com medo de que ela pudesse machucar a nova tatuagem, ou a si mesma, passei um braço por trás dos joelhos de Tenley e a levantei. Sua dor e sua angústia se espalharam pela minha camisa à medida que a tempestade dentro dela crescia e explodia. Aquilo seria previsível. Colocar tanta tinta na pele dela faria feridas antigas doerem como se fossem novas. Bastava acrescentar um coquetel de drogas e álcool para um colapso.

Carreguei-a para o quarto. Sarah nos seguiu, obviamente nada feliz com a situação, mas eu não ligava. Era culpa dela que Tenley estivesse naquele estado, e minha culpa por ela ter procurado aquele tipo de fuga.

Tenley ficou daquele jeito por um bom tempo, aninhada no meu colo, mãos agarrando minha camisa enquanto lágrimas rolavam pelo seu rosto. Eu queria que aquilo a ajudasse, mas sabia muito bem que fazia pouca diferença. Por fim, as lágrimas cessaram e os soluços começaram a diminuir. Seu corpo foi relaxando à medida que a respiração se normalizou.

Sarah tirou as cobertas da cama e me ajudou a soltar Tenley de mim. Juntos, a deitamos de lado. AG imediatamente se aconchegou nos cabelos dela. O rosto de Tenley estava vermelho e manchado; uma linha funda fazia um vinco em sua testa logo acima do nariz. Mesmo dormindo, ela parecia atormentada. Ao cobri-la com os lençóis, dei um beijo em seu rosto. Quando ela estava acomodada, fui com Sarah para o corredor.

— O que está rolando entre vocês dois?

— Acho que isso não é da sua conta.

Se Tenley quisesse que Sarah soubesse, teria contado. Além disso, eu não saberia definir em que pé nós estávamos. Eu não era simplesmente o tatuador de Tenley e nós com certeza não estávamos só transando. Ao menos não parecia ser só aquilo. Era melhor.

— Ah, aí é que nós vamos discordar. É da minha conta, sim. Seu amigo praticamente mora na Dollhouse agora, e eu já ouvi algumas histórias suas que não são das melhores.

Fui até a sala de estar para ficar longe de Tenley, caso a discussão esquentasse.

— Da Sienna? — perguntei, irritado porque não importava o que eu fizesse, aquela parte do meu passado voltava à tona.

— Entre outras pessoas.

— Olha, eu gosto da Tenley. Sei que ela passou por muitas coisas. Até esta noite, eu não sabia como essas coisas tinham sido horríveis, mas não vou tirar proveito dela. — Não esperava que aquela noite fosse ser assim. Eu queria deitar na cama com Tenley e estar ao seu lado naqueles momentos difíceis, e não me defender de um passado que sempre voltava para me perturbar. — Conheço os boatos. Não posso e não vou negar que alguns deles devem ser verdadeiros. Eu fui um imbecil quando era mais novo e não me orgulho de algumas das minhas escolhas. A Sienna gosta de brincar com as pessoas. Eu não tenho nada com ela há mais de um ano, apesar do que ela talvez tenha lhe dito.

— Você tem ideia de como ela faz você parecer uma pessoa horrível?

— Sienna gosta de bancar a vítima, mas acredite em mim quando digo que ela não é. E quando ela é, é só porque quer ser, e em geral é à custa dos outros. — Desabei no sofá.

— Você ganhou uma *lap dance* aquela noite lá no clube.

— Aquilo foi coerção, não escolha — rebati.

Meu arrependimento por aquilo fez meu estômago revirar.

— Ah, com certeza aquela menina forçou você a ficar sentado ali enquanto rebolava no seu colo.

Eu mal conhecia Tenley quando aquilo aconteceu. Não que fizesse diferença. Eu já a queria.

— Meu amigo, Chris, aquele que fica perseguindo você, sabe? Ele foi lá para ver você. Ele me pagou a dança, mesmo depois de eu ter falado, várias vezes, que não queria. Não queria ofender a menina. Sei que não pega bem para mim e entendo isso, mas não posso voltar atrás. A Tenley é importante para mim, mais do que você imagina. Por que você acha que eu estou aqui?

— Por outros motivos além do óbvio? Por que eu deveria acreditar em você?

— Você tem ouvido alguma coisa nas últimas noites?

— O quê?

— Ela tem pesadelos. Você ouviu alguma coisa nesses últimos dias?

— Ultimamente, não, mas o que isso...

— Quer saber por quê? Porque eu estava aqui com ela. Cuidando dela.

— Tenho certeza que sim — disse Sarah, sarcástica.

— Você está deturpando minhas palavras. Não tem nada a ver com isso. Tenley precisa de mim e eu preciso dela. Não tente tirá-la de mim. — Aquele pensamento me deu um aperto no peito.

Sarah me encarou.

— Mando castrar você se acontecer alguma coisa com ela.

Assenti, sem me dar ao trabalho de sair em defesa do meu pau. Além do quê, Sarah tinha informações que eu precisava.

— Há quanto tempo foi o acidente?

— Há uns dez meses.

— Puta merda. — Realmente não fazia nem um ano. — Quantas pessoas ela perdeu?

Eu queria e não queria aquela resposta. O silêncio de Sarah era sufocante e, após longos momentos, eu a vi contorcendo as mãos no colo. Seus olhos estavam marejados com lágrimas não derramadas.

— Nove.

Tinha perdido muito mais do que os pais.

— Só houve treze sobreviventes — sussurrou Sarah. — Todo mundo que a Tenley amava estava naquele avião e ela foi a única que saiu viva.

Ergui a mão. Não quis ouvir mais nada, embora houvesse muita coisa que eu ainda precisava saber. Eu não ia descobrir a história toda no dia seguinte, nem depois, no fim das contas. Assim como dei a Tenley um pedaço do meu passado e mantive o resto são e salvo, ela havia feito o mesmo.

— Você entende agora?

Eu entendia. Tenley não tinha sido simplesmente ferida; ela fora destruída.



## Tenley

*Minhas costas estavam pegando fogo. O cheiro de pele e cabelo queimados não era forte o suficiente para encobrir o fedor de combustível. A fumaça era grossa, como uma neblina acre pesando sobre mim. Ao menos o nevoeiro pesado escondia um pouco a devastação visual; corpos mutilados, rostos irreconhecíveis.*

— *Senhorita! Senhorita! Fique onde está!*

*Um cobertor caiu por cima dos meus ombros e a mão de alguém alisou minhas costas.*

*Uma dor devastadora travou meus joelhos. Pontos pretos nadaram pela minha visão, crescendo até que bloquearam a luz.*

— *Temos outra sobrevivente aqui!*

*O abismo negro me acolheu, presenteando-me com a liberdade do sofrimento.*

Me levantei em um solavanco, meio que esperando estar de volta no avião, ainda tentando escapar. A luz pálida da manhã brilhava por entre as cortinas. Eu estava na minha cama, em Chicago.

— *Sonho ruim?*

Sarah me assustou. Ela estava deitada de barriga para cima na cama, ao lado de onde Hayden estivera.

— *Desculpe. — Ela se sentou. — Como você está se sentindo?*

Minhas costas realmente pareciam estar em chamas. Toquei no meu ombro e me curvei. A proteção de plástico. A noite anterior retornou aos poucos, à medida que o lamaçal do sono repleto de pesadelos desaparecia. Hayden tinha terminado o contorno. Uma mulher que o conhecia com mais intimidade do que eu gostaria apareceu no estúdio. Quando ele me mandou para casa, tomei analgésicos. Não o Tylenol que Hayden tinha recomendado, mas os remédios fortes prescritos depois do acidente. Também tomei medicamentos para ansiedade. Então fui atrás de Sarah com uma garrafa de tequila. O resto da noite não estava claro.

— *Me sinto encharcada. — Minha voz estava rouca, como se eu tivesse gritado. Eu esperava que não tivesse. — Tive muitos pesadelos?*

Sarah deu de ombros.

— *Na maior parte do tempo, você ficou agitada e tentando me abraçar.*

— *Por que eu me sinto tão... aérea? Nossa, como minhas costas doem.*

— *Vou arriscar que é por causa dessa tatuagem gigante. Você provavelmente está meio aérea porque nós fumamos um pouco.*

— *Eu não fumo.*

— *Não foram cigarros.*

— *Ah. Eu não fumo isso também. — Isso explicava por que minha garganta estava seca.*

— Desculpe — disse Sarah. — Achei que pudesse ajudar você a relaxar. Foi idiota da minha parte. O seu namorado ficou bem irritado comigo.

— Hayden não é... — Por inúmeras razões, sendo a culpa a maior delas, hesitei em rotular a nossa relação. — Cadê o Hayden?

— Mandei ele ir para casa.

— O quê? Por que você fez isso? Ele ficou bravo? — Tudo estava confuso na minha cabeça.

— Ele não ficou bravo, pelo menos não com você. Mas ele não ficou muito feliz comigo. — Sarah pegou a garrafa d'água que estava na mesa de cabeceira e deu um gole.

— O que aconteceu?

— Você não lembra? — Ela parecia quase aliviada.

Algumas lembranças desconexas da noite anterior começaram a se formar. Eu me esforcei para juntar os pedaços dos diálogos, mas eles não faziam sentido. Na verdade, eu não me lembrava de muita coisa, e a ausência de Hayden me deixava nervosa. Lembrei que ele foi até lá e que Sarah discutiu com ele; sobre o quê, eu não sabia. Também me lembrava de ter chorado.

— Quase nada — confessei. — Por quê? Devo me preocupar?

Sarah suspirou.

— Por favor, não fique brava comigo.

— Isso não me parece muito bom.

— O Hayden sabe quantas pessoas você perdeu no acidente. — Sarah vomitou as palavras, como se dizê-las depressa fosse tornar aquilo mais fácil de ouvir.

— O quê? — O pânico sufocou minha garganta.

— Você tem que entender, eu achei que ele soubesse. Ele simplesmente apareceu aqui, sem avisar, como se fosse o dono do pedaço, e eu surtei. Eu já o tinha visto antes no trabalho, e ele já foi lá com aquele cara que não se toca. O Hayden disse que o nome dele é Chris, acho. — Sarah com certeza não sabia que Chris trabalhava do outro lado da rua. Ela interpretou errado minha expressão chocada e se apressou em continuar explicando. — Enfim, isso não importa. Bom, importa, mas não muito. Você estava tão chateada ontem, quando eu cheguei. Eu não tinha visto você a semana toda e do nada você aparece com essa tatuagem enorme, e aí esse cara todo tatuado aparece como se fosse o cavaleiro das trevas do sei lá o quê. Você ficou... emotiva. Hayden ficou aqui até você dormir.

Aquilo explicava a sensação de estar encharcada. Perder o controle na frente de Sarah não era legal, mas eu tinha medo da reação de Hayden a uma explosão dessas. Eu não queria parecer fraca ou instável.

— Ele foi embora depois disso?

— Na verdade, não. Ele tinha umas perguntas.

— Que tipo de perguntas? — questionei, preocupada com a resposta.

— Ele queria detalhes. Conte para ele quando o acidente aconteceu.

Então ele sabia que não fazia um ano. Isso não era tão ruim assim.

— Mas você contou para ele por que eu estava no avião?

— Disse que você estava indo para o casamento do seu melhor amigo, mas não entrei em detalhes.

— Você não falou nada sobre o Connor?

— Não.

— Que bom. — Suspirei aliviada.

— Tenley, querida, você não acha que ele precisa saber?

— Um dia eu conto. — Mas não antes de isso se mostrar muito necessário. Eu não sabia como Hayden lidaria com aquele tipo de informação, ou com o fato de eu tê-la escondido dele. Não queria que ele pensasse que estava sendo usado como estepe. Fiquei assustada ao perceber quanto eu precisava dele naquele momento. Eu não podia correr o risco de nos distanciarmos nem um pouco.— Você tem certeza de que ele não ficou bravo comigo?

— Não. — Sarah balançou a cabeça com veemência. — Ele ficou arrasado quando você surtou. Ele não queria ir embora, mas eu disse para ele que eu ficaria. E meio que ameacei castrá-lo.

— Você o quê?

Ela gesticulou com as mãos.

— No sentido figurado. Enfim, chegamos a um acordo; então, enquanto Hayden cumprir a parte dele, as bolas dele estarão a salvo.

— Gostaria de saber que tipo de acordo vocês fecharam.

— Sinta-se à vontade para perguntar a ele — respondeu Sarah, com um sorriso cheio de malícia. Então ficou séria novamente. — Sabe, teria sido mais fácil se eu soubesse que você estava dormindo com o cara. Tenho minhas opiniões sobre isso, mas não vou dizer nada agora porque parece que você vai me bater com esse travesseiro.

Parei de espremer o travesseiro contra meu peito.

— Eu nunca disse que estava dormindo com ele.

Sarah ergueu uma sobrancelha.

— Nem precisava. Estava escrito na testa dele. E Hayden também me disse que estava ficando aqui todas as noites. Suponho que você não estava fazendo o cara dormir no sofá.

Eu ri. Precisaria ser internada em um hospício se estivesse relegando Hayden ao sofá.

— Dá para entender por que você é a fim dele. Ele tem aquela coisa de machão bonito.

— Sugiro que você guarde essa observação para si mesma. O Hayden não é muito fã da palavra “bonito” para se referir a ele, mesmo se for precedida de “machão” — falei, feliz por termos passado para assuntos mais amenos.

— Imagino.

Ficamos deitadas ali até que a dor nas minhas costas se tornou insuportável. Eu me arrastei até o banheiro e abri o armário de remédios. Minha pele parecia esticada, como uma queimadura de sol muito grave. Tomei um analgésico comum e olhei para os ansiolíticos. Não poderia tomar nenhum deles se quisesse funcionar direito, e precisava ter a cabeça limpa quando fosse conversar com Hayden, mais tarde.

Antes de Sarah ir embora, ela me ajudou a remover a proteção plástica. Ela ficou impressionada com a complexidade do desenho. Não me lembrava muito do que Hayden tinha dito sobre os cuidados posteriores, mas lembrei que ele tinha enchido meu saco por ter deixado a gaze por tempo demais, na última vez. O ar frio tanto irritou quanto aliviou a pele. Como era impossível suportar o atrito de tecidos, vesti um avental para cobrir meu peito e deixar a tatuagem respirar.

Sarah prometeu voltar com café, então deixei a porta destrancada. As únicas mensagens no meu celular eram aquelas que eu andava evitando. Trey continuava ligando e eu continuava ignorando-o, torcendo para que, um dia, ele entendesse o recado e me deixasse em paz. Até então, não estava

funcionado. Tentei trabalhar na tese, mas não conseguia me concentrar o suficiente para produzir nada. Ainda era cedo demais para ligar para Hayden, então decidi fazer cupcakes.

Peguei a batedeira e reuni os ingredientes. Fazer bolos era uma paixão herdada da minha mãe. Na maioria das vezes, aquilo me relaxava; mas naquele dia me fazia sentir mais saudades dela do que nunca. Quando os cupcakes estavam no forno, comecei a cobertura. Estava quase terminando de peneirar o açúcar quando Sarah bateu na porta.

— Pode entrar. — Reduzi a velocidade da batedeira e coloquei um pouco mais de açúcar, para melhorar a consistência.

A porta se abriu e se fechou.

— Caralho.

Eu não esperava a voz grave de Hayden. Uma nuvem de açúcar de confeitiro saiu do pacote e uma camada fina pousou no balcão e em mim. Desliguei a batedeira, virei a cabeça para trás e vi Hayden me olhando com a boca aberta e uma bandeja com três cafés para viagem na mão. Ele a colocou no balcão sem tirar os olhos do meu corpo. Minha roupa era ridícula. Para complementar o avental, coloquei um short preto tão curto que só servia para dormir. E estava de polainas, porque eu gostava e elas eram confortáveis.

— Achei que fosse a Sarah — falei baixinho.

Eu temia a conversa que precisávamos ter. Segundo Sarah, Hayden tinha ficado mais chocado do que chateado com a revelação. Ou talvez ela estivesse errada. Com um olhar raivoso, ele atravessou a cozinha e chegou até mim. Inclinei a cabeça para trás. Ele parecia cansado, mas tinha acabado de tomar banho, e o cabelo ainda estava úmido. Passou os dedos pelos meus braços, quase sem me tocar, uma justaposição à linha severa formada por seus lábios.

— Você tirou o filme.

— E-era para deixar? — gaguejei na resposta, pega desprevenida. Eu esperava uma confrontação imediata, não isso.

— Você tirou sozinha?

— A Sarah me ajudou.

— Esse é o meu trabalho. — O lábio dele se contraiu.

— Desculpe.

— Que isso não aconteça outra vez. — Senti que não estávamos mais falando da tatuagem.

— Sobre ontem à noite... — comecei.

— Eu entendo por que era difícil me contar. Não fico feliz, mas entendo.

— Eu não deveria ter escondido de você. — Eu não deveria mais ter continuado a esconder as coisas dele. E ali estava, a verdade terrível por baixo de tudo. Eu não conseguia contar a Hayden a parte mais importante da minha perda. Porque, ao revelar tudo, eu seria forçada a pensar no que estava fazendo com Hayden, e por que ele era tão melhor para mim do que Connor jamais foi.

— Sobre quando o acidente aconteceu ou sobre quem estava no avião com você? — Ele estava perto, mas não fez nenhuma menção de me tocar novamente.

— Os dois.

— Não. Não deveria. Mas isso não muda o fato de que eu vou terminar a sua tatuagem, se essa é a sua preocupação.

Havia uma mágoa escondida por trás daquela fachada feroz. Como se ele pensasse que a tatuagem era a única coisa que importava para mim. Se fosse tão simples assim...

— Não é isso o que mais me preocupa.

Eu ansiava por tocá-lo, tanto quanto ansiava pelo toque dele.

— O que é, então?

Como se tivesse sentido minha necessidade, Hayden acariciou meu rosto e ergueu meu queixo.

Balancei a cabeça, incapaz de expressar meus medos.

— Tenley, fale comigo.

— Aquela mulher no estúdio...

— Não é importante.

— Mas...

— Eu não estava mentindo quando disse que você é a única. Não quero mais ninguém, só você.

Hayden era exigente, xingava e seduzia, mas não se defendia. Senti o peso do seu medo naquele carinho. Ele tinha tanto medo quanto eu de responder a perguntas. Por mais que eu quisesse que ele estivesse certo quanto ao que importava e o que não importava, minha opinião era outra. Meu passado assombrava meu presente e delineava meu futuro. No entanto, por hora, eu deixaria isso pra lá porque quaisquer que fossem os demônios de Hayden, eu não precisava que eles assombrassem nós dois. Não por enquanto.

Passei a mão pelo peito dele, sentindo as batidas estáveis de seu coração. Às vezes, Hayden era tão frágil quanto eu.

— Caso você esteja pensando no assunto, você é o único que eu quero.

Um sorriso lento se formou no rosto dele, pretensioso e com um quê de alívio.

— Você parece cansado. Dormiu bem esta noite?

— Não muito.

— Nem eu. Minha cama estava muito vazia.

Ele apoiou uma das mãos no balcão atrás de mim e me deu um longo beijo na boca. Quando se endireitou, passou um dedo por baixo da tira em volta do meu pescoço, acompanhando-a até onde ela encontrava o corpo do avental.

— Gostei desse.

O avental era azul com bolinhas cor-de-rosa, coberto por uma estampa de cupcakes. É claro que ele gostava.

— Que surpresa.

— Pode se virar?

— Para quê?

— Quero ver meu desenho.

— Ah.

Obedeci, fugindo do brilho malicioso em seus olhos, torcendo para que Hayden não percebesse minha decepção.

— O que você achou que eu ia fazer? — perguntou ele. Suas mãos repousaram sobre o meu quadril e desceram, cobrindo a cicatriz na parte de fora da minha coxa.

— Sei lá. — Pensei nele tirando a minha roupa e me pegar por trás. Ainda não tínhamos tentado essa posição.

— Você não sabe ou não quer dizer?

Diante do meu silêncio, ele riu.

— Por favor, diga que você nunca vai sair do apartamento usando isto. — O dedo dele deslizou pelo cócs do meu short, parando no começo da bunda.

— Ele cobre as partes mais importantes.

— Mais ou menos.

O desejo entre as minhas coxas se inflamou.

— Não provoca — sussurrei.

— Desculpe.

Ele parou quando chegou bem no lugar onde seus dedos seriam muito bem-vindos. Uma sensação estranhíssima cresceu dentro de mim: além do desejo e do medo, uma raiva silenciosa emergiu. Eu não entendia o que a provocava, só sabia que, se Hayden me tocasse da maneira que eu ansiava, ela iria embora.

— Parece tudo bem, por enquanto. Dói muito? — perguntou ele, enquanto contornava a tatuagem.

— Tomei remédio agora de manhã — respondi.

Mesmo com o analgésico doía muito, especialmente nas cicatrizes.

— Ela precisa ser lavada. Eu devia ter cuidado disso ontem. Posso fazer agora — disse ele, em voz baixa.

Quando me virei de frente para Hayden, ele parecia arrependido. Eu não sabia pelo quê, mas, se ele precisava de perdão, havia outras maneiras de consegui-lo.

— Tem outra coisa que eu prefiro que você cuide antes.

Nervoso, Hayden engoliu em seco.

— Tipo o quê?

Coloquei a mão na nuca dele. Hayden resistiu, um conflito interno visível na curvatura de sua sobrancelha.

— Por favor.

Todas as minhas incertezas estavam canalizadas naquele estranho desejo por ele.

Hayden baixou a cabeça e roçou os lábios nos meus, ainda se segurando.

— Você tem um gosto doce.

Ele chupou meu lábio inferior e segurou meu rosto. Seu toque e seu beijo foram suaves. Eu me inclinei sobre ele, sentindo a protuberância grossa de sua ereção na minha barriga. Ele podia não querer ceder, mas seu corpo tinha outras intenções. O que eu estava prestes a fazer ia desarmá-lo.

— Fiz cupcakes. — Tateei a bancada ao lado e senti a tigela. — E cobertura. Quer provar?

Passei o indicador pela borda e ergui o dedo na frente dele. Seu peito subia e descia, o autocontrole se esvaindo enquanto ele me olhava com uma expressão quase desamparada. A resistência se desfez e Hayden segurou meu pulso. Meu dedo desapareceu em sua boca até a segunda articulação. Senti a pressão dos dentes e a textura da língua, seguida pelo metal duro do piercing.

Ele soltou meu dedo com um estalo alto e molhado.

— Está bom pra cacete.

— Gostou? — perguntei, sentindo uma sensação esquisita de orgulho.

— Gostar é pouco.

Hayden se esticou e passou o dedo na tigela de cobertura. Então colocou o dedo no meu lábio inferior, observando com um desejo fascinado enquanto o polegar dele entrava na minha boca. Lambi tudo. Quando terminei a cobertura, dei uma chupada forte, seguida de uma mordidinha leve.

— Delícia.

Com um ruído raivoso, Hayden agarrou a parte de trás das minhas coxas e me colocou em cima da bancada. A língua dele invadiu minha boca, o beijo agressivo mesmo enquanto ele acariciava a minha coxa com delicadeza.

— Você tem noção do que está fazendo comigo? — disse ele, em tom de acusação.

— Desculpe — sussurrei.

Era uma mentira terrível. Eu queria que ele cedesse, que me acompanhasse em meu desejo insaciável.

Ele bufou, descrente, e mordeu meu lábio, provocando pequenos choques de dor e prazer erótico.

Passando as mãos pelo cabelo dele, puxei-o para mais perto e envolvi sua cintura com minhas pernas. Não sabia que o que eu tinha pensado aconteceria. Hayden não passaria dos limites, por mais que eu o provocasse; minhas costas estavam sensíveis demais. Mas eu precisava dele de um jeito que não fazia sentido. Aquilo me apavorava. Mesmo assim, enfiei a mão entre nossos corpos para pegar no pau dele.

Hayden gemeu, ainda segurando o meu pulso.

— Não posso deixar você fazer isso.

Aquilo me lembrava da primeira vez em que ele me beijou. Estávamos exatamente naquela posição, mas tudo tinha mudado desde então.

— Por favor, não para agora — implorei.

Ele se afastou e apoiou as mãos nos meus joelhos afastados. Fechei os olhos, incapaz de tolerar a humilhação. As mãos dele subiram até os polegares alcançarem a dobra das minhas coxas e entraram pelo meu short.

— Vou fazer você se sentir bem. — Hayden abriu minhas pernas ainda mais. Seus dedos deslizaram por baixo do tecido e acariciaram meu clitóris. — É isso que você quer que eu faça?

Gemi.

Ele parou.

— É?

— Sim.

Prendi a respiração, quase esperando que ele tirasse a mão depois da minha confissão. Hayden tinha convicções tão sólidas que eu jamais imaginei que ele fosse de fato ceder. Com certeza haveria consequências.

Ele me beijou de novo. Com menos força dessa vez, mas igualmente possessivo.

— Diz que você precisa disso. Diz que você precisa de mim.

— Eu preciso de você.

Nós estávamos juntos naquela ânsia um pelo outro. O desejo de Hayden era tão avassalador quanto o meu.

Ele fazia movimentos lentos, mal tocando a pele sensível enquanto observava sua mão se mover debaixo do algodão. Então desceu um pouco mais, introduzindo dois dedos em mim e os movendo para

cima e para dentro em um ritmo lento e estável. Sua mão livre agarrou meu rabo de cavalo e ele inclinou minha cabeça para o lado, de modo que conseguia me beijar e ainda ver o que estava fazendo.

Coloquei minha mão sobre a dele, querendo que Hayden fosse mais fundo, com mais força. Cada girada de seus dedos me conduzia para cada vez mais perto do clímax. Eu me curvei e ele colocou a mão na minha nuca, mantendo-me próxima. Pressionei meu corpo contra o dele, com as pernas tremendo e o calor crescendo cada vez mais.

Embora aquilo não fosse a mesma coisa que tê-lo dentro de mim, foi o suficiente. Não era só a gratificação física que eu queria, era a intimidade. Não conhecia outra forma de alcançar a proximidade que eu buscava tão desesperadamente. Agarrei os ombros de Hayden enquanto a sensação se intensificava e me dominava. Me contraindo ao redor de seus dedos, gemi na boca dele.

— Adoro ver você gozar — sussurrou Hayden, me beijando com calma mais uma vez.

Murmurei algo incoerente e recostei nele, tentando recuperar o controle das minhas pernas. Descansei a cabeça em seu peito, querendo manter aquela conexão pelo máximo de tempo possível. Mesmo depois do orgasmo, eu ainda não me sentia saciada. Precisava mais dele. A tatuagem, apesar de catártica como Hayden disse que seria, também escancarou feridas mal cicatrizadas. Eu estava procurando uma maneira de aliviar a dor incessante no meu peito. Até então, Hayden tinha preenchido a parte vazia de mim, mas, com o desenho do contorno, novos buracos se abriram.

— Fiz você se sentir melhor? — perguntou ele, em voz baixa.

Me aninhei em seu pescoço e assenti em seu ombro, querendo ficar daquele jeito para sempre.



# Hayden

— Você tem certeza de que precisamos esperar uma semana?

Os joelhos de Tenley pressionaram meu quadril. Ao menos suas mãos não tinham migrado para o sul de novo.

— Tenho. Uma semana vai ser suficiente para eu não ter que me preocupar em pegar leve demais com você. — Pronto, mais uma vez minha boca entrou em ação antes do meu cérebro.

Eu não deveria estar imaginando como seria deitar Tenley na bancada da cozinha enquanto sua tatuagem mal tinha completado doze horas de vida, mas aquilo me dava uma saída para não falar dos problemas de verdade, e Tenley também parecia querer essa distração.

Em vez de pôr em prática as fantasias explícitas que passavam pela minha cabeça, levantei Tenley do balcão, com cuidado para não tocar na tatuagem. Levou alguns segundos para ela recuperar o equilíbrio. Parecia cansada e seus olhos estavam vidrados. Eu tinha a sensação de que ela estava sentindo dor e não queria que eu soubesse. Era a cara dela sofrer em silêncio.

Depois que Sarah me contou a gravidade do acidente de Tenley, não dava para fingir que eu não sabia. Se Tenley só tivesse perdido os pais no acidente, eu teria fé de que ela se recuperaria. Mas as circunstâncias eram muito mais extremas. Eu entendia os pesadelos agora. Ela devia precisar de uma energia absurda para se levantar da cama todos os dias e encarar o mundo.

Eu não era tão idiota a ponto de fazê-la falar sobre isso naquele dia. Não depois de observá-la desmoronar na noite anterior, ou de ver como ela estava naquela manhã. Tenley não tinha condição alguma de lidar com uma conversa intensa e honesta.

Além disso, eu estava preocupado com o que Sarah podia ter dito a ela. Até então, parecia que meu único problema era Sienna. Infelizmente, ela era um problema grande pra cacete. Depois da minha explosão de raiva no Inked Armor, ela com certeza voltaria para me atormentar um pouco mais. Eu ainda não estava pronto para contar sobre isso a Tenley, mas não poderia evitar o assunto para sempre. Eu precisava de um tempo para planejar o que diria a ela.

Observei Tenley zanzar pela cozinha, preparando-se para decorar os cupcakes. Era um assunto sério. Quando tentei enfiar um dedo na tigela daquele paraíso branco e cremoso, ela deu um tapa na minha mão e franziu o nariz.

— Isso é nojento. Vá lavar a mão!

— Você me deixou fazer isso antes.

— Mas aquilo foi antes de você colocar as mãos... — Ela sinalizou para si mesma e depois para mim.

— Ah, verdade. Porque cobertura de boceta só é gostosa para mim — falei, só para irritá-la.

Funcionou.

Tenley apontou a espátula para mim enquanto seu rosto ficava da cor de um morango.

— Para! Isso é... Eca!

Sarah apareceu antes que eu pudesse responder, o que provavelmente foi uma coisa boa. Ela estava com duas xícaras de café. Seu sorriso murchou quando ela me viu.

— Que surpresa. Desculpe, só tenho duas mãos.

Pelo olhar dela, percebi que Sarah não teria trazido nada para mim, mesmo se tivesse três mãos.

— Tudo bem. Eu trouxe café para todo mundo — respondi, apontando para os copos esquecidos.

— Ah, isso foi... legal da sua parte.

Ela parecia surpresa. Como se minhas tatuagens e piercings me impedissem de ser bem-educado.

— Você vai precisar requentar, eu cheguei há um tempinho.

Removi a tampa do meu café e sorri por cima do copo. Estava morno.

Derramei o conteúdo do copo em uma caneca de Tenley, então coloquei no micro-ondas. Quarenta e três segundos depois, meu café estava fumegante de novo. Me encostei no balcão, reparando no constrangimento que a presença de Sarah causava. Tenley parecia nervosa, e eu só podia deduzir que a causa era estarmos os três no mesmo recinto.

Quando Tenley terminou de colocar a cobertura nos sacos de confeitaria, ela provou os cupcakes. Pelo jeito, ainda estavam quentes demais, então ela pediu licença e foi ao banheiro.

Assim que ela desapareceu, eu me virei para Sarah.

— Como ela passou a noite?

— Não muito bem. Estava agitada e ficava chamando você.

— Por que você não me ligou? Eu teria voltado.

— Ela falava dormindo.

— Podia ter ligado mesmo assim. Como ela estava hoje de manhã? O que você disse para ela?

Olhei na direção do banheiro. Ainda não tinha ouvido a água correr, então dava tempo de fazer algumas perguntas.

— Ela estava bem. Não se lembra de muita coisa. Se você quer saber se eu contei como você conquistou sua ótima reputação no meu trabalho, não falei nada do que ouvi.

— Mesmo?

— Não fiz isso por você. — Ela tomou um gole de café, olhando para mim por cima da xícara. — Estou na dúvida se devo confiar em você ou não. Fiquei de bico fechado porque ela não vai conseguir lidar com esse tipo de coisa. Não vou falar nada a não ser que você dê motivo.

— Prometo que vou cuidar dela.

— Eu também — retrucou Sarah.

Ainda bem que Sarah parecia sensível o suficiente para não forçar os limites de Tenley. Se fôssemos concordar em apenas uma coisa, a preocupação com Tenley parecia ser um bom começo.

— Se você está falando sério, não vai mais deixá-la chapada de novo.

— Foi só uma ervinha. — Sarah revirou os olhos. — Pelo que ouvi, não é nada perto do que você já usou.

— Não encosto naquelas merdas há anos. Suponho que o seu fornecedor seja o Damen. — O silêncio dela foi suficiente. — Você não vai querer se envolver com ele. Ele batiza os produtos e Tenley já tem um armário cheio de remédios da época do acidente. A gente não quer que ela se viciie em alguma coisa.

Pelo que havia naquele armário, eu não tinha como saber se Tenley já não tinha algum vício, mas eu não contaria isso a Sarah.

Sarah pareceu chocada e levemente culpada, o que era bom.

— Não tinha pensado nisso.

— É óbvio que não.

A porta do banheiro se abriu e Tenley apareceu, movendo-se como uma velha de oitenta anos.

— Eu preciso ir, tenho umas coisas para resolver — disse Sarah, quando Tenley voltou à cozinha.

— Obrigada por ter passado a noite aqui, e desculpe se não deixei você dormir — disse Tenley.

Sarah tentou dar um abraço nela.

— Me liga se precisar de alguma coisa.

Por mais simpática que fosse a oferta, era desnecessária. Eu planejava estar disponível para suprir todas as necessidades dela.

Depois que Sarah foi embora, alisei o braço de Tenley.

— Quero lavar suas costas agora.

Eu a tomei pela mão e a levei para o banheiro. Se não tivesse acontecido toda aquela merda na noite anterior, eu teria removido a proteção plástica e limpado a tatuagem antes de ela ir para cama. Mas as coisas não tinham saído como o planejado.

— Onde você prefere? — perguntou Tenley quando paramos no tapetinho preto que cobria o piso de azulejos.

Havia uma série de respostas para aquela pergunta. Eu queria transar com ela sentada na pia para poder ver a tatuagem refletida no espelho e ter seu rosto perto do meu. Queria debruçá-la na mesma pia para experimentar a visão oposta. E isso só para começar.

Fui até a beirada da banheira.

— Aqui está bom.

Tenley sentou enquanto eu pegava as coisas no armário. As toalhas azul-marinho eram uma aposta certa, pois evitavam que as mais claras fossem arruinadas por manchas de tinta. O primeiro passo era limpar o excesso de fluidos para que a tatuagem cicatrizasse direito. Aquilo não seria agradável.

Quando me virei, Tenley já havia tirado o avental e o short. Também estava sem calcinha. Ela estava sentada, tímida, na beirada da banheira, com as pernas cruzadas e as mãos cobrindo os seios: a imagem do recato. Apertei a toalha com força enquanto olhava para seu corpo nu perfeitamente imperfeito, com as cicatrizes e os lembretes do trauma passado.

— Achei que isso fosse facilitar as coisas — explicou ela, com um tom de desculpas.

— Eu sei que sim.

Ela esticou o braço para pegar a toalha da minha mão e se cobrir, mas não a alcançou. Deixei a toalha cair, admirando sua bunda nua na porcelana branca da banheira. Eu achava que o avental e o short na cozinha tinham sido um problema. Ah, como eu estava errado. Tenley nua, vulnerável e carente era ainda mais difícil de resistir. Talvez parte do problema fosse saber que o que viria a seguir não seria nada prazeroso. Limpar a tatuagem era necessário, mas também era uma sinuca de bico. Baseado na minha reação física ao ver Tenley pelada com meu desenho na pele, o hiato de uma semana seria uma tortura. Principalmente se ela tentasse o tempo todo me fazer ceder. E eu não podia culpá-la por tentar. Como Lisa havia dito, as emoções sempre ficavam à flor da pele depois de uma sessão longa. Era óbvio que

Tenley não era exceção à regra, então dependeria de mim manter tudo sob controle o máximo que eu conseguisse.

Abri a torneira e coloquei o chuveiro em uma potência mais fraca. Enquanto a água esquentava, expliquei o processo passo a passo, para evitar surpresas. Tenley assentia ou fazia algum som afirmativo, mas, fora isso, permaneceu em silêncio. Apesar de eu ter avisado antes de a água atingir suas costas, mesmo assim ela tentou fugir do jato e da sensação desagradável. AG miou para mim do lugar onde estava, perto da porta, claramente preocupada com o bem-estar de sua alma gêmea. Ver Tenley sentindo dor fazia eu me sentir um bosta, mas era um meio para um fim, algo que eu entendia melhor por conta do que aquela tatuagem significava para ela.

Depois que os fluidos residuais escorreram pelo ralo, comecei a passar o sabonete. Fui devagar, passando pelas partes mais fáceis antes, do ombro até o quadril, um lado de cada vez. Tenley foi paciente, mas tensa. Volta e meia eu me inclinava para lhe dar um beijo no rosto ou no pescoço e dizer que ela estava indo muito bem.

— Eu sinto muito mesmo por ter mentido para você — sussurrou ela quando eu estava quase terminando de lavar a nova tatuagem.

— Eu sei.

Passei o sabonete em sua pele com um cuidado extremo. Era um processo muito desconfortável. Eu odiava o fato de que Tenley talvez enxergasse aquilo como uma punição por ter sido desonesta.

— Eu só não queria que você dissesse não ou me fizesse esperar — confessou ela.

Eu sabia como era querer aliviar o sofrimento interno. Por experiência própria, tinha aprendido que se libertar da dor física não levava o resto junto, incluindo as lembranças.

— Eu entendo os seus motivos. Só não quero que você continue escondendo as coisas de mim.

Ela olhou por cima do ombro, olhos marejados.

— Essa é uma via de mão dupla, Hayden.

Parei, sem coragem de prosseguir para a parte mais difícil até esclarecermos a situação.

— Lembra que, na semana passada, você disse que não queria que o passado estragasse o que a gente tem porque poderia mudar a maneira como eu a vejo?

— Lembro.

— Então, é assim que eu me sinto nessa situação. Preciso de tempo, como você precisou. Me dê uma semana e eu vou contar o que você precisa saber.

Eu não contaria tudo a Tenley, não mesmo. Mas tentaria explicar, da melhor maneira possível, como tinha sido meu caso com Sienna e por que ela continuava dificultando minha vida.

— Não importa que tipo de relacionamento vocês tiveram, isso não vai mudar como eu me sinto em relação a você — disse Tenley, passando a mão no meu joelho.

Estava na ponta da minha língua perguntar como ela se sentia em relação a mim. Mas não era uma boa hora, não quando ela estava tão emotiva. Se *ela* fizesse aquela pergunta para *mim*, eu não teria ideia do que dizer porque a verdade era forte demais, mesmo para mim.

— Só para esclarecer, o que a Sarah me contou a noite passada não muda em nada a maneira como eu vejo você, tá?

— Está bem.

Ela pareceu relaxar um pouco. Parei a conversa ali. Esperava que Tenley ainda sentisse o mesmo depois que eu soltasse minha bomba sobre ela — apesar de eu nunca ter classificado o que tive com Sienna como um relacionamento, não importava o que Jamie tentasse insinuar.

Tenley apertou meu joelho quando chegamos à parte mais difícil. Por mais cuidadoso que eu fosse, as cicatrizes eram hipersensíveis, especialmente após o trauma que eu tinha causado nelas na noite anterior. Os pelos de seus braços se arrepiaram e ela se contorceu, um sinal claro de que o desconforto era extremo. Na próxima vez, eu começaria pela parte pior antes e terminaria com a mais fácil.

Quando acabamos, Tenley estava sentada com as mãos fechadas no colo, tremendo. Sequei as costas dela dando batidinhas leves com a toalha, mas sua pele estava machucada e dolorida, por isso ela se afastou.

— Você precisa tomar alguma coisa para ajudar a aliviar a ardência — sugeri, colocando a toalha sobre os ombros dela.

— Já tomei Tylenol — respondeu Tenley.

Ela estava esfregando as mãos nas pernas, enterrando as unhas nos joelhos como se quisesse controlar o que acontecia por dentro. Aquilo não era legal. Eu estava acostumado a lidar com minhas próprias tatuagens e o desconforto que elas traziam. Para mim, as consequências prometiam uma alternativa bem-vinda aos meus conflitos internos. Mas a primeira foi mais difícil do que todas as outras. A tatuagem nas costas de Tenley tinha mais do que o dobro do tamanho daquela que foi minha introdução à ardência pós-tatuagem. Eu estava arrasado na época, destruído por uma perda que era minha culpa, então saboreei a dor. Porque eu merecia. Tenley estava em uma situação muito diferente, e não tinha o alívio químico que eu havia aproveitado. Não que eu quisesse que ela tivesse.

Fui até a pia e abri o armário dos remédios. As duas prateleiras de cima estavam repletas de medicamentos controlados. A maioria deles estava pelo menos na metade. Chequei os rótulos, algo que eu não tinha feito antes. Alguns dos nomes emitiam sinais de alerta para mim. Não identifiquei a maioria.

— Você costuma tomar isso tudo?

Eu não queria que Tenley se sentisse julgada. Mas ela estava certa: a cada camada descoberta, eu começava a enxergá-la de um jeito diferente. Não importava quanto o estrago fosse brutal, ela era uma lutadora e uma sobrevivente. Eu não conseguia entender o que é que ela queria comigo.

Tenley estava curvada, a toalha pressionada contra o peito. Eu me ajoelhei em frente a ela, colocando uma mecha de cabelo atrás de sua orelha.

— Tenley? Gatinha, você costuma tomar tudo aquilo com frequência?

— Sobraram do acidente.

Aquela não era uma resposta direta.

— Você quer o Tylenol comum ou algum dos remédios controlados?

— Controlado, por favor.

Voltei para o armário e peguei um frasco.

— Vou precisar tomar dois. Está doendo muito — disse ela em voz baixa.

Eu sabia que ela estava se referindo a mais do que apenas as cicatrizes físicas.

Enchi o copo que estava na pia e o entreguei a Tenley. Ao me virar de volta para o armário, examinei os medicamentos. Havia uma série de analgésicos de intensidades variadas. Escolhi um dos mais fracos, que mesmo assim era bem mais forte do que os remédios comuns que costumamos tomar.

— Que tal começar com um comprimido e depois, se você ainda se sentir mal daqui a uma hora, toma outro?

— Está bem.

Peguei um comprimido e o pressionei no lábio inferior de Tenley, encorajando-a a abrir a boca. Soltei a pílula branca em sua língua. Ouvi um estalo e tive que conter um tremor, por saber que aquilo devia ter um gosto amargo e químico. Tenley bebeu toda a água do copo. Quando terminou, eu lhe dei um beijo longo e pudico. Mais tarde, pesquisaria os nomes daquelas merdas que ela andava tomando e que não consegui identificar.

— Vou levar você à faculdade hoje — falei.

— Eu só tenho que cumprir horário e participar de uma reunião com o grupo. Acho que vou ficar bem.

— Você acabou de tomar codeína, não vai dirigir a lugar nenhum.

— Posso ligar para o Ian e pedir uma carona ou algo assim — sugeriu Tenley, brincando com o zíper do meu moletom.

— Aquele que trabalha no Elbo Room? Nem fodendo você vai entrar em um carro com aquele cara.

— Hein?

Eu parecia um babaca possessivo. Porque eu era mesmo. Aliviei um pouco o tom da babaquice.

— Eu não confio nele. Ele é um pela saco, e você está medicada e sentindo dor. Vou me sentir bem melhor se puder levá-la e buscá-la.

AG bateu a cabeça na minha canela, então fiz um carinho em seu queixo.

— O Ian sabe que eu não estou disponível.

— Que bom. Mas continuo não querendo que você ande no carro dele. Ele deve dirigir uma lata-velha.

— Tenho certeza de que o problema não é o carro dele.

— A sua segurança e a minha paz de espírito são importantes.

— Está bem, você pode me levar.

— Ótimo — respondi, como se ela tivesse mesmo uma escolha. — Você vai precisar usar roupas largas, e sem sutiã, para não prejudicar a tatuagem.

Deixei Tenley sozinha para se vestir e levei AG comigo. Ela saiu do quarto dez minutos depois. Seus olhos não estavam mais tão vidrados, mas suas roupas eram um problema. Ela estava usando uma legging. A blusa, apesar de mais larga do que as que costumava usar, proporcionava uma visão maravilhosa dos mamilos dela e de seus adoráveis piercings.

Cruzei os braços.

— Você não vai encontrar o Clube dos Nerds vestida assim de jeito nenhum.

— Desculpe, como é que é?

— Os caras do seu grupo.

— O Clube dos Nerds? Isso é meio rude. Qual imagem você deve ter de mim se rotula os caras que trabalham comigo de algo tão pejorativo? — Ela franziu a testa. — E o que tem de errado com a minha roupa? Parece que eu estou indo para a academia.

Eu realmente duvidava que Tenley fosse dessas garotas que correm na esteira. Ela não fazia o tipo. Na outra vida, antes do acidente, eu a imaginava como uma daquelas garotas que passam o tempo livre no parque, derretendo sob o sol, lendo alguma coisa profunda. Mas essa não era a questão.

— Eu acho a sua inteligência incrivelmente sexy, caso você não saiba. Por mais que eu não tenha uma formação dessas, sou esperto o suficiente para saber que aqueles caras não escolheram trabalhar com você só porque você é gostosa, o que me deixa nervoso, com razão, quando você está com eles.

Eu não acreditava que estava confessando aquilo. Eu praticamente disse a Tenley que era inseguro. Só levou uma fração de segundo para ela entender minha revelação involuntária, reforçando o quanto ela era inteligente.

— Mas você é genial.

— Eu mal terminei o ensino médio.

— Isso foi circunstancial. Tanto você quanto eu sabemos que isso não quer dizer nada. Alguns dos gênios mais famosos tiveram dificuldades no ensino médio. Einstein, por exemplo.

— Não sou um Einstein.

— Não, seu cabelo é mais bonito.

— Nem sei por que estamos falando disso — declarei, me sentindo desconfortável com o assunto. — O problema são os seus mamilos. Eles estão praticamente furando meus olhos. Você precisa cobri-los.

Tenley olhou para o próprio peito e viu que os mamilos estavam de fato um tanto pontudos.

— Vou levar uma jaqueta.

— Mas você vai tirar — ponderei.

Ela ergueu as mãos e se virou, voltando para o quarto bufando.

— Espere. — Abri o zíper do moletom e o tirei. — Você pode usar isto.

Tenley olhou para a minha camiseta e sua boca se curvou em um sorriso descrente.

— As pessoas perguntam mesmo isso?

— Você ficaria surpresa.

A camiseta tinha sido um presente de Cassie. Dizia “SIM. Dói. Mais alguma pergunta idiota?”. Entreguei o moletom e Tenley o vestiu.

Era grande demais para ela. Enrolei os punhos duas vezes até suas mãos aparecerem, mas serviu para cobrir os peitos sem sutiã. E era largo, o que o tornava duplamente eficiente. Admirei o caimento do casaco nela; estava bordado STRYKER nas costas, em letras pretas gigantes, com bordas douradas e costuradas em tecido vermelho. Agora Tenley estava marcada por mim tanto por baixo quanto por cima das roupas.

— É enorme.

— Mas funciona.

Ela esfregou a manga no rosto e cheirou.

— Tem o seu cheiro.

— Isso é bom ou ruim?

— Bom. Eu gosto do seu cheiro.

— Tanto quanto eu gosto do seu gosto? — perguntei, puxando-a pelo quadril.

— Hayden... — repreendeu Tenley, com as mãos paradas em meu peito. O protesto era fraco e um tanto ofegante, então ela não estava falando sério.

Eu me inclinei para beijá-la. Nunca conseguiria me segurar por uma semana.

Tenley estava surpreendentemente lúcida mesmo sob o efeito do remédio. Contudo, dada a gravidade do acidente e o conteúdo de seu armário de remédios, ela havia tomado um monte de medicamentos bem mais fortes por um bom tempo antes de passar para algo menos potente. Codeína era, para mim, um nocaute. Apesar de eu quase nunca tomar remédio para qualquer coisa.

Tenley me deu um de seus beijos mordiscados quando eu a deixei na faculdade. Entre as mordidas, prometi buscá-la no mesmo lugar por volta das cinco. Ela subiu as escadas devagar, tomando cuidado por causa da tatuagem recente.

Quando ela já estava fora de vista, parei o carro no estacionamento mais próximo. Entrei de ré em uma vaga, deixando o carro torto de forma que ninguém mais pudesse usar a vaga ao lado. De jeito nenhum eu arriscaria que algum idiota amassasse a porta ou danificasse a pintura. O atendente veio até mim, aborrecido e nervoso, então eu paguei por duas vagas sem discutir e garanti a ele que ficaria ali por, no máximo, uma hora.

Segui para o prédio onde Tenley tinha entrado quando foi se encontrar com o orientador. Verifiquei a lista e encontrei o nome de Calder. Uma manada de estudantes impacientes esperava o elevador, então peguei as escadas.

A sala de Calder era bem no fim do corredor. A placa com seu nome, pendurada na porta fechada, anunciava suas qualificações educacionais em vários acrônimos. Me perguntei mesmo se deveria bater. Eu queria ver o cara para ter uma ideia do tipo de ameaça que representava a Tenley naquele estado fragilizado. No fim das contas, não precisei pensar em uma desculpa esfarrapada para entrar, porque a porta se abriu. Uma menina de vinte e poucos quase bateu no meu peito. Ela olhou para mim, assustada, e seu rosto ficou vermelho. Eu a tinha visto antes, quando fui buscar Tenley pela primeira vez. Era aquela que tinha garras decoradas no lugar das unhas e que não entendia nada de convívio social. Ela estava toda maquiada, exceto pela boca, que estava inchada. A saia parecia torta.

Um homem de meia-idade e meio careca estava sentado à mesa, parecendo relaxado. Sua expressão de saciedade e o cheiro do escritório confirmaram o que eu suspeitava. Ele ajustou o paletó de tweed, checando o botão que apertava sua pança.

A garota não olhou para trás ao passar por mim. Eu a observei andar depressa pelo corredor, o nervosismo aparente em sua postura. Ela ajeitou a saia enquanto se apressava. Tentei imaginar quantas das alunas daquele cara conquistavam méritos na pós-graduação daquele jeito. O que eu queria fazer e o que eu fiz a seguir eram duas coisas diferentes.

— Posso ajudá-lo? — perguntou ele, seu olhar frio focado em mim.

— Acho que não. — Encarei-o fixamente. — Devo estar no prédio errado.

— Evidentemente — respondeu ele, me dispensando enquanto começava a folhear os papéis em sua mesa.

Eu me virei e abri a porta para sair, forçando meu corpo a se afastar da sala dele e andar até a escada. Eu não queria que Tenley soubesse que eu havia procurado o orientador dela. Quebrar a cara do professor Calder com um de seus livros teria me entregado na lata. Eu precisava que ela falasse. Se ele a forçava a conceder favores, eu não conseguiria evitar dar a ele uma demonstração de como era um comportamento divergente de verdade.



# Hayden

No domingo à tarde, saí do banheiro de Tenley e a encontrei com o laptop empoleirado no braço do sofá e um documento aberto na tela. Ela estava com um marca-texto rosa atrás da orelha, uma caneta entre os lábios e um livro no colo. Ela costumava passar um tempo trabalhando na tese enquanto eu zapeava pelos canais de TV, à noite.

Não tínhamos que trabalhar, o que significava que teríamos o resto do dia pela frente sem planos concretos. Isso não era bom, considerando como eu estava com tesão. Eu devia ter conseguido lidar bem com uma semana sem sexo. Já tinha passado meses na seca antes de conhecer Tenley, mas algo relacionado à privação forçada tornava mais difícil controlar a vontade.

A mesa de centro estava coberta de artigos sobre comportamentos divergentes, alguns dos quais me faziam parecer um escoteiro. Eu sabia porque tinha lido todos. Havia trechos sublinhados e post-its grudados em todas as páginas, um cobertor amontoado no chão com dois copos vazios ao lado. Apesar de a bagunça me deixar louco, a roupa de Tenley era uma distração bem maior. Ela estava com o avental e o short, e eu conseguia ver a curva de seu seio de leve pela lateral. Tinham passado três dias da sessão de tatuagem. Eu estava perdendo a cabeça. Não conseguiria ficar sentado ao lado dela fingindo ver TV sem chutar o balde em algum momento.

— Preciso sair daqui — desapareí.

— Qual o problema? — Tenley olhou para a mesa de centro. — É a bagunça? Posso dar uma ajeitada.

Ela começou a juntar os papéis em pilhas mais organizadas e eu me senti mal na mesma hora. Ela estava tentando manter o apartamento organizado. Para a maioria das pessoas, aquilo não seria um problema. Eu não era a maioria das pessoas.

Ergui a mão para pará-la.

— Desculpe. Não foi isso que eu quis dizer. Quero levar você para sair.

Ela ficou me olhando, perplexa.

— Sair? Mas você comprou comida ontem. Minha geladeira está cheia e AG tem bastante razão.

Eu tinha passado quase todas as noites na cama de Tenley nas últimas duas semanas e a única vez em que fomos a algum lugar público, além do Serendipity e do Inked Armor, foi para comprar comida. Eu era um babaca.

— Quero levar você a algum lugar, mas só se as suas costas estiverem bem e você não precisar trabalhar em outra coisa.

Apontei para a montanha de papéis. Eu realmente esperava que ela pudesse tirar uma folga daquilo.

— Posso fazer isso depois. Quanto às minhas costas, estão coçando e ardendo, mas, fora isso, estão bem — disse Tenley, devagar.

— Por que você não vai se trocar, então? — sugeri, aliviado. — Mas só se você quiser.

O sorriso que iluminou o rosto dela fez eu me sentir ótimo e péssimo ao mesmo tempo. Eu devia ter pensado naquilo antes.

— Está bem! — Ela pulou do sofá e praticamente saltitou até o quarto.

Enquanto Tenley se trocava, eu me arrumei. Vinte minutos depois, reapareceu com um chemise cinza e meia-calça roxa. Ela havia se maquiado, o que não era necessário, pois era maravilhosa sem maquiagem.

Eu a ajudei a vestir o casaco, tomando cuidado redobrado enquanto ela enfiava os braços pelas mangas, e o apoiei em seus ombros. Embora a tatuagem estivesse cicatrizando bem, o local ainda ficaria sensível por mais um tempo. Cruzamos a rua e passamos pelo meu prédio para chegar ao estacionamento subterrâneo, onde estava o carro. Tenley tinha oferecido o dela, mas eu recusei. Eu a estava levando para sair, e não o contrário. Além disso, o carro dela era uma porcaria, mas eu não ia comentar. Eu não tinha nenhum plano específico em mente, até que comecei a dirigir em direção ao porto de Chicago.

— O Instituto de Arte? — perguntou Tenley quando entrei no estacionamento.

— Pode ser? Podemos ir a outro lugar, se você quiser — falei com uma insegurança repentina.

Eu nunca tinha levado alguém para sair. A não ser que contasse aquela vez no último ano do ensino médio em que levei uma menina ao cinema drive-in. Não me lembrava do nome dela nem do filme que tínhamos visto, mas tinha uma lembrança vívida de um boquete cheio de dentes. Isso foi antes de meus pais serem assassinados. Depois daquilo, namorar não tinha sido uma prioridade.

— Não, não. É uma ótima ideia. Faz milênios que não vou a um museu.

— Eu também.

Desliguei o motor e contornei o carro até o lado do carona, abrindo a porta de Tenley para ela. Saiu com cautela, provavelmente porque suas costas ainda estavam sensíveis. Sorri para mim, toda fofa e despreziosa e linda enquanto eu entrelaçava meus dedos nos dela.

— Minha mãe costumava me trazer aqui quando eu era pequeno — contei, segurando a porta aberta para ela e a guiando para dentro do saguão.

— É mesmo? Foi dela que você puxou seu lado artístico?

— Minha mãe sempre foi mais ligada em esculturas, mas, sim, era ela quem me colocava em contato com esse tipo de coisa. Meu pai não gostava muito de arte, ou de nada que não envolvesse ações, para falar a verdade, então era eu quem a acompanhava quando tinha exposições que ela gostava — respondi, enquanto caminhávamos até a bilheteria.

Tenley tentou pagar pelo ingresso, mas eu entreguei meu cartão de crédito. Peguei um dos folhetos para que pudéssemos definir quais exposições queríamos ver e em qual ordem.

— Quando foi a última vez que você esteve aqui? — perguntou Tenley quando decidimos ver primeiro a exposição de fotografia.

Pensei por um minuto, tentando me lembrar da última vez em que minha mãe tinha me levado lá.

— No verão anterior ao primeiro ano do ensino médio? Então, há quase dez anos. A gente costumava vir pelo menos uma vez por ano. Mas no verão anterior ao último ano eu disse a ela que não queria vir. Ela veio sozinha. Depois, fiquei me sentindo um bosta por causa disso.

Tenley apertou minha mão.

— Você deve sentir falta dela.

— Sim. O tempo todo.

Olhei para Tenley, feliz por ter alguém com quem eu podia fazer aquele tipo de programa de novo.

— Vai ficando mais fácil? — sussurrou ela.

— Não sei. Quer dizer, em alguns sentidos, talvez. Já faz sete anos, então estou acostumado a não tê-la por perto, mas não sei se a dor vai mesmo embora um dia. Acho que você só aprende a lidar com isso. Provavelmente não é isso que você quer ouvir. — Dei um sorriso triste e fiz um carinho no rosto dela. — Mas agora eu tenho você, então isso ajuda.

— Sêrio?

— Com certeza. — Eu me inclinei e lhe dei um beijo demorado, sem me importar por estarmos em um local público. — Vamos lá dar uma olhada nas obras.

Tenley em uma galeria de arte era uma viagem. Ela adorava as peças mais modernas tanto quanto eu curti as obras mais sombrias. Vez ou outra, quando eu estava demorando demais ou ela queria ver a próxima pintura, ela se encostava em mim, esfregando os seios no meu braço, e sussurrava:

— Quanto tempo até a gente passar para a próxima?

Fiquei atrás dela, com as mãos em seu quadril, enquanto ela apreciava *American Gothic*, de Grant Wood.

— Tentando adivinhar o que ela está pensando?

Tenley contemplou o quadro, refletindo, e pressionou um dedo nos lábios antes de se virar para mim e me olhar com uma expressão séria.

— Provavelmente algo do tipo “Quanto tempo eu tenho que ficar aqui em pé torrando no sol com cara de brava?”.

Contive uma risada.

— E ele?

Tenley gesticulou com o dedo para que eu me aproximasse. Quando me inclinei, colocando o ouvido perto de sua boca, ela sussurrou:

— Minhas bolas estão suadas.

Caí na gargalhada, assustando um casal boêmio dois quadros à direita. Eles me lançaram um olhar furioso e Tenley teve uma crise de risinhos.

Fomos à exposição seguinte.

— Então, quem era artístico: sua mãe ou seu pai?

— Minha mãe, eu acho — respondeu ela, parando para admirar uma obra de Dalí. — Apesar de ela gostar mais de fotografia e, mesmo assim, ter sido apenas um hobby, como os meus desenhos.

— Você poderia ter cursado belas-artes, se quisesse — disse, dando um beijo no topo de sua cabeça.

Estar em um local público tornava mais fácil demonstrar carinho sem ceder ao desejo de levar as coisas ao estágio seguinte.

Ela riu, mas não havia humor em sua risada.

— Meus pais nunca deixariam.

— Por que não? Você é muito talentosa.

— Nem tanto — rebateu ela, com menosprezo.

Eu a virei para que ficasse de frente para mim e não para Dalí.

— Ninguém nunca disse quanto você é habilidosa?

Ela baixou os olhos e seus dedos passearam pelas tatuagens expostas do meu antebraço.

— Não sou. Mesmo.

— Ei. — Esperei até que ela olhasse para mim. — Você é. Mesmo.

Fiquei olhando para Tenley, imaginando como ela era antes do acidente. Será que cedia aos caprichos dos outros para evitar decepcioná-los? Era totalmente possível. Ela andava em uma linha bem cautelosa. Seus piercings eram comedidos; bonitos, até. Suas roupas ficavam dentro do que era considerado “aceitável”, mas ela era ousada, às vezes até excêntrica. Aquilo ficava mais evidente quando ela estava no conforto de seu próprio espaço. Ainda assim, chamava atenção. Não porque buscasse isso, mas porque sua beleza natural fazia com que fosse impossível não ser atraído por ela.

— Isso é muito gentil da sua parte. — Tenley ficou na ponta dos pés e eu abaixei a cabeça para que ela chegasse à minha boca, em vez do meu queixo. Ela sorriu e deu um passo para trás, rompendo o contato. — Mas é só uma coisa que faço por diversão.

— Mas você deve ter tido aulas de artes — pressionei.

— Claro. Durante todo o ensino médio e a faculdade. Mas me formei em sociologia porque havia mais opções de carreira depois que eu terminasse a graduação. Aí, fui aceita no mestrado da Northwestern, e foi isso. Vamos lá, quero dar uma olhada nas pinturas medievais. — Ela abaixou a voz para um sussurro conspirador. — Às vezes, tem nudez.

Deixei a discussão sobre a faculdade de artes para lá, apesar de ter a sensação de que havia mais por trás daquilo do que ela estava a fim de compartilhar naquele momento. Tenley era apaixonada por arte; ficava óbvio na maneira como seus olhos brilhavam quando ela descobria uma obra que a tocava de verdade. Até mesmo os artigos e livros que ela estava lendo para a tese tinham alguma base nas artes, alternativas ou não.

Depois do museu, levei Tenley para jantar e beber alguma coisa em um pequeno pub perto de casa. O cara que nos serviu não parava de sorrir para ela, mais do que eu achava ser necessário. Depois que ele serviu as bebidas, mudei do lugar em frente a ela para o seu lado, só para que ele soubesse em que pé as coisas estavam entre nós. Quando o jantar chegou, fiquei servindo as batatas fritas em sua boca porque aquilo a matava de vergonha e me deixava com tesão, por algum motivo estranho. Talvez porque eram fálicas? Vai saber.

Eu gostava de levar Tenley aos lugares, gostava de vê-la animada. Era o jeito perfeito de conhecer mais sobre ela além dos pedaços dolorosos de seu passado. Pelo que eu tinha aprendido sobre Tenley, ela tinha dificuldade de lidar com quem era e com o que queria da vida, mas quem não sofre com essas questões? Além disso, paparicá-la era bom. Eu gostava de poder levá-la para sair, pagar seu jantar, até mesmo encher sua geladeira de comida. Era antiquado e contradizia totalmente minhas ideias anteriores sobre relacionamentos, mas eu nunca havia tido uma relação de verdade, então era tudo teoria. Isso tornava o que a gente tinha mais real, como se ela fosse minha e eu fosse dela. Meu único problema era que eu não podia levá-la para casa e possuí-la do jeito que queria. Não pelos quatro dias seguintes. Seria o cúmulo da recompensa tardia.



## Tenley

Hayden se rendeu com cinco dias. A habilidade dele de se controlar todo esse tempo foi louvável. Depois da nossa ida ao museu, coloquei o aquecedor do meu apartamento nas alturas e desfilei para cima e para baixo de short e camiseta surrada, torcendo para que fosse o suficiente para ele subir pelas paredes. Infelizmente, não foi o caso. No quarto dia, parti para a artilharia pesada na forma de calcinha de babados e avental de cupcakes, pensando que talvez ele não fosse resistir, mas, de novo, Hayden se manteve forte. Na verdade, para se vingar de mim, ele se recusou a passar a noite comigo. Eu preferia quando ele ocupava dois terços da cama. Por isso, me comportei direitinho na noite seguinte.

Descobri o ponto fraco dele por acaso. Na pressa de ir embora do meu apartamento depois que eu vesti a calcinha de babados, Hayden esqueceu o moletom STRYKER, o mesmo que ele tinha me emprestado um dia depois de finalizar o contorno. Eu gostava de poder me afundar no cheiro dele o dia todo, fazia eu me sentir segura. Emprestar o moletom para mim parecia uma demonstração tanto de proteção quanto de possessão. Isso não me incomodava como talvez pudesse incomodar antes do acidente.

Connor me dava coisas como joias e roupas. Às vezes, eu me sentia mais como uma vitrine da prosperidade da família dele do que como sua noiva. Eu nunca disse isso porque não queria ofendê-lo. As intenções dele eram boas; nós só tínhamos prioridades diferentes.

Na terça, depois do trabalho, tirei a meia-calça e o vestido. A faixa que Hayden havia insistido que eu usasse para cobrir meu peito voltou para o armário. Camiseta, short, que realmente cobria minha bunda, e o moletom dele foram meu look da noite. Aí comecei a arrumar a casa para que ele não se sentisse tentado a fazer isso por mim. A mesa de centro ainda estava desorganizada, mas o resto do apartamento parecia decente. Sentei no canto do sofá e peguei minha tese para poder trabalhar nela enquanto esperava ele.

Quando Hayden chegou, uma hora depois, ficou paralisado na porta por uns quinze segundos antes de se recompor.

— Eu estava me perguntando onde tinha deixado isso — disse ele, como se não estivesse me encarando com a boca aberta.

Ele trancou a porta e entrou atrás de mim no apartamento, indo direto para a geladeira. Eu me larguei no sofá e sentei sobre os joelhos, determinada a não provocá-lo, apesar de estar morrendo de vontade de sentir as mãos dele em mim de novo. Minhas costas estavam bem melhores. Ainda coçavam, mas esse era o único desconforto. No começo, a ardência era tão intensa que os remédios mal faziam efeito. Eu posso não ter expressado meu nível de dor a Hayden, mas ele era perceptivo. Naquele primeiro dia, eu queria qualquer coisa que eliminasse a dor, física ou não. Hayden me deu o que eu precisava, mas o custo-benefício foi questionável. Desde então, ele tomou cuidado para evitar qualquer contato que poderia levar à remoção de roupas.

Cervejas na mão, Hayden passeou até o sofá. Ele sentou ao meu lado e reorganizou os livros na mesa de centro para ficarem perfeitamente alinhados. Quando a mesa adequou-se a seus padrões organizacionais, ele me entregou uma cerveja. Hayden tomou um gole, sem tirar os olhos das minhas pernas desnudas. Sua mão subiu pela minha panturrilha e passou pelo joelho até chegar na barra do moletom. Ele ergueu o tecido para dar uma espiada por baixo.

— Você tem reunião com o professor Palerma amanhã? — perguntou.

Ele sempre se referia ao meu orientador com um nome depreciativo. Palerma era um dos mais gentis. Fiz que sim com a cabeça, incapaz de avaliar seu humor. Ele estava mais quieto do que o normal, e seus olhos estavam inflexíveis.

— Que horas?

Eu já tinha dito a ele. Duas vezes.

— Seis. Era o único horário em que ele podia me encaixar. — Eu também já tinha falado isso.

Hayden assentiu e tirou a mão da minha perna, para meu imenso descontentamento. Controle remoto na mão, ele zapeou pelos canais enquanto eu tomava minha cerveja. Eu não sabia se tinha feito alguma coisa errada, mas não queria perguntar. Depois de alguns minutos, a tela se apagou.

— Você realmente acha que essa roupa é melhor do que a que você usou ontem? — perguntou. Ele estava usando um tom de voz calmo. Eu estava encrocada.

Olhei para mim mesma, mais coberta do que eu havia estado nos últimos cinco dias, fora o dia em que fomos ao museu.

— Não é?

— Não. Essa roupa é o oposto de melhor.

— Quer que eu troque? — perguntei.

— De jeito nenhum.

As mãos dele deslizaram por baixo dos meus joelhos e me fizeram descruzar as pernas. Quando eu fiquei mais maleável, ele me moveu com cuidado e eu montei no colo dele. Essa, definitivamente, não era uma posição recatada. As mãos de Hayden escorregaram pelas minhas pernas e se enfiaram por debaixo do moletom para segurar minha cintura. Ele me puxou para perto. Não me mexi.

— Vou levar você à faculdade amanhã — disse ele, aproximando-se de mim.

— Por quê? Eu estou bem. Minhas costas estão ok.

Dava para sentir a ereção dele. Abri as pernas ainda mais e me agarrei a Hayden, torcendo para que ele não parasse.

— Porque sim. — Ele abriu o zíper do moletom, encarando minha camiseta. Eu deveria ter escolhido uma melhor, o logo era vergonhosamente infantil. Ele olhou para mim. — Srta. Safadinha, não é? Você me provocou a semana toda. Está prestes a descobrir o que acontece quando eu chego ao meu limite. Acredite quando eu digo que você vai precisar de uma carona.

Hayden não tinha exagerado quando disse que eu precisaria de uma carona. Eu devo ter dormido umas cinco horas, algumas delas interrompidas pelas mãos animadas dele, além de outras partes de seu corpo bem insistentes. Cada orgasmo foi prolongado, concedido apenas depois de eu implorar bastante. Com Hayden, o resultado final sempre fazia valer o caminho até lá. Ele podia ter fingido que estava bravo, mas suas atitudes diziam o contrário.

Não o dissuadi quando ele pegou o carro na manhã seguinte. Ou quando ele insistiu em me buscar depois da reunião com o professor Calder. Apesar de o encontro anterior não ter sido terrível, eu ainda estava preocupada com o horário. As portas da faculdade eram trancadas às seis, e boa parte dos funcionários ia embora antes disso. Circulavam boatos a respeito do professor Calder, e, embora eu não costumasse acreditar em fofocas, a frieza dele me incomodava.

Às seis da tarde, a exaustão se instalou. Uma alta dose de cafeína era a única coisa que me mantinha em pé quando andava para a sala do professor Calder. Depois de todo o tempo gasto na tese aquela semana, eu esperava que as mudanças fossem melhorar a minha condição.

Ele me pediu para entrar.

— Srta. Page, o horário mais tarde parece funcionar melhor para você, está adiantada.

— Eu sei como seu tempo é precioso — respondi, parando perto da porta.

— Sente-se. Se meu tempo é precioso, não devemos desperdiçá-lo, não é mesmo?

A cadeira estava mais próxima da mesa do professor Calder do que da última vez em que estive lá, o que não ajudou a me acalmar. Peguei meu material, entregando-lhe uma cópia com as mudanças implementadas. Eu havia mandado a nova versão da tese para o e-mail dele no começo da semana, mas ele insistiu que eu deveria trazer uma cópia impressa para cada reunião, a fim de revisarmos. Calder costumava pegar a cópia sem sequer dar uma olhada. Dessa vez, contudo, ele folheou a pesquisa.

— Você fez outras revisões. — Ele parecia surpreso.

— Sim, senhor.

Ele examinou o novo material por alguns minutos, fazendo anotações com uma caneta vermelha. Quando terminou, Calder se recostou na cadeira e passou a mão pela cabeça meio careca.

— Sua tese tem potencial, mas acho que você ainda não chegou lá. Falta profundidade. Pare de comer pelas beiradas das questões e vá direto ao recheio.

Afundi na cadeira, frustrada e decepcionada. Eu tinha entrado naquele mestrado esperando que meu orientador fosse partilhar a minha paixão, mas o professor Calder ficava me empurrando em uma direção diferente, para longe das questões que eu realmente queria tratar.

— Eu acrescentei as conclusões dos artigos que você sugeriu, e também de outros estudos mais recentes.

— Este é o seu problema, srta. Page. Você está se esforçando, tentando conectar coisas que não têm validação alguma. Talvez você conseguisse se virar com o que tem em uma faculdade menor, mas o nível aqui é mais alto. Você precisa reajustar suas expectativas pessoais e aprender a trabalhar dentro dos parâmetros.

— Eu achei que teria a oportunidade de expandir e analisar outras questões além daquelas que já foram bem estabelecidas.

Ele me deu um sorriso condescendente.

— Você está fazendo um mestrado, não um doutorado. Não ponha a carroça na frente dos bois, srta. Page.

Ele continuou apontando o que acreditava serem os problemas óbvios da minha nova pesquisa. Quando terminou de destruir meu trabalho, Calder me entregou a cópia corrigida e olhou para mim como se estivesse me avaliando.

Ele se levantou da cadeira, ajeitando a calça e o paletó. Este camuflava o início de uma barriga de meia-idade.

— Sabe, existem maneiras de você ganhar créditos extras e manter sua vaga no programa, se esse problema continuar. Avise se estiver interessada em explorar essas possibilidades.

— O senhor se refere a pegar mais projetos? — perguntei. Eu teria que reduzir meus turnos no Serendipity, se fosse o caso.

— Algo assim. Exigiria de você uma abordagem mais... mão na massa. — O sorriso de Calder e a maneira como ele me olhou me fizeram tremer.

Eu não queria acreditar no que achava que ele pudesse estar insinuando, mas tinha certeza de que seu tom predador não estava apenas na minha cabeça.

— Obrigada pela atenção, professor Calder.

Arrumei minhas coisas, desesperada para sair da sala dele. Algumas alunas provavelmente teriam agarrado a chance por causa dos méritos educacionais dele. Mas um homem na casa dos cinquenta anos que usava seu doutorado para desmoralizar suas alunas não era nem um pouco atraente. Eu não precisava que ele tirasse proveito das minhas fraquezas me oferecendo caminhos alternativos para conseguir meu diploma. Eu era capaz, só estava tendo dificuldades para encontrar o equilíbrio naquela nova vida que tinha tantos pedaços faltando.

Ele deu a volta na mesa e se ofereceu para me ajudar. O professor Calder nunca tinha sido gentil comigo, e essa mudança de comportamento me assustou. Ajeitei minha bolsa carteiro e me afastei dele, indo para a porta. Ao sair no corredor, eu me deparei com uma visão inesperada, mas bem-vinda.

Encostado na parede oposta estava Hayden, com o celular na mão, franzindo a testa para a tela. Ele vestia o moletom que o fez quebrar sua resolução, um pé cruzado na frente do outro.

— Hayden!

— Oi, gatinha. — Ele guardou o telefone no bolso e desencostou da parede.

— Achei que era para eu ligar.

O alívio me fez ter vontade de chorar. Não importava como Hayden tinha conseguido encontrar a sala do meu orientador.

— Está escuro. Não queria que você andasse pelo campus sozinha. — Ele pegou minha bolsa e a colocou no ombro. — Espero que você não se importe.

Colocando meu cabelo atrás da orelha, ele se aproximou e me deu um beijo no rosto. Aceitei o gesto de carinho, ciente da presença do professor Calder atrás de mim.

— Claro que não.

— O prédio está fechado. Você não devia estar aqui — disse o professor Calder, com aspereza.

Hayden olhou para ele, sem se preocupar, como se tivesse esquecido por que eu estava ali. Ele ignorou a pergunta e estendeu a mão.

— Você deve ser o orientador da Tenley.

O professor Calder olhou para a mão estendida como se ela pudesse queimá-lo, mas acabou retribuindo o cumprimento. Ele flexionou os dedos depois que Hayden soltou o aperto.

O professor sorriu para mim com um olhar de desdém.

— Srta. Page, se você se concentrasse mais nos aspectos teóricos da sua tese do que nos práticos, acho que teria mais sucesso. Recomendo que você peça aos seus amigos que não perambularem no campus

depois do expediente. Como as noites parecem ser melhores para você, nos vemos em duas semanas, no mesmo horário.

Ele fechou a porta, deixando Hayden e eu sozinhos no corredor vazio. Eu o peguei pela mão e o guiei até a escada. A porta de ferro se fechou com um clique metálico. Joguei os braços ao redor dele, enterrando o rosto em seu pescoço. Inalando o aroma bem-vindo de sua pele, tracei um caminho de beijos por sua garganta. Se eu mantivesse a boca dele ocupada, Hayden não podia fazer perguntas que me fariam ter de mentir.

Ele deteve o ataque envolvendo meu rosto com as mãos.

— Não gosto desse cara. Ele tem tipo uma faixa vermelha gigante de babaquice amarrada na testa. O que aconteceu durante a reunião?

Abri a boca, mas ele me interrompeu.

— E não diga “nada” ou “está tudo bem”. Você não está bem.

— Podemos ir embora, por favor? — pedi.

Ele ficou tenso.

— Ele tocou em você?

— O quê? Não!

— Não minta para mim, Tenley. Já passamos por isso antes. Não gosto dessa situação.

— Juro que não. Ele se ofereceu para me ajudar com as minhas coisas, mas eu já estava saindo.

Ao menos eu podia falar a verdade. Embora a insinuação do professor tivesse sido óbvia, ele não colocou as mãos em mim. Eu não conseguia entender como Hayden havia sacado as intenções de Calder só com aquela breve interação.

Tranquilizado pelo que quer que tenha visto na minha expressão, Hayden pegou minha mão e descemos as escadas. O ar do lado de fora estava frio, e a queda de temperatura me acalmou. De cara feia, Hayden manteve os dedos dele entrelaçados nos meus até chegarmos ao carro. Alunos chegando para as aulas da noite passaram longe de nós. Mas não desgrudavam os olhos de Hayden, como se não conseguissem evitar.

Quando chegamos ao carro, ele abriu a porta e me ajudou a entrar. Assim que o motor rugiu, Hayden se virou para mim.

— Preciso que você converse comigo, por favor.

— Obrigada por ter vindo me buscar.

— Era o mínimo que eu podia fazer depois de ontem à noite.

Hayden se inclinou e me beijou. Passei a língua pelos lábios dele, buscando uma entrada. Houve uma leve hesitação até que ele se abriu para mim. Parte da raiva se dissolveu com a intimidade. Ele interrompeu o beijo primeiro, mas recomeçou depois algumas vezes para dar beijinhos no canto da minha boca.

— Ele é assim com você o tempo todo?

— Na maioria das vezes. — Brinquei com a alça da bolsa.

— Você não deveria ser obrigada a trabalhar com esse otário. Ele não tem um supervisor? Você não conseguiria trocar de orientador?

— Conseguir um orientador é um longo processo. Encontrar outro que me aceite no meio do semestre seria difícil. Eu teria que começar do zero — expliquei.

Desde minha primeira reunião oficial com o professor Calder, eu tinha pensado exatamente nessa possibilidade, mas não tinha um bom motivo para fazer o pedido. Falta de cordialidade ou de conexão pessoal não garantia uma mudança de orientadores. O professor Calder podia não ser uma pessoa agradável, mas até aquele dia ele não tinha dito nem feito nada que pudesse ser considerado falta de profissionalismo. Mesmo a insinuação que ele fez no fim daquela reunião pode ter sido má interpretação. Nenhum dos rumores sobre ele tinha sido confirmado, até onde eu sabia. Registrar uma reclamação podia resultar na perda da minha vaga no programa. Eu não podia me dar ao luxo de perder uma das poucas coisas na minha vida que deveriam me dar propósito e motivação. Mesmo que, naquele momento, o mestrado estivesse causando mais estresse do que qualquer outra coisa.

Hayden coçou a testa.

— Não estou gostando disso.

— Vai ficar tudo bem, Hayden. Eu só me encontro com ele duas vezes por mês, e provavelmente vai diminuir depois que eu endireitar as coisas. Eu me viro.

— Mas essa é a questão, gatinha. Você não deveria precisar se virar. Você já aguentou coisas demais.

Hayden parecia confuso, como se não conseguisse entender por que coisas assim aconteciam comigo. Mas a resposta era clara. O carma apresentava punições em resposta às mentiras que eu não conseguia encarar. Eu só esperava que o carma também não tirasse Hayden de mim.



## Hayden

Na sexta à tarde, Cassie saiu para aproveitar o fim de semana. Ela deixou Tenley cuidando do Serendipity para viajar com meu tio Nate. Tenley não pareceu se importar, mas a semana dela tinha sido estressante, graças àquele orientador babaca. Eu queria castrá-lo para garantir a segurança dela, mas essa não era uma opção. Então passei a monitorar as reuniões deles.

Tenley não tinha dormido bem nas últimas duas noites; os pesadelos a agitavam. Como resultado, nós dois estávamos meio cansados, e eu estava irascível, como Jamie notou. Terminei meu último cliente da noite. Como eu já tinha deixado tudo pronto para as sessões do dia seguinte, resolvi passar no café e levar um lanchinho para Tenley. Ela havia reclamado de dor no estômago aquela manhã, então eu duvidava de que estivesse comendo bem durante o dia. Ela não estava no caixa quando cheguei ao Serendipity, então passei reto pela primeira porta e fui direto para a segunda entrada, que dava no café, para surpreendê-la. Pedi um chá e o bolo mais denso e gordo para acompanhar.

Os sinos da porta do Serendipity tilintaram, apesar de estar quase na hora de fechar. De onde eu estava, conseguia ver todo o antiquário, mas Tenley não estava no meu campo de visão. O jazz que fluuava pelos alto-falantes tornava impossível entender a conversa que acontecia lá, mas eu reconheci o timbre grave de um homem. Baseado no tom surpreso de Tenley, ela parecia conhecer a pessoa. Quando o chá ficou pronto, coloquei uma proteção em torno do copo para que ela não queimasse os dedos.

Tenley estava atrás do balcão, balançando-se para a frente e para trás na cadeira. O homem parado em frente a ela era um policial em serviço. Eu não conseguia ver seu rosto porque ele estava debruçado no balcão. Ele estava perto demais de Tenley.

Havia algo de familiar na voz dele que me irritava. Enquanto eu atravessava o café até o Serendipity, o policial notou minha chegada. Ele se afastou do balcão, projetando os ombros para trás e estufando o peito. Ele se abriu como um pavão, cheio de suspeitas e intimidação forçada. Um babaca de uniforme.

O sorriso do policial sumiu quando ele me viu. Sua mão deslizou no mesmo instante para o cabo da pistola. Eu era coberto de tatuagens, o que fazia de mim, inevitavelmente, um criminoso aos olhos dele. Eu o reconheci. Ele era mais velho do que eu, mais de cinco anos. Encarei seu olhar desconfiado e corri o dedo pelo cós do jeans da Tenley, onde uma faixa de tinta preta era visível.

Ela apertou a própria garganta.

— Hayden! Não ouvi você chegar.

— Desculpe. — Eu me inclinei e dei um beijo no rosto dela. — Não quis assustar você. Trouxe chá.

Assim que eu a toquei, o resto do mundo deixou de existir. Até o policial que parecia considerar atirar em mim por colocar as mãos em Tenley.

Ela sorriu.

— Que gentil.

— Eu tento.

— Stryker? Hayden Stryker? — perguntou o policial, incrédulo.

Com relutância, desviei minha atenção de Tenley. Eu não me lembrava de onde o conhecia, mas a pontada congelante no meu estômago pareceu um aviso.

— Desculpe — respondi. — De onde eu o conheço?

Ele parecia chocado.

— Collin Cross.

Levei alguns segundos para registrar o nome e as peças começaram a se encaixar. A noite em que meus pais foram assassinados voltou como uma avalanche. Eu fiquei sozinho em casa por quinze minutos até a polícia aparecer. Eu estava bêbado e chapado na hora, delirando depois de ter encontrado os cadáveres dos meus pais.

Cross e seu parceiro foram os primeiros a chegar ao local. Era tarde demais para fazer qualquer merda de diferença. Minha hostilidade forçou o parceiro dele a me segurar enquanto Cross subia para investigar. Ele levou uma eternidade para voltar. Não havia sinal de arrombamento, então eles me algemaram e leram os meus direitos legais, pensando que eu os tinha matado.

Cross me manteve no banco de trás de um carro e fez as mesmas perguntas pelo que pareceram horas, até que os policiais enfim me levaram à delegacia. Eles me trancaram em uma sala de interrogatório por um tempão até me deixarem ligar para o meu tio. Não tinha sido uma demonstração de serviço, apenas perguntas e mais perguntas. E, depois, eles me mostraram as fotos. Eu nunca me recuperei daquilo. O interrogatório me colocou em uma espiral emocional da qual eu não saí por meses. Ou anos, dependendo de quem contasse a história.

Passei pelo detector de mentiras. Meu álibi, que eles nem sequer se deram ao trabalho de confirmar até ligar para o meu tio, foi mais do que suficiente para erradicar qualquer suspeita do meu envolvimento. Mesmo as evidências que depois foram consideradas inadmissíveis nunca apontaram para mim, mas eu ainda sentia uma sensação de responsabilidade devastadora.

Nate estava furioso quando chegou à delegacia. Na névoa da minha dor, eu lembrava vagamente de ele ter ameaçado um processo. Como psiquiatra clínico, Nate insistiu em uma avaliação psicológica. Fui atendido por um dos terapeutas da polícia. Eles inventaram uma enxurrada de diagnósticos em forma de acrônimos que tornaram meu depoimento irrelevante, pois eles me consideraram instável na época. Um resumo da história: aquilo fodeu comigo. Eu não via Cross desde os primeiros meses depois da morte dos meus pais.

— Achei que conhecia você de algum lugar.

Me aproximei de Tenley e passei os dedos não-tão-por-acaso pelos cabelos dela, alisando-a como se ela fosse AG.

Um músculo se contraiu debaixo do olho de Cross. Sua mão continuou no cabo da pistola.

— Você conhece a srta. Page.

Aquilo não foi uma pergunta, e me lembrou de sua abordagem quando me interrogou. Cross e seu parceiro eram bons em colocar palavras na minha boca. Na primeira vez em que brincamos disso, eu era um adolescente; sozinho, destruído. Não era bom no jogo. Eu tinha melhorado desde então.

— Parece que você também conhece.

Os dedos de Tenley deslizaram pelo meu antebraço até o dorso da minha mão. Parei de desejar que Cross pegasse fogo e olhei para ela.

— O agente Cross me parou quando eu sem querer avancei um sinal vermelho há algumas semanas — explicou Tenley.

— Mas deixei você ir embora com uma advertência. — O imbecil piscou para ela.

Tenley ficou vermelha e parecia desconfortável. Eu queria arrancar os olhos de Cross fora.

— Eu tinha me perdido, estava distraída. O agente Cross me escoltou até em casa.

— Que atencioso da parte dele — falei, sem esconder o sarcasmo.

Cross se balançou nos calcanhares, me ignorando.

— Eu reconheci o sobrenome dela. Era o mínimo que eu podia fazer.

Tenley deu um sorrisinho para ele, que sorriu de volta, transparecendo pena. Cross sabia do acidente de Tenley. Provavelmente tinha informações que eu não tinha. O que mais me irritava era que aquele otário que mal a conhecia tinha acesso ao histórico detalhado da vida dela em um piscar de olhos, enquanto eu tinha que lutar por todos os pedacinhos naquele passado.

Coloquei uma das mãos nas costas de Tenley, notando seu desconforto. O assunto a chateava, assim como minha competição idiota com Cross. Ele estar interessado por ela me incomodava. Mesmo que estivesse preocupado com o bem-estar de Tenley, eu não achava que ele simplesmente apareceria ali se não tivesse segundas intenções.

Sem conseguir parar de tocá-la, acariciei o rosto dela com os dedos. Ela fazia isso em mim às vezes e aquilo ajudava a me acalmar quando eu estava agitado. Tenley parecia nervosa, como devia mesmo estar. O nível de testosterona naquela sala estava sufocante. Se estivéssemos em um ringue de boxe, Cross estaria sangrando no chão.

— Pode me fazer um favor, gatinha?

Eu queria um tempo sozinho com Cross. Seu reaparecimento repentino me enervava, bem como aquela conexão inesperada que ele parecia ter com Tenley.

— Agora?

— Hum, por favor? Eu esqueci qual café a Lisa queria. Você pode dar um pulo até lá e descobrir para mim?

— Mas eu tenho que tomar conta da loja. — Os olhos de Tenley passavam de Cross para mim.

— Pode deixar que eu cuido de tudo.

Cross me lançou um olhar de desdém antes de sorrir para Tenley.

— Pode ir, querida. Assim eu e o Hayden vamos poder colocar o papo em dia. Não nos vemos há muito tempo.

Cerrei os dentes com a expressão carinhosa que ele usou.

Tenley hesitou antes de deslizar da cadeira.

— Já volto.

Ela deu a volta no balcão e parou em frente a Cross. Ele era alguns centímetros mais baixo do que eu e quase duas vezes mais largo. Mesmo assim, Tenley teve que olhar para cima.

— Foi muito gentil da sua parte vir aqui, agente Cross.

— Pode me chamar de Collin. Você ainda tem o meu cartão?

Tenley confirmou com a cabeça.

— Ligue se um dia precisar de alguma coisa. — Ele deu um tapinha no quepe e piscou. De novo.

Tenley murmurou um “tchau” envergonhado e olhou para mim, preocupada, antes de sair da loja.

Cross esperou a porta fechar antes de se voltar para mim. O ar de civilidade desapareceu, e sua boca formou uma linha descontente enquanto ele me fitava com um olhar de reprovação.

— Eu já achava que você era problemático quando criança. Que droga aconteceu com você?

— Vou presumir que essa é uma pergunta retórica. O que você está fazendo aqui?

— Eu estava na região. Você é mesmo um garoto-propaganda da anarquia, não é?

Um calor subiu pela minha coluna.

— Faça as suposições que quiser. Você não me conhece.

— Você acha que não? Você era um adolescente fora de controle com um futuro nada promissor à frente, e não acho que muita coisa tenha mudado. Parece que você continuou em frente e jamais olhou para trás.

Tive que usar todo o meu autocontrole para não pular por cima do balcão e socar aquela cara presunçosa.

— Como eu disse, você não sabe porra nenhuma sobre mim.

— Não preciso saber. Você é como um radar dos fodidos. — Ele apontou para meus braços e meu rosto.

— E você é um babaca de mente fechada.

Eu não iria ganhar aquela discussão. Ele já tinha me rotulado e não havia nada que eu pudesse dizer para mudar isso. Ironicamente, ele tinha feito a mesma coisa sete anos antes. E aquilo foi antes de eu mudar totalmente a minha aparência.

— Só digo o que vejo. — Cross parecia entediado, e aquilo me irritava. — Sabe, o que realmente me interessa é a sua relação com a srta. Page. Por que você não me conta um pouquinho sobre isso?

Eu me debrucei no balcão.

— Não acho que isso seja da sua conta.

— Claro que não acha — disse ele, balançando a cabeça.

— Ela não está disponível.

— É mesmo? — Seu sorriso era arrogante.

— Exatamente. A Tenley é minha. — Isso foi algo muito babaca de se dizer.

— Ela vem com o contrato de propriedade?

O fato de ele estar se divertindo só aumentava minha irritação e minha estupidez.

— Minha arte está no corpo dela.

— Então você acha que isso dá a você algum tipo de direito sobre ela? — Cross se aproximou, a passividade dando lugar à raiva. — O que você pensa que está fazendo com ela? Tem alguma ideia das coisas por que ela passou?

Abri a boca, pronto para revidar, mas ele me interrompeu.

— Quanto tempo você acha que vai levar até ela perceber que você é todo fodido? É isso o que você é, não é? Veja o que fez consigo mesmo.

— Quem você pensa que é para me julgar? Não projete seus estereótipos de merda em mim. Olhe para si mesmo. Você se esconde atrás de um distintivo e de um uniforme como se eles fossem protegê-lo das suas merdas — disparei, dando a volta no balcão para ficar cara a cara com ele.

Cross estava mexendo em todas as minhas inseguranças, abrindo feridas que eu achava que tinham cicatrizado havia muito tempo.

— Você acha que o seu passado dá algum tipo de passe livre para você arrastar quem quiser junto? — O lábio dele se contraiu de desdém. Ele estava gostando de me provocar. — O que você viu? A merda que você testemunhou? Não é nada perto do que aquela menina passou.

— Você acha que eu não sei? Não finja que você a conhece quando tudo o que você fez foi procurar em um banco de dados qualquer. Eu sei como ela é por dentro. Garanto que você não pode dizer o mesmo. — No segundo em que eu disse isso, quis voltar atrás.

Foi a pior resposta que eu podia ter dado. Aquilo fez de mim exatamente o que Cross esperava; só outro babaca querendo explorar uma garota inocente para meu próprio benefício. Ao querer demonstrar minha conexão com ela, caí direitinho no estereótipo que ele me acusava de perpetuar.

Ele me fitou com um desprezo frio.

— Seu filho da puta. Você não tem ideia do que está fazendo. Aposto que uma hora ela vai sair dessa fase, e garanto que vai odiar você por tê-la coagido a fazer a tatuagem.

— Eu não a coagi a fazer nada.

Tenley veio a mim com o desenho. Ela me convidou para o apartamento dela, para sua cama, sua vida.

— Continue repetindo isso para si mesmo. Mas uma garota como ela, inteligente, que consegue se virar mesmo depois de tudo aquilo? Deve ter uma fila de caras esperando que você estrague tudo.

— Fique longe da Tenley.

Ele cruzou os braços fortes e sorriu.

— Você parece um pouco aborrecido, Hayden. Acha que eu estou planejando invadir o seu território? Ela é um pouco nova demais para mim. Mas nunca se sabe, de repente em alguns anos, depois que ela resolver esses problemas...

Eu não sabia dizer se ele estava me alfinetando ou falando sério.

— Enfim, coisas a se considerar — continuou Cross, como se estivesse pensando em comprar um bilhete de loteria. — Enquanto isso, vou ficar de olho em como você está tratando a moça. Vejo você por aí.

Com isso, ele se virou e saiu pela porta.

— Puta merda.

Agarrei meus cabelos para conter a fúria crescente. Aliado ao medo, aquilo era demais para suportar. Tudo o que Cross havia dito podia ser verdade. Eu não queria ser uma fase. Queria que Tenley melhorasse, só não queria que ela me deixasse para trás ao seguir em frente. Eu havia passado os últimos sete anos em modo de autopreservação, mantendo as pessoas próximas a uma distância segura. De alguma forma, Tenley tinha ultrapassado a armadura, e eu não queria que isso mudasse.

Ela voltou um minuto depois e bateu no balcão um papel com o logo do Inked Armor.

— Lisa quer o de sempre, Jamie não quer nada e Chris está com fome. Ele me deu uma lista. — Ela apontou o dedo na minha cara. — Não pense, nem por um segundo, que eu não percebi a sua intenção. Que droga foi aquela? Como vocês se conhecem?

Tenley estava realmente furiosa. E tinha todo o direito. Eu havia agido como um imbecil ciumento. Ao menos ela não tinha testemunhado a pior parte. Eu a puxei e a abracei forte, enterrando meu rosto em seus cabelos. Ela congelou.

— Desculpe — murmurei em seu pescoço.

Tenley ficou rígida por mais alguns segundos antes de finalmente relaxar. Os braços dela se enrolaram na minha cintura com cuidado.

— Hayden? O que está acontecendo?

Eu só queria ficar com ela, do jeito que fosse possível, mas parecia que, toda vez que eu piscava, alguém ou alguma coisa ameaçava tirá-la de mim. Pressionei meus lábios no pescoço de Tenley, o pânico anulando todas as outras emoções.

— Não quero que você fale com ele outra vez.

— O quê?

Ela soltou o abraço. Eu a deixei se afastar.

— Cross é o policial que ferrou com as evidências na investigação do assassinato dos meus pais.

— Meu Deus. — Ela colocou a mão na frente da boca quando o choque se transformou em compreensão. — Isso é terrível. Quando foi a última vez que você o viu?

— Quando eles fecharam o caso por causa das evidências comprometidas.

— Ah, Hayden. Como posso fazer você se sentir melhor?

— Preciso de você.

— Estou bem aqui.

Balancei a cabeça.

— *Preciso* de você.

— Ah — sussurrou ela. — Vou levar você para casa.

Eu estava desesperado, bravo, apavorado e mais um monte de outras coisas que não conseguia e não queria classificar.

Ela ligou o neon de “Fechado”. Depois, esvaziou o caixa e guardou o dinheiro no cofre, sem contá-lo. Quando tudo estava trancado, ela me guiou até a entrada dos fundos. Eu a segui para fora e subimos as escadas do apartamento dela.

Assim que entramos, eu a pressionei contra a porta, minha língua em sua boca. Eu me atrapalhei com os botões da blusa dela. Impaciente, peguei as lapelas e puxei. Fiquei satisfeito com o ruído dos botões quicando no chão. Por baixo da bela blusa azul que eu estraguei, estava o sutiã preto com bolinhas vermelhas. De repente, me perguntei se ela já tinha usado aquela lingerie sexy para outra pessoa. Só de pensar nisso, eu já ficava maluco.

— Hayden? — As mãos de Tenley cobriram as minhas.

Eu ainda estava segurando a blusa destruída dela, olhando para seu peito. Olhei para ela.

— O que quer que você precise de mim agora, pode ter — disse ela baixinho.

— Eu não posso... Eu quero ser... Caralho! — Balancei a cabeça, incapaz de articular como meu desejo por ela era extremo.

— Está tudo bem. — Tenley baixou as mãos e esperou, paciente.

Tirei a blusa dela pelos braços e a joguei no chão, lutando para manter a agressividade sob controle. Minhas mãos escorregaram pela cintura dela e eu me ajoelhei. Por sorte, Tenley estava usando uma daquelas leggings, então não tinha como eu estragar mais nenhuma de suas roupas. Cetim preto e vermelho emergiu quando eu abaixei a calça, aqueles lacinhos em cada lado acabando com o meu controle.

Tenley se apoiou nos meus ombros enquanto eu tirava sua legging; a calcinha sairia logo em seguida. Subi as mãos por suas canelas desnudas, passando pelas laterais das coxas e pela cicatriz em seu quadril.

— Vira.

Ela não hesitou, girando para ficar de frente para a porta.

— Quer fazer aqui? — perguntou ela, sobre o ombro.

— Você tem um lugar melhor em mente?

Meus olhos estavam na mesma altura da bunda dela, e eu não queria muito sair dali.

— Tem uma bancada alguns metros à frente. Acho que você falou alguma coisa sobre me debruçar sobre ela na semana passada.

— Só um minuto. Vou dar um jeito nisso. — Eu queria que fosse bom para ela, especialmente agora.

Tenley se apoiou na porta, empinando o quadril para trás. O belo cetim cobria mais ou menos dois terços da bunda dela, deixando apenas a parte de baixo das nádegas exposta. Havia outro lacinho vermelho bem na base de sua coluna. Passei a mão na pele macia e apertei. Segurando seu quadril, me curvei e mordi bem onde a bunda se encontrava com a coxa.

Tenley ofegou, então eu mordi de novo. Mais forte dessa vez.

— Você gosta disso?

— Gosto de tudo que você faz comigo.

Então eu me ergui, deslizando a mão por entre as pernas dela para apalpá-la. Puxando-a para mais perto de mim, pressionei meu pau em sua bunda. Tenley empurrou-a para trás, apoiando-se na porta. Brinquei com o fecho do sutiã e ele se abriu, oferecendo uma vista desimpedida da tatuagem: meu desenho, minha arte, minha. As alças deslizaram por seus braços e pararam na curva dos cotovelos. Quando acariciei seu mamilo, Tenley deixou o sutiã cair no chão.

— Disso você gosta?

— É bom. — Ela deixou a cabeça cair para a frente.

— Só bom? — Contornei o piercing.

— Mais do que bom.

Eu teria trepado com ela ali mesmo, contra a porta, mas não achei que Tenley fosse conseguir ficar de pé para o que eu tinha planejado. Virei-a, beijando-a enquanto a afastava da porta até a bancada.

— Quer que eu leve você para o quarto?

— Já disse, Hayden, você pode me ter do jeito que quiser.

As mãos de Tenley entraram por baixo da minha camiseta e a tiraram. Com os olhos fixos nos meus, ela baixou a cabeça e beijou uma linha preta de tinta que ia até o meu mamilo. Eu gemi, o fogo ardeu nas minhas veias e tomou conta do meu pau.

— O quarto seria mais seguro para você — avisei. A bancada não era exatamente macia.

— Não se trata de mim.

Abri um sorriso pesaroso.

— Sempre se trata de você, Tenley. Ainda não percebeu isso?

— Então me deixe ser o que você precisa.

Tenley guiou minhas mãos para seu corpo, acomodando-as abaixo da curva de seus seios. Suas costelas frágeis se moviam sob a pele macia a cada respiração. Ela ergueu o queixo e eu me inclinei para beijá-la. Enfiei a mão por seus cabelos, segurando com força. Toda a doçura do beijo se dissipou quando

eu inclinei a cabeça dela para trás, possuindo sua boca. Eu queria penetrá-la e ficar ali dentro até que todas as partes ruins de mim desaparecessem. Eu queria marcá-la em todos os lugares para não haver dúvidas de que ela era minha.

Eu a ergui e a coloquei na bancada. Aquele estava se tornando o meu local preferido. As pernas dela se afastaram automaticamente para abrir espaço para mim. Segurei seus seios e passei os polegares pelos piercings nos mamilos. Tenley soltou um ruído rouco e arqueou com o toque.

— Caralho, ainda bem que você colocou isso aqui.

Passei uma das mãos pelo meio das costas dela e me inclinei para beijar a pele da auréola. Fui agraciado com um gemido leve. Parecia que aqueles piercings enfim tinham cicatrizado o suficiente para que eu pudesse dedicar a atenção adequada a eles. Lambi um para ter certeza de que poderia prosseguir.

— Que tal?

— Por favor.

Tenley passou uma das mãos pelo meu cabelo enquanto a outra descansava nas minhas costas, me encorajando a continuar.

De lábios abertos, envolvi o piercing e senti o gosto metálico atingindo minha língua. Chupei com força. Um raro “puta merda” saiu baixinho da boca de Tenley e ela projetou o peito para a frente, os dedos ancorados com firmeza no meu cabelo e as unhas se enterrando na minha cabeça. Soltei o mamilo com uma chupada estalada e assoprei a ponta.

— A dor valeu a pena? — perguntei, circulando a pele com um dedo, evitando a região mais sensível.

— Sim, faz isso de novo, por favor — gemeu Tenley, fazendo carinho na minha cabeça no lugar onde tinha puxado o meu cabelo.

— Você é sempre tão educada quando quer alguma coisa.

Dediquei a mesma atenção ao outro mamilo, lambendo, mordendo, mordiscando o piercing. As pernas de Tenley subiram pelas minhas coxas e tentaram se enrolar em volta da minha cintura. Mas eu não deixei, porque, assim que ela fizesse contato com o meu pau bastante sensível, eu perderia o que tinha restado do meu péssimo controle. Dei uma última chupada forte em seu mamilo, apreciando o doce gemido dela antes de deitá-la na bancada. Eu devia ter levado Tenley para o quarto, apesar de ela ter garantido que na bancada seria bom. Mas era tarde demais. Eu não conseguia e não queria parar.

Ela estava toda aberta para mim, vestindo apenas aquela calcinha sexy, os cabelos espalhados pelo balcão como uma cachoeira escura. Ela tentou fechar as pernas, quem sabe para conseguir se esfregar em mim, mas elas travaram no meu quadril. Então Tenley se apoiou em um cotovelo, tentando agarrar a fivela do meu cinto. Dei um passo para trás e repousei minhas mãos em seus joelhos.

— Você quer alguma coisa, gatinha?

— Pare de provocar e me toque.

— Ou o quê?

Massageei a parte de trás dos joelhos dela, encontrando o ponto sensível, esfregando em círculos lentos e firmes.

— Ou eu vou fazer isso sozinha.

Aquilo era uma coisa que eu não me importaria em assistir. Não que eu tivesse paciência para apreciar naquele momento.

— Receio que isso não me incentive muito.

Passei as mãos por dentro das coxas dela, mas permaneci bem longe de onde Tenley as queria, esperando para ver o que ela ia fazer.

Tenley deixou a cabeça cair para trás de novo; seu peito subia e descia, mais rápido, mais contido, à medida que eu continuava a atormentá-la, passando os dedos por sua virilha. Seu quadril se ergueu, buscando o que eu me recusava a dar. Ela gemeu e suas mãos escorregaram para cima, pela barriga, pelas costelas, até a lateral dos seios. Os dedos deslizaram timidamente por eles para circundarem os piercings. Os olhos de Tenley estavam fechados com força; o rosto, enrubescido; aqueles gemidinhos perfeitos saindo de seus lábios entreabertos.

Coloquei o mindinho por debaixo do cetim e ela gritou. Eu ansiava por aquele controle sobre ela, pela habilidade de fazê-la se sentir assim, de mantê-la no limite até que ela não aguentasse mais. E quando ela gozasse, seriam minhas mãos, meu corpo, meu toque os responsáveis por aquela satisfação.

Escorreguei a calcinha por suas pernas. Uma das mãos abandonou o seio e desceu. Segurei a mão dela quando chegou no vértice do osso pélvico e a firmei no balcão.

Os olhos de Tenley se abriram, a confusão embaçando sua expressão.

— O que...

— Sou eu que vou fazer você gozar.

Coloquei os antebraços na parte interna das coxas dela, abrindo-as ainda mais. Ainda segurando seu pulso, beijei de um lado a outro do quadril e descii, passando pela tatuagem de cupcake. Tenley usou a mão livre para me guiar mais para baixo, então eu também a preendi no balcão, imobilizando-a. Quando enfim coloquei minha boca ali, Tenley tremeu e se agarrou aos meus pulsos, segurando-se em mim. Ela era uma visão incrível, costas arqueadas, pernas abertas, vulnerável e maravilhosa.

— Por favor, Hayden.

Passei a língua nela, e a bolinha de aço friccionou o local que a fazia gemer até que todo o corpo se convulsionou. Só quando o tremor parou eu larguei as pernas e os pulsos de Tenley. Ela gemeu e relaxou o corpo; a respiração ofegante.

— Você está bem? — perguntei, massageando as articulações de seu quadril.

Tenley fez um ruído afirmativo enquanto eu a sentava na bancada. Quando ela parecia estável o suficiente, ajudei a descê-la do balcão e a virei. Ela se debruçou e eu passei as mãos pelas suas costas, os polegares deslizando pelos lados de sua coluna, sobre a extensão da tatuagem cicatrizada, até a fenda de sua bunda. Ela ficou tensa.

Concentrado em penetrá-la, desafivelei o cinto, abri o botão e o zíper, libertando meu pau ereto. Segurei-o e o acariciei. Tenley se apoiou sobre os cotovelos e me espiou por cima dos ombros. Ela abriu mais as pernas, melhorando meu acesso ao lugar onde eu queria estar.

Esfreguei meu pau em seu clitóris e me alinhei à entrada dela, observando o piercing desaparecer lá dentro. Tenley deixou a cabeça cair entre os ombros, então eu não conseguia mais ver seu rosto, mas ela empurrou a bunda ainda mais em mim.

— Hayden — sussurrou ela.

— Hum — respondi, distraído, segurando seu quadril enquanto a penetrava, começando bem devagar.

— Você não precisa pegar leve.

Fiquei imóvel, procurando seus olhos intensos. Ela me fitou com uma compreensão tão genuína, como se soubesse que eu estava me esforçando pra caralho para conter o que eu queria fazer. O que eu queria

que ela me desse.

— Deixa rolar.

Os últimos vestígios de controle se esvaíram.

— Segura na bancada, gatinha — avisei.

Pressionei o meio das costas dela com minha mão enquanto puxei o pau para trás, até o piercing, e depois meti tudo de volta. Tenley conteve um arquejo, mas acompanhou cada estocada forte à medida que eu aumentava o ritmo.

Agarrei seu cabelo na base da nuca e o enrolei na mão. Puxei, ajeitando a cabeça dela para poder ver seu rosto. Mas eu não conseguia me aproximar o suficiente naquela posição, não conseguia ir fundo o suficiente, não conseguia colocar minha boca na dela.

Meus músculos tremeram com o esforço para impedir o inevitável. Eu não queria parar, nunca. Como as tatuagens, eu queria a permanência de Tenley no meu mundo. Cobri o corpo dela com o meu, metendo forte. Meus lábios se abriram sobre seus ombros e meus dentes deixaram uma impressão em sua pele. Mordi até a lateral do pescoço, deixando marcas pelo caminho. Pequenos lembretes da minha existência, para quando eu não estivesse com ela.

Tenley segurou-se com força na beirada do balcão enquanto eu continuava a enfiar dentro dela, dizendo em seu ouvido como ela era gostosa, como eu amava estar dentro dela, como eu a queria o tempo todo.

— Eu disse para ele que você era minha — sussurrei, quando os músculos dela começaram a tremer.

Ela ergueu o pescoço e me segurou pelo cabelo. Eu a beijei com força quando ela gozou, tremendo e gemendo na minha boca.



## Tenley

Hayden ainda estava dentro de mim, ofegando, a boca perto da minha orelha. A confissão dele — encharcada de culpa — ficou no ar, alimentando o desejo já incontrolável entre nós.

Eu já tinha gozado duas vezes e ele continuou, inesgotável e implacável enquanto me penetrava. Cada movimento vigoroso me levava para ainda mais longe, irradiando mais uma onda de energia que se propagava dentro de mim.

Ele entrelaçou os dedos nos meus, apoiando nossas mãos na beira da bancada para dar mais equilíbrio. Gemi enquanto ele ia mais fundo ainda, aquela bolinha de aço traiçoeira friccionando por dentro. Eu não conseguia mais me mexer, imobilizada como estava, completamente à mercê de Hayden.

— Isso é bom pra caralho — disse ele, quase como um lamento, os lábios no meu rosto, meu pescoço, meu ombro, enquanto ele se movia para a frente e para trás, sem parar. — Eu faço você se sentir bem?

— Sim — respondi, com a respiração pesada.

— Só eu — murmurou Hayden, soltando uma das minhas mãos.

Meus dedos formigaram com a aceleração repentina da circulação. A mão dele desceu pela minha cintura e contornou meu quadril. Descendo ainda mais, seus dedos deslizaram até o meu clitóris.

— Me diz — exigiu Hayden, mas seu tom parecia suplicante. — Me diz que sou só eu.

— É só você — sussurrei.

A verdade naquelas palavras era mais devastadora do que ele poderia compreender. Eu estava enfeitiçada por ele.

— Isso — disse Hayden, aliviado.

Os dedos faziam círculos ritmados com os movimentos vigorosos. Gozei de novo, a realidade se distanciando, e então Hayden gozou logo depois, sussurrando palavras que eu não consegui decifrar.

Ele desentrelaçou nossos dedos e se ergueu. Depois do calor e o peso do corpo dele, o ar frio que bateu na minha pele úmida foi um choque. Com as mãos no meu quadril, Hayden saiu de mim com um sibilo baixo, como se a sensação fosse desagradável. O vazio que senti em seguida tomou conta do meu peito, fazendo crescer uma dor assustadora. Sexo com Hayden sempre era intenso, mas aquilo foi inédito. Por mais primitivo e sedutor que fosse, ele sempre retinha algum vestígio de controle. Naquele dia, Hayden tinha tentado e falhado. Nunca o tinha visto tão solto. E nunca tinha me sentido tão conectada a ele como ali, naquele momento. Mesmo que me deixasse vulnerável, eu queria mais.

Testei meus braços e me apoiei sobre eles, cambaleante.

— Ah, merda. — Os dedos dele escorregaram do meu pescoço até o meu ombro. — Fui bruto demais, né?

Ele não tinha sido bruto demais. Tinha sido primitivo. Eu nunca havia me sentido tão desejada. Connor era um amante passivo, nada parecido com aquilo. Contudo, além da possessão física, o impacto

emocional que Hayden exercia sobre mim era impressionante. Todas as vezes que ficávamos juntos daquele jeito, o inegável emergia cada vez mais intenso.

— Não bruto demais... — respondi. — Mas sinto como se tivesse tomado relaxantes musculares induzidos por orgasmo.

Hayden passou um braço pela minha cintura e me ajudou a levantar. Ele pareceu aliviado quando me pegou no colo e me carregou para o quarto.

Acordei com o meu celular tocando. De novo.

— Se você não atender, vou jogar o telefone pela janela. Não para de tocar há dez minutos. Quem precisa falar com você às sete da manhã na merda de um sábado? — reclamou Hayden, enfiando a cabeça debaixo de um travesseiro.

— Obviamente, alguém que não teve orgasmos múltiplos até a uma da manhã — resmunguei, me esticando para pegar o aparelho incômodo.

Consegui silenciar o toque antes que Hayden passasse um braço pela minha cintura e me arrastasse pela cama. O telefone quicou no colchão e caiu no chão.

Hayden colocou a perna sobre a minha quando me puxou para perto. Senti a ereção fazendo pressão no meu quadril. Ele apoiou a cabeça no meu peito. Seu cabelo estava todo espetado por ter secado de um jeito esquisito depois da nossa brincadeira noturna. Passei os dedos pelas mechas, tentando fazê-las me obedecer, mas elas se recusaram. Toda vez que Hayden exalava, assoprava meu mamilo de propósito.

— Preciso de um banho — falei.

Minha pele estava grudada de tanto suor. Os lençóis não estavam muito diferentes.

— Por mim, seu cheiro está ótimo — respondeu ele, mordiscando meu ombro. — O gosto também.

O celular vibrou no chão, impedindo minha réplica maliciosa.

— Sério? — perguntou Hayden. — É o quê? A décima vez esta manhã?

Rolei para a beirada da cama e peguei o telefone do chão.

— Alô?

— Então você não está em um coma de Lorazepam. Já é um avanço.

Minha cabeça latejou e um arrepio passou pelos meus braços, se espalhando pela minha pele.

Hayden acariciou minha panturrilha.

— Diga a quem quer que seja para ir à merda. Estou no meio de um experimento — disse ele, mordendo meu tornozelo.

— Tem alguém aí com você? — perguntou Trey, desconfiado.

Cobri o celular com a mão e desvencilhei minha perna de Hayden, balançando a cabeça com força. Ele franziu a testa.

— Preciso atender — balbuciei, enquanto me virava.

Meus joelhos tremiam enquanto eu saía da cama e atravessava o quarto, indo para o banheiro. Fechei a porta e desabei no chão.

— Responda, Tenley. A pessoa que está com você parece claramente um homem.

— A TV estava ligada — menti.

Minhas mãos estavam tremendo, assim como minha voz.

— Não acredito em você.

— Não me importo muito se você acredita ou não.

— Você está dando para alguém?

— Como?

— É uma pergunta direta. Não creio que precise ser repetida.

— Também não requer uma resposta — retruquei.

Trey riu daquele jeito condescendente que só ele conseguia.

— Vou entender isso como um não. Está solitária por aí, Tenley?

— O que você quer?

Ele não podia saber sobre Hayden. Meu estômago revirou com a ideia. Trey já era agressivo, não precisava de mais munição.

— Você tem evitado minhas ligações. Deixei seis mensagens e nenhuma foi respondida. Eu espero aquele documento assinado na minha mesa há um mês e ele ainda não está aqui — disse Trey, com frieza. — Tenho sido mais do que paciente. Você teve tempo de sobra para revisar a papelada com um advogado daí.

— Já disse que não estou pronta.

— Francamente, Tenley, estou cagando se você está pronta ou não. Já faz dez meses. Se não tivesse passado os primeiros cinco meses depois do acidente tão chapada de remédios, à beira da psicose, talvez você estivesse mais preparada para lidar com isso.

— Bom, não estou pronta. — Reuni toda a falsa autoconfiança que consegui. — Não tenho intenção alguma de abrir mão da casa por enquanto. Quando eu estiver pronta, se me sentir pronta, eu aviso.

— Isso não é aceitável. Não tenho receio algum em contestar o testamento do Connor. Aquela propriedade é minha e você *vai* assinar os documentos, mesmo que para isso eu precise mandar uma intimação para você. Podemos escolher esse caminho, mas casos como esse costumam se arrastar por meses, às vezes anos. — Trey suspirou, como se estivesse entediado com o rumo da conversa. Quando voltou a falar, seu tom de voz havia mudado para suave e ameaçador. — Tenho minhas dúvidas se você vai conseguir suportar a carga emocional de algo assim. Imagine como seria ruim se você retomasse os antigos hábitos? Com toda aquela medicação que você estava ingerindo, mal conseguia pensar...

— Eu estava com dor — sussurrei, submersa na onda repentina de lembranças.

Trey tinha o dom de distorcer as coisas para me fazer parecer a vilã. Foi ele quem conseguiu aquelas dezenas de remédios para mim. No nevoeiro da agonia física e emocional, parecia que estava querendo ajudar. Mas então aprendi que as razões de Trey eram sempre egoístas. Ao me manter sedada, consegui manipular situações para vantagem dele e desvantagem minha.

— Quantas vezes eu encontrei você no quarto do meu irmão, chorando tanto que nem conseguia respirar? Aquilo ficou muito entediante. Não me faça ligar de novo, você não vai gostar do que vai acontecer. Junte seus cacos e me mande a papelada.

A linha ficou muda.

Fiquei olhando para o telefone enquanto tentava impedir que o pânico me afogasse. Eu não achava que Trey pudesse tomar a casa de mim, mas, como advogado, ele era bom em encontrar brechas, então eu jamais saberia se as ameaças dele eram blefes ou não. Toda vez que conversava com Trey, me sentia de volta a Arden Hills, revivendo as semanas e os meses de purgatório depois do acidente. Eu estava tão sozinha, tudo e todos com quem eu me importava tinham morrido. Só sobrou Trey, um foco constante de

energia negativa e destrutiva orbitando ao meu redor, me empurrando cada vez mais para baixo em um poço de angústia.

Não havia ninguém para me consolar depois do acidente. Trey me culpava pelas mortes das nossas famílias tanto quanto eu mesma, e por meses deixei o arrependimento arruinar o que havia restado da pessoa que um dia eu fui. Se não tivesse encontrado as cartas de aceite da Northwestern escondidas no lixo, era provável que eu ainda estivesse lá, ou estaria morta por overdose.

Apoiei a cabeça nas mãos, sentindo a dor crescer e ameaçar transbordar. Engoli um choro sufocante, ciente de que não estava sozinha. Hayden ainda estava ali. Trey jamais entenderia por que estávamos juntos. Hayden era a antítese de Connor.

Por baixo de toda a armadura, Hayden era despedaçado como eu. Isso o deixava seguro. Ele entendia o que eu havia passado. Mais do que isso, ele se identificava comigo de formas que Connor jamais poderia. Eu não queria prestar muita atenção na intensidade dos meus sentimentos por Hayden; eles incitavam ainda mais culpa. O fato de eu já estar em outra parecia impossível... imperdoável. Contar sobre a morte de Connor não era uma opção. Não naquele momento. Era arriscado demais. Eu não podia perder Hayden, ele tinha se tornado essencial para minha sobrevivência.

— Tenley? — Hayden bateu na porta do banheiro.

Enxuguei as lágrimas que corriam pelo meu rosto e respirei fundo.

— Só um minuto — pedi, tremendo.

Levantando-me do chão, fui até a pia e liguei a torneira para mascarar o ruído da porta do novo armário de remédios.

As fileiras de frascos ofereciam o potencial de um descanso temporário. Minhas mãos tremeram quando eu abri o frasco de remédios para ansiedade e peguei uma pequena pílula verde. Não queria precisar dela, mas jamais sobreviveria ao resto da manhã sem serenidade artificial. A ligação de Trey havia me abalado. Parecia que eu estava sendo despedaçada, arrastada para o passado enquanto lutava para permanecer no presente. O sabor agridoce da pílula sob a língua foi quase um alívio. Em quinze minutos, eu estaria mais calma. Tudo seria mais fácil de administrar.

A maçaneta girou assim que eu fechei o frasco e o coloquei de volta na prateleira. Dei um pulo e fechei a porta do armário com mais força do que tinha calculado, fazendo os frascos balançarem nas prateleiras. Hayden enfiou a cabeça para dentro e seus olhos varreram meu corpo. Eu ainda estava nua. A preocupação entortou o canto dos lábios dele para baixo quando fitou meu rosto inchado e molhado de lágrimas.

— Gatinha? Quem era no telefone? — Ele deu um passo cauteloso na minha direção.

— Era o meu a-advogado. — Gaguejei ao mentir, incapaz de encarar Hayden nos olhos.

— No sábado? Tão cedo? O que aconteceu?

— Alguns problemas com os imóveis em Arden Hills.

Ele envolveu meu rosto com as mãos. A empatia de Hayden ficava ainda mais difícil de tolerar, considerando as meias verdades que eu lhe fornecia. Fechei os olhos, deixando as lágrimas caírem e permitindo que ele as enxugasse.

Hayden estava usando apenas cueca boxer preta, o mapa da vida dele exposto para mim. Por baixo das imagens gravadas na pele e do corpo bonito e escultural, havia um homem que eu mal conhecia, mas

cuja ausência eu não conseguiria suportar. Passei minhas mãos por seus antebraços, repousando uma delas na tatuagem de coração.

— Tem algo que eu possa fazer para ajudar?

Eu me aproximei de Hayden, que me acolheu em seu abraço protetor.

— Desculpe eu não conseguir fazer a dor ir embora.

— Você faz, toda vez que me toca. — Descansei o rosto no peito dele, ouvindo as batidas estáveis de seu coração.

Fiquei pensando em quanto tempo eu tinha antes de tudo desmoronar. Não podia esconder de Hayden para sempre a verdade sobre Connor.



## Tenley

Nas semanas seguintes, evitei as persistentes tentativas de contato de Trey. Não respondia às mensagens na minha caixa postal. Entre as suas demandas absurdas e minhas preocupações sobre a última reunião com o professor Calder, eu precisava de uma distração do estresse, já que revisar minha tese só piorava a situação. Persuadi Hayden a continuar minha tatuagem. Ela havia se tornado um talismã da catarse. Ele agendou três minissessões para as partes onde a tinta não tinha pegado e se recusou a trabalhar em mim por mais de uma hora seguida. Desde que progredíssemos, eu não reclamaria. O lado positivo das sessões frequentes era a quantidade de tempo que eu passava no estúdio. As brincadeiras entre os quatro me deram uma noção de quanto eles eram próximos. Se amavam e brigavam como irmãos.

Cheguei até a conhecer melhor Lisa. Ela era o afeto em pessoa, e eu gravitava ao seu redor. Além das visitas ao Serendipity, nós não passávamos muito tempo juntas, porque eu sempre estava com Hayden. Era legal ter um motivo para bater papo com ela que não incluísse pinças e agulhas.

Hayden estava ocupado limpando a mesa de trabalho depois da nossa terceira sessão quando Lisa se aproximou de mim, ansiosa para mostrar os novos piercings que tinha recebido. Ela pegou uma bandeja cheia de piercings curvos. Pareciam tão inofensivos, repousando sobre o fundo de veludo preto. Lisa enumerava os benefícios do piercing clitoriano. Minha relutância tinha mais a ver com o tempo de cicatrização do que com a dor. Pelo que eu havia pesquisado, não rolaria sexo por duas semanas. Hayden explodiria. Nós mal tínhamos conseguido aguentar cinco dias; catorze seriam insanidade. Mas talvez os benefícios se sobrepusessem ao custo.

Lisa estava no meio de uma explicação sobre a diferença entre os piercings clitorianos verticais e horizontais quando eu notei um lampejo vermelho no dedo anelar direito dela.

— Isso é novo?

Ela estendeu a mão para me mostrar. Um único rubi circundado por pequenos diamantes em um anel de platina. Era maravilhoso.

— Jamie me pediu em casamento ontem à noite. — O sorriso dela era radiante.

— Meu Deus! Parabéns! Que notícia maravilhosa!

Um tumulto de emoções conflitantes me atingiu quando eu a abracei. Connor tinha sido extremamente romântico quando fez o pedido para mim. Foi uma surpresa completa, ainda mais porque foi logo depois de darmos um tempo de dois meses. Após semanas quase sem nos falarmos, ele apareceu na minha formatura da faculdade e me levou para passar um fim de semana em Minneapolis, decidido a consertar as coisas entre nós. Jantamos em um restaurante sofisticado no terraço de um edifício, reservado só para nós. Ele me pediu em casamento durante a sobremesa, enquanto o sol se punha no horizonte. Faltavam poucos meses para eu fazer vinte anos, tinha me formado antes do tempo previsto. Fui ingênua, cegada pelo romance e pelo fascínio de um futuro seguro e confortável.

Quando Lisa se afastou, me senti desencarnada. A dormência era bem-vinda. Apesar de estar feliz por ela, a notícia ressuscitava partes do meu passado com as quais eu não tinha energia para lidar.

Minha boca estava seca e minha cabeça ficou atordoada enquanto ela contava a história, incapaz de conter a excitação. A alegria desenfreada de Lisa era exatamente o que uma pessoa deveria sentir depois de um pedido de casamento.

— Vamos dar uma festa este fim de semana para comemorar. Eu sei que está em cima da hora, mas já conversei com a Cassie. Ela vai fechar o Serendipity mais cedo para que ela e Nate possam ir, ao menos por um tempinho. — A euforia de Lisa era contagiante, ela não parava de falar. — Então, você não trabalha amanhã, né? Vou tirar folga à noite para fazer compras, pensei que talvez você quisesse vir comigo.

Não me lembrava da última vez que tinha saído para fazer compras com uma amiga. Eu e minhas amigas sempre íamos para a cidade em passeios de fim de semana. Queria substituir aquelas lembranças por outras novas, que não doessem tanto.

— Eu adoraria. E posso fazer cupcakes para a festa — ofereci.

O braço de Hayden apareceu em volta da minha cintura, me pegando de surpresa.

— Qual é o papo sobre cupcakes?

— Para a festa este fim de semana. — Lisa mostrou o anel, esclarecendo.

— Certo. Boa ideia. Você vai fazer uns a mais? — Hayden afundou o nariz no meu cabelo e sussurrou:

— Talvez eu possa passar lá e ajudar com a cobertura.

Hayden não teve chance de me ajudar porque Lisa e eu passamos os dois dias seguintes planejando a festa. Ele ficou chateado por eu não estar disponível, mas, depois do anúncio de Lisa, achei aquela pequena distância bem-vinda. Ou quase. Os pesadelos voltaram sem Hayden, e sua ausência na minha cama me deixava ansiosa. Aquilo só confirmava o quanto eu tinha passado a depender dele.

Sarah não estava trabalhando, então eu a convidei para se juntar a nós no planejamento da festa. Ela e Lisa se deram bem logo de cara.

Nos reunimos na cozinha, o balcão lotado de ingredientes e cupcakes esfriando. Sarah mediu a quantidade de açúcar de confeitiro e o jogou na batedeira. Ele subiu como uma nuvem doce, e ela gritou, abanando o ar.

— É açúcar, não gás tóxico — brinquei.

— Eu não entendo como vocês gostam de cozinhar — resmungou ela, enquanto Lisa lhe dava uma bundada para tirá-la do caminho e assumir o controle.

— Por que você não serve um vinho para a gente? — sugeriu Lisa.

— Ótima ideia. Vou cuidar dos drinques e aí posso coordenar as coisas, ou algo assim. Sou boa nisso — disse Sarah, com um sorriso insolente.

— Como é que anda a situação do seu *stalker*? — perguntei.

Sarah revirou os olhos.

— Nem queira saber. Ele deve ser o cara mais persistente que eu já conheci na vida.

— Do que vocês estão falando? — perguntou Lisa.

— Ah, desse cara, o Chris, que vira e mexe tem aparecido no meu trabalho nos últimos tempos. Ele não se toca.

— O que ela se esqueceu de dizer é que esse Chris por acaso tem um monte de tatuagens — emendei.

Os olhos de Lisa se arregalaram.

— Não é o *nosso* Chris, é?

— O próprio. — Sorri.

— Meu Deus! — Lisa lançou um olhar curioso para Sarah. — Bom, agora tudo faz sentido.

Sarah colocou as mãos na cintura.

— Alguém pode me esclarecer as coisas? O que significa exatamente “o *nosso* Chris”?

Interessante. Ela parecia estar com ciúmes. Talvez a persistência de Chris estivesse dando frutos.

— Eu queria contar há algum tempo, mas esqueci. O Chris e o Hayden trabalham juntos no Inked

Armor.

— Como é?

— Ah! Você não sabia? — perguntou Lisa. — Isso está ficando cada vez melhor!

— Como você pôde esquecer? Não pareceu uma informação vital para ser compartilhada? — Sarah parecia aborrecida. Ela atravessou a sala, apressada, e olhou pela janela para o neon aceso do outro lado da rua. — Ele trabalha do outro lado da rua onde eu moro? Não acredito que você não tinha me contado até agora!

— Tenho andado preocupada.

Na manhã em que uni os pontos, havia sido esmagada por revelações mais estressantes. Desde então, não tínhamos mais mencionado Chris e eu não pensara em revelar aquela pequena informação.

— Certo, claro. — Sarah voltou até a bancada da cozinha e pegou a taça de vinho, virando tudo de uma vez só. — Espera. Então essa festa para a qual ele me convidou.. — Ela vasculhou a bolsa e pegou um convite do tamanho de um cartão-postal. — É a sua? Ele me convidou para uma festa de noivado? Que sem noção!

— Você tem que vir. Por favor. — implorou Lisa. — Chris com certeza acha que você vai dar um bolo. Eu daria tudo para ver a cara dele quando você aparecer. Ele vai gozar na calça.

Sarah franziu o nariz.

— Eca. Espero que não. Isso não seria um bom indício da resistência dele.

— Não tem nada de errado com a resistência do Chris — disse Lisa, seca.

— Como é que você sabe? — perguntou Sarah.

— Dizem por aí.

— Os rumores devem ser verdadeiros, então. — Sarah parecia chateada com a possibilidade.

O timer do forno tocou, então fui checar os cupcakes.

— Mas e aí, onde você trabalha? — perguntou Lisa.

— Na Dollhouse.

Houve um segundo de silêncio tenso enquanto eu retirava a bandeja do forno.

— Eu trabalhei lá antes de os donos mudarem — contou Lisa. — Pelo que ouvi, ainda é gerenciada nas coxas e a administração não é melhor do que naquela época.

— Você era bartender na mesma boate que a Sarah?

Sarah tossiu e quase engasgou com o vinho.

— A Dollhouse não...

— Isso era parte das minhas funções, mas já faz muito tempo. — Lisa desligou a bateadeira e se virou para mim. — Vamos dar uma olhada no seu guarda-roupa e escolher sua roupa de amanhã.

Lisa me buscou cedo no sábado à tarde. Juntas, colocamos seis dúzias de cupcakes no porta-malas do carro. Antes de irmos para a casa dela, dei um pulo até o Inked Armor para avisar a Hayden que ele deveria me encontrar lá. Ele não dormia na minha casa desde quarta-feira. Estava de péssimo humor.

— Vou passar a noite com você hoje — disse ele, irritado.

Eu estava ansiosa por uma noite de sono tranquila. Fiquei na ponta dos pés e dei um beijo no queixo dele.

— Parece ótimo. Vejo você em algumas horas?

— Você está realmente animada com essa merda, não é?

— Acho que sim. É legal ter amigas, estar envolvida em algo normal.

Ele se inclinou e me beijou.

— Adoro o fato de que Lisa se encaixa na sua ideia de “normal”.

— Tudo é relativo, não é?

Lisa enfiou a cabeça pela porta.

— Tire as mãos, Hayden, ela é minha hoje.

— Ela foi sua pelos últimos dois dias. Quero de volta.

— Você pode ficar com ela hoje à noite. Parei em fila dupla, temos que ir.

Lisa me tocou para fora do estúdio antes que eu pudesse roubar outro beijo. Hayden me observou pela janela enquanto entrávamos no carro e saíamos.

A casa de Lisa era magnífica. Ficava claro que tanto ela quanto Jamie eram artistas no sentido mais estrito da palavra. A decoração anos 1950 me deixou boquiaberta. Tudo parecia ser original e estar em condições impecáveis.

Era bem diferente da minha confusão de móveis descombinados. De repente, me ocorreu que Hayden só ia a minha casa, o que eu achava fazer sentido, por causa de AG. Ela ainda era muito pequenininha. Por mais bobo que fosse, eu não gostava da ideia de deixá-la sozinha a noite inteira. Hayden sempre enchia minha geladeira com lanches e bebidas, mas os únicos itens pessoais que ele deixou lá eram uma escova de dentes e um sabonete, para que não ficasse “com cheiro de menina” depois de tomar banho. Fiquei pensando em como seria o apartamento dele. Imaginava uma ausência específica de bagunça — sóbrio, limpo, organizado. Fiquei um pouco chateada ao pensar que, com todo aquele tempo que passávamos juntos, ele nunca tinha me convidado para ir lá. Nem uma vez.

Lisa e eu passamos o resto da tarde decorando a casa e preparando aperitivos. Ela sabia dar uma festa. Às seis, subimos para o quarto e nos arrumamos. O tema refletia o amor dela por todas as coisas dos anos 1950, então ela me enfiou em um vestido vermelho e branco, com saia rodada e corpete. O decote nas costas era generoso, exibindo o contorno da minha tatuagem. Quando Lisa fez um rabo de cavalo em mim, a imagem ficou completa.

Estávamos na cozinha provando o ponche turbinado de Lisa quando Jamie chegou em casa. Ela o enxotou para longe da comida e o mandou direto para o andar de cima, para se arrumar. Quando ele desceu, vinte minutos depois, estava usando uma calça preta com um colete combinando, uma camisa

social branca e um chapéu-coco. Era o colete que ele havia usado antes, sem camisa por baixo. Só Lisa para transformar a celebração de um noivado em uma festa à fantasia.

Chris apareceu pouco tempo depois, vestindo um terno arrumadinho. Quando ele me viu, soltou um assobio longo e grave.

— Hayden vai ficar louco.

— No bom ou no mau sentido? — perguntei.

— Depende de quem vai dar em cima de você.

— Ele vai chegar logo?

— Vai demorar um pouquinho. Ele acabou pegando uma primeira tatuagem de última hora.

Cassie e Nate apareceram para tomar um drinque. A conversa girou em torno dos preparativos para o jantar de Ação de Graças. Tentei não pensar no feriado que se aproximava. Era perto demais do aniversário do acidente para eu ficar animada. Tanto Cassie quanto Lisa me informaram que eu teria que comparecer e me escalaram para fazer cupcakes. Aparentemente, era um evento e tanto, seguido por compras de Black Friday.

Pouco depois das nove, o clima da festa mudou. A casa começou a ficar cheia de clientes do Inked Armor e de conhecidos de Lisa e Jamie. Eu me senti deslocada em meio aos convidados tatuados e cheios de piercings, como uma impostora rodeada por pessoas que haviam assimilado aquele estilo de vida de um jeito que eu não havia. Hayden era tão radical que me deixou curiosa em relação às mulheres com quem ele havia ficado antes de mim. Não tive que ficar imaginando por muito tempo, no entanto.

Uma loura alta, com sapatos plataforma altíssimos, entrou na cozinha e soltou um grito quando viu Lisa. Elas se abraçaram, obviamente velhas amigas. A loura sequer reparou na minha presença enquanto olhava para os outros cômodos.

— Não estou vendo o Hayden. Ele já está ocupado?

— Ele ainda não chegou — respondeu Lisa, me dando uma olhadela.

— Bom, quando ele chegar, diga que estou ansiosa para pôr o papo em dia. — Ela piscou para Lisa e se foi, desfilando.

— Quem é essa? — perguntei, observando as longas pernas da loura desaparecerem quando ela foi para outra sala.

— É só uma amiga. — Lisa serviu mais vinho na minha taça. — O Hayden deve estar chegando.

Várias outras mulheres perguntaram por ele. Enquanto algumas tinham tatuagens sem dúvida feitas por ele, nem todas pareciam ser clientes. Eu não deveria estar surpresa. Ele era lindo e talentoso e rebelde, uma combinação arrebatadora de energia masculina. Todas se ajeitavam enquanto examinavam a sala procurando por ele e faziam a mesma cara decepcionada quando Lisa informava que Hayden ainda não tinha chegado.

Quando ele chegou, era um verdadeiro espetáculo. De calça preta e uma camisa de botões branca, obviamente julgava que tinha se esforçado o bastante. As mangas estavam enroladas até os antebraços. Os dois botões de cima da camisa permaneciam abertos, revelando uma camiseta branca por baixo. O cabelo estava bagunçado, como se estivesse com pressa demais para se preocupar com aquilo. Ele não parecia feliz ao dar uma olhada pela sala, franzindo cada vez mais a testa enquanto analisava a multidão, até que me viu sozinha na cozinha. Seus olhos arderam com um brilho predador quando se aproximou de mim.

E aí uma vadia se jogou em cima dele.



# Hayden

Putaquepariu.

Das dezenas de pessoas amontoadas na sala de estar, eu conseguia contar quatro com quem eu já tinha ficado. E não no sentido de levar para sair. No sentido de comer uma vez e nunca mais repetir. Atravessar a multidão de corpos para chegar até Tenley seria como passar por um campo minado. Eu teria sorte de não sair com estilhaços na bunda.

Eu já tinha sido alertado, mas eu não havia calculado quantas das meninas que Lisa e Jamie conheciam já tinham ficado comigo. Ninguém era muito inacessível antigamente. Talvez eu devesse ter preparado Tenley um pouco mais para quem ou o que ela podia encontrar.

Para piorar a situação, Tenley estava absurdamente gostosa vestida como uma dona de casa dos anos 1950, com os cabelos presos em um lindo rabo de cavalo. As pessoas estavam olhando para ela, que devia estar ali sozinha por horas, e um monte de babacas podia ter dado em cima dela. Eu queria erguer a saia dela, enrolar o rabo de cavalo na minha mão e debruçá-la sobre a superfície mais próxima disponível, só para deixar bem claro. Mas não consegui nem fechar a porta antes de Trina, uma trepada antiga, vir correndo até mim. Tinha ficado com ela uma vez, três anos antes. Sienna também estava nessa. Eu me encolhi quando ela apertou meu pescoço em um abraço e esfregou os peitos em mim, descaradamente. Mantive a mão para cima, me recusando a retribuir o assédio, e então vi o sorriso de Tenley se dissolver.

Putamerda.

— Oi, Trina — cumprimentei, me desvencilhando dela.

— Hayden! Como vai? Você está lindo. — Ela deu um risinho nervoso.

Eu tinha uma vaga lembrança do som que ela fazia quando gozava. Não era agradável. Suas mãos pareciam passarinhos irritantes, batendo no meu rosto e no meu peito.

— Tem alguém ali com quem preciso conversar. Depois nos falamos.

Dei a volta em torno de Trina e me dirigi a uma Tenley bem irritada.

— Sua amiga? — perguntou ela, tomando um gole de vinho.

— A gente costumava sair.

— Isso foi um eufemismo? — Havia uma acidez em seu tom de voz que eu nunca tinha ouvido antes.

Aquilo me deixou nervoso.

— Não era para ser. — Embora, naquele caso, realmente fosse. Mudei para um assunto menos nocivo.

— Desculpe ter me atrasado, o Chris me largou sozinho com um cliente de última hora que precisava de um intervalo a cada cinco minutos, mesmo depois de eu ter dado uma boceta de brinquedo para ele.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Boceta de brinquedo?

Sorri e me inclinei até que meus lábios estivessem no ouvido dela.

— Fala outra vez, mas sussurrando, e só a parte da “boceta”.

Tenley me cutucou. Eu agarrei o dedo dela e o mordi logo acima da primeira articulação, passando a língua pela pontinha.

— Por favor.

Pronto. A raiva desapareceu e Tenley abriu os lábios. Sua mão repousou no meu peito e ela ficou na ponta dos pés. Eu me curvei até que meu ouvido estivesse perto da sua boca.

— Não — sussurrou ela com uma voz sensual.

— Eu como a sua depois, se você disser — sussurrei de volta, barganhando.

— Hayden! — exclamou Tenley em voz alta, olhando em volta.

— Mais tarde, então. — Eu a faria dizer “boceta” de novo, na privacidade do quarto. Aí poderia cumprir minha promessa. Naquele momento, tinha gente olhando. Mais especificamente, para ela. Não gostei. — Quem colocou isso em você?

O vestido era praticamente todo aberto nas costas, deixando boa parte do contorno à mostra.

— Lisa.

— Cadê ela? Precisamos bater um papinho.

— Por quê?

— Porque sim. — Toquei as marcas que tinha deixado no pescoço de Tenley na semana anterior. Elas já estavam quase invisíveis. — Você está trepável demais.

Ela deu um sorriso açucarado.

— Parece que nós dois estamos com esse problema hoje. Preciso de mais vinho.

Tenley inclinou a cabeça para trás e virou o restante da taça. Com uma balançada do rabo de cavalo, se virou e foi até o bar improvisado. Aquela noite seria muito boa ou muito, muito ruim. Tenley já estava mais pra lá do que pra cá, a julgar pela fluidez de seus movimentos e sua vontade de entornar vinho branco.

Fiquei ao lado dela, apresentando-a a clientes antigos e atuais, mas só àqueles com quem eu não tinha me envolvido em atividades ilícitas. Tenley gravitava para os cômodos com menos pessoas. Se mostrava curiosa e estava encantadora. Não ficou espantada nem desconfortável perto do cara com a tatuagem bizarra no pescoço, que retratava uma ferida aberta bem realista, tampouco da moça que tinha mais aço na cara do que um androide. Fiquei por perto de Tenley, de forma protetora, enquanto as pessoas admiravam sua tatuagem. Ela aceitou os elogios com uma delicadeza modesta, creditando a mim quando enalteciam a arte. Eu nunca tinha ficado tão orgulhoso de um contorno em toda a minha vida.

A festa começou a ficar um pouco mais turbulenta à medida que a noite foi passando. Perto da meia-noite, Sarah surgiu na porta com seus saltos de vinte centímetros. Tenley ficou extasiada ao vê-la. Sarah e Lisa perguntaram se poderiam roubar Tenley de mim para fazer o que quer que seja que meninas fazem juntas em festas. Não gostei muito da ideia. Se elas a levassem, eu não poderia monitorar o consumo de álcool de Tenley. Ou garantir que as minhas ex-trepadas não se aproximassem dela.

Lisa fez um carinho no meu braço.

— Não se preocupe, Hayden, a gente cuida dela.

— Já encontro você — disse Tenley, e me deu um beijo no rosto.

Eu a puxei para perto de mim, sem ligar para a plateia.

— Não fale com estranhos — murmurei.

Então, por ser um babaca territorialista e problemático, não consegui me conter e dei um chupão no pescoço dela. Forte. Soltei a pele e sorri para o meu trabalho. Depois olhei ao redor para ver se alguém tinha notado. Lisa parecia estar segurando o riso. Sarah certamente pensava que eu era louco. Tenley estava furiosa. Muito furiosa.

Ela passou a mão pela marca rosa meio arroxeadada.

— Por que você fez isso? — perguntou ela, alto o suficiente para que várias conversas ao nosso redor pausassem.

— Hã... — Eu não tinha como responder à pergunta sem parecer um imbecil.

— Eu não pude prender o cabelo por uma semana! Uma semana, Hayden. — As mãos dela sacudiram e o vinho respingou pela beirada da taça. — Agora tenho que andar por aí com um chupão pelo resto da noite.

Tenley estava irada. Suas bochechas adquiriram um tom rosa forte; seus olhos estavam queimando. Eu tinha a impressão de que o chupão não era de fato o problema, e depois, quando estivéssemos sozinhos e ela estivesse sóbria, entenderia a questão. Na maior parte do tempo, eu gostava quando Tenley ficava briguenta. Infelizmente, talvez aquela fosse uma das ocasiões nas quais a irritação podia acabar em uma briga, se eu não tomasse cuidado. No entanto, a possibilidade de sexo selvagem para uma reconciliação talvez não fosse tão ruim.

— Você acha isso engraçado?

Merda. Eu devia estar sorrindo.

Tenley me puxou pela camisa. Seus lábios se abriram e a língua passou pelo meu pescoço. Seus dentes se afundaram e ela chupou tão forte que doeu. Quando terminou de me dar o troco pela minha transgressão, raspou os dentes na pele sensível e me mordiscou. Esfreguei o local, meio que esperando sentir o sangue, mas meus dedos saíram limpos.

— Talvez isso mantenha as vagabundas longe. — Ela se virou, os passos pesados em meio à multidão. Sarah me lançou um olhar que teria castrado um homem mais fraco.

Lisa sorriu com ternura.

— Eu amo você, Hayden, amo mesmo, mas você tem muito que aprender. Espero que curta o sofá hoje à noite, ou a solidão da sua própria cama.

— Você acha que ela ficou tão brava assim?

O rabo de cavalo de Tenley balançava ferozmente enquanto ela andava em direção às portas de correr que davam para o quintal dos fundos.

— Você acabou de deixar um chupão gigante no pescoço dela porque não consegue suportar a ideia de ninguém mais olhando para ela além de você. Sim, ela está muito brava.

— Merda.

— Vou conversar com ela. Enquanto isso, vá procurar o Jamie e fique longe de confusão.

— Está bem. — Lisa se virou para ir embora, mas eu segurei seu braço. — Espera. Fiquem longe da Trina e da Erin e da Destiny e daquela outra, Cla... — Meu Deus. Eu era mesmo um escroto. Sequer conseguia me lembrar do nome da mulher com quem eu tinha transado há menos de dois anos. — Charity?

Lisa me lançou um olhar de desgosto.

— Você disse que ia conversar com a Tenley antes da festa.

— Não encontrei o momento certo.

— Nunca vai haver um momento certo.

— Eu sei. Só não quero estragar tudo. Podemos conversar sobre isso depois? Preciso que você a encontre e cuide dela. Ela está bêbada e brava e a Sarah está com ela. Nenhuma dessas coisas é boa para mim.

— Está bem. Mas não pense, nem por um segundo, que não vamos conversar sobre isso depois.

Dei um abraço rápido em Lisa.

— Desculpe estar sempre ferrando as coisas.

Ela pareceu surpresa com o afeto.

— Suas intenções sempre são boas, a execução é que falha. Vou ver o que posso fazer.

Lisa desapareceu no quintal. Senti uma vontade imensa de ir atrás delas, mas eu pareceria um otário. O que eu era mesmo. Acabei indo para o porão, onde Chris estava jogando bilhar. No bar embutido, havia uma variedade de bebidas e petiscos, inclusive cupcakes. Eram, sem dúvida, criação de Tenley. Forminhas pretas e brancas de desenhos diferentes abrigavam uma série de sabores, coberturas generosas, coraçõezinhos e caveiras espalhados por cima. Peguei um, tirei da forma e enfiei o troço inteiro na boca.

— Ela fez seis dúzias, você não precisa aspirar tudo — disse Jamie. Ele se aproximou do bar, jogou cubos de gelo em um copo de plástico e me serviu um uísque. — Parece que você está precisando de um desses.

— E aí, irmão? Não vi você a noite toda — disse Chris, enquanto ajeitava as bolas na mesa. — Quer jogar?

— Claro.

Eu não tinha nada melhor para fazer.

— Uau, H! Tenley está com dificuldades para esperar chegar até em casa? — perguntou Chris.

Quando olhei sem entender, ele apontou para o meu pescoço.

— Ah, isso. — Não me dei ao trabalho de verificar. Estava sensível ao toque, então devia estar bem ruim. — Não, foi uma retaliação por eu ter sido um babaca.

— Você? Um babaca? Difícil acreditar — caçoou Jamie.

— Suponho que podia ter sido pior — prontificou-se Chris.

— Provavelmente será, mais tarde.

A conversa iminente com Tenley não era uma das que eu queria ter. Eu a havia adiado por tempo demais, e então, como sempre, estava pairando sobre mim. Quase uma hora depois, Tenley ainda não tinha voltado para me procurar. Irritado depois de perder três partidas, fui para o andar de cima procurá-la. Vasculhei os quartos e acabei dando de cara com Damen.

— Porra, o que você está fazendo aqui? — perguntei, dando uma olhada em volta para encontrar o cortejo de aspirantes a tatuadores e criminosos em treinamento.

— Fui convidado.

— Por quem? — Jamie jamais o receberia na casa dele e Lisa evitava Damen a todo custo. — Lisa já viu você?

— Ainda não — respondeu ele, apático. Seus olhos pararam no meu pescoço. — Sienna está por aqui, em algum lugar. Mas, ao que tudo indica, vocês já devem ter se encontrado.

Merda. A situação estava indo de mal a pior. Tinha que encontrar Tenley e levá-la para casa antes que aquelas duas se encontrassem.

Dei as costas para Damen, olhei pela sala e não encontrei ninguém. Talvez as meninas tivessem subido. O corredor além do banheiro estava isolado. Passei por baixo da corda e tentei todas as portas, mas estavam trancadas. Entrei no banheiro e me fechei lá dentro para abafar a música estridente e ligar para Tenley. Caiu na caixa postal, então desliguei e mandei uma mensagem. Estava prestes a descer de novo e dar mais uma checada na casa quando a porta se abriu.

Sienna. Ela estava usando uma espécie de corselete preto que mal começava a cobrir a pele o suficiente. Seus peitos gigantes estavam esmagados para o meio e para cima, os mamilos perigosamente perto de aparecer. A saia preta de paetê era tão curta que eu veria tudo se ela se abaixasse.

— Trina! Adivinha quem eu achei!

Trina apareceu atrás dela, bloqueando a porta. Seus olhos brilharam com o mesmo desejo lascivo.

— Trina me disse que você andou ocupado a noite toda, mas parece que não está mais.

Trina não disse uma palavra ao se aproximar por trás de Sienna. Seus olhos estavam fixados em mim enquanto ela lambia a amiga do pescoço até a orelha. Sienna gemeu. Parecia uma atriz pornô.

Eu tinha visto mais do que o suficiente.

— Bom, parece que vocês duas estão com tudo sob controle. Se não se importam, vou voltar para a festa.

Até eu estava impressionado com o quanto fui blasé. Estava praticamente mijando na calça. Tinha enviado uma mensagem para Tenley dizendo onde eu estava. Aquele não era o tipo de cena que eu queria que ela encontrasse.

— Ah, não vai, não.

A máscara de sedutora de Sienna caiu. Ela se afastou de Trina e se enlaçou em mim, engatando uma perna na minha e encostando o salto pontudo do sapato na parte de trás do meu joelho. A outra perna ficou entre as minhas, e ela se esfregou na minha calça preta. Aquilo ia deixar uma marca.

— Você não quer trepar? — perguntou ela com voz chorosa.

— Estou bem, obrigado.

Graças a Deus meu pau teve a decência de não ficar duro. Eu podia odiar Sienna, mas nem sempre teria controle sobre como meu corpo reagiria a duas mulheres se agarrando em 3-D. Felizmente, a conexão entre meu pau e meu cérebro devia estar intacta, processando quem e não apenas o quê.

— Me larga. — Segurei a mão de Sienna antes que ela a descesse ainda mais.

Trina ficou por perto, assistindo à discussão com uma fascinação perversa.

— Me obrigue — ronronou Sienna.

Então tínhamos voltado àquela situação.

— Seu desespero é patético.

Nada disposto a alimentar aquela merda toda, agarrei o outro pulso de Sienna enquanto ela tentava segurar o meu pescoço. Como eu conseguia me enfiar em situações tão ferradas estava além da minha compreensão.

— Hayden?

Isso tirou minha atenção da sanguessuga que ainda estava agarrada à minha perna. Tenley estava no corredor, em frente à porta do banheiro. Seu rosto perdeu toda a cor. Ela piscou, os olhos arregalados.

— Merda. Tenley, eu posso explicar.

Empurrei Sienna. Ela se desequilibrou e bateu na pia, fazendo o sabonete líquido cair com um ruído alto.

Uma repulsa glacial substituiu a devastação no rosto de Tenley. Ela se virou e saiu correndo, derrapando no corredor. Saí do banheiro para segui-la, com medo de que escorregasse ou coisa pior, mas Sienna se pôs na minha frente.

— Deixa a garota ir, Hayden. Ela nunca vai entender você. Ela nunca vai ser suficiente.

Uma onda de violência hostil tomou conta de mim. Forcei minhas mãos a permanecerem nas laterais do meu corpo para não esganá-la.

— Sai da minha frente, caralho — falei, os dentes cerrados.

— Por quê? Para você ir correndo atrás dela e ouvir coisas que já sabe que são verdade? Ela não consegue lidar com isso, você já deve ter percebido. Você não vai conseguir ser fiel a ela. Vai ficar entediado.

As palavras de Sienna me atingiram como uma epifania. De repente, entendi por que sempre voltava para ela. De certa forma, eu costumava acreditar nas merdas que ela cuspiava. A manipulação de Sienna me mantinha ligado às minhas próprias tendências de autodepreciação. Até conhecer Tenley, eu não sabia como era estar com alguém que entendia a dor por baixo da tatuagem. Naquele momento, eu sabia.

— Preciso que você preste atenção. — Eu estava fervendo de raiva, mas falei calmo e controlado. — Eu odeio você. Entende isso? Você acaba com a minha vida toda vez que volta para ela.

Sienna empalideceu e se afastou, como se eu tivesse lhe dado um tapa. Avancei sobre ela e Trina segurou meu braço, mas eu me desvencilhei.

— Eu. Odeio. Você. Odeio o que você faz comigo. Odeio você mais do que odeio o psicopata de merda que atirou nos meus pais. Entendeu?

— Hayden, para. — Trina tocou no meu ombro.

Eu me virei para ela.

— Não encosta em mim, porra!

Ela se afastou com as mãos para o alto, se rendendo. Quando me virei para Sienna, vi meu reflexo no espelho: olhos selvagens, mandíbula apertada, um escárnio maligno distorcendo meu rosto. Só havia pânico nos olhos de Sienna.

— Eu fiz uma pergunta. Você entendeu?

A cabeça dela balançou para cima e para baixo.

— Fique longe de mim e do que é meu — ameacei.

Voei pelo corredor, determinado a encontrar Tenley para mais uma vez tentar consertar o que eu tinha quebrado.



# Hayden

Lisa e Chris me pararam na porta da frente. A julgar pela preocupação deles, eu devia estar parecendo totalmente maluco.

— Cadê ela?

— Sarah levou a Tenley para casa — contou Lisa. — Tentei conversar com ela, mas estava chateada demais.

— Que droga aconteceu? A Tê estava pirando.

— A Sienna aconteceu. Ela e a Trina me encurralaram no banheiro lá de cima. Aquelas duas são uma porra de um pesadelo. Sienna não me largava. Ela ficou se esfregando em mim e falando merda.

— O quê? — Lisa parecia enjoada.

— Você está brincando — Chris praticamente rosnou.

— Quem me dera. Tenley chegou quando Sienna estava tentando se esfregar na minha perna. Você sabe como ela é, Chris. Eu só queria me livrar dela sem causar nenhum estrago.

Meus olhos pareciam estar errados, estranhos. Como se estivessem lacrimejando. Estava ficando cada vez mais difícil respirar. Pressionei a testa com a mão, esperando evitar o que parecia ser o início de uma crise de pânico.

— Preciso encontrar a Tenley para poder explicar. Fazê-la entender.

Eu estava indo para a porta, mas Lisa interrompeu o caminho.

— Você não vai dirigir.

Comecei a argumentar, mas pensei melhor. Eu tinha bebido e estava furioso, não era uma boa combinação para pegar o volante.

— Está bem. Vou correndo.

— Eu levo você — ofereceu Chris.

— Como você pode estar melhor do que eu? — Ele geralmente era o primeiro a perder a linha.

— Ele tomou duas cervejas a noite toda, Jamie pode confirmar — respondeu Lisa.

— A Sarah disse que vinha. Eu não quis ficar doidão e fazer alguma coisa idiota — disse ele, encolhendo os ombros como quem pede desculpas.

— Eu queria ter sido esperto o suficiente para fazer isso. — Joguei minhas chaves para Chris. — Não vou subir na motoca.

Ele as pegou no ar.

— Não é uma motoca.

Quando eu estava prestes a ir atrás de Chris, Lisa jogou os braços em volta de mim.

— Eu sinto muito mesmo, Hayden. Eu não convidei a Sienna. Não faria isso com você.

— Eu sei. — Dei um beijo rápido no rosto dela e corri atrás de Chris.

Ele já estava no meu carro, esquentando o motor. Sentei no banco do passageiro e saímos.

— Desculpe, cara. Isso tudo é culpa minha — disse ele, reduzindo a marcha ao virar uma esquina.

— Não, não é, não. Eu mesmo tomei a decisão de ir a Dollhouse. Você não colocou nenhuma arma na minha cabeça. — Batia os dedos no painel, ansioso para chegar na casa de Tenley.

— Não foi isso que eu quis dizer. Eu convidei a Sarah para a festa na última vez em que estive lá. O Damen ouviu e perguntou.

Aquilo explicava muita coisa. Mas eu não podia ficar bravo com Chris. Sienna ia ficar sabendo de qualquer jeito.

Tanto o Tercel quanto o Prius estavam estacionados atrás do Serendipity, o que significava que Tenley e Sarah tinham chegado bem em casa. Eu só torci para que Tenley conversasse comigo. Chris me acompanhou, pronto para ser uma distração, caso necessário.

Sarah atendeu à porta. Seus olhos se arregalaram por um segundo quando ela viu Chris atrás de mim, mas, fora isso, permaneceu impassível.

— Você realmente não tem amor nenhum pelas suas bolas, né?

Baixei uma das mãos para proteger minha virilha, incerto quanto às intenções dela e a segurança das referidas bolas.

— Eu posso explicar.

— Ah, é mesmo? Você pode explicar por que estava de putaria no banheiro com duas mulheres? — A máscara da serenidade caiu. — Eu adoraria ouvir a história, mas estou ocupada evitando que o mundo da minha amiga desabe porque o namorado dela é um babaca traidor!

Nada do que Sarah disse me chocou, exceto a parte do namorado. Era aquilo que eu era?

Sarah começou a fechar a porta na minha cara, mas eu ergui uma das mãos para impedi-la.

— Olha. Eu entendo que você está chateada comigo agora...

— “Chateada” não chega nem perto de como eu me sinto com relação a você...

— ... e eu aprecio que, como amiga da Tenley, você queira protegê-la. Mas você não faz a menor ideia do que aconteceu. Nem ela. A Tenley está imaginando as piores coisas possíveis na cabeça dela e não posso deixar isso assim. Preciso me explicar para que ela entenda, e você não está deixando. Percebe como isso é um problema para mim? — perguntei, lutando para me manter calmo.

— Estou com certa dificuldade para entender por que eu deveria me importar.

— Porque você, assim como eu, se preocupa com a Tenley. Eu não estaria aqui, negociando com você, se não me preocupasse.

— Você tem um minuto para se explicar.

Considerarei, por um breve momento, tirá-la do caminho e ir falar com Tenley, mas, se eu queria consertar as coisas, não seria bom ser bruto com sua amiga.

— Eu estava procurando a Tenley. Sabia que ela estava brava comigo por ter sido um babaca antes.

— Apontei para o meu pescoço, como se precisasse demonstrar o óbvio.

— Com licença — falou Chris, por cima do meu ombro.

Tanto Sarah quanto eu olhamos para ele, incrédulos. Eu não sabia se deveria ficar mais chocado com a demonstração de educação de Chris ou com o fato de ele estar interrompendo minha explicação com tempo limitado.

— Eu sei que você não quer que a Tê se machuque, Sarah, mas, neste caso, seria melhor deixar o H falar com ela. Por que você não dá aos dois uns minutos para que eles se entendam? Se a Tê quiser que ele vá embora, eu o levo para casa e garanto que fique por lá.

Sarah o encarou, analisando o pedido.

— Está bem. Mas vou deixar a porta do meu apartamento aberta. — Ela me lançou um olhar de ódio ao passar para o corredor.

Assim que Sarah liberou a porta, entrei no apartamento. Tenley estava sentada em um banco alto, as mãos cruzadas à frente, uma pilha de lenços amassados no balcão. Ainda dava para ouvir Sarah no corredor, acompanhada da persuasão gentil de Chris. Eu os ignorei, o foco no véu de cabelos escuros que encobriam o rosto de Tenley. Ela ergueu a cabeça quando fechei a porta. Seus olhos estavam vermelhos e inchados, suas bochechas coradas do choro. E eu era o culpado.

Tenley me observou atravessar a sala. Quando dei a volta no balcão, ela ergueu a mão e balançou a cabeça.

— Já está perto o bastante — disse ela, em um sussurro grave.

Ergui as mãos, me rendendo.

— Desculpe, gatinha.

— Não me chame disso. — Sua mão estava tremendo quando ela apontou para a marca no pescoço. A minha estava pior. — Qual foi o propósito disso? Você estava tentando marcar território para caso se decidisse ficar comigo quando estivesse satisfeito com as suas ex?

— Elas não eram ex.

— Ah, não? Como você as definiria? Disque-foda? Foda amiga?

— Não é bem assim.

— Então, como é? Por favor, me esclareça, porque a situação não parece nada bonita. Eu posso não ter a vasta experiência que você tem, mas não sou idiota. Com certeza você já ficou com aquelas duas mulheres em algum momento. E, pelo visto, nenhuma delas se importava em dividir você. É isso que você quer?

— Caralho, você está falando sério? — perguntei, chocado que ela pensasse aquilo. Mas fazia sentido, considerando a situação bizarra com que se deparou.

Tenley curvou os ombros e olhou para o balcão.

— Não era essa a intenção da mensagem? Um tipo de convite doentio para eu me juntar a vocês?

Fiquei enjoado com a ideia.

— Não foi nada disso que aconteceu. Já fazia uma hora que você não aparecia. Não lhe encontrei no andar de baixo, então fui checar lá em cima. Liguei para você para a gente se encontrar e, como você não respondeu, mandei uma mensagem. A Sienna e a Trina me prenderam no banheiro quando eu estava tentando sair.

— Você não parecia estar se importando com a atenção — zombou Tenley.

— Sei como isso pode parecer da sua perspectiva, mas Sienna é doente. Lidar com ela já é um desafio quando está sóbria, imagine quando ela está pilhada de anfetamina e bêbada. Eu estava tentando me livrar dela sem machucá-la.

Tenley me olhou, cética.

— Pense no que você viu. Eu estava segurando os pulsos dela para que ela *não* encostasse em mim.

— Esperei para ver se ela enxergaria a lógica e perceberia que podia ser verdade.

— Você tem noção de quanto esta noite foi humilhante para mim?

Tenley ficou inexpressiva, como se eu tivesse sugado todas as suas emoções. O peso no meu estômago ficou ainda pior.

— Não era para ter sido assim. Olha, Tenley, eu não faço a menor ideia do que estou fazendo. Isto é novo para mim. — Como ela não respondeu, eu suspirei. — Esta... coisa, relação, o que quer que a gente tenha, eu passei a vida toda evitando isso, então estou perdido aqui. Meu passado não é agradável, e a verdade é que eu não gosto nem da ideia de contá-lo para você.

— É tão ruim assim? — Ela olhou para mim.

— Não sei, talvez. Acho que depende de para quem você pergunta. Não posso mudá-lo. Faz parte de quem eu fui. No passado. Porra, tudo que eu sei é que eu quero você, o tempo todo, todos os dias, para sempre. Não sei como lidar com isso. Não sei como entender isso tudo sem pressionar demais você e não quero contar nada que possa prejudicar o que a gente tem.

— Você acha que eu sei o que estou fazendo melhor do que você?

Claro que era isso que eu pensava. Tenley tinha feito faculdade. Devia ter ficado com algumas pessoas. Tido namorados. Provavelmente alguns, o que me fazia querer socar alguém. Mas isso era uma suposição, porque nunca tínhamos conversado sobre o assunto.

— Não sabe?

— Só tive um relacionamento longo.

Eu a encarei, meu cérebro processando a informação bem devagar.

— Você só deu para uma pessoa?

Tenley se encolheu, talvez pela minha terminologia chula.

— Não foi isso o que eu disse.

As bochechas dela adquiriram um tom de vermelho vibrante. Eu não saberia dizer se ela estava mentindo ou envergonhada. Embora parte de mim não quisesse saber esse tipo de coisa, havia certo grau de satisfação por saber que eu era um dos poucos, apesar de o oposto não ser verdadeiro.

— Desenvolva, por favor.

— Você quer um número?

— Sim. — Assim que eu disse isso, quis mudar minha resposta.

— Você vai me contar o *seu* número? — perguntou ela, arqueando a sobrancelha em desafio.

— Não tenho um número exato.

— Não tem nem uma estimativa?

Engoli em seco. A resposta não me ajudaria em nada.

— Porra, Tenley. Eu não sei. Não tinha um diário narrando minhas aventuras sexuais. Fiz muita merda da qual não me orgulho. Não preciso de documentação escrita para provar quanto eu era um galinha. — Dei um passo em direção a ela, que ficou tensa, então parei. — Sempre me rebelei contra normas de comportamento. Sempre. Mesmo quando era uma criança com pais excelentes que me davam praticamente tudo que eu pedia. Eu *sempre* forcei os limites. Sociais, físicos, sexuais, todos eles.

Eu precisava calar a merda da boca antes que dissesse algo que fizesse Tenley fugir, ou pior. Só que, ao mesmo tempo, parte de mim queria parar de fingir que a maneira como eu era com Tenley era a

maneira como eu sempre fui. Ela era diferente; ela me tornou diferente. Melhor. Ela precisava enxergar isso.

— O que isso quer dizer? — perguntou ela, em um sussurro.

— Quer dizer que eu não seguia as regras convencionais.

— Isso não esclarece muita coisa.

— Você realmente quer detalhes? Porque eu tenho bastante certeza de que você seria muito mais feliz sem eles.

— E eu não tenho certeza se concordo com você. Você tem noção de como foi entrar na casa da minha amiga e ser bombardeada por um cortejo de mulheres com quem você obviamente já ficou?

— Eu dificilmente chamaria de “cortejo”.

— Ah, não? Só por curiosidade, com quantas pessoas naquela festa você dormiu? Eu contei cinco.

Ela estava certíssima, mas admitir isso não me parecia muito inteligente.

— Eu não *dormi* com nenhuma daquelas mulheres.

— Semântica, Hayden. Sexo, trepada, como você quiser chamar, no final é a mesma coisa.

— É claro que não é!

— Qual a diferença? Elas gozam, você goza, todo mundo fica feliz — disse Tenley, em um tom ácido.

— Eu nunca fui feliz! — gritei. — Merda. — Passei as mãos pelo cabelo, andei para lá e para cá na cozinha, tentando me acalmar com aquela porra toda.

Tenley roía as unhas, na segurança do outro lado do balcão. Não podia culpá-la. Eu estava agindo como um lunático.

Respirei fundo.

— Não estou me explicando muito bem.

— Nem respondendo às minhas perguntas.

— Olha, esse não é um assunto que eu tenha discutido antes. Não me sinto muito à vontade com ele.

— Talvez não, mas a noite teria sido mais fácil se eu não estivesse no escuro — retrucou Tenley.

Joguei as mãos para o alto.

— O que você queria que eu dissesse? “Já comi essa stripper. Ela gosta de infernizar a minha vida, não me deixando esquecer disso. Espero que você não se importe. Ah, e já que tocamos no assunto, pode ser que tenha algumas mulheres nessa festa que eu já comi, também, mas nada de mais, foi só uma vez com todas elas.” Desculpe se eu não estava lá muito animado para compartilhar esses belos detalhes com você.

Tenley parecia chocada e um pouco enojada. Era por isso que eu não queria contar nada para ela desde o começo.

— A Sienna é uma stripper?

— Era. Hoje ela é só uma puta.

Tenley fez uma careta, como se minhas palavras tivessem deixado um gosto ruim em sua boca.

— E você só transou com ela uma vez?

Droga, ela parecia tão esperançosa. Era como ser esfaqueado no peito com uma lâmina sem ponta enferrujada. Eu queria poder responder que sim, isso tornaria as coisas tão mais fáceis. Mas eu já tinha omitido verdades suficientes.

— Não exatamente.

Ela olhou para mim.

— Não costumo repetir transgressões.

— Como é?

— Isso saiu errado.

— Ah, com certeza — disparou Tenley, furiosa.

E era por isso que eu queria ficar com ela — apesar de toda a ingenuidade e do passado trágico, ela ainda era cheia de fogo.

— Eu fiquei com a Sienna mais de uma vez. Não tínhamos um relacionamento, mas ela me deixava fazer umas merdas mais safadas e não se importava em ter mais uma na parada, então levei aquilo por um tempo. Na maioria das vezes, eram casos de uma noite só. — Morri de vergonha com quanto aquilo souu terrível.

— Por quê?

— Por que o quê?

— Por que elas geralmente eram casos de uma noite só?

— Porque era só isso que era. — Eu não tinha vontade nenhuma de dar mais explicações.

— Desenvolva, por favor — pediu Tenley, jogando minhas palavras de volta para mim.

Dei um passo adiante, e a ânsia por tocá-la era quase debilitante.

— Depois que meus pais morreram, eu estava cagando para todo mundo, só me importava comigo mesmo. Não queria uma ligação com ninguém, e estava muito na merda com álcool e drogas para perceber que aquilo era uma armadilha. Se eu nunca voltasse, então não precisaria me preocupar com alguém que quisesse mais do que eu podia dar.

— Mas você dormiu com a Sienna mais de uma vez.

Hesitei, preso às lembranças do passado. Não queria contar a Tenley sobre as merdas que tinha feito. Eu cheirava meus salários mais rápido do que os recebia. Jamie, que também trabalhava para Damen na época, começou a falar em abrir o próprio estúdio, mas ele não tinha grana para fazer isso sozinho. Mesmo juntando com Chris, eles não conseguiriam bancar. Tinha uma grana imensa na qual eu não podia encostar até fazer vinte e um anos, e mais uma bolada que seria liberada quando eu fizesse vinte e cinco. Meu pai foi esperto pra caralho nesse sentido. Do jeito que ele organizou as coisas, eu não podia gastar tudo de uma vez se algo acontecesse com eles. Ele devia saber, desde o começo, como eu estragaria tudo quando ficasse por minha conta.

Nate e Jamie me salvaram de me tornar um zumbi cheirador. Dei a Nate autorização legal temporária para controlar minhas finanças, assim pude comprar o que acabou se tornando o Inked Armor. Foi Jamie quem cortou o pó. Chris garantia que eu ficasse limpo. Nate garantia que eu não torrasse meu dinheiro. Mas tudo tinha um preço, porque eu não sabia viver sem vícios. Era aí que Sienna entrava. Ou melhor, eu entrava nela. Quando quisesse. Onde quisesse.

— A gente trepava. Era só isso. E, sim, foi mais de uma vez, mas não era como se nós estivéssemos muito envolvidos. Não era monogâmico. Ela topava praticamente qualquer coisa. Eu tinha vinte anos e estava buscando maneiras de lidar com as minhas merdas. Precisava de outro escape. Funcionou por um tempo, até que eu fiquei entediado e ela ficou... sei lá como ela ficou. Aí ela deu para o Chris e nós instituímos a regra.

Foi a única coisa que levamos do Art Addicts para o Inked Armor.

— Chris transou com ela? — Tenley parecia perturbada com a ideia.

— Algumas vezes.

— E você ficou numa boa com isso?

— Não, nem um pouco, mas não podia fazer nada depois de já ter rolado.

Eu tinha ficado furioso com Chris. Ele era um dos meus melhores amigos. Pareceu uma traição.

Esperava aquilo de Sienna, era assim que ela funcionava, mas nunca de Chris.

— E parou aí, então? Você parou de ficar com ela?

— Não exatamente.

Eu voltei para Sienna, de novo e de novo. Por anos. Eu passava meses sem vê-la e daí ela aparecia magicamente no Inked Armor, pedindo retoques nas tatuagens ou qualquer outra merda que ela inventasse. Às vezes, eu tinha uma recaída e acabava indo a Dollhouse, buscando algum tipo de alívio para a tortura infinita da merda que era viver dentro da minha cabeça.

Lá estaria ela, prometendo uma experiência sem limites, dizendo que tudo bem eu estar bravo e que ia me recompensar. E, como um idiota de merda, eu caía. Toda vez. Desesperado pelo escape. Levei quatro anos para enfim me tocar e parar de me afundar na merda. Meu tio provavelmente teria um prato cheio se um dia conseguisse me analisar. Até então, eu tinha recusado todas as ofertas de terapia. Já sabia que era ferrado. Não precisava pagar a alguém para me dizer isso.

Tenley parecia estarecida.

— Por que você voltava?

— Melhor o diabo que você conhece do que o que você não conhece.

Mas não era só isso. Sienna era o que eu achava que merecia. Ela reafirmava minha sensação de que eu não tinha nenhum valor, pois sofria da mesma aflição.

— Mas já faz mais de um ano que não tenho nada com ela — expliquei, querendo me certificar de que Tenley compreendia que eu tinha colocado um fim naquilo.

Comecei a entender por que eu nunca havia tentado fazer algo assim antes. Por que evitava me aproximar de qualquer pessoa, ou mesmo me importar com elas. Porque eu teria que explicar minhas atitudes passadas. E não apenas a Tenley, mas a mim mesmo.

Tenley havia perdido nove pessoas em um acidente de avião e não estava dando para qualquer cara que olhava para ela. Ela estava comigo, e aquilo levantava uma enxurrada de perguntas que eu não queria fazer. Mas ela não tinha chegado ao fundo do poço como eu. Na verdade, fora a tatuagem gigante e um armário cheio de remédios controlados que ela não parecia tomar mais com frequência, Tenley tinha catado os cacos da própria vida e encontrado uma maneira de seguir em frente.

Eu não queria acreditar que Cross ou Sienna pudessem estar certos: que, um dia, Tenley acordaria e perceberia a bagunça que eu fiz na vida dela. Toda a minha bagagem, toda a minha merda, todas as maneiras que eu a corromperia, se conseguisse. Agora que tinha visto quem eu realmente era, como ela poderia me querer?

Os olhos de Tenley encontraram os meus, e ela perguntou em voz baixa:

— A Sienna e aquela outra mulher, você ficou com as duas ao mesmo tempo?

Expirei com força. Por que ela precisava fazer *aquela* pergunta? Como não respondi imediatamente, ela fez um leve ruído.

— É isso que você quer de mim?

— O quê?

— Isso de... compartilhar. É isso que você quer? — Ela parecia completamente apavorada.

— Não! É claro que não. Se qualquer outro cara tocar em você, eu corto o pau do sujeito fora e o espanco até a morte com ele. — Esfreguei o rosto com a mão. — Não foi isso que eu quis dizer. Vou reformular: não quero dividir você com ninguém. Nunca.

Ela deixou os ombros caírem. Fiquei enojado ao pensar que tinha feito Tenley pensar que aquilo era uma possibilidade.

— Mas e se eu não for suficiente? — Ela ergueu os olhos e aquela expressão oca me assustou mais do que as palavras. Era como se alguém tivesse sugado a alma de Tenley para fora do corpo e deixado a casca para trás. — Seria exatamente o que eu mereço.

— Do que você está falando? É claro que você é suficiente. Você não entendeu? Eu não quero mais ninguém. Quero você.

— O que vai acontecer quando não me quiser mais?

— Não vai acontecer.

— Você não tem como saber. Cansou da Sienna. E se cansar de *mim*? Não posso compartilhar você desse jeito, e não quero ser compartilhada. — O lábio dela se curvou em uma expressão de repulsa. — Eu me odiaria se deixasse algo assim acontecer.

Havia muito mais por trás daquela confissão do que eu conseguia processar. Aquilo confirmava, de muitas maneiras, que eu e Tenley estávamos na mesma sintonia, talvez mais do que percebêssemos.

— Mas não vai acontecer. Eu fiz essas merdas muito tempo atrás. Não fiz mais nada assim desde a Sienna. Não quero mais isso. — Como ela continuou em silêncio, dei mais um passo em sua direção e tentei tocá-la. Ela se afastou. — Tenley, você precisa entender que com você é diferente.

Ela passou os dedos pela beirada da bancada. A fórmica estava lascada, um buraquinho na superfície lisa. Tenley continuou passando o dedo naquela marca, indo e voltando.

— Acho melhor você ir embora — disse ela, e sua voz sumiu.

Tenley baixou a cabeça, os cabelos escondendo boa parte do rosto enquanto lágrimas caíam sobre a bancada. Ela estava chorando, e era minha culpa.

— Por favor...

— Só preciso ficar sozinha agora.

— Não quero ir. Quero consertar as coisas.

— Não sei se você vai conseguir.



## Tenley

Eu sentia os olhos de Hayden em mim no silêncio que se seguiu. Ele deu mais um passo na minha direção, erguendo a mão, e senti seus dedos pairarem sobre meu cabelo.

— Eu nunca quis magoar você. — A dor no meu peito ecoava as palavras dele.

Os sapatos mal fizeram barulho enquanto ele andava para a porta. Depois que ele se foi, libertei o soluço que estava me engasgando. Lágrimas escorreram pelo meu rosto, embaçando minha visão. AG pulou na bancada e, depois, no meu colo. Eu me enrosquei nela, abraçando-a enquanto era consumida pelo vazio que crescia no meu peito. O carma finalmente tinha ido me cobrar. Era certo. Justo. Eu não deveria ter a única pessoa que queria porque tinha sido a responsável por matar quem eu não queria o suficiente.

Nada do que aconteceu aquela noite deveria ter me surpreendido, mas eu fiquei atordoada mesmo assim. Hayden dizia que não havia tido um relacionamento com Sienna. Talvez não no sentido clássico, mas, para mim, contava, mesmo que fosse algo disfuncional. Quatro anos eram um bom tempo para se passar com alguém.

Connor e eu ficamos juntos por três. Mesmo assim, demos um tempo durante o último ano de faculdade, quando o estresse do relacionamento à distância interferiu em nossos objetivos. Foi difícil. Doloroso. Mas eu não podia contar isso a Hayden. Já havia tantas cartas na mesa que, se eu adicionasse mais alguma coisa, as pernas não iriam aguentar. Eu não tinha nenhuma condição de lidar com algo assim. Não naquele momento.

A porta do meu apartamento se abriu. Sequei os olhos com o dorso da mão, com medo de que Hayden tivesse voltado, mas era Sarah.

— Você está bem? — perguntou ela.

— Não muito. — Solucei.

Ela fechou a porta e atravessou a sala, parando no caminho para pegar uma caixa de lenços. Eu peguei um e limpei os olhos, mas aquelas lágrimas idiotas continuavam saindo.

— O que aconteceu? O que ele disse?

— Nada que devesse ter me surpreendido. Eu pedi para ele ir embora.

— É. Eu percebi. O Chris acabou de levá-lo para casa. — Sarah colocou meu cabelo para trás dos ombros.

— O que quer que ele tenha dito, deve ter sido bem ruim, para você estar triste desse jeito.

— Ele teve um relacionamento com Sienna. Ficou com ela por anos; não parecia haver muitos limites.

Sarah suspirou.

— O Chris deu a entender que isso foi há muito tempo. Pelo que sei, Hayden e Sienna não têm mais nada um com o outro.

— Ela foi ao Inked Armor um dia que eu estava lá e ficou se jogando em cima dele hoje. É óbvio que ainda tem alguma coisa ali — respondi, pegando outro lenço da caixa. Quanto mais eu pensava naquilo, pior me sentia. — Não quero dividi-lo com ninguém.

— O quê? Por que você teria que fazer isso? Foi isso que o Hayden disse?

— Não, mas e se ele perder o interesse por mim? Ele pode negar, mas quem sabe o que pode acontecer daqui a algumas semanas ou meses? Não posso me permitir ficar ainda mais apegada a ele. Não posso me machucar assim de novo. Só de pensar... — Solucei em meio às palavras e ao medo.

Sarah me puxou para um abraço.

Não trabalhei nos dois dias seguintes à festa de Lisa, o que foi um alívio. Eu precisava de tempo e distância de todo mundo. Hayden ligou um monte de vezes, mas deixei todas as chamadas caírem na caixa postal, com medo de não conseguir me segurar se eu conversasse com ele. Já estava difícil o bastante. Ficar longe dele doía. Depois de 24 horas de silêncio da minha parte, ele me mandou uma mensagem pedindo para ir até minha casa para conversar. Disse a ele que ainda não estava pronta.

Meu sono estava repleto de pesadelos, mas não eram sobre o acidente. Eram um replay do que eu tinha visto no banheiro de Lisa; as mãos de Sienna por todo o corpo de Hayden. No sonho, ele não tentava afastá-la. Pelo contrário, a puxava mais para perto. Antes de bater a porta na minha cara, ele me dizia que eu era problemática demais para amar.

Acordei com o travesseiro molhado de lágrimas. Estava cedo, mas eu não tinha nenhuma esperança de voltar a dormir, então me levantei e me preparei para encarar o dia. Cobri as olheiras com corretivo e guardei comprimidos para ansiedade na bolsa. Considerando quanto eu me sentia atordoada, duvidava de que conseguisse passar o dia todo sem eles. Estava indo tão bem nas últimas duas semanas. Desde que o contorno da tatuagem havia cicatrizado, eu não tinha tomado nada além de Tylenol. Estar com Hayden tornava tudo mais fácil de lidar; sem ele, voltava a ser difícil. Ele tinha se tornado um novo vício, bem mais perigoso do que os comprimidos. Hayden tinha o poder de me machucar de formas que a dependência de analgésicos não podia.

Saí cedo e dirigi até a universidade no piloto automático. Assim que estacionei, tomei um comprimido para ansiedade, deixando-o se dissolver debaixo da língua. Fiquei no carro por uma boa meia hora, esperando que a calma se instalasse. Aquilo ajudou a aliviar a inquietação da cabeça e do corpo, mas o sentimento de vazio permaneceu.

Mais tarde, quando havia terminado de apresentar um seminário, fui até minha sala para corrigir trabalhos e dedicar algumas horas à minha tese. Ian passou por lá e perguntou se eu queria ir para o bar, mas estava sozinho e eu não queria lidar com ele sem a segurança de pelo menos mais um dos outros meninos.

Já era noite quando terminei os trabalhos e a tese. Guardei o laptop e esfreguei os olhos. Eu estava mexendo naquilo há horas e, apesar de não querer ficar em casa sozinha, não tinha mais foco para ser produtiva. Vesti o casaco e manquei até o outro lado da sala, meu quadril travado por ter ficado tanto tempo sentada. Eu precisava ir ao banheiro antes de pegar o carro para voltar para casa. Estava prestes a sair quando ouvi uma batida. Se fosse Ian de novo, talvez eu simplesmente aceitasse a oferta de tomar uma cerveja. Passar um tempo com ele seria melhor que ficar no meu apartamento, o que dizia muito sobre meu estado de espírito.

Abri a porta e dei de cara com o professor Calder, a cópia mais recente da minha tese debaixo do braço dele. Era segunda-feira e nossa reunião seria na quarta. Eu só podia concluir que, se ele estava me procurando, era porque tinha outros problemas com minha pesquisa mais recente.

— Ah, srta. Page, estava pensando se a encontraria aqui. Trabalhando duro?

— Estava indo para casa.

Olhei atrás de Calder, para todo aquele corredor vazio, e desejei ter saído cinco minutos antes. Eu não estava com saco para lidar com ele.

— Dei uma olhada nas suas últimas adições. Está começando a ganhar forma. — Ele ergueu o calhamaço de papéis com marcações em vermelho. — Contudo, receio que ainda esteja básico demais. Eu achei que você tinha lido os artigos que recomendei, mas não vejo nenhuma menção a eles aqui.

Mordi a parte interna do lábio, a irritação crescendo.

— Eu queria mesmo conversar com o senhor sobre isso — falei, escolhendo as palavras com cautela. — Os artigos eram realmente fascinantes, e é sem dúvida um tópico que tenho interesse em estudar mais. Mas não é bem o direcionamento que eu tinha imaginado tomar na tese.

— Isso é uma pena, não acha?

— Como é?

Ele abriu um sorriso predador enquanto me examinava.

— Eu estava imaginando se você chegou a pensar melhor na minha oferta.

Meu coração acelerou e os pelos da minha nuca se arrepiaram. Olhei para o lado, para a fresta de quinze centímetros entre o ombro dele e o batente da porta.

— Você ainda parece estar com dificuldades para basear sua tese em argumentos sólidos, mesmo com minha orientação. Não gostaria que todo esse processo fosse mais fácil?

— Desculpe, professor. — Dei um sorriso amarelo. — Não sei bem quais as implicações da sua oferta. O senhor acha que pode descrever alguns exemplos do que espera com essa “abordagem mais mão na massa”? Foi assim que o senhor descreveu, não foi?

O sorriso dele vacilou.

— Você é uma mulher inteligente. Tenho certeza de que consegue entender sozinha.

Naquele momento, eu o vi como realmente era: um antigo predador que coagia as alunas a trocar sexo por notas.

— Interessante o senhor dizer isso, já que essa opinião bate de frente com as suas considerações sobre a minha pesquisa.

Calder assumiu uma expressão grave e deu um passo na minha direção, mas eu ergui a mão para evitar que chegasse mais perto. Estava cansada de ser feita de boba, por ele ou por qualquer outra pessoa. Não permitiria que ele tivesse aquele poder sobre mim.

— A quantas alunas o senhor oferece essas oportunidades, professor?

Ele piscou, como se não esperasse ser questionado. Eu tinha certeza de que Calder não estava acostumado a ser desafiado. Como ele não deu nenhuma resposta além de me encarar com seu paletó de tweed, peguei o rascunho da minha tese.

— Devo presumir que podemos reagendar nossa próxima reunião, uma vez que já conversamos sobre minha tese agora? — Andei na direção da fresta entre ele e o batente da porta e esperei que me desse

passagem. Como ele não se moveu, eu cheguei mais perto. — Se o senhor me der licença, preciso ir para casa.

Ele pareceu cair em si. Deu um passo para o lado e gesticulou com a mão para fora.

— É claro, srta. Page. Nos vemos em duas semanas a partir de quarta-feira. Tenha uma ótima noite.

Atravessei depressa o corredor e saltei para dentro do elevador, cerrando os dentes para abafar o pânico enquanto descia até o térreo. Já estava escuro quando saí, e fui para o carro o mais rápido que consegui mancar. Procurei as chaves na bolsa e me larguei no banco do motorista. Batendo a porta, apertei o botão para trancá-la antes de ligar o carro e o aquecedor. Eu não acreditava que tinha feito aquilo. Eu havia confrontado o professor Calder! Hayden teria ficado orgulhoso de mim.

A alegria durou pouco, no entanto, considerando em que pé as coisas estavam com Hayden. Tentei não chorar, mas estava esgotada e não consegui lidar com todas aquelas emoções. Fazia menos de 48 horas que eu não falava com ele e já estava quase jogando a toalha.

Me lembrei de como foi difícil quando saí do hospital e a névoa de morfina se dissipou. A realidade era um banho gelado de agonia. Aquele momento exercia uma angústia familiar. Eu não tinha percebido quanto havia passado a depender de Hayden no pouco tempo que ficamos juntos. A vontade de ligar para ele era quase debilitante. Peguei meu celular com mãos trêmulas e inseri a senha. Tinha várias ligações e mensagens perdidas ao longo do dia. Muitas eram de Hayden. A mensagem mais recente provocou uma nova onda de lágrimas. Apenas três palavras:

*Estou com saudades.*

Eu queria tanto ceder, pedir que ele fosse a minha casa e ficar comigo, apagar toda a dor. Mas, se fizesse isso, eu daria espaço àquele novo vício. Já não tinha mais tanta certeza de que era muito melhor. Com certeza não era mais seguro para meu coração já dilacerado. Especialmente depois daquela revelação no sábado.

Guardei o celular. A volta para casa pareceu levar uma eternidade. Quando enfim cheguei ao apartamento, meu consolo veio em forma de uma garrafa de vinho e mais comprimidos para ansiedade. Alguém bateu na minha porta mais ou menos uma hora depois. Àquela altura, eu estava em uma neblina entorpecida de remédios e álcool. Era pouco depois das nove.

Me arrastei até a porta e olhei pelo olho mágico. Sarah estava parada do outro lado, os braços cruzados na altura do peito.

— Oi — balbuciei. — Entre. Quer vinho?

— Hum, ok — respondeu ela, franzindo a testa ao olhar para mim. — Como você está? Mandei uma mensagem mais cedo. Fiquei preocupada porque você não deu notícias.

— Desculpe, foi um dia difícil.

Fui até a geladeira e peguei a garrafa de vinho branco; só havia um restinho no fundo.

— Você tomou tudo sozinha? — perguntou Sarah, erguendo a sobrancelha.

— Tem mais.

Peguei outra garrafa na gaveta de frutas da geladeira. Vinho era feito de frutas; pareceu um local lógico para guardá-lo. Tirei a tampa e servi uma taça para Sarah, respingando líquido roxo pelas bordas. O vinho empoçou no balcão. Como Hayden não estava ali para torrar minha paciência, não limpei.

— Você sabe que encher a cara sozinha é sinal de um problema, certo? — perguntou ela, tomando um gole.

— Não estou mais sozinha, então acho que isso resolve a questão.

Tive que me concentrar bastante para chegar ao sofá sem cambalear.

— Você já conversou com o Hayden?

Balancei a cabeça e tomei um gole de vinho.

— Por quanto tempo você vai ignorá-lo?

— Tenho que trabalhar amanhã. Tenho certeza de que ele vai passar lá.

Sarah mordeu o lábio inferior, como se estivesse pensando se deveria ou não falar alguma coisa.

— Sei que o que aconteceu na casa da Lisa foi péssimo e é totalmente justificável que você precise de um pouco de espaço, mas é bem óbvio que ele se importa com você. Chris disse que nunca tinha visto Hayden assim com ninguém. Nunca, e eles são amigos há, tipo, sete anos ou algo assim.

— Você falou com Chris de novo?

Ela assentiu e baixou a cabeça.

— Ele me deu o telefone dele. Bom, já tinha me dado antes, mas joguei fora todas as vezes. Dessa vez, eu guardei. Ele quer me levar para sair, beber alguma coisa.

— Você devia ir.

Eu gostava de Chris. Às vezes, ele agia mais como uma criança do que como um homem adulto, mas era divertido e gentil.

— Eu disse que pensaria no assunto. Mas é sério, você deveria conversar com Hayden.

— Não sei.

— Por que a dúvida? Você gosta dele, ele gosta de você, vocês tiveram um desentendimento, então se resolvam.

— Não é tão simples assim.

Sarah suspirou.

— Olha, eu entendo que isso deve ser difícil para você, mas você está um caco, e, pelo que Chris disse, Hayden também. Para que continuar essa tortura?

— Não sei como lidar com esse negócio da Sienna — admiti.

— Mas não tem nada para lidar. Hayden não está mais com ela, e Chris disse que eles não têm mais nada há um tempão. Na verdade, Hayden não a suporta.

— Eu só queria que ele tivesse dito alguma coisa antes da festa, para que eu estivesse preparada.

Mas essa não era a maior questão. Ver aquela mulher com as mãos nele me deixou assustada com a profundidade dos meus sentimentos por Hayden. Meu coração já estava em pedaços. Se ele o partisse de novo, jamais me recuperaria. Virei o resto do vinho e me levantei com a intenção de encher a taça mais uma vez. Infelizmente, perdi o equilíbrio e desabei.

— Você está chapada demais. Quando começou a beber?

Sarah tirou a taça da minha mão e foi até a cozinha, onde a lavou e a encheu de água.

— Eu disse que o dia foi difícil.

Ela me entregou a taça. Água provavelmente era uma boa ideia, pois eu já estava sentindo um princípio de dor de cabeça.

— Talvez conversar com Hayden ajude — respondeu ela.

— Isso é só um dos problemas. Meu orientador fica tentando me convencer a transar com ele — murmurei.

— O que foi que você disse?

— Desculpe, estou exagerando. Ele não passou a mão em mim nem nada assim.. — Eu não queria criar muito caso quanto àquilo.

— Você deveria denunciá-lo.

— Já cuidei disso.

— Como? — perguntou Sarah.

— Eu o confrontei. Acho que ele não esperava, então recuou. Prometo denunciá-lo se ele disser alguma coisa outra vez.

— Eu acho que você não deveria esperar para fazer isso. Mesmo.

Meu celular tocou, me salvando de outra discussão desagradável. Dei uma olhada na tela. Era Trey. As ligações dele estavam ficando cada vez mais frequentes. Eu nunca atendia ou ouvia as mensagens de voz, não estava interessada em ser repreendida ou ouvir outro discurso sobre por que eu deveria ceder a casa para ele. Ignorei a chamada.

— Quem é?

— Ninguém importante. Então, me conte mais sobre essa possível saída com o Chris.

Lisa foi a primeira pessoa a passar pelo Serendipity no dia seguinte. Cassie estava andando entre as estantes, procurando alguns livros. Eu não tinha contado a ela sobre os problemas com Hayden, e ela não tinha falado nada. Lisa também não tocou no assunto na frente de Cassie, o que me fez acreditar que ela não sabia de nada. Com um sorriso tenso, Lisa sugeriu que eu fosse ao Inked Armor depois. Eu disse que iria, apesar de não ter certeza.

O que Sarah havia falado na noite anterior me deixou ainda mais confusa. Apesar de a situação com Sienna ser um ponto de discórdia, aquele não era o meu maior problema. E não eram apenas os segredos que eu estava guardando. Hayden ficaria magoado quando eu lhe contasse a verdade. Mais do que isso, só naquele momento eu estava começando a entender o quanto ele também havia sofrido. Se a morte do meu noivo menos de um ano antes não arruinasse tudo entre nós, minha dependência crescente poderia.

Minha ansiedade só aumentava à medida que as preocupações surgiam. Fiquei tão mal durante meu turno no Serendipity que fui parar no banheiro. Eu não tinha comido desde cedo, então, quando vomitei, foi só bile. Cassie me mandou para casa mais cedo e disse para eu não ir trabalhar no dia seguinte. Tentei argumentar, mas ela não aceitou. Fui embora pela porta dos fundos para que ninguém no Inked Armor reparasse.

Eu estava enroscada na cama, aconchegada com AG, quando chegou uma mensagem no celular. Era Hayden, querendo saber se eu estava bem. Respondi que devia estar gripada e estaria melhor no dia seguinte. Vinte minutos depois, ele ligou. Deixei tocar três vezes antes de ceder ao impulso de atender.

— Oi — falei, rouca, com a garganta dolorida.

— Oi. Cassie contou que você está doente. — Hayden pigarreou, parecendo muito inseguro. — Enfim, eu, ahn.. sei que você não quer me ver agora, mas deixei uma gengibirra e uns biscoitos de água e sal na sua porta, porque sei que você não tem porra nenhuma para comer.

Sorri enquanto meus olhos se enchiam d'água. Eu sentia tanta falta dele que doía.

— Obrigada. — Minha voz sumiu.

— Tenley? Merda. O que foi?

— Está tudo certo. Só não estou me sentindo bem. — A mentira soou péssima até para mim.

— Posso ir aí? Sei que as coisas não estão bem entre nós, mas já faz três dias. Só quero ver se você está bem. — Ele ficou em silêncio por alguns segundos. — Não espero passar a noite. Por favor, não diga que não.

Sarah tinha razão. Eu estava me torturando. Dizer “sim” talvez fosse a pior coisa a se fazer, mas eu disse mesmo assim. Hayden apareceu na minha porta praticamente assim que desliguei o telefone. Ele carregava uma sacola de compras debaixo do braço. Estava com olheiras que combinavam com as minhas, e também não tinha feito a barba.

— Posso entrar?

Quase paralisada pelo desejo de jogar meus braços ao redor dele, tive que comandar meu corpo a se afastar e deixar que ele passasse pela porta. Hayden tirou os sapatos e os colocou lado a lado no tapete, mas continuou de jaqueta. Então foi até o balcão e começou a tirar as compras da sacola, separando-as entre perecíveis e não perecíveis. Abriu a geladeira e hesitou. Normalmente, íamos ao mercado aos domingos. Eu não andava com muito apetite, então não tinha me dado ao trabalho de ir sozinha. Se ele ficou chateado comigo por causa disso, não falou nada. Em vez disso, guardou tudo enquanto eu fiquei sentada em um dos bancos de frente para ele, com as pernas instáveis demais para me manter em pé.

Quando terminou, ele virou uma lata de gengibirra em um copo. Então colocou uma colherinha de açúcar e mexeu.

— O que você está fazendo?

— Tirando o gás. Minha mãe fazia isso quando eu ficava doente, quando era pequeno. É melhor para o estômago.

Depois que todas as bolinhas sumiram, ele deslizou o copo pelo balcão. Meus dedos tocaram nos dele quando peguei o copo. O contato fugaz não foi suficiente.

— Obrigada por me deixar vir — disse Hayden.

Ele foi até a pia, franziu o nariz para o pano de prato e pegou um limpo. O vinho da noite anterior tinha secado na bancada, deixando um resíduo grudento. Ele o limpou.

— Você não precisa limpar meu apartamento. — Tomei um gole de gengibirra. O gosto era maravilhoso.

— Não me importo. — Ele se virou e se debruçou na bancada. A mão dele deslizou pela superfície na minha direção, mas sem me tocar. — Sem querer ofender, mas você não está com uma cara muito boa.

Eu ainda estava com as roupas que tinha usado para o trabalho, amarrotadas porque tinha me deitado. Meu cabelo estava preso em um rabo de cavalo, mas eu tinha certeza de que estava soltando em vários pontos. Eu mal tinha dormido nos últimos três dias, e tinha vomitado. Com certeza Hayden estava sendo generoso com aquela constatação.

Ele mordeu o lábio, inseguro.

— Talvez eu possa pôr você na cama?

— Eu não...

— Merda. Desculpe. Não quis dizer nesse sentido. Sei que você não quer isso de mim e entendo. Desculpe não ter contado sobre Sienna. Não é um bom momento para conversar sobre isso e eu entendo

isso também, mas sinto muito mesmo assim. Eu não queria machucar você ou estragar isso que a gente tem, e foi isso que acabei fazendo, de toda forma. — Ele respirou fundo e continuou. — Tudo bem se você não quiser mais ficar comigo. Bom, isso não é totalmente verdade, mas vou compreender. Talvez a gente possa ser amigo ou algo assim. Eu ainda sinto... Não sei o que sinto, mas posso tentar ser só um amigo, se é disso que você precisa. Prefiro isso a nada. Só quero cuidar de você. Sinto saudade de você. Talvez eu possa ficar um pouquinho, até que você esteja acomodada, pegue no sono ou o que quer que você queira.

Rolei o copo entre as mãos, ouvindo os cubos de gelo baterem nas laterais. Tinha sido tão difícil para Hayden ser honesto comigo, e lá estava eu, ainda mentindo por omissão. Eu disse a ele a verdade que podia.

— Não acho que eu consiga ser só sua amiga.

A cabeça dele desabou.

— Eu sabia que ia foder com tudo. Lisa me avisou para não me apegar demais.

Estiquei a mão e passei o dedo pela ponta da videira que aparecia por baixo da camisa dele.

— Você não está entendendo. Amizade não é suficiente para mim, a não ser que você prefira.

Os olhos dele se ergueram, arregalando-se de surpresa. Ele deu a volta na bancada e parou à minha frente, perto o suficiente para me tocar.

— Caralho, não. Eu quero você, só você, você toda, pelo tempo que eu puder ter.

Agarrei a camisa dele e o puxei para mais perto, abrindo as pernas para que ele pudesse se acomodar entre elas. Passei os braços pela sua cintura. Ele hesitou no começo, mas então me abraçou com força, o nariz enterrado no meu cabelo, os lábios no meu pescoço.

— Senti sua falta — falei contra o peito dele, envolvida em seu abraço quente. A ansiedade e a náusea diminuíram, e então veio uma onda arrebatadora de calma.

— Eu achei que fosse perder você — sussurrou ele.

— Eu preciso demais de você para deixar que isso aconteça — falei.

Eu não sabia mais se isso era bom ou ruim.



## Tenley

Nos dias seguintes, Hayden foi hiperatencioso. Pedia permissão até para me beijar, como se eu pudesse mudar de ideia e não querer mais o carinho dele.

Na sexta à noite, nos aconchegamos no sofá. AG estava enrolada na nuca dele como uma estola. Ele fingia estar vendo TV enquanto eu pintava as unhas da mão de dourado cintilante.

Uma movimentação no corredor desviou a atenção de Hayden do noticiário.

— É o Chris? — perguntou ele, perplexo.

— Sarah finalmente concordou em sair com ele.

Uma risadinha feminina veio do corredor, seguida pelo som abafado de uma porta abrindo e se fechando. O encontro devia ter sido bom. Eu com certeza descobriria os detalhes no dia seguinte.

— É sério?

— Aham. Acho que ele a levou para tomar um drinque. — Arregalei os olhos, fingindo confabular. — Talvez, na próxima, eles até comam alguma coisa.

— Não acredito que ele não me contou. — Hayden brincou com os piercings do lábio. — A gente devia fazer isso de novo. Eu gostei de levar você ao museu.

— Seria ótimo.

— Acho que não tenho nenhum cliente amanhã à noite. Talvez eu possa levar você para jantar, o que acha?

Ele tirou AG dos ombros, e as unhas dela se agarraram à camisa. Ela miou quando ele a tirou de lá e a colocou no braço do sofá.

— Você está me convidando para sair?

Ele piscou.

— Ahn, sim?

— Eu adoraria.

Senti um frio no estômago. Apesar de termos dado uns amassos depois que conversamos, não havíamos ido muito longe. Hayden estava supercontido aqueles dias. Talvez o encontro mudasse isso.

— Legal.

— Sabe — falei —, se você fizer eu me divertir, pode ser que a gente dê uns amassos no carro depois.

Os olhos dele brilharam. Cobrindo meu corpo com o seu, ele traçou uma linha de beijos do meu esterno à minha boca.

— Vou mostrar para você o que é se divertir.

Hayden saiu no meio da tarde de domingo e voltou duas horas depois. Em vez de entrar, bateu na porta. Eu a abri e o encontrei balançando para a frente e para trás, com as mãos nas costas. Os olhos dele

passaram do meu rosto até meus dedos dos pés. Então ele fez o caminho contrário e, devagar, seu olhar encontrou o meu de novo.

— Você está gostosa pra caralho — soltou ele, depois fez uma careta. — Desculpe. Trouxe isso para você. — Ele mostrou um buquê de flores que estava escondendo. O nervosismo dele era fofo.

Cheirei as flores delicadas.

— Vou colocar na água antes de irmos.

Fui procurar um vaso enquanto AG cheirava as flores. A gatinha ficou dando patadas nelas enquanto eu as organizava. Hayden pegou um raminho do buquê e o girou por cima da cabeça de AG para mantê-la entretida.

— São lindas.

— Que bom que você gostou.

Com um sorriso discreto, Hayden passou o dedo por uma frágil pétala branca. Dei um beijo no rosto dele.

— Gosto disso também — falei, contornando os botões da camisa cinza-escura. Ele estava usando uma calça preta e um paletó preto. Parecia o perigo personificado, mesmo que os únicos sinais de rebeldia fossem os piercings e o cabelo.

— De eu levar você para sair ou da minha camisa? — Ele observou meus dedos circularem cada botão do peito para baixo.

— Os dois.

— É só uma camisa social.

— Mas eu sei o que tem por baixo dela.

Quando cheguei ao cós da calça, Hayden pegou meu pulso para evitar que eu descesse ainda mais.

— Continue assim e você vai arruinar os meus planos.

— Desculpe. — Dei um beijo suave em sua boca. — Vou ser uma boa menina e controlar minhas mãos.

— Não acho que você precise chegar a esse ponto...

Me soltei do abraço e corri para a porta. Voei escada abaixo até o carro, que estava parado com o pisca-alerta ligado, em um lugar onde era proibido estacionar, e puxei a maçaneta. É claro que estava trancado.

— Não tem para onde fugir — disse ele, em um tom grave e ameaçador enquanto avançava em minha direção.

Eu me virei e dei um gritinho quando ele me pressionou na lateral do carro, sem deixar que eu saísse. E eu pensava que estaria segura quando estivéssemos fora de casa.

Ele me pressionou com o quadril e eu o senti através do tecido sedoso do vestido e da lã grossa do meu casaco. Sentia falta do lado brincalhão de Hayden; ele andava cauteloso demais comigo nos últimos tempos.

— Tinha planejado esperar até depois do jantar, mas, neste momento, o capô do meu carro me parece bem tentador — rosnou ele.

— Não tem muita privacidade — argumentei, movimentando o quadril, com uma excitação nervosa apertando meu estômago.

— Como se eu me importasse — rebateu ele, deslizando uma das mãos pela parte externa da minha coxa e me puxando para mais perto.

Alguém pigarreou à nossa direita. Hayden me soltou e virou a cabeça. Olhei fixamente para o paletó dele, corando de vergonha.

— Boa tarde, policial — disse Hayden, educado.

O carro apitou e Hayden deu um passo para trás, abrindo a porta do passageiro.

— Sr. Stryker.

Com o som da voz do agente Cross, virei o olhar. Ele me deu um sorriso sem mostrar os dentes.

— Você está bem, srta. Page?

— Olá, policial Cross — cumprimentei, envergonhada. — Estou bem.

— É Collin, querida. — Ele se voltou novamente para Hayden. — É proibido estacionar neste local.

— Nós já estávamos saindo.

Hayden pressionou os dedos contra minha lombar, como se quisesse que eu entrasse no carro. Mas eu não era capaz de me mover. Estava presa à lembrança da última discussão dele com o agente Cross.

— É uma multa de sessenta dólares.

A mão do agente Cross repousava sobre o cabo da pistola.

— Pode me multar, se quiser. — Hayden colocou as chaves na minha mão, fechando-a em torno delas.

— Por que você não liga o carro, gatinha? Está frio e você está tremendo.

Sem conseguir olhar para Cross, fui para o banco do passageiro. Hayden fechou a porta com um clique silencioso. Eu me estiquei e coloquei a chave na ignição, ligando o motor, que acordou com um ronco gutural. Música explodiu pelos alto-falantes e eu me apressei em baixá-la. A mão de Hayden estava no capô no carro, seus dedos tamborilando impacientemente.

Não dava para ouvir o que eles estavam falando, mas o agente Cross ficava olhando para mim através do para-brisa. Depois do que pareceu uma eternidade, ele rasgou um pedaço de papel de seu bloco e Hayden o arrancou dele, dando a volta pela frente do carro, franzindo os lábios.

O agente Cross deu batidinhas na minha janela. Eu a abri.

— Você é melhor do que isso, srta. Page. Valorize-se um pouco — disse ele, com um ar de reprovação descarado.

Fiquei pálida, estarecida com a ousadia dele. Hayden abriu a porta e se acomodou no banco do motorista.

Cross deu um sorriso amarelo.

— Tenham uma boa tarde, jovens. Dirijam com cuidado.

Hayden largou a multa no painel e puxou o cinto por cima do peito. Então engatou a marcha a ré enquanto o agente Cross saía do caminho. Afivelei meu cinto também, apressada, segurando-me na porta enquanto o carro cantava pneus ao virar a esquina. Ele virou mais três vezes e, então, parou o carro, trocando a marcha para o ponto morto com violência. Tinha se levantado do banco e estava em cima de mim antes que eu conseguisse piscar, olhos queimando de raiva e desespero.

— Minha. — Uma das mãos se enrolou no meu cabelo e a outra deslizou por baixo do vestido. — Minha, minha, minha — rosnou ele, me beijando ferozmente.

Por um instante permaneci imóvel, perplexa com a agressividade. Então, me deixei levar pelo ataque, abrindo as pernas para acomodar sua mão e os lábios para aceitar sua língua.

Ele se sentou de volta no banco, ofegante, e agarrou o volante.

— Puta merda. Desculpe. Isso foi desnecessário.

— Sem dúvida, foi inesperado. Você está bem?

— Sim. Não. Não sei. — Ele passou a mão furiosamente pelos cabelos e os puxou. — O que tem de errado comigo, porra?

— A gente não precisa sair. Podemos voltar para o meu apartamento — sugeri.

Não sabia o que fazer quando Hayden ficava chateado assim, e a única outra vez que eu o tinha visto nesse estado foi depois da última vez que vimos o agente Cross. Obviamente, ele era o denominador comum.

Hayden balançou a cabeça.

— Não. Quero levar você para sair e fazer algo normal.

Coloquei a mão no braço dele.

— Se precisar de um minuto, tudo bem.

Ele assentiu e respirou fundo mais uma vez antes de dizer:

— Por que sou assim com você? Por que sou esse babaca possessivo?

— Você não é um babaca.

— Sou, sim. Você não é minha propriedade. Quem é que fala esse tipo de merda para a namorada?

Meu estômago revirou de leve. Removi os dedos dele do volante e os trouxe aos meus lábios, beijando-os com carinho.

— Você estava chateado. Você associa o agente Cross a lembranças dolorosas, e ele é hostil com você. É compreensível que você fique na defensiva e se sinta possessivo.

— O que ele disse para você?

— Para eu usar o cinto de segurança. — Mordi o dedo dele para distraí-lo da minha mentira.

Hayden parecia cético.

— Não vamos deixá-lo estragar o nosso dia. Você não queria me levar a algum lugar?

Ele hesitou antes de dar um sorriso malicioso.

— É verdade. Prometi fazer você se divertir em troca de uma sessão de amassos no carro.

— Pena que você não tem uma garagem, o capô parecia uma boa ideia.

Hayden engatou a ré.

— Podemos dar um jeito nisso.



# Hayden

Eu ainda estava tentando me acalmar. Com a multa, eu conseguia lidar. Com a insinuação de Cross de que eu arruinaria a vida de Tenley, nem tanto.

— Tem certeza de que quer fazer isso? — perguntou Tenley, me resgatando da espiral negra de pensamentos.

— Sim. Com certeza.

Recebi alguns olhares espantados enquanto éramos guiados pelo restaurante até uma mesa reservada nos fundos, bem bonita e perto da lareira acesa. Eu só havia ido lá uma vez, para celebrar o aniversário de quarenta anos de Nate, no ano anterior. Eles tinham um cardápio sensacional.

Jantar com Tenley em um local público era estranho. Eu tinha que me lembrar o tempo todo que não podia tocá-la sempre que quisesse, ao menos não nos lugares em que eu queria. Meu autocontrole era limitado quando eu estava perto dela, ainda mais porque a última vez em que transamos fazia mais de uma semana. Eu estava tentando provar que Tenley era mais que apenas um lugar quentinho para eu enfiar meu pau. Mas ela estava linda e eu estava com tesão, então foi difícil me comportar. Ela deve ter beliscado meu braço umas vinte vezes. Eu não estava fazendo nada muito inapropriado; estava apenas com a mão no joelho dela. Não era minha culpa que a boceta dela era como um ímã e meus dedos eram atraídos para o norte.

Decidi falar sobre algo não sexual.

— Estive pensando na sua tatuagem.

— Ah, é? — Ela parou com o garfo no meio do caminho até a boca.

— O que acha de fazer algumas alterações na paleta de cores? Tenho umas versões revisadas do desenho, podemos dar uma olhada amanhã. Se você gostar de uma delas, posso começar a colorir ainda esta semana.

Os olhos dela brilharam.

— Você acha que já cicatrizou o suficiente?

Eu tinha empacado na coloração por várias razões, e muitas delas não tinham nada a ver com a situação da tatuagem.

— Sim, parece tudo bem. Vamos começar com uma sessão mais curta, quem sabe umas duas horas?

— Posso aguentar mais tempo.

— Eu sei que pode, gatinha. Mas vou me sentir melhor se fizermos assim. Tá? O preenchimento é mais doloroso do que o contorno. Você vai se sentir desconfortável.

Tenley suportaria uma sessão de quatro horas sem problemas, mas todo aquele preenchimento ia doer pra cacete nos dias seguintes.

— Eu consigo lidar com o desconforto. — Ela me olhou com aqueles olhos de Bambi, grandes e suplicantes, o lábio inferior se projetando em um biquinho sexy.

— Eu sei disso também. Mas uma sessão muito longa vai deixar você fora de jogo. — Minha mão subiu mais na coxa dela, deixando claro o que eu queria dizer.

— Ah — sussurrou ela. — A gente não quer isso.

Depois do jantar, levei Tenley ao cinema. Podia ser clichê, mas eu queria fazer algo tradicional com ela. No pouco tempo em que ficamos separados, tive a oportunidade de olhar criticamente para o que éramos. Era mais do que o sexo e a tatuagem. Estar com Tenley era bom, confortável. Eu tinha me acomodado no apartamento e na vida dela sem considerar a parte importante de namorá-la de fato, pois não tinha experiência nenhuma nisso.

Como eu não tinha mais interesse algum na vida noturna, havia me tornado mais caseiro, como Tenley também parecia ser. Gostava de ficar com ela e não sentia muita vontade de dividir aquele tempo com mais ninguém, mesmo que de forma indireta. Mas aprendi uma coisa naqueles dias vazios, sem ela. Se eu tivesse qualquer esperança de fazer aquele relacionamento funcionar, precisaria deixar de lado os impulsos protetores, às vezes até arcaicos, e mostrar que eu podia ser o namorado que ela gostaria de ter por perto. A noite não tinha começado bem com aquela discussão com Cross, mas planejava me redimir mantendo uma noite normal por mais um tempinho.

Tenley gostava de filmes de ação, ainda bem. Eu não conseguiria suportar aquelas comédias românticas mela-cueca. Ela se aconchegou toda em mim durante o filme, e suas mãos começaram a passear. Isso tornou bem difícil a tarefa de me concentrar na tela. No final, eu estava com a maior dor do mundo nas bolas.

Usei todos os atalhos que conhecia. O trajeto para casa deveria ter ajudado, mas um dia inteiro tendo que me comportar e uma semana sem sexo enfraqueceram minha contenção. Sem mencionar a promessa da sessão de amassos no carro se eu tivesse feito Tenley se divertir na nossa saída. O que eu tinha feito. Assim que estacionamos no subsolo do meu apartamento, desafivelei o cinto de segurança e me estiquei para soltar o de Tenley.

Ela se inclinou para me beijar e a mão dela veio parar no meu joelho.

— Obrigada por me levar para sair hoje. Eu me diverti muito.

— É? — perguntei, todo satisfeito comigo mesmo, como se tivesse tirado um dez em um trabalho.

Ela assentiu e sua mão deslizou pela minha coxa. Eu estava ansioso pela sessão de amassos no carro antes mesmo de buscá-la em casa mais cedo. Algo relacionado ao espaço confinado e às chances de sermos pegos me excitava.

Seus lábios se abriram e eu aceitei o convite, deslizando minha língua na dela. Tenley se moveu, se aproximando de mim. Era estranho pra caramba, mas ela não parecia ligar. A mão dela continuou subindo até que seus dedos acariciaram meu pau. A barreira da calça abafava a sensação, mas ainda assim era boa.

Ela gemeu na minha boca, claramente tão excitada quanto eu. Empurrando-a para trás, procurei às cegas pela alavanca que reclinava o banco. Ele desceu com um solavanco. Assustada com o movimento repentino, analisou as opções disponíveis e engatinhou para o banco traseiro. Eu a segui, batendo a cabeça no teto enquanto me atrapalhava ao endireitar o banco para ter espaço para minhas pernas. A

situação ficou um pouco mais reservada com os vidros fumê e os bancos da frente nos encobrendo. Apoiei um joelho entre as pernas dela e ela as abriu. Quando coloquei um dedo por debaixo de sua calcinha, encontrei a pele molhada e quente.

Tenley fez um ruído suave e levou as mãos à minha braguilha. Ela abriu o zíper e sua mão entrou em minha cueca. Gemi quando passou o polegar pela cabeça. Tenley apertou com mais força quando coloquei dois dedos dentro dela. Ela tremeu quando aumentei o ritmo, movimentando os dedos depressa, impaciente para que ela gozasse e eu pudesse levá-la para casa e entrar nela. Não demorou muito, do jeito que ela estava. Depois de gozar, ela se largou no banco, com a respiração pesada. Levou um minuto para recuperar o controle dos membros e, quando conseguiu, sua mão começou a fazer movimentos longos e lentos.

— Deite-se.

Ela me empurrou até eu ficar esparramado no banco, um pé no console central e o outro pressionando a porta. Me beijou enquanto continuava a mover a mão para cima e para baixo no meu pau, o polegar circulando a bolinha de aço na cabeça.

Cerrei os dentes, ciente de que, se ela continuasse, eu explodiria, potencialmente em todo o interior do carro. Era de couro, mas mesmo assim.

— Gatinha, você precisa parar, eu vou...

Em um segundo, a boca de Tenley estava na minha; no outro, não estava mais. O cabelo dela passou por cima do meu pau e a sensação me fez me contrair na mão dela. E aí sua boca quente e molhada envolveu a cabeça, sua língua fazendo movimentos circulares e os lábios deslizando para baixo.

— *Caralho.*

Passei os dedos pelo cabelo dela. Minha intenção original era puxá-la para cima, mas aí ela começou a chupar. Tenley inclinou a cabeça para acomodar o piercing, indo devagar até encontrar um ritmo suave. Involuntariamente, guiei os movimentos enquanto ela descia e subia. Eu deveria ter sentido alguma culpa por deixá-la fazer aquilo, especialmente dentro do meu carro, onde estávamos desconfortáveis, amontoados no banco de trás. Mas meu lado menos civilizado estava saboreando a sensação da sua boca, e eu me perguntei por que estava tão determinado a impedi-la de fazer aquilo se era tão bom.

Minha resistência era uma piada.

— Tenley, vou gozar — avisei, puxando os cabelos dela.

Ela gemeu em volta do meu pau e chupou com mais força, colocando ainda mais de mim dentro da boca, até que senti a cabeça bater na garganta dela.

— Puta merda — grunhi, agarrando o banco para não sucumbir ao desejo de agarrar os cabelos dela e empurrá-la para baixo.

Gozei violentamente, e minha cabeça bateu com força na janela. Quando não tinha mais nada para sair, Tenley soltou meu pau e deu uma lambida na ponta. Fiz um ruído fraco de protesto, porque estava sensível pra caralho. Ela se sentou sobre os calcanhares, os lábios inchados curvados para cima em um sorriso satisfeito. Virei minha cabeça na direção dela, tão relaxado que mal conseguia me mover.

— Você não precisava fazer isso — murmurei.

— Mas você gostou do que eu fiz?

— Hum. — Eu me mexi para que ela pudesse se aproximar e a puxei para lhe dar um beijo. — Quer ir ao meu apartamento? Quando eu me recuperar, posso lhe mostrar o quanto eu gostei.

Tenley estava chocada.

— Você está me convidando para ir à sua casa?

Franzi a testa.

— A gente pode voltar para o seu apartamento, se você quiser...

— Não, não! É que... você nunca me chamou para ir à sua casa antes. — Ela olhou para baixo e contorceu as mãos no colo.

Tinha razão. Eu não havia chamado. Nem uma vez. Fiz da casa dela a minha, reorganizando tudo dos armários da cozinha ao armário das roupas de cama para se adequarem às minhas necessidades. Quando eu não fazia compras para ela, fazíamos juntos. Com exceção da última semana, eu não dormi na minha própria cama mais do que umas cinco vezes desde que começamos aquilo tudo. Então por que eu não a tinha convidado para ir a minha casa?

Não era porque eu não gostava de receber pessoas. Chris, Jamie e Lisa iam lá em casa o tempo todo antes de Tenley aparecer. Era óbvio, eles eram meus amigos mais próximos e sabiam como eu era, então não enchiam muito meu saco com relação à minha mania chata de organização. Nate provavelmente me diria que aquilo era uma tentativa de manter alguma distância. Autoproteção ou alguma baboseira psicológica. Só que, daquela vez, parecia que talvez fosse verdade, o que era uma porra de uma piada. Os últimos dias no meu apartamento tinham sido uma merda porque eu não estava com ela.

Eu a queria na minha casa. Eu a queria na minha cama, queria o cheiro de seu xampu nos meus travesseiros e o aroma de seu perfume impregnado nos meus lençóis.

Peguei a mão dela e levei até os lábios.

— Bom, isso precisa mudar.



## Tenley

As janelas estavam embaçadas e o carro estava com cheiro de sexo, embora a gente tecnicamente não tivesse transado. Eu esperava que isso mudasse quando chegássemos ao apartamento dele.

Hayden se ajeitou e fechou o zíper. Então pressionou o rosto contra o banco do passageiro e manuseou a alavanca de reclinar o assento, que cedeu e voltou para a frente, levando-o consigo. Ele sorriu como um bobo ao abrir a porta e quase caiu para fora do carro.

— Você está bem? — perguntei, descendo atrás dele.

Ele se endireitou e alisou a calça.

— Estou bem.

Eu nunca tinha visto Hayden com vergonha antes, ou sendo desajeitado de alguma forma. Era reconfortante saber que eu o afetava daquele jeito, principalmente porque a experiência dele era bem mais vasta que a minha. Ponto para mim por ter posto em prática as informações aprendidas em revistas femininas.

Pegamos as escadas para o segundo andar e paramos em frente ao 222. Hayden destrancou a porta.

— Hum, você pode esperar um segundo aqui? Só quero ver se não está uma bagunça. — Os olhos dele estavam agitados, como se estivesse nervoso.

Ele começou a atravessar o corredor, parou de repente e se virou, balançando a cabeça. Então me empurrou para dentro, girou a chave e colocou a corrente no lugar. Desamarrou os sapatos, tirou-os, abriu o armário e os colocou lá dentro antes de fechar a porta.

— Já volto.

Ele me deu um beijo no rosto antes de desaparecer à direita, quando chegou no final do corredor.

Tirei a jaqueta e abri a porta do armário. Dentro, havia vários casacos para diversos tipos de clima, os de outono e inverno mais à mão. Uma fila de calçados dispostos no chão, os calcanhares perfeitamente alinhados. As prateleiras de cima continham caixas, organizadas com a mesma simetria. Não havia nada fora do lugar, nada amassado no fundo. Eu nunca tinha visto um armário tão organizado.

Pendurei meu casaco e tirei os sapatos, colocando-os ao lado dos de Hayden antes de fechar a porta. Ele voltou alguns segundos depois.

— Tudo limpo. — Ele esfregou as mãos na calça e me deu a mão.

O corredor era cinza-claro, e um grande espelho antigo era a única coisa que quebrava a cor. O piso de madeira escura brilhava sob a luz quente do candelabro ornamentado. Eu segui Hayden até a sala de estar toda aberta, com vista. A paleta suave de cinza continuava ali também.

À direita, havia uma cozinha bem vazia e minimalista. O azulejo das paredes era branco; a bancada, de granito cinza-escuro. Uma tigela de frutas na ilha central e um reservatório de sabão na pia eram os únicos itens que quebravam a homogeneidade. Os eletrodomésticos de aço escovado não tinham marcas

de dedos. À esquerda, havia uma mesa de jantar de madeira escura que acomodava facilmente seis pessoas. No centro, um vaso quadrado prateado com uma única orquídea desabrochada, quebrando o encanto do vazio.

Um sofá angular de couro preto e um jogo de poltronas que combinavam compunham a sala de estar. Uma mesa de centro de madeira maciça ficava sobre um tapete vermelho-sangue. Na parede oposta, uma TV de tela plana enorme dominava o espaço e, dos dois lados, havia prateleiras de madeira escura. Cada prateleira alternava filas de livros, perfeitamente organizados do menor para o maior, e peças decorativas e fotos. As imagens estavam longe demais para eu conseguir identificar os rostos. Reconheci alguns dos itens que Hayden tinha escolhido comigo no porão do Serendipity. Aquilo parecia ter acontecido tanto tempo antes, mas fazia apenas algumas semanas. Na época em que eu jamais cogitaria a possibilidade de estar ali, na casa dele.

Além da área de estar, havia algo que parecia ser uma mesa de desenho, como aquelas que os arquitetos usam. O espaço era delineado por uma estante, que abrigava mais livros e algumas caixas de tecido vermelho, cujos conteúdos não eram visíveis. As cores e a uniformidade eram calmantes e masculinas.

O apartamento não tinha nada a ver com o que eu esperava. Imaginava uma espécie de refúgio anarquista, com direito a uma parede de grafites raivosos. Em vez disso, me sentia como se tivesse entrado nas páginas de uma revista moderninha.

Na parede atrás do sofá, perfeitamente espaçadas, havia três obras de arte emolduradas. As duas das laterais eram claramente de Chris e Jamie, mas a do meio era criação de Hayden. Detalhada e vibrante, a arte quase parecia uma fotografia. Era uma réplica perfeita da tatuagem no meu corpo. Aquela versão desenhada me exibia em uma luz bastante lisonjeira.

— Eu... É. — Hayden pigarreou. — Pendurei isso aí há poucos dias.

— Você não me vê o suficiente, então pensou em me pendurar na sua parede também?

Hayden estava no canto da sala, as mãos enfiadas nos bolsos.

— Por aí.

— É linda.

O humor dele era difícil de entender. O convite para conhecer seu espaço pessoal era como me dar uma chance de olhar dentro de sua mente. Hayden mantinha um controle ferrenho sobre tudo na vida: o trabalho, a casa, as emoções. Eu parecia ser a única exceção àquela regra.

— É porque é você. — O sorriso dele era tímido. — Você quer beber alguma coisa? Tenho cerveja, vinho tinto, uísque. Acho que talvez tenha coisas para fazer um drinque de menininha, se você quiser.

— Vinho é uma boa. — Eu me afastei do quadro e o segui até a cozinha. — Você tem uma empregada ou algo assim?

Ele me olhou como se a ideia fosse absurda.

— Sou bom em manter as coisas organizadas. Não preciso que ninguém faça isso por mim.

— Está se referindo às minhas habilidades domésticas?

— Não posso me referir a algo que você não tem.

Ofendida pela insinuação de que eu não era organizada, dei uma volta pela cozinha dele, abrindo os armários e as gavetas enquanto Hayden servia as bebidas.

— O que você está procurando?

— Onde é sua gaveta de porcarias?

— Minha o quê? — Ele mexeu o uísque, distraído.

Era uma contradição estranha ver aquele homem tão irritantemente bonito bebendo uísque na cozinha mais imaculada em que eu já havia pisado.

— Sua gaveta de porcarias. Sabe, o lugar onde você guarda as coisas que não sabe o que fazer com elas. — Como ele só ficou me olhando, dei alguns exemplos. — Elásticos, arames, fita adesiva, canetas extras, essas coisas.

— Abra a gaveta à sua esquerda.

Fiquei decepcionada com o que encontrei. Ele tinha colocado um organizador ali, e cada compartimento estava etiquetado de acordo com os itens que continha. No meu mundo, a maioria das pessoas jogava itens aleatórios em uma gaveta genérica. Ao menos foi em um mundo assim que eu cresci. Até Connor, cuja família tinha uma empregada que morava na casa, tinha uma gaveta de porcarias.

— Isso é organizado demais, não vale.

— Eu gosto de ser organizado. Bagunça me estressa.

— Eu jamais imaginaria — respondi.

Meu apartamento vivia bagunçado. Hayden estava sempre arrumando as coisas. Agora eu entendia a compulsão dele. Em comparação com a casa dele, parecia que uma bomba tinha explodido no meu apartamento.

— Terminou de bisbilhotar?

— Por enquanto. Quer me mostrar onde você dorme?

— Claro.

No final do corredor, ele abriu uma porta e ligou a luz. O quarto de Hayden mantinha a mesma linha masculina e minimalista do restante do apartamento. Uma cama king-size estava encostada em uma parede azul-marinho, a cabeceira de madeira escura e pesada complementada por uma cômoda e uma mesinha de cabeceira no mesmo estilo moderno. O edredom azul-cinza estava com a parte de cima dobrada, deixando à mostra lençóis azul-marinho lisinhos e almofadas da mesma cor apoiadas na cabeceira. Havia sinais de vida ali: livros empilhados de maneira organizada no criado-mudo, um relógio digital e um abajur com uma cúpula escura.

Havia mais quadros nas paredes, todos refletindo uma sensualidade explícita. Um trio de fotografias retratava várias partes do corpo feminino; a silhueta curvilínea do torso de uma mulher, a linha do pescoço, a protuberância de um quadril coberto por cetim vermelho.

— Lisa que tirou — disse Hayden, seus dedos descendo pela minha espinha.

— É alguém que você conhece?

— Não. Só uma modelo de uma das aulas de fotografia dela.

— Ah.

Fiquei aliviada. Eu não queria que houvesse fotografias de uma mulher com quem Hayden já tinha ficado para ele olhar enquanto pegava no sono, ou fazendo qualquer outra coisa na cama.

— Ninguém nunca esteve aqui antes.

— Você se mudou há pouco tempo?

O quarto desafiava o apartamento típico de homens solteiros; nada de pilhas de roupas largadas em cima de cadeiras ou jogadas no chão.

— Moro aqui desde que abrimos o Inked Armor.

Levei alguns segundos para processar a mensagem.

— Você nunca trouxe uma mulher para casa?

— Bom, já, mas nunca aqui. Nunca no meu quarto ou na minha cama. Fora você. Quero você aqui. Comigo. Meu Deus. Pareço um idiota. — Ele virou o resto do uísque. — Nem sei o que estou dizendo.

— Ei.

Agarrei o pulso dele, puxando-o para dentro do quarto em direção à cama enorme. Ele veio voluntariamente. Minha taça de vinho encontrou um lugar para ficar na mesa de cabeceira. Eu me afastei, virando para olhá-lo de frente.

— Só eu?

— Sim.

O orgulho possessivo me deu coragem.

— Por quê? — perguntei.

Abri o zíper do vestido, que se soltou e caiu, formando uma poça aos meus pés. Os olhos de Hayden ficaram fixos em mim enquanto o restante das minhas roupas foi de encontro ao chão.

— Porque eu... — Ele parecia tão vulnerável. — Eu quero... Estar com você é diferente.

Eu me sentei na beirada do colchão, encolhendo as pernas sob mim e chamei Hayden com o dedo. O copo vazio dele beijou o meu; o tilintar abafado foi o único som, fora nossa respiração. Quando ele estava exatamente na minha frente, eu comecei a tirar sua roupa.

— Também é assim comigo — admiti, puxando a camisa dele pelos ombros e braços. Desafivelei o cinto, abri o botão da calça e a baixei. — Nunca senti esse tipo de conexão com ninguém antes de você. — Ergui os olhos. — Fico assustada por me sentir assim. Pensar em perder você... — A possibilidade era desconcertante demais, especialmente considerando o quanto estivemos próximos dela tão pouco tempo antes.

Ele envolveu meu rosto com as mãos e inclinou a cabeça para me beijar.

— Eu não quero ficar sem você de novo — murmurou ele.

Deslizei para trás enquanto Hayden subia na cama e se aproximava. Quando minha cabeça chegou aos travesseiros, abri as pernas e ele se acomodou entre elas.

— Eu deveria ter trazido você aqui antes — disse ele, perto da minha boca.

— Estou aqui agora. — Abracei-o, puxando-o mais para perto.

Tudo foi lento e cuidadoso. Foi um alívio imenso quando ele me penetrou. Ele moveu-se sobre mim com a mesma paixão desapressada, como se o fim fosse algo que ele quisesse evitar, e não alcançar.

— Não consigo ficar perto o suficiente de você — sussurrou ele, roubando minha respiração quando me beijou.

Minhas mãos se moveram para baixo, repousando na lombar dele. Ergui meu quadril na ânsia de que fosse mais fundo. Hayden fechou os olhos, seu sorriso era irônico. Quando os abriu, a maneira como me olhou fez meu coração doer. As emoções de Hayden se revelaram naquele momento, enquanto seus dedos passeavam do meu pescoço à minha clavícula, e sua mão pousou em cima do meu coração.

— Quero ficar aqui dentro.

Havia uma ânsia silenciosa nos olhos dele.

Toquei em seu rosto perfeito, querendo dar a ele mais de mim.

— Você já está aqui dentro.

Quando gozei, foi como se estivesse sendo despedaçada e reconstruída ao mesmo tempo.

Demorou um bom tempo até que um de nós se mexesse. O corpo de Hayden pesava deliciosamente sobre mim. Sua cabeça descansava no meu peito e seu braço colorido criava uma linha na pele pálida e sem marcas da minha barriga.

Em certo momento, olhei para o relógio na mesa de cabeceira. Estava ficando tarde.

— AG ficou sozinha em casa a tarde toda.

Ele jogou uma perna por cima da minha.

— Você não vai a lugar algum.

— Ela não comeu. — Tracei o contorno do peixe nadando pelo bíceps dele.

— E se você a trouxesse para cá? Aí vocês duas podem passar a noite aqui.

— Sério? Tudo bem trazer AG para cá? — perguntei, surpresa que ele tivesse sugerido aquilo.

— Sim, claro.

Tentei sair de baixo dele, mas ele não se mexia.

— Quanto antes a gente for buscá-la, mais cedo a gente volta para a cama.

Ele me soltou e eu me levantei. Estava sem vontade nenhuma de colocar o vestido de novo, então fui até o closet dele para pegar uma camiseta. Como o resto do apartamento, era ridiculamente organizado. Todos os cabides estavam pendurados na mesma direção e as roupas separadas por função e estação. A barra da camisa de manga comprida que eu escolhi terminava abaixo da minha bunda. Com minhas meias-calças opacas e a jaqueta até o joelho, aquilo seria suficiente até a gente voltar. Quando saí do closet, Hayden já estava vestido e pronto para ir.

AG nos encontrou na porta do meu apartamento, miando a plenos pulmões porque sua tigela estava vazia. Hayden a alimentou e pegou as coisas dela enquanto eu arrumava uma malinha. Estava animada para passar a noite no apartamento dele. As coisas estavam mudando entre nós, e aquela nova intimidade era algo que eu queria preservar. Estava finalmente começando a aceitar que o que havia entre nós não podia se comparar ao que eu tinha com Connor. Minha vida tinha sido mudada para sempre. Eu não podia fazer o tempo voltar e não queria mais que ele voltasse.

Quando saí do banheiro, o interfone tocou.

— Você pode atender? — pedi. — Deve ser o Chris. Ele está sempre apertando o botão errado. A Sarah devia dar logo uma chave para ele.

Hayden revirou os olhos e apertou o botão do interfone enquanto eu carregava um monte de roupas para o quarto. Joguei tudo na bolsa, remexendo as coisas para fazer caber. Ouvi o som abafado de uma conversa e presumi que Hayden estivesse conversando com Chris.

AG, que fuçava na minha bolsa, pulou da cama e saiu do quarto.

— Estou pronta! — gritei, e fui atrás dela.

Hayden estava na porta, bloqueando a visão do corredor. Eu não conseguia ouvir o que dizia, mas ele parecia tão tenso quanto sua voz.

— Está tudo bem? — perguntei, insegura.

Hayden se virou, sua boca apertada em uma linha reta. Quando ele se moveu, a pessoa no corredor apareceu. Minha bolsa fez um barulho alto ao cair no chão.

— Trey.



## Tenley

Tudo que eu havia feito para manter meus mundos separados se desfez quando colidiram. Lembranças dos meses após o acidente e a presença tóxica de Trey sugaram o ar dos meus pulmões. O medo enfraqueceu meus joelhos.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei, apavorada que as mentiras que eu tinha contado a Hayden fossem reveladas.

— Eu avisei você. — Ele ergueu um envelope pardo.

— Você está me intimando?

— Que pergunta idiota, Tenley. Eu lhe disse que ia fazer isso — respondeu Trey.

Ele faria o que estivesse a seu alcance para arruinar as coisas boas da minha vida, incluindo o que eu tinha conquistado com Hayden.

— Não fale assim com ela — cortou Hayden, então olhou para mim. — Quem é esse babaca?

— Sua escolha de amizades deixa bastante a desejar — disse Trey, apontando para Hayden.

— Estou bem aqui, seu filho da puta. Se você tem alguma coisa a dizer, diga para mim. — Hayden adotou uma postura defensiva, projetando o corpo em direção a Trey.

Se fosse qualquer outra pessoa, eu teria apreciado o impulso protetor, mas, com Trey, aquilo revelava coisas demais sobre meu relacionamento com Hayden. Eu me aproximei da porta, querendo atuar como uma barreira física entre os dois.

— Estou de saída. Não é uma boa hora — disse, com a voz fraca.

— Ah, isso é bastante óbvio. Mas eu não vou embora. Eu disse o que aconteceria se os documentos não voltassem para mim. — O tom incisivo dele tinha mudado, refletindo uma frieza calculada enquanto ele me agradava com um sorriso gelado. — Você não está sendo muito hospitaleira. Eu dirigi por seis horas. O mínimo que você podia fazer era me convidar para entrar. — Ele se voltou para Hayden, adotando uma civilidade falsa. — Tenley parece ter se esquecido das boas maneiras. Sou Trey...

— Por favor, não — implorei.

— ... cunhado da Tenley, para todos os efeitos — terminou ele.

O chão desabou sob mim. As bases da minha nova vida se transformaram em entulho com uma simples verdade.

A sobrançelha de Hayden se ergueu.

— Você não disse que tinha uma irmã.

— E não tem — esclareceu Trey.

Eu odiava Trey mais do que qualquer outra pessoa naquele momento, mais até do que a mim mesma.

A cor se esvaiu do rosto de Hayden, e a confusão foi substituída pela compreensão consternada.

— Eu ia contar para você — sussurrei.

— Ah, pelo amor de Deus — disse Trey, caindo na gargalhada. — Você está *dando* para esse degenerado? E não contou para ele do Connor? Você tem alguma ideia do que está fazendo?

— Cala a boca, porra — disse Hayden, com os dentes cerrados.

Ele tentou me tirar do caminho, mirando em Trey com o corpo rígido de raiva. Eu resisti, mãos no peito de Hayden, preocupada que ele fosse cair na porrada e acabar algemado. Trey jamais ganharia uma briga física com Hayden, mas tinha contatos para fazer a vida de Hayden um inferno se ele encostasse um dedo nele.

Trey era implacável na maneira como lidava com os outros e quase impossível de irritar. Eu o conhecia uma vida toda; ele conhecia todas as minhas fraquezas. E sabia, melhor do que ninguém, como acertar meu ponto fraco.

— Hayden, não. Desculpe. Não era assim que eu queria que você soubesse.

Ele deu um passo para trás, longe do meu alcance.

— Por que você estava naquele avião? — perguntou ele, com uma calma desconcertante.

— Para um casamento — sussurrei.

— Seu?

— Sim.

Hayden fechou os olhos, respirou fundo e, quando os abriu novamente, estavam frios.

— O que eu devo fazer com essa informação, porra?

— Por favor, tente entender, você jamais teria concordado em fazer a tatuagem..

— A tatuagem? Essa é a questão? *A porra da tatuagem?* — A raiva dele explodiu. — Você não pode estar falando sério. Depois de tudo que a gente passou, depois desta noite, foi por isso que você não me contou sobre *a porra do seu noivo*? Porque eu não teria concordado com a tatuagem?

— Não é isso... — Hesitei, sem querer ter uma conversa tão particular na frente de Trey. — Eu não queria que você me visse com outros olhos.

Usei as palavras que eu tinha usado não muito tempo atrás, quando Hayden descobriu sobre o acidente. Era uma faceta da verdade. Na época, eu não queria aceitar como me sentia com relação a ele porque a culpa me consumia demais. Naquele momento, percebi que ela nunca iria embora. Eu estava enganando a mim mesma achando que podia aceitar a maneira como me sentia com relação a ele. Seria assim para sempre: eu querendo uma pessoa que jamais poderia ter por inteira. Eu jamais seria completa.

Ele soltou uma risada.

— Era para você estar *casada*, Tenley. E pelo jeito desse cara, seu noivo era bem conservador — disse ele, apontando para Trey. — Como eu vejo você é o menor dos seus problemas.

— Por mais tocante que seja essa cena, não tenho tempo para o drama. Você precisa ir embora — disse Trey para Hayden, enquanto olhava para o relógio.

A cabeça de Hayden virou-se lentamente na direção de Trey.

— Você ainda está aqui? Sabe, você está começando a me tirar do sério.

— Não acredito que você trocou Connor por isto — ironizou Trey, com um olhar enojado. — Você está feliz cagando na memória dele? Achou que seria divertido ver como a outra metade vive? Brincar de favela por um tempo? Ou está se punindo? Isso é algo que você faria, não é?

— Por que você deixa esse babaca falar assim com você? — perguntou Hayden, elevando o tom de voz.

Eu não conseguia processar tudo. A chegada de Trey, os documentos na mão, Hayden descobrindo sobre Connor: era demais. Eu não merecia ter Hayden. Eu não merecia ninguém. Meus sonhos tinham se tornado uma premonição: eu era despedaçada demais para ser amada. Eu jamais poderia dar a Hayden tudo de mim.

— Eu não queria mais sofrer. — Todas as palavras de repente se engasgaram na garganta.

— É só isso? É só isso que você tem a dizer? — perguntou Hayden, chocado.

Ele se aproximou até quase nos tocarmos. A dor e a raiva dele assomavam sobre mim. Parecia que lâminas estavam me serrando por dentro.

— É melhor você ir — sussurrei.

— Tenley, olha para mim.

Balancei a cabeça, olhos fixos no chão. O dedo dele encostou no meu queixo. A tristeza me rasgou por dentro quando percebi que aquela seria, provavelmente, a última vez que ele me tocaria. Respirei fundo enquanto ele erguia a minha cabeça. Ele analisou meu rosto, buscando algo, algum sinal de que eu ainda estava ali com ele. Mas eu me fechei, retornando ao estado de torpor em que estava quando cheguei a Chicago.

— Ele tem razão, não tem? Sou uma punição.

O remorso me deixou sem fala.

O polegar dele deslizou pelo meu maxilar.

— Nunca foi por causa da tatuagem. Não para mim. — A mão dele caiu.

Quando Hayden virou-se e saiu pela porta, meu mundo desmoronou de novo. A aflição liberada pela partida dele me derrubou. Aquilo era muito familiar e muito diferente. Desabei no chão. Observei os pés de Trey passarem pela soleira, entrando no apartamento, e a porta se fechar atrás dele. Ele trancou a fechadura e ficou parado na minha frente. Eu estava perdida em dor e culpa. Não tinha mais energia para lutar.

— Sempre tão dramática... — suspirou ele, colocando a maleta no chão e se ajoelhando à minha frente. Então segurou meu queixo e forçou minha cabeça para cima. — Olhe para você, um caco. Aonde você achou que chegaria fugindo daquele jeito?

— Eu odeio você — sussurrei, à beira das lágrimas.

Eu não queria perder o controle na frente de Trey. Era sua munição preferida para usar contra mim.

— Talvez agora você odeie, mas quando estiver de volta em casa e pensando direito, vai me agradecer. — Ele me soltou, mas não saiu do lugar.

Eu deveria ter cedido a casa logo que ele pediu, estaria livre de Trey naquele momento se tivesse me rendido.

— Por que você está fazendo isso?

— Por quê? — perguntou Trey, com um sibilo baixo de raiva. — Você tirou todo mundo de mim. E daí, depois de tudo que eu fiz por você, você foi embora, sua ingrata... — Ele parou e se recompôs. — Vou fazer uma mala para você e você vai voltar comigo. Depois que abrir mão da casa, vai estar livre para fazer o que bem entender. Mesmo que isso signifique voltar para cá para aquele perdedor degenerado para quem você tem dado há sabe Deus quanto tempo.

— Hayden não é um degenerado.

Eu me levantei com dificuldade. Meus braços e pernas pareciam soltos, descoordenados, meu corpo desconectado da minha mente. Trey me encarava com ódio absoluto.

— Não o defenda. Você está se violando por quê? Por um marginal que gostaria de depravar você até perder a graça?

Trey me arrastou até o quarto pelo braço, me jogando na cama. Ele era bom em isolar meus medos e abrir feridas na minha autoestima. Abriu a porta do armário e encontrou uma mala. Eu me levantei do colchão e o empurrei com o cotovelo para fora do caminho.

— Não posso ir. Tenho aulas para dar — falei, tentando imaginar até onde ele levaria aquilo.

— Já cuidei disso. Falei com o coordenador do seu programa e com o seu orientador na sexta — disse ele, indo até a cômoda.

— Você o quê?

— Você ficaria surpresa com o que alguns documentos legais podem conseguir. Seu orientador pareceu bastante compreensivo. Conversamos por um tempão. Ele se demonstrou preocupado com a possibilidade de você não estar mentalmente preparada para suportar os rigores do programa. — Trey sorriu com sarcasmo e escancarou a gaveta de cima. A audácia dele não tinha limites. — Ele pareceu bastante determinado a mantê-la como orientanda. Me conte, Tenley, como é o seu relacionamento com o seu orientador?

— Quem você pensa que é, interferindo na minha vida desse jeito?

Trey virou-se para olhar para mim, os olhos queimando de raiva.

— Sou a pessoa que garantiu que você fosse bem-cuidada.

— Você chama de *cuidado* enfiar comprimidos na minha garganta e me manter medicada quase inconsciente? — perguntei com firmeza.

Já era ruim o suficiente que ele tivesse aparecido sem avisar, tratado Hayden como lixo e me ameaçado com uma intimação. O fato de ele ter entrado em contato com meu orientador e o coordenador do meu programa era uma invasão de privacidade tão imensa que eu não queria as mãos dele nas minhas coisas.

— Não vou a lugar algum.

— Sim. Vai, sim. A cerimônia em memória do acidente será em cinco dias. Você vai participar.

Parecia que eu tinha levado um tapa.

— Cerimônia?

A realidade que eu não queria encarar emergiu por conta própria. O aniversário do acidente era em apenas alguns dias.

— Sim, Tenley, serve para celebrar os mortos — disse Trey, com desdém. — Por que você parece tão chocada? Você não ouviu nenhuma das minhas mensagens? Nossa, você é mesmo uma vadia egoísta.

Ele abriu a gaveta com tanta força que ela saiu da cômoda, espalhando tudo no chão. Trey pegou algumas calcinhas coloridas, remexendo-as até encontrar um fio-dental preto de seda com strass e pendurá-lo na ponta do dedo.

— Você passa uma boa imagem de inocência, não é?

Agarrei a calcinha da mão dele.

— Minha escolha de lingerie não é da sua conta.

— Considere meu interesse saber para quem você veste isso.

— Também não é da sua conta.

Eu me agachei e peguei todas as coisas espalhadas, enfiando-as de volta na gaveta. Brigar com Trey era inútil. Eu tinha que voltar para Arden Hills, se não para passar a casa para o nome dele, ao menos para a cerimônia. Fiquei enojada comigo mesma ao pensar que estava tão envolvida na minha nova vida que esqueci as pessoas que havia perdido.

Voltei para o closet e tirei as roupas dos cabides, sem me importar com o que estava jogando na mala. Quando ficou pronta, Trey a pegou de mim e se dirigiu para o banheiro. Apoiando-a na penteadeira, ele abriu o armário e passou a mão pela prateleira de cima, derrubando frascos de remédios dentro da mala. Fez o mesmo com a segunda prateleira.

— Algo mais de que você precise, agora que já pegamos as coisas mais importantes? — perguntou ele, muito condescendente.

— Preciso de alguns cosméticos. — Eu tinha pegado os itens básicos para passar a noite na casa de Hayden. Se não tivesse saído da cama dele, não estaria ali, encarando Trey e um passado que eu tinha tentado deixar para trás.

Trey abriu caminho, olhando com impaciência para o relógio enquanto eu catava as coisas essenciais. Fiquei pensando se ele estava preocupado que Hayden voltasse. A parte egoísta de mim queria isso.

AG miou aos meus pés, os pelos arrepiados; ela estava tão ansiosa quanto eu. Quando a peguei no colo, suas garras se enterraram no meu braço e ela sibilou para Trey. Ele fez uma cara de desprezo.

— AG tem que ir comigo. Não posso deixá-la aqui sozinha — falei.

— De jeito nenhum. Sou alérgico. Essa coisa não vai entrar no meu carro.

— Vou no meu.

— Você não vai dirigir. Mal consegue se controlar. A última coisa de que eu preciso é que você cause um acidente e acabe morta, também. — Trey fechou minha mala e a pegou de cima da penteadeira. — Você vai ter que deixá-la aqui e pensar no que fazer depois. Talvez o seu degenerado cuide desse bicho.

Alguém bateu na porta. Nós dois ficamos imóveis e nos olhamos, Trey avaliando meu próximo movimento e eu pensando se conseguiria chegar até a porta antes que ele me impedisse. Ele estava em clara desvantagem por causa da mala. Saí correndo pelo corredor com AG no braço. Deslizei no chão e coloquei a mão na frente para não bater na parede. Trey tinha abandonado a mala e estava logo atrás de mim. Girei a maçaneta e abri a porta bem a tempo de ela bater na cara dele.

Trey soltou um palavrão e cobriu o nariz. Qualquer que fosse o plano dele, dessa vez tinha falhado. Eu quase sorri.

Houve um instante de decepção quando percebi que era Sarah no corredor e não Hayden. Mas era melhor assim. Se ele voltasse, corria o risco de eu não conseguir deixá-lo.

— Tenley! Graças a Deus! Que droga está acontecendo? Chris e eu estávamos fora e ele recebeu uma ligação do... — Ela parou assim que viu Trey atrás de mim, com a mão no nariz.

Ele tirou um lenço de pano do bolso, como se ainda vivesse nos anos 1950, e colocou debaixo do nariz.

— Tenley está de saída. Ela não tem tempo para conversar.

Sarah se encrespou.

— Quem é você?

— Sou o cunhado dela. Se você não se importar, precisamos ir. — Ele jogou a bolsa para mim.

— Aonde você vai? O que está acontecendo? — perguntou Sarah, preocupada.

Quando Trey se moveu em direção à porta, ergui a mão.

— Me dê um minuto, por favor.

— Nós não temos...

— Me dê uma merda de um minuto para eu cuidar da minha vida! — berrei.

— Cuidado com essa boca suja — retrucou ele, mas se virou e atravessou o corredor a passos largos até o banheiro, batendo a porta.

— Não tenho muito tempo — disse a Sarah em um sussurro apressado.

— Aonde você vai? O que está acontecendo? Hayden ligou para Chris, ele está surtando.

— Chris está com ele?

— Ele acabou de ir para a casa do Hayden. Você pode, por favor, me contar o que está acontecendo?

— Trey me intimou, e Hayden descobriu sobre Connor.

— Que merda — sussurrou Sarah. — Isso não é bom.

Assenti.

— Mas aonde você vai?

— Voltar para Arden Hills. Preciso cuidar de algumas coisas e, agora que o Hayden sabe... — Fiz uma pausa. — É melhor assim.

— O quê? Por quê? Tenley, isso não faz nenhum sentido.

— Não é justo. Não sou suficiente para ele.

— De acordo com quem? Aquele babaca? — Sarah apontou para a porta fechada do banheiro.

Ela não entendia e eu não era capaz de explicar.

— Tenho que cuidar dos imóveis. Se não fizer isso, Trey vai contestar o testamento do Connor.

— Então deixe ele contestar. Você não precisa voltar para lá. A gente está aqui para ajudar você a enfrentar isso — ponderou Sarah.

— Não é tão simples assim. Trey não vai parar até conseguir o que quer, e, enquanto isso, estou estagnada. Além disso, o aniversário do acidente é em menos de uma semana. Vai haver uma cerimônia. Eu preciso ir, Sarah. Não posso fugir do meu passado e, por mais que eu queira ficar com o Hayden... Não faço bem para ele. Não como estou. Talvez nunca.

A porta do banheiro se abriu.

— Está na hora de ir — disse Trey. Seu nariz já não sangrava mais.

Entreguei AG a Sarah.

— Você pode cuidar dela? Não sei quando vou voltar.

— Tenley, não acho...

— Por favor, diga ao Hayden que eu sinto muito.

Coloquei a chave do meu apartamento na mão de Sarah, desejando que as coisas fossem diferentes. Abracei-a forte e então Trey puxou meu braço, me arrastando pelo corredor. Quando chegamos ao carro, ele me empurrou para o banco do passageiro. Trey sentou-se no banco do motorista, engatou a marcha e ligou o motor.

Meu coração estava se dilacerando em um milhão de pedaços enquanto passávamos pela placa dos fundos do Inked Armor. Trey virou à direita, nos afastando da minha casa e nos levando de volta à prisão

da qual eu estava tão desesperada para escapar. A adrenalina se esvaiu de mim, abrindo espaço para um desespero paralisante. Eu tinha perdido tudo o que amava mais uma vez.



# Hayden

— Mas que porra... — Chris parou no meio da frase ao perceber o estado da minha sala.

— Eu estava um pouco puto.

A mesa de centro de madeira estava tombada, do outro lado da sala. Teria ido mais longe, mas a quina era fixa na parede. A mesa de desenho estava pior. Estava em pedaços, o conteúdo da pasta de Tenley espalhado pelo chão. Eu fiquei olhando para a bagunça por alguns minutos, sem vontade nenhuma de limpar tudo, esperando Chris chegar. O caos parecia adequado, considerando como eu me sentia.

Chris deu a volta nos escombros e se largou na poltrona à minha frente.

— Como você está se sentindo agora?

— Ainda puto.

Ele assentiu, como se entendesse. Não entendia.

— Quer me contar o que aconteceu?

— Tenley tinha um noivo — contei — e ele *morreu*. Há menos de um ano. — O que eu não mencionei foi meu alívio pela não existência do cara, porque significava que era uma ameaça a menos. Era algo horrível para se sentir alívio.

— Caralho. — Chris expirou fundo. — No acidente de avião?

Baixei a cabeça.

— Eles estavam indo para o casamento deles.

— Jesus. A Tenley contou para você?

Magoado demais para falar, eu me levantei do sofá e passei por cima do lixo espalhado pelo chão. Eu precisava de uma bebida para acalmar os ânimos. Chris foi atrás de mim até a cozinha.

— O babaca do cunhado da Tenley apareceu no apartamento dela. Ele esfregou uma intimação de algum imóvel na cara dela e aí soltou essa pequena bomba em cima de mim. — Bati dois copos no balcão e abri a garrafa. Minha mão tremia enquanto eu servia. — Sabe qual é a pior parte? Se aquele babaca não tivesse aparecido, eu ainda não saberia, e aí em que pé estaria? Abençoadamente alheio? Um noivo morto me parece um detalhe importante pra cacete para esconder de mim, até porque ela ainda está claramente envolvida com os membros da porra da família dele.

— Sinto muito, cara. Que merda de maneira de descobrir algo assim.

— Eu devia ter esperado por isso. Depois de toda merda por que eu passei, finalmente tinha uma coisa boa, e aí *puf*. Foi-se. — Passei um copo para ele e tomei um gole grande do meu.

— Como assim, “foi-se”? Eu entendo que é difícil aceitar e que você está chateado, mas vocês vão se entender.

Balancei a cabeça, lembrando-me do jeito que Tenley me olhou, com aqueles olhos vazios, mortos.

— Tenho quase certeza de que ela terminou comigo. Parecia... Caralho, sei lá... Ela me disse para ir embora.

Talvez o fim fosse inevitável. Talvez ela fosse me largar assim que a tatuagem ficasse pronta, depois de conseguir o que queria. Como se eu fosse um guardião temporário para as coisas que ela não tinha mais. Ou talvez Tenley tenha se sentido atraída por mim exatamente por eu ser o oposto de tudo e todos que ela havia perdido.

— E se ela só não soubesse como lidar com isso? — ponderou Chris.

— Acho que não. Ela não me contou sobre o noivo porque não queria que eu me recusasse a fazer a tatuagem.

— O quê? Segundo quem? Você não acredita nisso de verdade, né?

— Foi isso que ela disse. — Tomei outro gole de uísque e tentei pegar a garrafa para servir outra dose. Chris a pegou antes de mim. Foda-se. Eu podia encher a cara depois que ele fosse embora.

— Foi só isso que ela disse?

— Falou umas merdas sobre não querer que eu a visse com outros olhos, mas ela já tinha usado essa frase antes, na época em que não queria me contar nem sobre o acidente.

Esfreguei o rosto. Tenley estava tão apavorada que eu não fosse querer mais ficar com ela quando descobrisse a gravidade do acidente. Mas saber a verdade não tinha mudado porra nenhuma. Não era só a mentira que me feria. Era o fato de ela ter se recusado a ser honesta e a acreditar que eu conseguiria suportar qualquer coisa que ela jogasse em mim.

Apesar de tudo aquilo, eu ainda a queria. Ela foi a única pessoa que conseguiu ultrapassar a barreira das tatuagens e dos piercings e descobriu como eu realmente era e, mesmo assim, me queria.

Chris tampou a garrafa e a guardou.

— Posso fazer uma pergunta sem que você arranque a minha cabeça?

— Não garanto nada.

Ele mesmo assim perguntou.

— Com o que você está mais puto, com o noivo morto ou com o fato de ela não ter contado nada?

Pensei naquilo por um minuto, encontrando dificuldades para verbalizar.

— Não sei. Os dois.

— Um tem que pesar mais do que o outro.

A omissão de uma verdade crucial era uma dor aguda em meu peito. Depois de uma longa pausa, eu finalmente respondi:

— A traição.

Era irônico eu ter ligado para Chris e não para Lisa. Mas eu sabia o que Lisa ia dizer. Chris me conhecia em outro nível. Já tínhamos passado por isso antes: as circunstâncias haviam sido completamente diferentes, mas algumas das emoções em questão eram parecidas.

Ele assentiu devagar, refletindo sobre a minha resposta.

— Então, você se sente traído porque ela não contou ou porque ela amou alguém antes de você?

E foi aí que enfim a ficha caiu. Aquele homem morto que tinha sido dela sempre seria uma sombra entre nós dois. A morte imortalizava as pessoas. Os defeitos delas eram apagados, deixando para trás uma impressão agradável e favorável de perfeição. Eu estava longe pra cacete da perfeição. Aquilo doía

de forma que eu não conseguia nem começar a explicar. Eu era o curativo de Tenley. A ladeira. A punição por ter sobrevivido, como o cunhado dela havia dito.

— Tenley ama o meu pau, não a mim.

Chris ergueu a sobrancelha do piercing.

— Vou arriscar a discordar de você.

— E você fala por experiência própria?

Ele me deu um sorriso irônico.

— Não tem por que trazer essa merda à tona. Olha, posso ficar aqui e impedir você de destruir o seu apartamento enquanto você enche a cara, mas tudo o que isso vai resultar é em uma ressaca e uma bagunça para limpar. O problema ainda vai estar aí amanhã. Pode ser que você não queira reconhecer, mas essa coisa entre você e a Tenley é séria. Todos esses anos que eu o conheço, nunca vi você ser assim com ninguém. Você vai mesmo largar tudo porque descobriu algo de que não gosta e não sabe como lidar com isso?

Como não respondi, ele suspirou.

— Olha, vocês dois esconderam coisas do passado um do outro. E por bons motivos. Ninguém quer reviver essas merdas. Eu sei que isso está ferrando com a sua cabeça, mas acho que você precisa se perguntar se isso realmente muda a maneira como você se sente com relação a ela.

— E isso importa? Não posso competir com a memória de um noivo morto, porra.

— Não é uma competição. Você pode ficar puto com ela por não ter contado, mas no fim o que importa é se você está ou não disposto a deixar tudo para lá. E, pessoalmente, não acho que você esteja.

— Obrigado pela opinião que eu não pedi.

— Achei que tinha sido por isso que você me ligou. Se estamos tendo uma sessão de honestidade, estou aqui porque não quero lidar com você todo deprê se tomar uma decisão idiota.

Chris tinha razão naquele ponto. A mentira e a traição eram apenas parte do problema. Eu não estava só bravo com aquilo; estava magoado. Eu queria que Tenley confiasse em mim o bastante para me contar aquelas partes dela e de seu passado. Além disso, eu queria fazer por ela o mesmo que ela havia feito por mim: preencher os vazios da minha vida que eu não tinha percebido que estavam lá. Eu queria poder substituir a lembrança da pessoa que ela havia perdido e estava com medo de nunca conseguir isso. Que revelação de merda.

O celular de Chris vibrou na bancada.

— É a Sarah.

— Oi... — O cumprimento dele foi cortado. — O quê? Não consigo... Calma. Você está...?

A voz de Sarah ecoou pelo telefone, aguda, frenética.

— Ela o quê? Estamos indo. — Chris encerrou a ligação. — Temos que ir para a casa da Tê.

Nem pensei em discutir. Não com a expressão no rosto de Chris.

— O que está acontecendo?

— Ela acabou de ir embora com o cunhado.

— Já passou da meia-noite. Aonde é que eles iriam?

Eu me afastei da bancada, peguei o celular e liguei para Tenley, mas caiu na caixa postal. Tentei de novo enquanto saíamos do apartamento e voávamos pelas escadas. Atravessamos a rua correndo até a casa dela. A raiva causada pela última revelação evaporou quando Sarah surgiu, parada na porta do

apartamento de Tenley. Seus olhos estavam vermelhos, ela estava fungando e AG estava aninhada em seus braços. A gata deu um miado desamparado e se debateu no colo de Sarah, pulando na minha direção. Quando a peguei, a sensação pesada no meu peito cresceu.

— Cadê ela? — Olhei para dentro do apartamento de Tenley.

— Foi para casa.

— O quê?

Passei por Sarah, entrando no apartamento. Meu cérebro se recusava a processar as palavras. Aquela era a casa dela. A porta do banheiro estava aberta, a luz ainda acesa. Os sapatos de Tenley não estavam lá, nem a jaqueta.

— Ela está voltando para Arden Hills. Saiu com Trey pouco antes de eu ligar — respondeu Sarah, tremendo. — Tentei fazê-la ficar, mas ela não me ouviu. O que ela estava falando não fazia muito sentido. Eu não sabia o que fazer.

— O carro dela ainda está lá atrás.

— Ele foi dirigindo. Tenley levou uma mala. Pedi que eu cuidasse de AG até ela voltar — explicou Sarah. A pena dela parecia uma lixa nas minhas emoções já em carne viva.

Sem querer aceitar que Tenley tinha ido embora, andei por todo o apartamento. A sala estava a mesma bagunça de antes de ela pedir que eu fosse embora. Quando cheguei ao banheiro, congelei. O armário de remédios estava escancarado, as prateleiras vazias. No quarto, a porta do closet estava aberta, cabides faltando no meio. Uma das gavetas da cômoda estava no chão, peças de roupa espalhadas por todo lado.

— Ela me deixou? — Aquela sensação de asfixia piorou, dificultando minha respiração.

— Ela disse que precisava cuidar de algumas coisas — disse Sarah, da porta.

— Ela está fugindo de novo. — Coloquei a gaveta de volta na cômoda e reuni as roupas espalhadas, tentando criar ordem para o caos na minha cabeça.

— Ela precisa cuidar dos imóveis.

— E por isso ela foi embora com aquele babaca? Não podia ter feito isso aqui?

Eu queria saber mais. Fazia sentido que Tenley tivesse imóveis: era a única sobrevivente da família. Ela devia ter uma herança, talvez uma casa, dinheiro. E, de alguma forma, aquele idiota, Trey, tinha algo a ver com isso.

— Por que ela não me disse a verdade de uma vez?

Peguei a blusa que estava em cima da cama. Tenley tinha usado na noite anterior; eu havia dobrado e deixado ali de manhã.

— Talvez ela quisesse se proteger.

— Do quê? De mim?

— Ela morre de medo de perder você, Hayden. Você não *entende*? Todas as pessoas importantes na vida dela se foram. Você deu a ela um motivo para sentir algo bom de novo. Ela não arriscaria isso.

— Então ela foi embora?

Sarah me olhou com tanta empatia que me fez querer gritar.

— Tenley ama você. Se ela não tivesse perdido todas aquelas pessoas, nunca teria lhe conhecido. Acho que é razoável que isso a deixe meio confusa.

Eu odiava a expressão no rosto de Sarah, como se precisasse me tratar com delicadeza para que eu não perdesse a cabeça. Eu estava perto *pra cacete* de surtar. Estava bravo com Tenley por ter ido

embora, com Sarah por tê-la deixado ir e comigo mesmo por ter ido embora naquela hora.

— Mas ela tem que voltar, certo? Ela não abandonaria AG para nunca mais voltar. — Eu estava procurando por um bote salva-vidas em um mar de desesperança.

— É claro que ela vai voltar — disse Sarah.

Contudo, quando Tenley voltasse, voltaria para mim também?

— Eu vou para casa — falei. Não conseguia ficar na casa de Tenley sem ela.

— Quer que eu vá com você? — perguntou Chris, as mãos enfiadas no bolso.

— Não precisa, cara. Valeu. Só quero ficar sozinho agora.

Quando cheguei em casa, fui para o quarto. Estava exatamente como tínhamos deixado: lençóis amarrotados, almofadas jogadas no chão. A taça de vinho pela metade estava na mesa de cabeceira, marca de batom na borda. Eu não conseguia acreditar em como minha vida tinha virado de cabeça para baixo tão rápido. Era como ir para casa e encontrar a morte de novo, só que aquela perda era muito diferente. Tenley ainda existia, mas tinha ido embora. Eu não sabia quando e se ela iria voltar, ou se ainda iria me querer.

Sentei na beirada da cama e passei a mão pelos lençóis. Estar com ela ali parecia certo. Tinha mudado as coisas.

Meu corpo paralisou e um tremor começou. A dissociação se instalou, como quando eu tinha crises de pânico, tantos anos antes. Era como assistir aos acontecimentos fora do meu corpo. O que era melhor. Doía menos assim.

Tenley tinha ido embora havia menos de uma hora e meia e eu já sentia falta dela mais do que conseguia suportar. Desde que eu a encontrei pela primeira vez, ela havia conseguido invadir minha armadura, penetrando na minha pele. Eu tinha abaixado a guarda.

E me apaixonado por ela.

Aquela era a dor mortal no meio do meu peito.

Chris tinha razão: eu não estava preparado para desistir de tudo. Se Tenley sentia o mesmo por mim, isso explicaria por que tinha fugido.

Me levantei do colchão, peguei as chaves e a carteira e fui em direção à porta.

Tenley podia correr quanto quisesse, mas eu estava indo atrás dela. Não podia deixá-la ir. Não sem lutar.

Gostou da história de Hayden e Tenley?  
Que tal conhecer um pouquinho mais da vida dos  
dois antes de se conhecerem? Leia

# *Doce tatuagem*

disponível em e-book